



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

NICODEMOS ZACARIAS OLIVEIRA DA SILVA

**NOVAS, ANTIGAS E EXTRAORDINÁRIAS: OS JORNAIS CEARENSES E A
CONSTRUÇÃO NARRATIVA NOS *FAITS DIVERS* CRIMINAIS (1850-1890)**

FORTALEZA

2024

NICODEMOS ZACARIAS OLIVEIRA DA SILVA

NOVAS, ANTIGAS E EXTRAORDINÁRIAS: OS JORNAIS CEARENSES E A
CONSTRUÇÃO NARRATIVA NOS *FAITS DIVERS* CRIMINAIS (1850-1890)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em História

Orientadora: Profa. Dra. Ana Rita Fonteles Duarte.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S581n Silva, Nicodemos Zacarias Oliveira da.
Novas, antigas e extraordinárias : os jornais cearenses e a construção narrativa nos faits divers criminais (1850-1890) / Nicodemos Zacarias Oliveira da Silva. – 2024.
268 f. : il.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2024.
Orientação: Profa. Dra. Ana Rita Fonteles Duarte.
1. periódicos. 2. narrativas. 3. faits divers. 4. crime. I. Título.

CDD 900

NICODEMOS ZACARIAS OLIVEIRA DA SILVA

NOVAS, ANTIGAS E EXTRAORDINÁRIAS: OS JORNAIS CEARENSES E A
CONSTRUÇÃO NARRATIVA NOS *FAITS DIVERS* CRIMINAIS (1850-1890)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em História. Área de concentração: História Social.

Aprovada em: 25/10/2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Rita Fonteles Duarte (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Kênia Sousa Rios
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Meize Regina de Lucena Lucas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Valderiza Almeida Menezes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À Senhora da casa no Alto, que eu seja digno
dela e de todos que a precederam.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro e imensamente a todos os meus amigos que ao longo desse período conseguiram permanecer comigo nessa jornada árida e solitária.

Agradeço a minha professora orientadora Ana Rita por ter acreditado nesse trabalho e confiado em mim, inclusive nos momentos em que eu não sabia mais se era possível continuar.

Às professoras Kênia e Meize, por mais uma vez terem me auxiliado nesse percurso acadêmico e contribuído de forma determinante para que essa pesquisa fosse adiante.

Aos professores Ricardo Jorge e Valderiza Almeida por terem aceitado participar dessa banca de doutorado.

Aos demais professores do Programa de Pós-graduação em História, Letras, Comunicação e Linguística da UFC, pelas diversas contribuições durante as disciplinas.

Aos colegas da turma de doutorado 2020 pela companhia, pelas conversas e pelo carinho, ainda que nunca tenhamos conseguido ser uma turma presencial, vocês são pessoas admiráveis e talentosas, torço pelo sucesso de todos vocês.

Aos funcionários dos lugares de pesquisa e leitura, agradeço pela presteza, pela atenção e pela confiança.

Aos colegas do grupo de estudos e pesquisas em história e gênero, obrigado pelo aprendizado que o convívio com vocês sempre proporcionou.

Aos colegas professores do ensino médio, por terem acreditado e torcido pelo meu sucesso ao longo desses quatro anos de pós-graduação.

A minha família, sobretudo a minha irmã, obrigado por nunca ter largado a mão desse caçula ao longo de todos esses anos. E principalmente, por que assim como meu pai, ela soube me dar liberdade, me deixando seguir outros caminhos e fazer minhas próprias escolhas.

Finalmente, eu dedico esse percurso à (atual) Senhora da casa no Alto, que com todas as suas peculiaridades, com todas as suas dores e apesar de todas as suas falhas soube ser justa, correta e me ensinou a ser uma pessoa ativa, que nunca se conforma ou abaixa a cabeça diante dos desafios da vida. Que eu seja digno dela e de todos que a sucederem.

Muito obrigado.

“Embora cada palavra deste relato seja dolorosamente verdadeira, não espero que acreditem nele. Dizem que estávamos, ‘sob efeito de uma ilusão’; tal suposição oferece uma base satisfatória e crível para a história. Caberá ao leitor julgar, após ouvi-la, até que ponto isso é de fato uma “explicação” e em que sentido pode ser tida como ‘racional’” (Nesbit, [1887] 2020, n. p.).

RESUMO

A presente pesquisa procura analisar os jornais cearenses, sobretudo aqueles de maior circulação e longevidade durante a segunda metade do século XIX. Nosso objeto principal é a elaboração narrativa sobre o crime, a violência e o insólito, por meio dos *faits divers* criminais, enquanto estratégia editorial de combate político, controle da moralidade, ordenação de comportamentos e composição literária. Nesse período, ocorreu de maneira mais ostensiva, em território nacional e também local, a fabricação de espaços dentro dos periódicos, voltados ao entretenimento como colunas de noticiário, variedades, folhetins, anúncios e correspondências. Por meio desses espaços, os letrados responsáveis pela constituição daqueles textos e seus leitores puderam publicar narrativas centradas em crimes violentos e histórias bizarras ou curiosas que também eram construídas como estímulo à leitura e a circulação daqueles textos para o público em geral. Pois, ao mesmo tempo em que perfis infames de indivíduos e atos ditos perigosos e prejudiciais à manutenção da ordem e da moral naquela sociedade eram publicados de forma exagerada buscando gerar sensações, reafirmando a condenação aqueles tipos sociais, de igual modo eles abriam espaço para construção de um certo lazer baseado em histórias mórbidas e extraordinárias. A discussão que buscamos centralizar aqui é como se reelaboravam naquele gênero textual formas acessórias de controle e de adequação social sobre as camadas populares da província cearense, mas ao mesmo tempo como elas respondiam aquilo que parecia ser um gosto próprio e crescente dos leitores/ouvintes daquele período por aquelas tramas macabras. Intentamos analisar também como nessa busca pela fabricação do combate ao desvio normativo se dava a reafirmação da ordem jurídico-normativa posta, além da legitimação do substrato moral de caráter religioso católico tradicional. É fundamental perceber como o discurso jornalístico se utilizou daquelas histórias enquanto estratégia balizadora de códigos de condutas aceitáveis para a sociedade local, sem, no entanto, abrir mão da fabricação fabular na qual aqueles textos ainda se estruturavam. Dessa forma, propomo-nos discutir como aqueles textos se tornaram, na sua maior parte, instrumento para manutenção de hierarquias e de uma ordenação social que reafirmava não apenas diferenças notórias de classe, mas de gênero e raça.

Palavras-chave: periódicos; narrativa; *faits divers*; crime.

ABSTRACT

This research seeks to analyze newspapers from Ceará, especially those with greater circulation and longevity during the second half of the 19th century. Our main objective is the narrative elaboration about crime, violence and the unusual, through criminal facts divers, as an editorial strategy for political combat, control of morality, ordering of behavior and literary composition. During this period, the creation of spaces within periodicals, focused on entertainment, such as news columns, variety shows, serials, advertisements and correspondence, occurred in a more blatant manner, both nationally and locally. Through these spaces, the scholars responsible for creating those texts and their readers were able to publish narratives centered on violent crimes and bizarre or curious stories that were constructed as a stimulus to reading and the circulation of those texts to the general public. Because, at the same time that infamous profiles of individuals and acts considered dangerous and harmful to the maintenance of order and morals in that society were published in an exaggerated way, seeking to generate sensations, reaffirming the condemnation of those social types, in the same way they opened space for construction of a certain leisure based on morbid and extraordinary stories. The discussion we seek to centralize here is how accessory forms of control and social adequacy over the popular classes of the province of Ceará were re-elaborated in that textual genre, but at the same time how they responded to what seemed being a growing taste among readers/listeners of that period for those macabre plots. We also tried to analyze how this search for combating normative deviation resulted in the reaffirmation of the established legal-normative order, in addition to the legitimization of the moral substrate of a traditional Catholic religious character. It is essential to understand how journalistic discourse used those stories as a guiding strategy for acceptable codes of conduct for local society, without, however, giving up the fable fabrication in which those texts were still structured. In this way, we propose to discuss how those texts became, for the most part, an instrument for maintaining hierarchies and a social ordering that reaffirmed not only notable differences of class, but of gender and race.

Keywords: periodicals; narrative; faits divers; crime.

RESUMÉ

Cette recherche vise à analyser les journaux du Ceará, en particulier ceux qui ont eu un plus grand tirage et une plus grande longévité au cours de la seconde moitié du XIXe siècle. Notre objectif principal est l'élaboration narrative sur le crime, la violence et l'inhabituel, à travers des faits divers criminels, comme stratégie éditoriale de combat politique, de contrôle de la moralité, d'ordonnancement des comportements et de composition littéraire. Au cours de cette période, la création d'espaces au sein des périodiques, axés sur le divertissement, tels que des chroniques d'actualité, des émissions de variétés, des feuilletons, des publicités et de la correspondance, s'est produite de manière plus flagrante, tant au niveau national que local. Grâce à ces espaces, les chercheurs responsables de la création de ces textes et leurs lecteurs ont pu publier des récits centrés sur des crimes violents et des histoires bizarres ou curieuses construits pour stimuler la lecture et la circulation de ces textes auprès du grand public. Parce que, en même temps que des profils infâmes d'individus et d'actes considérés comme dangereux et nuisibles au maintien de l'ordre et des mœurs dans cette société étaient publiés de manière exagérée, cherchant à générer des sensations, réaffirmant la condamnation de ces types sociaux, de la même manière La manière dont ils ont ouvert un espace pour la construction d'un certain loisir basé sur des histoires morbides et extraordinaires. La discussion que nous cherchons à centraliser ici est de savoir comment les formes accessoires de contrôle et d'adéquation sociale sur les classes populaires de la province du Ceará ont été réélaborées dans ce genre textuel, mais en même temps comment ils ont répondu à ce qui semblait être un goût croissant parmi les lecteurs/auditeurs de cette période pour ces intrigues macabres. Nous avons également tenté d'analyser comment cette recherche de lutte contre la déviation normative aboutissait à la réaffirmation de l'ordre juridico-normatif établi, en plus de la légitimation du substrat moral d'un caractère religieux catholique traditionnel. Il est essentiel de comprendre comment le discours journalistique a utilisé ces histoires comme stratégie d'orientation pour des codes de conduite acceptables pour la société locale, sans pour autant abandonner la fabrication de fables dans laquelle ces textes étaient encore structurés. De cette manière, nous proposons d'examiner comment ces textes sont devenus, pour la plupart, un instrument de maintien de hiérarchies et d'un ordre social qui réaffirmait non seulement des différences notables de classe, mais aussi de sexe et de race.

Mots-clés : périodiques; récit; faits divers; crime.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Tabela 1 – Crimes violentos e contra a propriedade na província do Ceará (1851-1880). 29
- Figura 1– Base da primeira página do jornal Imprensa e Lei (Lisboa). Folhetim: Horrendo Assassinato. Edição de 16 de março de 1854..... 100

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

HDBN	Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
BECE	Biblioteca Pública Estadual do Ceará.
BBGJM	Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin
IC	Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará.
BR-APEBC	Arquivo Público do Estado do Ceará.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	UM TRATO PARA AS COISAS VIS	22
2.1	A lenta construção de um lugar para a infâmia	25
2.2	Os “Dramas de Sangue” nas folhas da Fortaleza	46
2.3	Notas excêntricas e ambíguas	62
3	DRAMAS MACABROS E PERIÓDICOS	81
3.1	Para o Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Dr. Chefe ... saber	84
3.2	Um rodapé de comportamentos torpes	98
3.3	Toda sordidez será publicada?	116
4	O BECCO DAS FLORES ESCARLATES	132
4.1	Prodigiosas fúrias	134
4.2	Desamores, desprezo e outros sentimentos vãos	150
4.3	Sobre mulheres e lobos	169
5	A PEQUENA QUITANDA DOS HORRORES	183
5.1	Um relicário de papel ou o bestiário oitocentista	185
5.2	Feras, bruxas e assombrações ao meio dia	203
5.3	Da fábula ao caso	221
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	234
	FONTES	239
	REFERÊNCIAS	241
	ANEXO A - EDIÇÕES DO JORNAL PEDRO II – DÉCADA DE 1840 x	
	DÉCADA DE 1860	264
	ANEXO B – LISBOA - DOLOROSA TRAGEDIA	266
	ANEXO C – HORROROSO!!!	267
	ANEXO D – SINGULAR CRIME!	268

1 INTRODUÇÃO

Em 29 de agosto de 2020 o jornal “O Povo”¹ publicou, no seu portal eletrônico (Kariny, 2020) e no suporte tradicional, a seguinte notícia: “Gestante é assassinada e teve bebê retirado do útero com estilete”. Uma manchete já chamativa, mas que era acompanhada ainda de uma posterior linha fina²: “A recém-nascida foi levada com ferimentos para o hospital. Uma conhecida da vítima confessou ter feito emboscada para cometer o assassinato e ficar com o bebê”. Embora aparentasse ser mais uma entre tantas notícias sobre crimes violentos levada ao conhecimento de leitores contemporâneos ávidos por novidades, ainda que lúgubres, ela é expoente de um tipo específico de narrativa que já atravessa alguns séculos e soube se adaptar a diferentes tipos de suportes e a uma gama diversa de públicos.

A notícia acima é comumente classificada como *fait divers*³, um gênero narrativo que se tornou mais frequente e popular a partir da consolidação da imprensa e do jornalismo, entre fins do século XVIII e meados do século XIX. Todavia, esse tipo particular de relato é bastante antigo. Ele surgiu intimamente ligado à transmissão oral e aos espetáculos populares antes de ser explorado pelos periódicos oitocentistas (Dion, 2007). Como afirma Jean-Claude Baillon (*apud* Angrimani, 1995, p. 25), ele esteve presente na cultura ocidental europeia desde o período medieval, onde “*faits divers* eram relatados em canções” por trovadores populares.

No século XIX, sobretudo na Europa, narrativas escritas desse tipo já tinham ganhado destaque muito maior e adquirido considerável popularidade. Nessa época, circularam pela França os chamados *canards sanglants*⁴ e *occasionnels*⁵, que eram brochuras

¹ Jornal cearense de grande circulação na contemporaneidade e cuja fundação data de janeiro de 1928, a partir da iniciativa do jornalista Demócrito Rocha (Nobre, 2006).

² Também conhecido como título complementar, tem por função trazer mais informação do fato noticiado. Pode introduzir um resumo do fato para o leitor ou destacar pontos importantes do assunto que será detalhado de forma mais profunda no corpo da notícia.

³ A expressão *fait divers* é originária do francês sendo etimologicamente traduzida como o caso/a notícia do dia em português, não devendo ser confundidos com as colunas que usavam o termo “factos diversos”, tradução literal, para nomear seus noticiários, sobretudo, em alguns jornais oitocentistas. Nesse trabalho utilizaremos o termo no original em francês. Roland Barthes ([1964] 2009) foi um dos estudiosos pioneiros na análise do *fait-divers* privilegiando um olhar para sua estrutura narrativa e inaugurando sua categorização, na atualidade, enquanto forma de representar percepções aberrantes do real.

⁴ Os *canards* eram uma publicação noticiosa popular, cujos acontecimentos relatados eram anunciados por seus vendedores (*canardier* ou canardeiro). Alguns deles, reuniam fatos a uma narrativa criada pelo próprio *canardier*. Segundo os estudos acadêmicos, os *occasionnels* e os *canards*, foram os primeiros gêneros informativos sensacionalistas a surgir, noticiando acontecimentos reais e simultaneamente apelando às emoções e à curiosidade dos leitores (Mascarenhas, 2013).

⁵ Os *occasionnels* designavam brochuras informativas episódicas com certa pluralidade temática. Em Portugal, essas publicações denominavam-se também de *notícia*, *carta*, *manifesto* e *cópia*. Na Itália chamaram-se *avvisi*, *relazione*, *gazzeta*, *broglieti* e *fogli a mano*; na Inglaterra, *price-currents*; na Espanha, *cartas nuevas*, na Alemanha *zeitungen* e na França *occasionnel*. Porém, em nenhum país tiveram título ou periodicidade regular. Na primeira página, geralmente, aparecia o título da notícia, a data e o local de impressão. Algumas foram ilustradas com uma xilografia e por vezes eram encadernadas como pequenos livros, devido ao número de

na forma de pequenos boletins abordando fatos curiosos, narrações extraordinárias costumeiramente creditadas como tão inverossímeis que suas autenticidades eram inverificáveis (Dion, 2007).

Com a chegada dos oitocentos, essas narrativas típicas dos *faits divers* migraram efetivamente para os jornais. Esse foi o caso da *Gazette de France*, ainda no século XVII e posteriormente do *Faits Divers e Journal Illustré* na França (Angrimani, 1995). Nos Estados Unidos, algo parecido se daria com o surgimento da chamada *penny press*, a qual era marcadamente formada pela imprensa sensacionalista⁶ e tabloides, conjunto de veículos que assumidamente privilegiaram o recurso editorial do *fait divers* (Dejavite, 1997), destacando principalmente enredos que envolviam escândalos, acontecimentos bizarros e/ou violentos.

Esse estilo de narrativa jornalística caracterizou-se, sobretudo, por noticiar eventos de cunho surpreendente, emotivo, curioso, dramático ou insólito (Mascarenhas, 2013). Ele compõe, geralmente, uma seção nos jornais na qual costumam ser destacados desde incidentes cotidianos, crimes, suicídios, eventos climáticos improváveis, prodígios da natureza, acontecimentos supostamente sobrenaturais ou fenômenos extraordinários.

Na atualidade, bem como no passado, essa narrativa permanece indissociável da chamada imprensa sensacionalista⁷. Paradoxalmente, apesar de pouco creditada, esse tipo de narrativa se destaca por possuir uma significativa capacidade de articular tramas com caracteres de verossimilhança, atualidade e proximidade com seus leitores. Ela cria, reiteradamente, uma sensação de afinidade que, seja através do detalhamento minucioso das ações, da forma como enreda os eventos ou do apelo direto para os sentimentos do público, finda por ganhar ares de autenticidade similares a diversas outras tramas presentes nos jornais (Dion, 2007).

Suas nuances de violência, choque, escândalo e drama, *a priori*, podem levar a crer que se trata de um gênero há muito desgastado, mas atual, já que prolifera abundantemente nas sociedades ocidentais do século XX ou XXI. Ele soa comum a uma

páginas que continham (Mascarenhas, 2013).

⁶ Faz referência ao gênero jornalístico próprio desse período, quando ocorre, sobretudo nos Estados Unidos a partir de 1890, um significativo crescimento do jornalismo impresso. Conforme Danilo Angrimani (1995), parte da imprensa escrita, nesse período, utilizava-se de reportagens e notícias em tom sensacional, ou seja, que gerava grande excitação e tinham forte apelo popular. Geralmente essas publicações privilegiavam manchetes escandalosas, notícias com distorções, falsidades ou mesmo inventadas.

⁷ Temos consciência que a análise dessas publicações e de seus suportes enquanto “sensacionalistas” é algo problemático, visto que o próprio uso desse termo só foi se tornar corriqueiro em período imediatamente posterior ao aqui estudado. De igual modo, não houve nessa época, localmente, publicações voltadas exclusivamente para esse tipo de notícias. Desse modo, concordamos com Alessandra El Far, quando a mesma afirma que no século XIX houve escritas e leituras cuja produção e circulação eram movidas no intuito de causar nos leitores uma gama de sensações ou sentimentos diversos. Os jornais locais se utilizaram bastante desse artifício, sem, no entanto, lhe dar exclusividade (El Far, 2004).

época em que esse tipo de narrativa já se encontra profundamente enraizado e consolidado dentro daquilo que se costuma denominar de mídias de massa. Ele, portanto, se revelaria signo de uma sociedade que se elabora, seja pela escrita e manipulação de imagens, seja pelo uso quase irrestrito de plataformas de compartilhamento digital⁸, enquanto um lugar próprio para um discurso sobre o violento, o grotesco e o burlesco da sociedade atual.

Todavia, apesar de ainda bastante presente nos noticiários do século XXI, o *fait divers* teve um caminho tortuoso, iniciado localmente, através dos periódicos no século XIX. Muito embora sua estrutura e função aparentem continuar as mesmas, elas são consideravelmente diversas daquelas presentes nos jornais oitocentistas.

Nossa tese busca perceber, como naquele período, o relato sobre o crime ou acerca de acontecimentos extraordinários, foram reelaborados enquanto um entrelaçamento narrativo sobre a violência, o crime e o insólito. Procuramos entender que aqueles *faits divers* operavam a partir de outros lugares, sob outros discursos⁹ e com propósitos diversos daqueles na contemporaneidade. Porém, a sua versatilidade em readequar-se à objetivos diferentes levou-nos a questionar seus usos e compreender como eles conseguiram se consolidar enquanto gênero narrativo no suporte jornalístico local ao final dos oitocentos.

Essa forma de narrativa fez e faz sucesso em jornais impressos, rádio, televisão, plataformas digitais, justamente porque compõe um recurso editorial eficaz naquilo que se propõe: chamar atenção e promover entretenimento. O *fait divers* constrói emoção, espetáculo, comoção, revolta, estupefação. Ele reelabora o insólito e o extraordinário dentro do cotidiano por meio de relatos que aparentemente contrapõem-se ao corriqueiro e ao banal.

O poder maior desse gênero textual é tecer uma trama efetiva que emociona, causa sensações diversas, mas que geralmente entretém¹⁰. Assim, entende-se como no Ceará do século XIX, diante da construção de novos costumes e hábitos, os periódicos, ao fazerem uso desse relato demonstravam que ainda não almejavam fixar uma fronteira entre noticiário jornalístico e entretenimento. Coisa que, de fato, nunca foi nítida e torna-se cada vez menor desde então (Bertrand *apud* Dejavite, 1997).

⁸ A notícia relatada no início desse texto (Kariny, 2020) se encontrava disponível no *Instagram* do jornal “O Povo”. Em 09/04/2021, contava com 48,9 mil visualizações/curtidas e 3.158 comentários, não sendo possível inferir compartilhamentos.

⁹ Partimos da compreensão de discurso dentro dos termos estabelecidos por Michel Foucault em seus escritos. Intentamos percebê-lo para além da simples materialidade do escrito ou do falado, mas entendendo-o enquanto lugar de disputas e embates pelo poder (Foucault, 2014).

¹⁰ Conforme Neal Gabler (*apud* Dejavite, 1997), o jornal foi consideravelmente importante para a consolidação não apenas de padrões e modelos da cultura erudita, ele instituiu também, formas novas de entrelaçar signos da mesma com formas que atingiam o grande público. Ele foi, sem dúvida, um dos primeiros portais por onde o entretenimento se difundiu.

É importante pontuar que, embora tenha sido continuamente desacreditado sob a pecha do sensacionalismo, ele foi um tipo particularmente efetivo de narrativa nos jornais oitocentistas. Deve-se inclusive ponderar como a própria noção de sensacionalismo, que se impôs ao final desse período, foi um modo de deslegitimar certas formas de entretenimento enquanto parte legítima da cultura. Em língua inglesa, sensacional era um dos adjetivos mais pejorativos no século XIX, geralmente utilizados contra práticas e hábitos de entretenimento populares, vistos como indignos, supérfluos e mesmo suspeitos diante das formas de arte e cultura consolidadas e já tradicionais (Gabler *apud* Dejavite, 1997).

No Brasil, bem como em território cearense, os jornais estabeleceram-se, sobretudo, como um lugar privilegiado na construção do debate político¹¹, meio de circulação de ideias e intermédio de trocas comerciais. Contudo, suas páginas operavam também como oficina lapidadora e balizadora de hábitos e costumes, engendrando discursos que procuravam ratificar modelos, costumes e práticas oficiais sobre o conjunto da população, sobretudo, os mais pobres. Assim, os periódicos elaboraram recursos específicos para constituir e manter um público cativo para suas folhas.

Isso se mostra patente quando consideramos a produção diversa, engenhosa e quase febril de gêneros textuais ao longo da segunda metade do século XIX nos periódicos locais. Artigos, notícias, crônicas, folhetins, palestras; textos leigos e religiosos que buscavam promover, reafirmar e legitimar discursos tradicionais sobre cultura, mas atados diretamente à necessária ordenação social¹². Esse corpo narrativo buscava, geralmente, compor uma régua de moralidade ou simplesmente celebrar os bons costumes¹³, possível epígrafe dos oitocentos.

Enquanto textos jornalísticos, é notório, eles se dirigiam a um público específico, reduzido¹⁴, cativo e minimamente ciente de suas regras e fórmulas. Todavia, o seu alcance não se limitava aos leitores oficiais, eles podiam chegar mesmo aqueles que estavam fora dos grupos letrados. Conforme Morel (2018), a transmissão da palavra, nessa época, fluía não

¹¹ Como lembra Martins e Luca (2018, n. p.), “as lentes da política presidem as novas páginas periódicas” na segunda metade dos oitocentos, o que, no entanto, não exclui a presença e a crescente diversificação de outras narrativas dentro desses impressos.

¹² Um exemplo peculiar pode ser encontrado no trabalho de Silva (2009), que analisa como o riso e o deboche, no século XIX, eram uma das vertentes normatizantes que operavam dentro dos instrumentos simbólicos da capital cearense. Para esse autor, a presença de comentários, poemas, quadras e artigos que buscavam criticar modos, comportamentos e hábitos fortalezenses nos pasquins da segunda metade do século XIX, revelam como os setores letrados procuraram, por meio do escárnio e da provocação cômica, desqualificar outras formas e experiências que não aquelas impostas ou desejadas pelas elites.

¹³ Aqui se faz alusão não apenas às boas maneiras, mas a uma conduta ou comportamento ordeiro, moralizado e civilizado segundo as normas e códigos oficiais das camadas mais altas da sociedade daquela época.

¹⁴ Conforme Fernandes (2004), seguindo fontes censitárias ao fim do século XIX, pouco mais de um terço da população fortalezense sabia ler e escrever. Destaca-se, também, a dificuldade de acesso direto aos jornais e demais impressos pelos mais pobres.

apenas sob a letra impressa, mas também falada e manuscrita seguindo ditames típicos das tradições e antigas formas de expressão verbal oriundos de períodos anteriores.

Assim, a partir da segunda metade dos oitocentos, os *faits divers* constituíram-se dentro dos periódicos cearenses como um espaço para uma determinada crônica não oficial do cotidiano local ou distante. Ao lado do noticiário comum, eles gradualmente foram conquistando destaque e perenidade graças às suas distintas narrativas que tinham no insólito o seu foco principal. Carregando nas formas e nas cores, eles não demarcavam um distanciamento dos discursos puramente noticiosos, mas abraçavam estrategicamente formas de narrativa literária, que por sua aparente simplicidade, podiam ser facilmente memorizadas e replicadas na oralidade para instigar seu público leitor ou ouvinte.

Esta tese tem, portanto, como objetivo investigar a fabricação e circulação daqueles *faits divers* que se centravam em narrativas sobre crimes, ações infamantes e acontecimentos insólitos presentes dentro de diversos periódicos locais oitocentistas. Nesse panorama, procura-se refletir acerca das fórmulas de reconstrução narrativa sobre crimes, práticas e atos tidos como violentos e infames.

Costumeiramente, os estudos sobre criminalidade, a partir dos jornais, deram ênfase a indivíduos, grupos e atos cometidos por estes, centrando a investigação, sobretudo, na construção do perfil do criminoso ou nos discursos acerca do delito e de suas formas de punição. Entretanto, este estudo busca, na análise sobre os *faits divers* e no seu cotejamento frente outras fórmulas narrativas, elaborar um olhar diverso e talvez mais amplo sobre os usos do relato sobre a violência e o crime naquele período. Ele pretende compreender algumas das associações existentes entre diferentes discursos sobre a ordem e crime, norma e desvio e mesmo entre verdade e ficção dentro das tramas daquela sociedade e período.

Analicamente, levar em consideração as formas e os meios como se publicavam essas notícias sobre crimes e/ou atos estranhos contribui para apreender uma ressignificação dessas mesmas enquanto instrumentos discursivos sobre a violência e o crime. Elas já não configuravam um simples relato sobre um ato de transgressão, mas uma reconstrução narrativa, um gênero textual marcado por traços oriundos da produção literária. Uma trama urdida a partir de um conjunto diverso de fios com intersecções ainda a serem melhor investigadas. Afinal, enquanto prática cultural, essa produção textual era produto das relações das forças sociais diversas naquela época (Guimarães, 2009).

Foi nosso intuito nos debruçar sobre esses textos buscando perceber a complexidade dessa composição narrativa presente nas notícias e relatos transcritos no espaço das colunas e seções dos jornais. Através da análise daquelas notícias, configuradas a partir de

ações tidas como monstruosas (pela sua violência ou imoralidade) ou simplesmente curiosas (pela diversidade, brutalidade ou excentricidade), buscamos compreender a fabricação de um tipo específico de narrativa próprio do *fait divers* oitocentista que circulava pela província cearense.

Nossa hipótese neste trabalho é a de que aquela construção textual ao noticiar tais atos não teve o objetivo direto e único de apenas censurar, combater e condenar os perfis desviantes na sociedade. Esse tipo de relato conseguiu abrir espaço para o extravagante, o risível, o grotesco e o bizarro a fim de prender atenção do público leitor e gradualmente definir uma outra leitura e outro uso sobre esses acontecimentos. Ela procurava determinar uma outra estratégia de construção e comunicação do acontecimento. Ao apropriar-se da notícia criminal, o *fait divers* reconstruía interpretações, dialogava com o imaginário popular e produzia sentido (Sodré, 2009).

Essas notícias foram reproduzidas e circularam em diversos jornais existentes na província cearense entre 1850 e o começo dos anos 1890. Dentre esses, destacaremos principalmente aqueles de maior alcance e longevidade como “Pedro II” (1840-1889), “Cearense” (1846-1891), “A Constituição” (1863-1889), “Gazeta do Norte” (1880-1892), “Libertador” (1881-1892) e “Tribuna Catholica” (1866-1890). Reconhecendo sua diversidade de enfoques políticos e respeitando a peculiaridade desse último ser um periódico oficial da Igreja Católica local, apontamos que, mesmo sob lentes diversas, nesses jornais haveria uma crescente reprodução dessas notícias excêntricas, embora certamente, com focos nem sempre simultâneos ou homogêneos.

A escolha por investigar os jornais já mencionados se deve ao fato de estes terem sido os principais responsáveis pela propagação escrita de *faits divers* vinculados a atos ou perfis tidos como criminosos, infames e mesmo monstruosos. Embora concentrassem seus maiores debates nos círculos político, intelectual ou econômico da província, sobretudo na capital, eles buscaram conjuntamente alcançar o grande público e o uso dessas narrativas foi, também, uma das formas de atingir esse objetivo.

Intenta-se, desse modo, contribuir para outras reflexões acerca do crime nos oitocentos cearenses, mediadas pelo estudo da construção e funcionamento dessas narrativas. Seus fundamentos e métodos, as possíveis trocas com outras formas de escrita e arte da época, são parte essencial para entender a natureza diversa desses textos. O recorte temporal¹⁵, assim,

¹⁵ Na segunda metade dos oitocentos, sobretudo entre 1870-1890, percebe-se o aumento gradual na tiragem dos jornais locais que começaram a alcançar mesmo as vilas mais distantes da capital. Malgrado as dificuldades econômicas da província, muitos dos jornais eram também consumidos por muitos viajantes e moradores de

se concentra num momento de considerável transformação social e urbana dentro da Província do Ceará. Entre 1850 e 1890, houve um significativo crescimento populacional, considerável incremento estrutural e uma expressiva diversificação da sociedade, principalmente em Fortaleza¹⁶, aliada também às inovações estilísticas próprias de fins do século e a novos hábitos e modos de leitura que começaram a se estabelecer em território cearense (Pinheiro Filho, 2014).

De tal modo, lança-se um olhar particular para o papel daqueles jornais de maior circulação não apenas devido ao seu alcance e suas relações diretas com os poderes locais ou com autoridade religiosa oficial. Leva-se em consideração, sobretudo, a possibilidade de reconhecer neles as possíveis confluências discursivas presentes dentro dessas narrativas ou contra elas dirigidas a partir de locais diversos naquela sociedade no século XIX.

Dessa forma, utilizaremos de forma pontual e complementar, algumas fontes judiciais, legislações e mesmo trechos de obras literárias referentes ao período e ao espaço da província cearense. É nosso intento, por meio do cotejamento e entrecruzamento de documentos oficiais, códigos legais e normativos, bem como obras de ficção, analisar parte das trocas existentes entre alguns dos gêneros textuais do período e como o discurso jornalístico produziu um amálgama para outros discursos já tradicionais naquela época, como o político, o jurídico e o religioso católico.

O número de pesquisas que elaboram sua investigação a partir de fontes jornalísticas tem sido considerável e as reflexões sobre criminalidade, em suas diversas nuances também já se tornaram bastante profícuas. Ainda assim, parece digno de nota que o estudo acerca da construção da narrativa jornalística sobre o crime, a violência e a infâmia ainda seja um prolífico campo de discussão, não apenas na história, mas também de debate com a literatura, a comunicação, a linguística e mesmo a psicologia.

Estudos esses que são representativos de um esforço em fazer campos de saberes diversos serem mobilizados numa análise mais densa e concomitantemente mais ousada. Desse modo, intentamos construir uma pesquisa sobre os periódicos locais oitocentistas partindo da sua produção narrativa, a fim de demonstrar como o fazer jornalístico daquele período ainda ombreava, de forma recorrente, a elaboração literária. De igual forma, como

idades e localidades interioranas. Parece acompanhar esse crescimento, uma diversificação de publicações e de gêneros textuais nos jornais cearenses aqui destacados.

¹⁶ Conforme Macêdo e Silva Filho (2011, p. 12), a urbanização que ocorria nos grandes centros mundiais nesse período levava a compreensão da “cidade como lugar privilegiado de aprimoramento da inteligência, refinamento das condutas, abertura de inumeráveis formas de convívio social [...]”. A Fortaleza oitocentista estava longe de ser um desses grandes centros, mas o seu crescimento era notório, não apenas nas mudanças físicas na cidade, como também na configuração de novas formas de sociabilidade e sob determinados aspectos, na efervescência cultural que se constituía localmente (Oliveira, 2000).

suas estratégias estavam muito mais voltadas para a manutenção de um caráter opinativo e de entretenimento que somente informativo ou analítico.

Aqui, nosso objetivo é refletir sobre as relações diretas entre a produção do discurso jornalístico oitocentista e a elaboração narrativa literária. Consideraremos, para tal, as trocas entre os modelos consolidados dentro da literatura e sua adaptação na construção da trama e da intriga criminal pelos jornais. Afinal, a fabricação da notícia enquanto enredo dramatizado e fabuloso constituiu um recurso editorial versátil, capaz de não apenas mobilizar discursos sobre o crime e a violência, com fito de controle, mas de erigi-lo enquanto fórmula efetiva e mórbida de distração.

Portanto, nessa busca, nos apoiaremos em trabalhos relevantes sobre o tema. Barthes (1964), na sua análise clássica sobre “a estrutura do caso do dia” definiu *fait divers* como uma informação fechada e com estruturas fixas (paradoxos de uma causalidade aberrante, insólita ou escandalosa; coincidência da repetição ou da antítese. Mas, como bem demonstrou Kalifa (2019), houve toda uma gama de narrativas que mesmo não se acomodando nessa classificação, pode ser compreendida como *faits divers*. Com defende esse autor, elas foram utilizadas nos jornais oitocentistas pois encontravam sua razão na anomalia e na repetição com que eram trabalhados dentro dos periódicos. Assim, nessa pesquisa, elencamos narrativas de crimes ou fatos insólitos que podem não ser associados aquela classificação tradicional.

De igual forma, pautaremos como aquelas narrativas podem ser compreendidas enquanto parte de um dispositivo não apenas ordenador de condutas, mas também prescriptor de modelos socialmente aceitos. Afinal, por meio daquelas notícias sangrentas, aqueles veículos não só reafirmaram leis e normas, mas valorizaram costumes ou hábitos e legitimavam distinções de gênero. Afinal, as diferenças, as proximidades e as relações hierárquicas entre masculino e feminino, bem como as fórmulas diversas de lidar com a criminalidade, desordem e o desvio entre homens e mulheres foram estabelecidas de forma diferenciadas naquelas tramas.

Pereira (2009), por exemplo, demonstrou em sua pesquisa, de forma primorosa, que a análise dos jornais a partir do conceito de tecnologia de gênero (Lauretis, 1994) possibilita a compreensão dos periódicos enquanto um instrumento social diferenciado onde se dá a articulação e a reverberação de modelos, padrões e visões de mundo que reproduzem as relações de gênero já estabelecidas. Desse modo, nos interessa discutir como naquela sociedade aquelas narrativas também podiam se encaixar como artefato pelo qual se reproduzia uma normalização e naturalização de determinadas identidades femininas (Butler,

1998).

Em relação à construção discursiva acerca do crime e do criminoso enquanto “monstro”, podemos perscrutar a partir da obra de Jeha (2007) e Nascimento (2009), a simbologia da violência e o horror enquanto uma corporeidade sobre o perigo e os medos humanos. Percebê-los enquanto formas de lidar com o que é estranho e inominável na experiência humana cotidiana, entendendo a composição do ser monstruoso como parte indissociável da própria construção simbólica sobre os medos e incertezas presentes nas diferentes sociedades e épocas em que gêneros textuais diversos foram elaborados para dar conta de exprimir esses medos e violências.

Trabalhos de referência sobre periódicos, práticas letradas e de leitura nos possibilitaram acompanhar temas e as tramas da formação e consolidação dos espaços de produção da imprensa de periódicos na América Latina e no Brasil. Em especial, no período da segunda metade do século XIX, onde as discussões em torno da imprensa brasileira e cearense nos oitocentos nos são mais caras. Buscamos na sua análise, o embasamento para perceber as singularidades do fazer jornalístico no período imperial, ante suas mudanças, modelos e desafios próprios daquele momento. Dessa forma, os trabalhos de Ángel Rama (2015), Tania Regina de Luca (2006) e Ana Carla S. Fernandes (2006) foram de imensa importância.

Finalmente, publicações de discentes do Programa de Pós-Graduação em História da UFC, abordando pesquisas relativas às discussões de gênero e criminalidade têm lançado novos olhares para o período. Eles têm, especialmente, se destacado ao se apropriarem da categoria de gênero para repensar a delinquência, a repressão, as normas e práticas sociais do período.

Podemos destacar uma dessas teses que nos ajudou a compreender algumas das especificidades da capital oitocentista a partir das concepções sobre feminilidades, transgressão e comportamento. Na análise de crimes cometidos por mulheres no século XIX em Fortaleza, Braga Júnior (2018) revela uma interessante tessitura de discursos acerca da transgressão feminina, sustentados em dispositivos de controle sobre a honra e no fortalecimento de discursos normativos e reguladores junto ao mundo jurídico e ao noticiário jornalístico do período.

Assim, essa pesquisa se organizou da seguinte forma: o primeiro capítulo se concentrará na análise da construção da narrativa criminal na imprensa fortalezense e sua gradual diversificação ao longo da segunda metade do século XIX. Aqui, perscrutaremos acerca do desenvolvimento da estrutura do relato sobre o crime, dentro dos periódicos, em

comparação direta com outras narrativas próprias das folhas àquela época. Acompanharemos a fabricação de um lugar no suporte jornalístico para crimes e atos infames fabulados pelo discurso jornalístico, ponderando seus usos no embate político e no controle social dentro da província.

No segundo capítulo, buscaremos estabelecer os possíveis entrelaçamentos desse campo de confecção discursiva com a Literatura a partir da produção ficcional textual do período. O intuito é discutir essa proximidade sob o prisma da produção de sentido e da construção do efeito de realidade¹⁷ dentro da categoria de relatos sobre o crime. Apontaremos como os *faits divers*, enquanto gênero textual, constituíram-se como mais um signo narrativo dentro de uma sociedade já marcada por diversos discursos sobre violência. Aproximando esse gênero de outras fórmulas narrativas que se utilizavam do crime e da violência para fabricar suas tramas, percebemos uma confluência de modelos, mas também certa diversidade de usos e práticas.

Em seguida, analisaremos a forma como aquelas narrativas contribuíram no reforço das distinções de *gênero* dentro da sociedade oitocentista. Buscaremos perceber como o discurso jornalístico mediado pela sua produção textual reproduzia, reformulava ou recriava espaços de distinção, normatizantes e reafirmadores das diferenças de gênero dentro daquele período. Intentamos demonstrar como os letrados fabricaram pelos *faits divers* uma fórmula narrativa que reafirmava não apenas uma moral idealizada, cerceando antigas práticas e identidades desviantes, mas que contribuía para adoção de novos hábitos e costumes, coadunando com o projeto de progresso material e civilização dos hábitos locais.

Finalmente, no último capítulo, tentaremos destacar a construção de um lugar para o insólito e o extraordinário dentro dos jornais oitocentistas cearenses enquanto uma estratégia discursiva para a fabricação normativa sobre perfis desviantes ou limiares. Buscamos entender a fabricação do ser monstruoso, anormal ou contranatural, nas folhas locais oitocentistas, por meio das tramas dos *faits divers* como uma fórmula artificiosa de enquadramento normativo. Pensando como aqueles tidos como inadequados, suspeitos ou perigosos foram fabricados a partir da sua suposta monstruosidade como um meio de coerção simbólica, porém, que resvalava num entretenimento mórbido e recorrente que o extraordinário configurava naquele período.

¹⁷ Embora esse conceito seja pioneiramente debatido a partir da obra de Roland Barthes (1968), apontaremos, em momento posterior, as considerações e usos do mesmo, a partir do pensamento de Jacques Rancière (2010).

2 UM TRATO PARA AS COISAS VIS

“Eu hoje faço desgraça: ninguém se atravesse que a morte é feia” (Canario, 1882, n. p.).

Lisboa.

Lemos no *Diario de Noticias* de 12 do corrente.

«A dolorosa tragedia¹⁸ que hontem narramos aos leitores, e que tão profundamente agitou o sentimento publico, continua a ser o objecto de todas as conversações e de diversissimos commentarios. Ninguém sobre ella aventa juízo seguro e definitivo, porque não são sufficientemente conhecidas todas as circunstancias intimas do acontecimento, e as versões variam no ponto mais delicado d'elle. A todos horrorisa a idéa da morte, e da suffocação de uma mulher joven, formosa, bem educada, cheia de vida e esperança; a todos espanta que fosse autor d'essa morte o marido, que parecia adoral-a, e que esse marido fosse Vieira de Castro, um homem de intelligência superior defensor [mutilado] [...]»¹⁹ (A Constituição, 1870a, p. 2, grifos do autor).

Assim, começava uma caudalosa narrativa no jornal cearense “A Constituição”²⁰, do dia 13 de junho de 1870. Transcrita do citado jornal, essa notícia se referia a um famigerado crime ocorrido na capital portuguesa, no mês anterior. “A tragédia da Rua das Flores”, como ficaria conhecido posteriormente, ganhava um destaque inaudito no diário local, chegando mesmo a ocupar praticamente duas das quatro páginas do periódico.

O trágico crime²¹ que escandalizara a sociedade portuguesa (Bem Publico, 1870)²², reverberara na capital brasileira (Jornal da Tarde, 1870)²³, chegando às paragens fortalezenses com requintes narrativos que iam muito além do noticiado vago das colunas policiais já existentes. Naquele jornal, acompanhávamos seguidamente, a transcrição da notícia da folha portuguesa, o registro da autópsia realizada pelas autoridades e, por fim,

¹⁸ Faz alusão à forma como ficou conhecido o assassinato (“A tragédia da Rua das Flores”) cometido pelo jovem político, orador e escritor português José Cardoso Vieira de Castro contra sua esposa Claudina Adelaide Guimarães Vieira de Castro, no dia 7 de maio de 1870 na residência do casal na já mencionada rua, em Lisboa. Destaca-se como homônimo, também no século XIX, o romance de Eça de Queiroz (1877) com enredo diverso do acontecimento já destacado.

¹⁹. Ver Anexo B ao final desta pesquisa.

²⁰ Jornal publicado em Fortaleza entre 1863 e 1889, circulava diariamente à exceção das segundas e dos feriados. Afirmava ser o órgão dos representantes das ideias do “partido conservador adiantado”, em oposição ao também conservador “Pedro II”. Ele foi criado a partir do rompimento de Domingos Nogueira Jaguaribe e Joaquim da Cunha Freire com os Fernandes Vieira, do “Pedro II” (Nobre, [1974] 2006; Fernandes, 2004).

²¹ Esse relato será retomado no terceiro capítulo deste trabalho. Como as narrativas acerca desse crime nos jornais brasileiros da época destacaram-no amplamente enquanto um “crime de honra/passional”, ele será melhor estudado em comparação com casos semelhantes. De igual forma, sua análise sob a categoria de “gênero” bem como a problematização dos estereótipos femininos enquanto vítimas ou algozes nos crimes presentes nesses *faits divers* encontrarão destaque no mencionado capítulo.

²² Jornais portugueses como o periódico religioso “Bem Publico” de 14 de maio destacaram o crime de forma dramática e detalhista ao longo de duas colunas. Note-se que esse periódico tinha por diversas vezes, noutros momentos, se contraposto aos posicionamentos políticos de Vieira de Castro (Bem Publico, 1870, p. 5).

²³ O “Jornal da Tarde”, por exemplo, tinha noticiado o crime já em 2 de junho de 1870, muito embora o tenha destacado na primeira página sob o título “Acontecimento Funesto”, ocupando quase duas das suas longas colunas, o jornal não se ocupava ainda do apanhado de opiniões que a folha cearense pôde fazer uma semana depois (Jornal da Tarde, 1870, p. 1).

diversas considerações de outros nomes da imprensa lisboense, bem como, juntava impressões e a opinião ao final do relato sobre o caso.

Foi, sem dúvida, um acontecimento trágico e violento, mas não incomum no cotidiano das maiores cidades do século XIX. Provavelmente, não fossem as particularidades do caso, como veremos mais à frente, a notícia desse crime dificilmente teria maior repercussão dentro dos jornais daquele período. O relato do crime português, contudo, chamava atenção e gerou comoção²⁴ dos dois lados do oceano, devido suas nuances trágicas, singularmente encadeadas e exploradas pela imprensa que as reproduziu nos jornais em tons lúgubres, emoldurando o caso.

O crime reuniu condições propícias para se perpetuar por meses nos periódicos portugueses e gerar questionamentos por anos, mesmo na imprensa local²⁵. Ele foi desde seu início, um escândalo dentro da elite e do círculo intelectual português da época. Um casal jovem, próspero e aparentemente feliz, reconhecido e bem-querido dentro de alguns dos grupos mais destacados de Lisboa, era o centro de um crime que seria dissecado de forma dramática pelas folhas da época. Amor, traição, desonra, violência e morte se tornavam elementos que comoviam e chocavam por envolverem pessoas de renome e da alta classe portuguesa²⁶, não mais desconhecidos e desafortunados dos grupos mais humildes.

Compreender como esse tipo de relato sobre crimes se estabeleceu dentro dos periódicos fortalezenses e gradualmente se diferenciou de outros textos jornalísticos do período é, sem dúvida, entender como a imprensa local²⁷ se constituía como meio importante,

²⁴ Diversas folhas chegaram a noticiar o fato em território brasileiro: O “Diario do Rio de Janeiro” de 03 de junho de 1870 dedicou toda a coluna de “Correspondencia” a tal acontecimento, concluído apenas no número seguinte; O “Diario de Belem” de 7 de junho trazia a seguinte notícia: “Dissenção conjugal – assassinato de uma desditosa esposa”; O “Diario de São Paulo” publicara em 9 de junho na coluna “Exterior”, considerável nota sobre o caso; O “Jornal do Recife” também noticiava com igual destaque o assassinato em 15 de junho. O “Despertador” (SC) em 10 de janeiro de 1871 ainda destacava com significativo espaço em suas colunas o “Processo Vieira de Castro”. O caso aparecia mesmo em considerações críticas aos “panfletos” presente no “Semana Ilustrada” (RJ). Dizia-se, cerca de um ano depois do acontecimento trágico: “Timandro, a Conferência dos Divinos, o processo Juca Roza, e os horrores do assassinato Vieira de Castro, são ainda hoje procurados com avidez, e o tempo lhes não diminuiu a importância”.

²⁵ O jornal “Cearense” em 13 de janeiro de 1871 noticiava o julgamento e desfecho do caso em Portugal na rubrica “Noticiário”, destacando o ocorrido numa coluna quase completa e expondo ao final a condenação: “O réo foi condenado a 10 annos de degredo para a Africa ou em 5 annos de prisão maior celular” (Cearense, 1871a). Nesse mesmo jornal, dez anos depois, em 6 de agosto de 1881 na mesma coluna com o subtítulo “Vieira de Castro” (Cearense, 1881), um texto discutia como após o degredo e notória morte no continente africano surgiam relatos e versões sobre Vieira de Castro não apenas estar ainda vivo [a noticia da “ressureição” de Vieira de Castro] como até mesmo estar residindo nos Estados Unidos da América.

²⁶ Embora Claudina Adelaide Guimarães fosse de família brasileira, o casal se conheceu no Rio de Janeiro, mas residia de forma definitiva em Portugal desde o matrimônio. À época de seu assassinato, segundo os jornais, ela contava com 20 (vinte) anos de idade e o seu casamento já atravessava o terceiro ano de duração.

²⁷ Os jornais cearenses, de forma semelhante aos seus congêneres noutras províncias e às grandes folhas europeias, publicaram quantidade considerável de narrativas no modelo do *fait divers*. Em países cuja tradição editorial era mais antiga e onde a leitura periódica havia se tornado hábito popular urbano, como na França e nos

não apenas para os principais debates políticos e econômicos, mas, sobretudo, como um produto cultural que se reelaborava àquela época.

Nesses periódicos, os leitores começavam a se debruçar cada vez mais sobre essas narrativas de atos violentos/criminosos e, percebe-se, como houve a gradual diversificação nas fórmulas utilizadas para impressionar, comover e entreter. Por isso, é fundamental repensar o crime, a violência e a morte nessas narrativas, enquanto objeto de construção textual e discursiva singular nos periódicos oitocentistas.

Desse modo, é importante problematizar as folhas cearenses em sua materialidade, na sua organização produtiva e na sua linha editorial. É preciso compreender que os periódicos começavam a se dirigir a diferentes públicos, que já não “tratavam apenas de questões políticas”, mas que de formas difusas, buscavam também discutir “questões morais, educação, comportamento ético” e integrar um dispositivo prescritor de formas e padrões de distinção e civilização (Pedro, 1995, p. 52).

Como foi comum a muitos dos centros provincianos brasileiros, os jornais fortalezenses se tornaram meio e forma de defesa de ideais políticos, valores morais e do progresso da pátria. Antagônicos na arena política, ainda que aparentemente, visto que “liberal” e “conservador” foram termos circunstanciais, mais que conceitos diante das disputas políticas e das contendas entre grupos e famílias adversárias (Fernandes, 2004). Todavia, no tocante à organização social, na manutenção de valores tradicionais e na crença nos modelos de progresso e civilidade europeus, esses periódicos pareciam, não raras vezes, bastante semelhantes.

Portanto, o século XIX teve nos jornais, um instrumento chave para a consolidação de signos e hábitos da cultura erudita. Nesse período, eles foram uma forma efetiva de fortalecer práticas de leitura e sociabilidade das camadas superiores e posteriormente de outros grupos de leitores/ouvintes, sobretudo em uma época em que as letras se desenvolviam de forma limitada.

Como adverte Morel (2003), o periodismo teve grande importância para a formação e surgimento das gerações de letrados no Brasil. Segundo o autor, jornais e revistas, tornaram-se o suporte principal para o “exercício dos gêneros literários em curso”, diante de um mercado editorial ainda bastante incipiente (Morel, 2003, p. 58). Entretanto, *pari passu*,

Estados Unidos, por exemplo, os jornais faziam uso constante dessas narrativas. Tendo, inclusive, sido criados veículos especializados nesse tipo de relato, nesses dois países (Angrimani, 1995). Como pondera Valéria Guimarães (2013), mesmo que no Brasil, como um todo, ainda não existisse um público leitor semelhante aquele dos países europeus, deu-se uma considerável dinamização de uma cultura midiática balizada pelos periódicos em fins do século XIX. Assim, a reprodução desses relatos estava em consonância com práticas já testadas e bem-sucedidas noutros países.

eles também abriram espaço para outras vozes e outros usos da escrita e da leitura. Não à toa, muitos periódicos buscaram compor espaços mais atrativos dentro das folhas. Daí surgirem gradativamente seções como “correspondências, variedades e a pedidos, principalmente essa última, que se tornaria chamariz para o jornal, pela atração exercida sobre os consumidores para ali se posicionarem sobre assuntos variados” (Martins; Luca, 2018, p. 63).

Outrossim, essas seções foram fabricando espaços onde aquelas narrativas que lidavam com crimes, violência e fatos bizarros se tornaram mais frequentes e em certa medida foram se estabelecendo e modificando o *design* dos periódicos fortalezenses. Localizar e catalogar as variantes dessas insólitas e sangrentas estórias²⁸, nos ajuda a entender como o próprio gosto pela leitura, reprodução e dispersão dessas narrativas encontrou abrigo em grupos sociais diversos, não apenas na elaboração, mas no seu consumo.

Entender que, enquanto se constituíam como suporte para aquelas tramas, permaneciam fazendo parte de uma sociedade complexa, onde construía alianças, como também, onde encontravam limites. Então, deve-se compreender essas construções narrativas como rastros e ruídos que indicam um percurso discursivo próprio daquela sociedade existente nos oitocentos.

Os relatos de crimes violentos emoldurados na fórmula dos *faits divers* aqui analisados são parte desses rastros. Embora os *faits divers* geralmente ajudassem a referendar ou reafirmar valores, normas e padrões oficialmente aceitos no período, indiretamente eles também contribuía para exposição e questionamento desses mesmos²⁹. Por meio desses relatos, nota-se uma capacidade de cindir, ainda que simbolicamente, o espaço e o domínio da ordem na sociedade local oitocentista.

2.1 A lenta construção de um lugar para a infâmia

A presença dos periódicos no cotidiano da população se tornou gradualmente comum no Brasil oitocentista³⁰. Porém, foi na segunda metade do século XIX que eles se

²⁸ Utilizaremos o termo grafado com “E” como forma de privilegiar sua tradicional referência às narrativas populares, sua diversidade e ao seu caráter potencialmente ambíguo em relação à ficcionalidade. Nosso intuito, portanto, é referenciar as tramas escritas nos jornais oitocentistas sob a fórmula do *fait divers* como tributários diretos daquelas tradicionais formas de narrativa populares mais antigas.

²⁹ Como afirma Sylvie Dion (2007, p. 09), o *fait divers* se apresenta sempre como uma história vivida, uma história assombrosa, curiosa, horrível ou extraordinária, mas verdadeira. “Enfim, um *fait divers* é a narração de uma transgressão (social, moral, religiosa ou natural). Nomeando o desvio, este tipo de informação identifica pelo próprio fato as proibições sociais, reforçando, assim, o sistema de valores prescritos pela sociedade na qual ele se inscreve”.

³⁰ Morel (*apud* Martins; Luca, 2018, p. 42) defende a tese que ainda no período das regências (1831-1840) teria ocorrido “uma verdadeira explosão da palavra pública, com associações, motins, rebeliões e periódicos [...] a

consolidaram diante do público em geral, uma vez que isso ocorria num país ainda preso a “uma economia rural, assentada na escravidão, concentrada no campo [...] em que a incipiente rede urbana ainda não constituía cidades com dinâmica próprias” (Martins; Luca, 2006, p. 23).

Na capital cearense, assim como em tantos outros pequenos centros brasileiros, as elites buscaram, por meio dos jornais, assumir posição frente as disputas políticas da época. Desse modo, os maiores jornais se estabeleceriam a partir da quarta década dos oitocentos³¹. Assim como seus congêneres, na corte e nas províncias mais prósperas, eles estiveram bastante envolvidos nos embates políticos e nas discussões acerca da produção econômica e do progresso da nação. O próprio advento da imprensa para muitos, naquela época, já ditava ares de modernidade à sociedade local (Cardoso, 2000).

Nesse ambiente de disputas e defesa de projetos e ideias, manifestou-se nos jornais locais, a paulatina associação entre as letras e a noção de civilidade. Ocorreu, igualmente, uma notória aproximação entre o fazer jornalístico e a literatura, realizando uma plena parceria, pois ambos começavam a se legitimar enquanto lugares distintos do saber e da cultura letrada. A imprensa e a escrita literária gradualmente avançavam, ainda que em um universo de maioria analfabeta, em que agora as imagens das letras e as leituras em voz alta se tornariam parte dos costumes na capital (Fernandes, 2004).

Entretanto, essas folhas se modificariam bastante após a segunda metade do século, passando a abrir espaço para outros debates e, conseqüentemente, buscando incluir uma maior diversidade de textos. É provável que o seu alcance já não se limitasse apenas aos ambientes letrados, mas que reverberasse na comunidade local, mesmo em parte dos grupos não alfabetizados³².

imprensa constitui-se como formuladora de projetos de nação [...] e de uma cena pública cada vez mais complexa”. Embora vejamos com reservas essas considerações, acreditamos mediante análise de nossas fontes, que as folhas locais angariaram maior importância no último quartel do século XIX, quando os jornais demonstraram fôlego e exerceram papel fundamental nos debates políticos, bem como na defesa de modelos de civilidade.

³¹ Segundo Nobre ([1974] 2006), a imprensa cearense obteve maior estabilidade nesse período, tendo os partidos políticos expressado suas disputas a partir daquele momento no parlamento e através da imprensa. No mesmo sentido, Fernandes (2004) pondera que o jornal oitocentista se tornou mecanismo de comunicação, apresentação social, política e partidária. A um só tempo ele funcionava como aparato de defesa para as críticas da oposição, espaço de associação, mas também davam lugar a ocasionais divergências. De modo que “quando ocorriam cisões entre partidários”, buscava-se rapidamente “criar outro periódico” (Fernandes, 2004, p. 32).

³² Como pondera Pinheiro Filho (2014), Fortaleza na segunda metade do século XIX, foi menos uma cidade das letras que de analfabetos. Mas foi também, nesse mesmo período que se deram condições estruturais para a circulação e um maior uso de objetos impressos. O crescimento do número de escolas, gabinetes de leituras, livrarias e o surgimento da biblioteca pública (fundada em 25 de março de 1867) apontam nesse sentido. Na sua dissertação, esse autor destaca como a Biblioteca Provincial do Ceará foi um lugar destinado a leituras do público em geral, onde além do acesso a livros, havia a disponibilidade de jornais locais, nacionais e estrangeiros que eram recebidos pela biblioteca com contínua frequência.

A presença dos jornais se tornou cada vez maior no cotidiano e nas relações do espaço urbano da capital³³. No entanto, como Fernandes (2004, p. 43) alerta, embora se vissem quase como “missionários” para o desenvolvimento e progresso do povo cearense, sendo “instrumento” capaz de dar uma correta e “adequada leitura sobre o espaço” urbano e social provinciano, isso não ocorria de forma homogênea. Haja vista que, a capital cearense contava, em 1887, com uma população “de cerca de 27 mil habitantes” e apenas um terço dessa população sabia ler. A maioria dessas pessoas não tinha condições sequer de comprar, de forma regular, um exemplar daqueles jornais.

Contudo, as folhas locais se tornaram símbolo e porta vozes das instituições mais poderosas. Abriram um espaço privilegiado onde as autoridades, profissionais liberais, intelectuais e, em muito menor grau, a população comum tinha acesso ao noticiário do cotidiano citadino ou provincial, inclusive às novidades vindas ou propagandeadas dos grandes centros. Para tanto, uma série de mudanças estruturais foram necessárias, dando lugar aos jornais, para que se tornassem efetivamente um espaço mais atrativo e mais receptivo ao público leitor e, potencialmente, aos ouvintes desse mesmo.

De fato, as notórias mudanças no formato, a diversificação gráfica e a adoção de outras tipologias de textos dentro do suporte jornalístico denotavam profundas transformações nas folhas fortalezenses. Embora editoriais, artigos e notícias ainda privilegiassem assuntos relativos à política e à economia, agora, seções que primavam pelo relato do cotidiano e entretenimento, tornavam-se maiores e cada vez mais recorrentes.

Podemos notar essa profunda diferença ao analisar uma das primeiras edições do jornal “Pedro II” (1840-1889)³⁴, o qual em 14 de outubro de 1840, apresentava um arranjo simples. Com tamanho de folha menor, formatado em apenas duas grandes colunas escritas, onde sobrepunha seções diversas e ainda embrionárias, com uma fonte pouco espaçada e confusa. Esse modelo, como veremos a seguir, já se encontrava superado completamente, duas décadas depois.

Naquela edição de número 4, por exemplo, destacava-se um longo texto de

³³ Fernandes (2004), quando fala da atitude dos letrados do século XIX e sua ação político-partidária, destaca como eles se entendiam como capazes de interferir e transformar o universo iletrado do final daquele século. Para essa autora, a literatura e os jornais foram parceiros diretos, que almejaram a função de arautos do saber e da verdade sobre a sociedade local. A comunidade iletrada, inclusa, visto que essa cada vez mais era absorvida, de forma unilateral, pelas imagens das letras, pelo eco que vinha de dentro das tipografias, bibliotecas, gabinetes ou das leituras em voz alta nas praças e casas adentro.

³⁴ Jornal ligado ao Partido Conservador cearense. Teve sua publicação iniciada em 12 de setembro de 1840. Iniciou publicando às quartas e aos sábados, tendo posteriormente sua publicação diária, excetuando-se “dias santos” (Stuart, 1924; Nobre, [1974] 2006). Trazia, na sua estrutura mais perene, um texto inicial como editorial, seguido por notícias do interior da província, uma coluna chamada factos diversos e pela publicação de um folheto na sua primeira página.

confronto político com o grupo liberal, visto que seu adversário era dominante na província naquele momento, o discurso político formava praticamente um bloco único dentro do periódico (Pedro II, 1840)³⁵. Naquele momento, que marcou o início de algumas das mais longevas folhas cearenses oitocentistas, não havia grande espaço para notícias do cotidiano. O destaque, como se percebe, concentrava-se nos embates entre as correntes políticas e os seus respectivos grupos locais em disputa.

Os jornais, embora já noticiassem, pontualmente, os crimes cometidos, tanto na capital, quanto nas maiores vilas do interior da província, ainda não destacavam esses textos dentro de colunas fixas específicas, nem possuíam diversidade nos gêneros textuais para lidar com essas narrativas.

A violência e o crime³⁶, contudo, já deixavam marcas notórias em Fortaleza e na província como um todo³⁷. Catalisados em sua forma física (agressões, ferimentos, homicídios) e moral (ofensas a honra, raptos, injúrias), manifestavam-se diuturnamente em terras cearenses. O revide era a chave para a resolução, desde os dramas familiares, dos conflitos e disputas do cotidiano, até mesmo entre os “poderosos”; o que demonstrava soberbamente que a realidade da maior parte do povo se distanciava em muito das normas existentes e exigidas.

³⁵ Ver Anexo A, ao final desse trabalho.

³⁶ Estudos como os de Vieira Júnior (“Entre paredes e bacamartes: história da família no sertão: 1780-1850”) e de Pimentel Filho (“A produção do crime: violência, distinção social e economia na formação da província cearense”) são determinantes para compreensão desses conceitos nesse período. Esses dois autores conseguem discernir como as condutas individuais ou o fazer coletivo da época estavam permeadas pela violência desde as rixas familiares até as disputas políticas para os cargos majoritários. Uma violência que embora atravessasse as diversas camadas da sociedade, era sempre apropriada de forma diferenciada e limitada a determinados grupos, mas percebida, inúmeras vezes como um artifício legítimo na autodefesa ou na defesa da honra, da família ou da sociedade (Vieira Júnior, 2002; Pimentel Filho, 1998).

³⁷ Como aponta Braga Júnior (2018) em seu trabalho sobre criminalidade feminina no século XIX, os crimes violentos ocorridos na província do Ceará na segunda metade do século aumentaram significativamente. As autoridades, no entanto, fortaleciam um discurso ambíguo que hora afirmava uma pretensa índole pacífica do povo, sua dedicação ao trabalho e sua confiança nas instituições, ora relacionava a violência e os crimes cometidos como devidos à falta de educação, costumes atrasados, vícios e aos hábitos de carregar armas ou ainda a defesa violenta da honra feminina, ainda amplamente praticados pela população segundo essas mesmas autoridades.

Tabela 1 – Crimes violentos e contra a propriedade na província do Ceará (1851-1880)³⁸.

Tipificação	1851-1858³⁹	1859-1869	1870-1880⁴⁰	Total
Homicídios	192	266	697	1.155
Tentativa de hom.	36	54	252	342
Ferimentos graves	406*	427	827	1.660
Ferimentos leves	-	313	698	1.011
Armas defesas	75	109	23	207
Furto	35	72	143	250
Roubo	22	57	161	240

Fonte: Figueiredo Junior (*apud* Braga Júnior, 2018, adaptado).

Tal como se percebe, na análise dessa tabela, ocorreu na segunda metade dos oitocentos, um aumento significativo no número de crimes violentos. Isso se deu, de certa maneira, pois os fortalezenses, assim como os demais cearenses, continuavam a viver em uma sociedade marcadamente rural, violenta e autoritária, onde a brutalidade dos gestos e das ações, transfigurava-se na norma geral. Práticas violentas de solução de conflitos, a ausência ou ineficiência do arbítrio estatal, a manutenção ferrenha de costumes e formas menos civilizadas de sociabilidades, eram coisa comum no período (Vieira Júnior, 2002).

Geralmente explicados sob o estigma do atraso educacional, dos frágeis vínculos morais e religiosos e na tácita aceitação da força física como garantia da ordem e dos direitos individuais, muitas vezes, parte das próprias autoridades e muitos membros da elite, quando lhes era conveniente, percebiam a violência como um meio normal na resolução dos conflitos. Era perceptível que, na maioria dos jornais daquela época, no interior da província ou na própria capital “grandes proprietários recorriam ao emprego da violência para resolver embates diversos que podiam percorrer muitas esferas [...]” (Braga Júnior, 2018, p. 41).

Não deve surpreender, pois, que as sensibilidades e o imaginário⁴¹ dos

³⁸ Número relativo ao termo “ferimentos” não especificado/diferenciado na fonte. Aqui contabilizados como ferimentos graves. “Armas defesas” segundo o Código Criminal de 1830 era relativo a utilização de armas proibidas ou mantidas sem ter permissão da posse e do uso.

³⁹ Dados elencados a partir do Relatório do Presidente de Província José Bento da Cunha Figueiredo Júnior (1862) (Braga Júnior, 2018).

⁴⁰ Dados reunidos a partir de Relatórios de Presidente de Província (1859-1880) coligidos, cotejados e reorganizados por Figueiredo Júnior (*apud* Braga Júnior, 2018). Segundo ele, faltam dados para o ano de 1879.

⁴¹ Estamos partindo da compreensão de “sensibilidades”, nesse período, enquanto o lugar primário de percepção e tentativa de tradução das experiências no mundo e das maneiras como indivíduos e grupos sociais se davam a perceber. Elas eram expressas não apenas por “atos, ritos, palavras e imagens”, mas também em “objetos”, ou seja, na “materialidade do espaço construído” (Pesavento, 2005, p. 34). Seguindo Roger Chartier, a autora destaca a necessidade de analisar a literatura e aqui acrescentamos, a escrita jornalística, enquanto representações do real que podiam apreender as sensibilidades ou sintonia fina de uma época. Essas produções escritas poderiam apontar para os modos de pensar, sentir e agir e representar o mundo. Enquanto representações, sintomas de uma época que corresponderiam ao sistema de ideias e imagens dos homens de outro tempo,

fortalezenses tivessem se constituído a partir do contato cotidiano com atos ou práticas violentas. Era uma outra época, com formas diversas de sociabilidade, em que o crime, mesmo através dos relatos marcados pelo grotesco⁴² e pela infâmia⁴³ tinham espaço certo. Com efeito, o crescente destaque dessas narrativas dentro dos jornais pode ser entendido também, como uma forma ambígua com a qual, aquela sociedade lidava com a violência e com os relatos em torno desses atos (Hobsbawn, 2016).

Nos jornais, a violência e os crimes, sobretudo, aqueles resultantes das disputas entre grupos e famílias que disputavam o poder na província, é que ganhavam destaque. Por isso, é importante ressaltar que, embora fossem raros nesse período inicial das publicações locais, os *faits divers* sobre crimes violentos tiveram, certamente, nesses primeiros relatos de crimes políticos e/ou de larga repercussão, seus antecessores mais diretos. Dentro de uma época, em que o espaço gráfico privilegiava o embate entre grupos políticos adversários, não havia uma coluna ou seção específica para essas narrativas. Todavia, o lugar para esses relatos começaria a ser sedimentado, por meio dos conflitos políticos e de suas incontornáveis tragédias naquele período:

– Communicado –

– Attentado horrivel. –

Huma assombrosa catastrophe acaba de succeder nesta Capital a 8 do corrente pela 8 horas da noite pouco mais ou menos. Pouco depois da 7 horas tinha se recolhido o Major João Facundo de Castro e Menezes com sua familia de hum passeio que haviaõ feito neste dia, e estava recostado a janella conversando com sua Senhora, e hum homem da Villa da Imperatriz, que tinha hido entregar huma carta, quando contra elle feros assassinos dispararaõ dous tiros ao mesmo tempo, foraõ empregarse as balas na victima infeliz, que expirou no mesmo instante sem proferir hum ai sequer! Taõ horroroso acontecimento he caso virgem nesta Cidade onde naõ há memoria que já mais se tenha praticado acto semelhante e onde os assassinatos saõ taõ raros. O facto em si mesmo, a maneira por que elle foi praticado, a auzadia dos assassinos em rua publica e muito frequentada, a consternação em que fica sua familia, tudo inspera horror!! A ferocidade e a malvadesa foi tal que nem a proximidade da espoza, e do hospede foraõ capases de conter o foror dos sicarios!

atribuindo-lhes lugares ou sentidos e uma função. Compondo, portanto, um sistema de ideias e imagens de representação coletiva [“imaginário”] o qual teria a capacidade de criar e operar sobre o real (Pesavento, 2002, p. 8-13).

⁴² Conforme Sodré e Paiva (2014), a palavra grotesco sempre esteve associada ao disforme e ao onírico, prestando-se a transformações metafóricas que ao longo da história foram tendo seu sentido ampliado. De substantivo restrito à avaliação estética de obras de arte, se tornaria adjetivo empregado pelo gosto generalizado capaz de qualificar desde discursos, indumentárias e a comportamentos sociais. Wolfgang Kayser (1986) em trabalho clássico de 1957, entende o grotesco como um “mundo alheado”, desarticulado e estranho o qual seria uma forma de constante supratemporal de algo negativo, mas tragicômico que se repetiria ao longo da História de formas diversas. Enquanto polo oposto do sublime, o grotesco desvelaria toda a sua profundidade, pois assim como o sublime – à diferença do belo – dirigiria o nosso olhar para um mundo mais elevado, sobre-humano, do mesmo modo abrir-se-ia no ridículo-disforme e no monstruoso-horrível do grotesco um mundo desumano do noturno e abismal.

⁴³ Nos dicionários do período, o termo “Infâmia” tinha como significado: “descredito, ignominia, má fama; Infame: *fig.* Vil por seus maos costumes, vícios, etc” (Pinto, 1832, n. p.). Já “Grotesco”: “o mesmo que grotesco: adj. Ridículo; caricato [...]” (Figueiredo, 1913, n. p.).

desses desalmados que hiaõ immolando mais duas victmas á sede de sangue que os devorava, pois foraõ igualmente feridos ainda que levemente a espoza e o hospede [...] (Pedro II, 1841, p. 2).

Podemos observar que o comunicado do assassinato do líder liberal João Facundo de Castro e Menezes⁴⁴, pelo jornal conservador “Pedro II”, indicava que, mesmo nos primórdios da imprensa escrita cearense, já havia destaque para o relato do crime. Deixando, pontualmente de lado as disputas políticas com o grupo rival, o jornal por meio de considerável nota, colocava a disposição do público uma narrativa bem ao gosto da época, em que detalhes trágicos e violentos eram realçados e o assassinato recebia um minucioso e dramático relato.

Esse crime foi, de certa forma, uma exceção, não que assassinatos fossem incomuns em Fortaleza, como desejava transparecer a própria narrativa acima. Mas, a novidade era por este atingir diretamente uma das principais figuras políticas dentro da capital. Ainda que os crimes políticos tivessem larga tradição, em uma cidade diminuta como Fortaleza e, em pleno processo de reorganização política, no início do segundo reinado, esse aspecto ganhava muito mais destaque.

Um momento em que os periódicos ainda eram de reduzida circulação e onde a sociedade local era, repita-se, majoritariamente iletrada⁴⁵, o relato escrito do crime servia para reafirmar o poder e a influência dos poderosos sobre a população e a manutenção da ordem como um todo. Na capital ou nas pequenas vilas, o informe de crimes contra indivíduos da elite recebia grande destaque pois, não raras vezes, esses acontecimentos também margeavam os já tradicionais embates políticos maiores:

Quixeramobim 21 de setembro de 1853.

« Hontem pelas oito horas do dia a vista da maior parte dos habitantes desta villa, e defronte do quartel da força de linha que aqui esta destacada foi barbaramente assassinado o infeliz coronel Domingos Victor de Abreu!

« Seus gritos pedindo socorro forão ouvidos de quaze todas as pessoas que moram no largo em que fica sua caza que he o lugar mais publico da villa; foi de pronto

⁴⁴ Esse crime teve grande repercussão dentro da província e embora um inquérito policial tenha apontado para os executores, de origem popular, os mandantes do assassinato do líder político e vice-presidente da província naquele momento, nunca foram oficialmente descobertos ou punidos. Suspeitando-se, mesmo na época, que fosse crime encomendado pelos adversários políticos. O que certamente demonstrava diretamente uma das características do período, o combate ao crime e a manutenção da ordem obedecia a cores partidárias e a punição recaía somente nos criminosos que não conseguissem proteção dos poderosos (Farias, 2012; Montenegro, 1980).

⁴⁵ Interessa lembrar que, mais de três décadas depois, o recenseamento datado de 1º de agosto de 1872 e publicado pelo jornal “Cearense” em 1875, a população livre da província do Ceará chegava a cerca de 689.773 pessoas, dessas uma minoria sabia ler e escrever. A população masculina livre contava com 350.906, dos quais somente 58.657 eram alfabetizados, cerca de 16,71%. Entre a população feminina livre, cerca de 338.867, apenas 20.903 ou seja aproximadamente 6,16% dessas mulheres sabiam ler e escrever. Outro dado interessante desse censo era que a população parda superava a branca em ambos os gêneros nesse período (Cearense, 1875a, p. 3).

acodido, mas ja não achamos os sicarios, apenas lhe ouvimos suas ultimas palavras de agonia. Curumbé, disse elle ao chegarem algumas pessoas em seu socorro. Esse é o alcunho da fera que lhe delacerou as entranhas com um grande punhal que lhe deixou cravado no peito.

A primeira pessoa que chegou em socorro da infeliz victima foi o padre José da Cunha que mora paredes em meio com elle, e seu primo Tiburcio, e mais trez individuos, que ainda o ouviram dizer destinctamente ja desfalecido no chão: matou-me o Curumbé e ainda repetiu por duas ou trez vezes o nome horrivel dessa hyenna, como clamando justiça contra ella. Essa fera foi preza em continente a exforços (sic) de um rapazinho que ainda vendo-o no seu enfenal sacrificio clamava que o prendessem, que o tinha visto matar o coronel Abreu, e sahio correndo atraz delle que gritava diante dos meninos acudão o coronel Abreu!

« A poucos passos da villa foi prezo por dous homens valerosos (sic) que souberam afrontar todo o perigo em desafronta da sociedade tão gravemente offendida, e conduzindo-o a vista do Dr. Juiz de direito ahi confessou ainda todo ensanguentado que tinha perpetrado o horrivel crime de companhia com um tal Francisco dos Santos por mandado de D. Maria mulher do assassinado! E d'alli conduzido a caza do delegado repetiu sua confissão diante de muitas pessoas. O delegado o mandou metter na prizão, e partio sem demora acompanhado do escrivão Castro com dezesseis praças montadas para a fazenda da victima em seguimento do outro cumplice, e ate hoje as 2 horas da tarde ainda não chegou [...] (O Cearense, 1853a, p. 1).

Essa notícia tinha sido amplamente destacada na folha liberal, “O Cearense⁴⁶”. A edição, do dia 27 de setembro, abria com um editorial exuberante: “mais um assassinato horrivel”, seguido de uma longa transcrição de uma “correspondencia”, narrando dramaticamente o crime. Isso nos faz perceber que a fórmula folhetinesca⁴⁷ não se reduzia à literatura e ao jornalismo, porém se tornava recurso narrativo comum em outras formas de relato. Finalmente, essa publicação encerrava a notícia que ocupara uma folha inteira, pontuando os desdobramentos mais diretos do crime.

Braga Júnior (2018) destaca que, apesar de haver rixas pessoais e grandes rivalidades políticas entre a vítima e membros do Partido Conservador local, fora outra a motivação do assassinato do dito coronel, Abreu. Essa sim, responsável pelo choque externalizado pelo periódico no seu longo editorial: “este facto e de uma audacia tão grande que faz levar o terror à todas as familias, e reclama severa punição, sem o que sera preciso entregar a sociedade aos tigres”.

No caso, o choque surge da rápida descoberta: o mandante do crime havia sido a

⁴⁶ Jornal ligado ao Partido Liberal. Rivalizava diretamente com o “Pedro II”, conservador. Iniciou sua publicação em 4 de outubro de 1846. Teve como seus fundadores Frederico Pamplona, Tristão Araripe (conselheiro) e Thomas Pompeu (senador) (Stuart, 1924; Nobre, [1974], 2006). Publicado inicialmente as segundas e quintas feiras. Trazia na primeira página notícias internacionais ou editoriais políticos, seguidos por artigos e textos diversos. Inicialmente o título trazia o artigo “O”, o qual seria abandonado nas décadas seguintes.

⁴⁷ As narrativas no modelo dos *faits divers* criminais adotaram, desde cedo, características literárias que em muito se assemelhavam aquelas compartilhadas com os folhetins do período. Poucos personagens, narrativa com acontecimentos surpreendentes e uma trama simples e atrativa (Tinhorão, 1996) pelas sensações que proporcionava aos leitores. Como afirma Meyer (1996), essa narrativa espetacular era ela mesma tributária direta de gêneros literários e narrativas orais antigas, mas também deviam seu poder de atração com os seus caracteres dramáticos, ao teatro.

própria esposa da vítima, Dona Maria Lessa. O que era visto nas folhas locais com “extremo horror” ou como “a mais negra das traições”, revelando um longo conflito entre o modelo de feminilidade e as mulheres reais que não correspondiam às idealizações (Braga Júnior, 2018). Revelava também, a distância entre a aspiração de ser uma sociedade civilizada e ordeira, mas, ainda mergulhada nas tradicionais práticas de violência, esta que era aplicada para demonstrar força, intimidar inimigos, reafirmar honra ou se desfazer de seus estorvos.

Entretanto, entre a população comum e mais pobre, o mais provável é que essas narrativas circulassem pela oralidade, mediante o impacto que causavam, refletindo o crime como parte incômoda, mas banal do cotidiano⁴⁸. Essas histórias, no entanto, nunca cristalizadas em uma fórmula única e coerente de relato, retornavam ao público por meio da leitura direta ou dos comentários dos leitores para ouvintes nos ambientes públicos, onde, no período, como de praxe, podiam ser compartilhadas, debatidas e propaladas aqueles que não tinham condições de acessar a leitura formal dos periódicos.

O relato jornalístico do crime antes de meados do século ainda era pontual e aparecia somente de forma extraordinária. Ademais, o insólito aqui também era uma questão de classe. A categoria social dos implicados, as motivações, a violência empregada, bem como o mistério e as idas e vindas na sua resolução, eram determinantes para que um crime se destacasse nos jornais (Fausto, 1984). Desse modo, os crimes geravam repercussão por duas vias: quando atingiam diretamente indivíduos das elites, ou quando eram suficientemente grotescos e violentos a ponto de render relatos dramatizados. Em qualquer um dos casos, depois de 1850, os periódicos seriam um poderoso meio pelo qual eles repercutiriam dentro da sociedade provinciana.

No primeiro caso, tentavam fazer as frágeis instituições operar, fosse a polícia, fosse a justiça, visto a importância e o poder das vítimas ou dos criminosos envolvidos. No segundo, geralmente centrados em pessoas desconhecidas, só ganhavam relevância na construção dos chamados *faits divers* em sua composição clássica⁴⁹, como relato de crimes bizarros e violentos, gerando narrativas sangrentas que se espalhariam pelas folhas

⁴⁸ O contato entre leitores e periódicos era frequente desde a década de 1850. Geralmente ocorria por meio de colunas como “A pedido”, onde não raras vezes leitores/correspondentes do interior da província ou da capital comentavam matérias de números anteriores, criticavam as folhas adversárias ou davam suas versões sobre fatos ocorridos e que eles tivessem “testemunhado”.

⁴⁹ Segundo Dominique Kalifa (2019), a descrição tradicional do *fait divers* é centrada em elementos pitorescos e numa busca por causar horror, tendo por principal preocupação o ato de moralizar os possíveis leitores. Essa forma de relato foi típica da segunda metade do século XIX. O autor afirma que tal narrativa sobre o crime foi gradualmente sendo modificada a ponto de ceder lugar para o levantamento dos fatos e sua devida investigação, os quais se tornariam prioritários a partir das primeiras décadas do século XX. Isso posto, sobretudo, tendo em vista a imprensa francesa a qual é o objeto principal da análise do autor.

fortalezenses, sobretudo nas três últimas décadas do século.

Mas, o crime e os seus relatos chegaram aos jornais e passariam a ser algo cada vez mais rotineiro. Evocando a tradição oral que há muito contava com narrativas sobre atos terríveis ou feitos atrozes, esses relatos faziam parte de um fenômeno maior da cultura ocidental naquele momento. Afinal, se o crime gerava fascínio desde tempos imemoriais, os seus relatos escritos nos jornais do século XIX se relacionavam ambigualmente com o imaginário popular. Por sua vez, a comoção que este gerava, inspirava uma diversidade de produtos que provam como essas narrativas constituíram uma produção que soube se adaptar às transformações históricas e não eram apenas uma estrutura fixa reduzida às mesmas fórmulas e temas (Kalifa, 2019).

A imprensa local no século XIX, mesmo de forma incipiente⁵⁰, revelava nuances próprias de sua época. Naquele século, o discurso jornalístico reverberava ou se contrapunha às forças políticas hegemônicas. Sua escrita era reativa e, geralmente, acerca do *outro*, fosse ele qual fosse. Além disso, fundamentava-se, não raras vezes, na proximidade com o poder e na pretensão da autoridade sobre o social. Em suma, os discursos dentro das folhas oitocentistas revelavam uma demarcação do poder sobre quem estava sendo inscrito.

Na análise sobre o crime e, sobretudo na escolha dos *faits divers* como objeto, devemos perceber como esses relatos reafirmavam antigas demarcações do *senso comum*, ao mesmo tempo, em que apontavam para sutis mudanças na produção e articulação dentro do fazer jornalístico da época, já que, a concepção sobre notícia, para os responsáveis pela produção jornalística, mesmo que existissem divergências consideráveis, não deixava de resultar de antigas formas de contar estórias (Darnton, 2010).

Claro que, isso não se deu de qualquer maneira, ocorreu gradualmente junto a um conjunto de transformações físicas e sociais ocorridas nos maiores centros brasileiros, sobretudo, nas capitais, na segunda metade dos oitocentos⁵¹. É justamente a partir de meados

⁵⁰ É necessário destacar que a imprensa local embora diminuta, pelo contato que mantinha com jornais de outros províncias e mesmo de outros países, procurava aproximar-se dos modelos europeus. Todavia, na análise daquelas folhas fica patente a distância entre o alcance e circulação dos jornais locais com seus congêneres europeus. Por isso mesmo, as mudanças nos modelos e nos traços narrativos não absorveram simultaneamente as transformações ocorridas na Europa, mas levaram seu tempo e se concentraram numa outra escala, como demonstraremos no próximo capítulo. Enquanto na Europa, sobretudo na França os modelos narrativos já haviam se transformado para dar conta de outras demandas, aqui isso só vai se estabelecer definitivamente nas primeiras décadas do século XX como bem demonstrou o trabalho de Fonteles Neto (2015).

⁵¹ Fortaleza, a partir da década de 1860, tinha iniciado investimentos de maior vulto em melhorias estruturais capitaneadas pelos lucros de suas atividades comerciais e das agrícolas do interior. Percebe-se nesse período não apenas a reconfiguração física de parte da cidade, mas uma maior diversificação e dinamização da sociedade. No entanto, essa mesma via-se constantemente forçada a lidar com uma crescente massa de indesejáveis (a maioria desses oriundos do interior nos períodos de grande estiagem) que perambulavam pela cidade, pedindo esmolas, ocupando praças e ruas e agredindo a sensibilidade daqueles que se diziam mais civilizados (Girão, 1997;

do século que encontraríamos grandes mudanças estruturais e na dinâmica social, local, que permitiriam a consolidação das narrativas sobre crime dentro dessas folhas.

Caso comparemos aquela edição, anteriormente destacada do periódico “Pedro II”, com a de 11 de janeiro de 1860 [número 1980], já encontramos um formato bastante diverso daquele dos primeiros exemplares. Os aspectos apontados anteriormente já eram notados, mas dentro de um layout mais limpo, organizado e complexo. Em quatro longas colunas, o texto fluía, ocupando o espaço de quatro páginas, sendo essas divididas em várias seções com títulos, subtítulos e diagramação diferenciada (“parte oficial”, “noticiário”, “Ceará”, “correspondencias”, “a pedido”, “edital” e uma considerável quantidade de “anuncios”) (Pedro II, 1862a).

Geralmente, ocupando a página de número 2 ou 3, dentro desses periódicos, colunas que noticiavam o cotidiano e mantinham o contato com os leitores eram destacadas: “correspondencias”, “a pedido”, “variedades”, “factos diversos”, “noticiário”, “transcrição” etc. Uma coluna própria sobre assuntos policiais também surgia, “Parte da Policia”, esta que pontuava sobre as ocorrências principais na capital e no interior da província do Ceará:

Parte da Policia.

Nenhuma occorrenca se deu no districto desta capital durante os dous últimos dias, além das prisões a ordem do respectivo delegado de João Vieira da Silva e Marcolino de tal por desordens.

Nos de mais, porém consta que occorrera o seguinte:

No do Aquiraz fugiram da prisão Manoel Firmino Gadelha pronunciado ali no artigo 116 do código criminal e Miguel dos Anjos criminoso por ter raptado uma menor de 14 annos de nome Francisca.

Acaba de ser processado pelo delegado de Maranguape o criminoso de morte na Jubaia José Pedro do Nascimento que foi pelo de Baturité capturado á dous mezes.

E finalmente á requisição do delegado d’este termo foi presa pelo subdelegado da Jubaia Leandra de Tal sobre quem pesão graves suspeitas de ser cumplice na morte de seo marido praticada naquele districto.

Mataram-se para o consumo desta cidade no dia 24 do corrente 20 reses e hontem 20.

Secretaria da policia do Ceará, em 26 de março de 1862.

O secretario interino,
Joaquim José Alves Linhares

Criança abandonado. (sic) – Refere a parte da policia do dia 6.

«No dia 25, do mez passado Maria Candida, casada com Delfino José Pereira, morador no lugar – Jacaré-grande –, dando á luz no matto proximo á sua casa, no termo de Cascavel; deixou ali em completo abandono o recém-nascido. Propalando o marido – que sua mulher abortára, alguns vizinhos, suspeitando couza differente, pacuraram (sic) o matto e encontraram dentro de uma moita a criança de bruços. ».

Polygamia. – Da parte da policia, publicada na folha official, consta que fora preso no Ipu João Felix Moreira, pronunciado no termo de S. Francisco por crime de polygamia!

Não se contentou com uma só:

Ferimentos. – No Ipú alguns desordeiros feriram gravemente ao soldado de policia Gonçalo José da Silva, e levemente a José Francisco de Oliveira e a mulher deste.

- Nesta capital Joanna Maria de Jesus feriu a Ângela Maria da Conceição (Pedro II, 1862a, p. 3; A Constituição, 1871a, p. 2; Cearense, 1875b, p. 2, grifos do autor).

Essa nova coluna introduzia uma pequena crônica sobre acontecimentos cotidianos. Noticiava prisões e ocorrências criminais diversas, desde delitos pontuais de desordem, a crimes de maior monta, finalizando com o registro do abate de animais, algo ainda, na época, sob incumbência oficial da polícia em relatar⁵².

Percebe-se que, tratava-se de um comunicado jornalístico policial ainda em seus primórdios, reverberando nos próprios ofícios das autoridades, principalmente, vista a assinatura do secretário, no primeiro caso, o que demonstra que essas colunas inicialmente publicavam *ipsis litteris*, as notas ou ofícios lançados pelos chefes de polícia e demais autoridades ligadas ao controle e ordenamento da província:

N. 130 Secret^a da Pol^a do Ceará
Em 20 de fevereiro de 1864

III^{mo}. E^{mo}. Sr.

Participo a V. E^a. que esta capital se conservou tranquila hontem.
Foram presos á ordem do Delegado de Policia, Pastora Clementina e Maria de Jesus por estarem brigando e Manuel Bizerra por embriaguez; e a ordem do subdelegado do 2^o. Districto, Francisca da Conceição Couro Grosso, Arcenia Couro Grosso e Maria de Tal vulgo- Mão de folle por disordens. [...]

Deus guarde V.E^a.

III^{mo} e Emo Sr. D or. Lafayette Rodrigues Pereira
Presidente da Província.

O Chefe de Polícia
Antonio Joaquim Buarque de Nazareth (Ceará, 1864, n. p.).

Essa proximidade com autoridades não era estranha, uma vez que, ocasionalmente, um daqueles (maiores) jornais fortalezenses, transformava-se em representante oficial junto ao governo daquele momento. Como se pôde perceber acima, as notas, os relatórios e posicionamentos oficiais eram compartilhados através das “folhas oficiais”⁵³ para a sociedade da capital e das vilas do interior. De igual modo, percebe-se como os critérios de noticiabilidade⁵⁴ eram diversos nesse período. O chavão de noticiar seguidas

⁵² As fontes indicam que esse tipo de informação migra de forma definitiva para a rubrica “Matadouro Publico” ainda no começo da década de 1860. Tornando-se cada vez menos recorrente ao longo das décadas seguintes.

⁵³ Os próprios jornais utilizaram essa expressão como forma de reconhecer e/ou criticar a ligação direta entre o jornal que recebia esse epíteto e o governo da província. Geralmente, ocorria do noticiamento oficial, ligado a atos, decisões ou posicionamentos de autoridades, leis e normas serem publicizados nessa folha tida como “representante” do governo. Sendo que os jornais cearenses, na sua diversidade política, encamparam essa prática como costume e agiam de forma a legitimar e defender o partido ao qual estavam associados quando esse chegava ao poder.

⁵⁴ Considere-se que para ser notícia, uma informação precisa cumprir certos critérios de noticiabilidade, enquanto um conjunto de valores-notícia que determinam que um dado acontecimento pode ser transformado em

vezes a manutenção da tranquilidade, ou que nada ocorrera para perturbar a paz da cidade, foram particularidades próprias dessa época, tanto nos ofícios das autoridades policiais, quanto nos jornais.

Conservadores junto dos jornais “A Constituição” e “Pedro II”, ou liberais através do “Cearense” e da “Gazeta do Norte”, os periódicos, muitas vezes, funcionavam como órgão de governo. Esse aspecto nos ajuda a entender o porquê na maior parte da década de 1860, da rubrica da “Parte da Policia” ser uma exclusividade do jornal “Pedro II”, dada à sua relação direta com o governo conservador. Essa aparente exclusividade e os embates que daí surgiam, levavam a diversos conflitos que geravam réplicas e tréplicas contínuas entre os jornais, como se percebe entre o “Pedro II”, “Cearense” e “A Constituição”, na década de 1870:

Parte da policia do dia 7 de julho de 1870 – [...] Cópia de cópia. (sic) – Delegacia de policia do Acaracú, 28 de julho de 1870. – Illm. Sr. – Accuso a recepção de officio de V. S^a. de 23 do corrente mez sob nº. 938, que tem por objecto as accusações insertas no periódico *Cearense* de 19 do corrente mez sob epigrafe Acaracú, na parte que diz respeito á esta delegacia. – Cumpre-me significar á V. S^a. que semelhante accusação é por demais exagerada, por quanto tenho sempre residido dentro d’esta villa, não obstante morar em minha fazenda Cruz, distante d’aqui uma legua [...] – Não tenho presentemente desaffeioado particular que podesse fazer-me accusações d’aquella ordem, á não ser o mal entendido espirito de partido, tanto mais porque a opposição tem lançado mão do inverosimil, como um meio de apressar sua ascensão ao poder. – Deus guarde á V. S^a. – Illm. Sr. Dr. Henrique Pereira de Lucena, M. D. chefe de policia d’esta provincia. – *Albano José da Silveira*, delegado de policia. Conforme. O official-maior interino, *Estevão Sabino de Moura*.

Impunidade dos sicários. – [...]

Não há dia em que o *grande* órgão do liberalismo não faça *troar os ares* com tremendas increpações a policia; mas á proporção que se procura indagar os factos que dioturnamente são imputados ao deleixo (sic) e frouxidão da autoridade, se vai conhecendo o descaso e o pouco criterio do periodico que impõe a dura tarefa de phantasiar crimes para descredito seu e da provincia.

Disto temos todos os dias provas irrecusaveis nessa *pagina de sangue* com que tenta o contemporâneo entreter seus leitores.

Segurança publica. – [...] Não costumamos phantasiar factos criminosos, que nunca tiveram lugar, como falsamente affirma a folha official.

As noticias que dammos de assassinatos, ferimentos etc. são nos transmitidas por pessoas de criterio ou tiradas, algumas vezes da propria parte da policia, que sempre é omissa e infiel a verdade.

A publicação dos factos criminosos não tras o descredito para a provincia, como pensa a folha do governo, revela sómente a desmoralisação e frouxidão da

matéria noticiável. Houve, conforme defende a análise de autores renomados na área, mudanças consideráveis no jornalismo e em suas estratégias editoriais durante o século XIX. A ênfase passou a ser, nos periódicos dos maiores centros europeus ocidentais e nos Estados Unidos, o noticiamento do cotidiano local, temas de interesse popular, reportagens de caráter sensacionalista com uso de narrativas de crimes, tragédias, escândalos e fatos surpreendentes (Traquina, 2005). Não se estranha, portanto, que as folhas brasileiras, mesmo na pequena província do Ceará, tivessem buscado se adequar aquilo que já estava se consolidando noutros centros de referência. Portanto, o valor-notícia do que se publicava naquele momento dizia respeito a acontecimentos que podiam ser considerados necessários, interessantes, significativos e relevantes para serem moldados enquanto notícia (Wolf, 2006).

autoridade na repressão deles. [...] (Pedro II, 1870, p. 2; A Constituição, 1875a, p. 2; Cearense, 1875c, p. 3, grifos do autor).

Os confrontos entre as folhas de campos ou grupos políticos antagônicos importam aqui justamente, porque eram comuns, não apenas as críticas, os questionamentos, mas provocações e, mesmo, o achincalhe entre os jornais adversários dentro do jogo político. Contudo, seriam os usos do noticiamento criminal que, transformados em artifício de ataque, revide ou deboche, dariam margem para o surgimento e o crescimento desses textos. Não se deve duvidar da eficácia dessas construções narrativas empregadas por todos os veículos jornalísticos citados. Embora, apontassem os exageros e os oportunismos uns dos outros, quando ocasionalmente podiam e lhes beneficiava o uso, cada um desses periódicos trabalhava em grande quantidade, suas próprias “notas de sangue” contra os adversários.

Por meio de artigos, correspondências de partidários no interior, textos pilhéricos etc., eram construídas tramas que tinham como finalidade o choque direto com os oponentes no poder. Afinal, naquela ocasião, as autoridades responsáveis pela justiça, pelo policiamento e pela ordem na cidade e na província eram geralmente todas ligadas ao partido no poder e as folhas “oposicionistas” não poupavam esforços para expor suas queixas, tivessem elas fundamento, ou não.

Não cabe aqui e não é o cerne dessa pesquisa, especificamente, procurar em que ponto e, em que medida, esses textos narravam “a verdade” em denúncias da anuência com crimes cometidos, inoperância das forças policiais, ou mesmo, crimes maiores cometidos por membros da própria justiça e polícia local. Todavia, é importante destacar que, mesmo na construção desses embates e provocações, abriu-se espaço considerável para a utilização de uma gama diversa de textos, inclusive no formato tão usual já naquela década de *faits divers*, marcando o confronto diário entre oposição e situação:

É horroroso! – Este Ceará está inteiramente barbarizado.

O Sr. Maciel⁵⁵ ateia-lhe o incendio para ter o praser de contemplar como Nero, com o sorriso aos labios, a destruição da patria!

De todas as localidades chegam nos noticias de novas calamidades, de grandes catástrofes e s. Exc. Recebe-as com prazer quase ferós.

Em Sobral deu-se um facto horroroso, que confrangeu todos os corações sensiveis, menos o do Dr. Maciel que já está putreficado.

No momento em que o rio enchia extraordinariamente, ameaçando innundar a cidade, quando todos procuravam abrigar-se da cheia, o famigerado delegado 2º. supplente em exercicio, mandava algemar e amarrer (sic) e fasia seguir para esta capital alguns infelizes, victimas da feroz caçada humana.

Muitos delles cazados, tendo um 8 filhos.

A desolada esposa deste, no auge do desespero para acompanhar seu marido atirou-

⁵⁵ Aqui se faz referência, provavelmente, ao então Presidente da Provincia, Francisco de Assis Oliveira Maciel (Partido Conservador) (1872-1873).

se ao rio, cuja correnteza era furiosa, e debatendo-se com as aguas, sem forças para galgar a margem, sucumbiu!...

Que quadro pavoroso! Um cadáver de um lado, do outro um desgraçado esposo algemado e amarrado como um faccinoroso, além, 8 creancinhas famintas, chorando a perda da mãe e a falta de seu misero pae! E nada disto faz estremecer o coração do barbaro, autor e unico responsavel por estas scenas de prantos e dores!

Consciencia adormecida, não ouves as lagrimas de tantos desgraçados!

As sobras implacaveis de tantas victimas servirão de remorsos mais tarde, quando voltarem a razão e a calma ao Sr. Maciel. Concluimos esta dolorosa noticia, chamando a atenção dos leitores para a correspondencia de Sobral, que hoje publicamos (Cearense, 1873a, p. 2).

Muitos desses textos, no século XIX, espelhavam as disputas entre grupos políticos representados por folhas antagônicas. Essas narrativas reafirmavam confrontos e críticas políticas, tendo como enredo relatos de crimes cometidos no interior ou na capital. O relato sobre o crime se tornou um artefato narrativo, por meio do qual se podia atingir diretamente o oponente político e ainda angariar apoio e aprovação de parte da população, pois, ao entrar em contato com essas narrativas, ela poderia ser capaz de interpretá-las de forma mais direta do que as disputas tidas como puramente políticas de projetos, fosse para a província, ou para a capital.

Essa proximidade com os leitores, partidários ou ouvintes de primeira hora, era construída, a partir de um forte personalismo presente naquelas estórias. O crime se transformava mediante sua hiperbolização dramática na narrativa dos *faits divers*, uma forma a mais de fortalecer as posições políticas, acordos entre famílias e o combate entre os grupos partidários. Elemento comum em uma época, em que os pleitos políticos e a ocupação de cargos administrativos, significava combates diretos entre partidos e grupos antagônicos:

A derrota, que vão sofrendo os dissidentes, tem-lhes tirado a paciencia, e transtornado a razão.

Só assim se podem explicar as inversões e aleives, de que vem recheiado o Pedro II de hontem.

No dizer do orgão dissidente, os collegios de Baturité, S. Francisco, Cascavel e Imperatriz, soffreram a coacção das bayonetas do governo. [...]

Ainda bem que o eleitorado de S. Francisco começou a quebrar o circulo de ferro, em que apertava o *demonio familiar*, o hydrofobico redactor da folha dissidente.

Chefes de policia. - O *Diario de Pernambuco* sob autoridade de cartas da corte, certamente bem informadas, noticia a remoção do Sr Lucena da chefatura de policia desta província para a da Parayba e do Dr. Serapião da Parayba para as Alagoas. É para os cearenses um grande acontecimento a verificacão dessa importante noticia. O Verres foi afinal punido por aquelles mesmos que a todo transe procuravam sustental-o: mas á força da opinião não puderam resistir.

O Sr. Lucena deixará esta província coberto de maldição: o mal que ele causou a tantos cidadãos para cevar os seus instinctos perversos, será a sua punição: os remorsos de seus desvarios e desatinos são a nossa vingança. Ainda bem. [...] (A Constituição, 1871b, p. 2; Cearense, 1871a, p. 1; grifos do autor).

De fato, importa perceber como esse individualismo e essa dramaticidade⁵⁶ já eram constantes na construção dessas tramas acerca do crime dentro dos periódicos. Procurando comover, chocar e gerar revolta no público leitor, os jornais locais utilizavam-se da construção tradicional do *fait divers* como uma maneira de angariar apoio e se legitimar:

HORROROSO!! – Em Sobral acaba de dar-se um facto horroroso de que não há memoria nem exemplo nos annaes do crime. E foi praticado por um soldado do corpo de policia, actores sempre em quase todas as tragedias que se dão na província.

Eis como nos comunicam de Sobral o facto em data de 23 do passado:

«Vou escrever-lhe esta para comunicar-lhe um crime horroroso que se deu n’esta cidade na noute de 21 do corrente. Parece incrível, e nem tenho noticia que a historia tenha registrado em facto tão atroz.

Na noute de 21, como disse, um soldado de policia do destacamento d’esta cidade de nome Joaquim Pinto de Moura, forçou a porta de uma cazinha pertencente a uma mulher chamada Francisca. Acordando esta sobressaltada, viu que era um homem que queria violental-a, pediu-lhe que a deixasse, que estava doente, mas insistindo a fera querendo agarral-a, ella corre para a casa de uma vizinha, deixando em casa dormindo uma filhinha de *peito de 4 mezes de idade* O monstro conduziu a creancinha e no largo da casa do Dr. Thomaz, onde se está erigindo uma igreja de S. Francisco estuprou-a horivelmente !!! ...

A desgraçada mãe voltando a casa e não encontrando a creança ficou como louca e com o auxilio dos vizinhos sahiu em procura d’ella. Só pela madrugada encontraram-na arquejante.

Procedeu-se o corpo de delicto. Fazia horror ver o estado da misera creança, que momentos depois espirou ! !

A fera foi presa.

Em nossos códigos não existe uma pena bastante forte para punir um semelhante monstro.

A retirada do destacamento d’aqui seria o maior serviço que o presidente nos poderia fazer. Creia que esta cidade vive sempre sem sobressalto depois que para aqui veio a tropa do governo. A estatística criminal aumentou depois de sua estadia aqui. »⁵⁷ (Cearense, 1873b, p. 1, grifos do autor).

Ao mesmo tempo, por meio desses textos, procuravam questionar, rejeitar e até invalidar os seus adversários e as narrativas deles. O político invadia toda sorte de trama textual nos jornais, de tal modo que, servindo-se dessas estórias, opositoristas criavam mais um meio de combater aqueles que julgavam responsáveis pela violência, pelas fraudes, perseguições e, porque não dizer, pelos crimes ou pela anuência com estes.

Não será nosso intuito estabelecer em que medida é possível separar essas construções daquelas tidas como verdadeiras, ou ainda das demais, reconhecidamente fictícias ou realmente falsas que também surgiam dentro dos meios jornalísticos. Entretanto, compreendemos que a fabricação dos relatos sobre o crime ocupou um importante papel no

⁵⁶ O apelo aos sentimentos era marcado nessas notas que rotineiramente construam narrativas que apelavam para o horror, a violência e o grotesco quando tratavam de reconstruir as cenas dos crimes cometidos. Os detalhes mais chocantes eram evidenciados por meio de uma crueza nos termos e por uma afetação na construção dos títulos das manchetes utilizadas dentro das colunas.

⁵⁷ Ver Anexo C, ao final deste trabalho.

combate político, porém não foi esse senão um dentre vários usos para eles nessa conjuntura. Era, assim como os demais, uma forma astuciosa de trabalhar narrativas que buscavam envolver e prender a atenção dos leitores e de seus possíveis ouvintes:

Ipú, 28 de junho de 1860.

ASSASSINATO. = Na noite de 25 de maio último, no lugar Cachoeirinha, foi barbaramente assassinado com um tiro o infeliz Manoel Frederico Lopes, pai de numerosa família que ali ficou (?) na viuvez, e orfandade ! A causa deste crime foi o defloramento de uma criada da casa de Belarmino Porfirio de Farias, praticado por um filho do infeliz Lopes: logo que vulgarizou-se o defloramento procurou Farias a protecção da policia; mas não conseguindo a prisão do deflorador, foi a casa do mesmo pedir satisfação a seu pai, dito Lopes, que desdenhou a vehemencia com que Farias procurava a reparação do mal.

O resultado foi o referido assassinato, que se atribue a Farias, seu parente Herculano José Soares, e a Antonio Peres da Silva, famulo dos mesmos.

O delegado procedeu a captura dos dous últimos indigitados; mas não pôde encontrar o primeiro, que aliás existe no termo, em casa de seus parentes influentes chimangos, que na actualidade ficarão descontentes se a autoridade cumprir com seus deveres.

FACADAS. – No dia 27 do mesmo mez de maio, no sitio S. João, Antonio Alves dera umas facadas em João Pedro, e este outras n'aquelle.

A causa deste crime foi o defloramento de uma irmã de João Pedro, pelo referido Antonio Alves: o velho Pedro Antonio de Araujo, pai da moça procurou a protecção da policia; mas nada pôde conseguir. Sem outros recursos, os sentimentos sugeridos pela deshonra provocarão a pratica de semelhante facto, em um encontro que tiveram os dous referidos individuos, os quaes forão logo prezos pelo delegado, e soltos depois de alguns dias (Pedro II, 1860a, p. 2-3).

Ainda que, francamente adversários no campo político, esses jornais, muitas vezes, republicavam notícias entre si. Havia a já usual republicação entre as folhas de diversas províncias, a qual juntava-se, quando necessário, o destaque para algo que fora anteriormente divulgado pelos jornais locais. Oficialmente, apenas um deles tinha direito de publicar dados da polícia, os demais, apesar de não contarem ainda com rubrica própria, nessa área, apropriavam-se das notícias sobre crimes transmitidas oficialmente, republicando-as, ainda que em momento diverso do original, como fazia ocasionalmente o jornal religioso, “Tribuna Catholica” (1866-1890)⁵⁸:

Horroridade. – Lê-se na *Constituição* transcripto do *Diario das Alagôas*:

Communicam-nos que no dia 11 deste mez, no districto da Soledade, termo do Passo de Camaragibe, Josepha, mulher de Antonio Theophilo, sendo accometida de um acesso de loucura, decepara com uma faca as cabeças de seis filhos menores, os

⁵⁸ Periódico católico que teve sua publicação iniciada em 08 de abril de 1866. Era ligado diretamente às autoridades clericais cearenses, embora leigos também participassem frequentemente das publicações. Dito “jornal religioso, literário e noticioso”, circulava todos os domingos (Stuart, 1924; Nobre [1974] 2006). Geralmente trazia na página inicial um texto acerca dos santos, mártires ou figuras importantes da mítica cristã, celebrados naquele dia, bem como um folhetim de caráter religioso. Tinha um duplo epíteto, sendo o primeiro um trecho da Constituição brasileira de 1824: “a religião catholica apostólica romana continuara a ser religião do Estado” (Brasil, 1824); e o segundo da carta do apóstolo Paulo aos Efésios (em latim): *unus dominus, una fides, unum baptisma*.

quaes no dia seguinte fôram sepultados no engenho S. Salvador do Sr. Major Correia Lima.

Foi preza na occasião em que lançava fogo á sua roupa e á de seus filhos e marido.

Sendo interrogada declarou que tinha morto seus filhos

– para não ficarem captivos.

Apenas salvaram-se dois filhos, por estarem no serviço

Triste sorte a da humanidade.

Horriavel attentado. – Lê-se no *Apostolo* de uma correspondência do Rio Grande do Sul:

«Uma carta de Sant’Anna do Livramento noticia que, na noite de 6 do corrente, dentro mesmo da villa, o respectivo vigario foi espancado por tres individuos mascarados, que deram pranchadas desapiadadamente, deixando a victma em miseravel estado.

Não é o primeiro sacrilego delicto; não é o primeiro escandalo atroz, que se dá nessa provincia.

Não: é este o oitavo dos sacerdotes impiamente ultrajados dentro de muito pouco tempo; mas note que isto acontece somente aos bons, porque os *relaxados*, passam optimamente, são estimados; e se suspensos pela autoridade ecclesiastica levanta-se logo uma gritaria, e são *civilmente* empregados ainda que seja na repartição das terras publicas. [...] (Tribuna Catholica, 1868a, p. 4; Tribuna Catholica, 1868b, p. 3).

Havia uma grande circularidade dessas notícias e de certas folhas nacionais junto aos periódicos cearenses, o que indica que, assim como outros relatos do crime, os *faits divers* já se popularizavam em diversos pontos do território nacional. No entanto, essas estórias, quando eram locais, chegavam em alguns dos casos já analisados, por meio de cartas, testemunhos ou ofícios endereçados diretamente aos responsáveis pelas tipografias. Embora, na maioria das vezes, os periódicos buscassem questionar e confrontar notícias uns dos outros, percebe-se que, em certos momentos, o relato do crime permitia entrecruzamentos, para além dos já famosos embates políticos:

Horroroso! – No *Cearense* de 28 do corrente lemos o seguinte, que é horrível:

« Da parte da policia do dia 21, publicada no *Pedro II* de hontem, consta um facto horroroso que se deu no dia 1º. do corrente, no lugar Palmeiras, districto de Villa Viçosa.

João Domingos Fontanelle que havia 4 mezes soffria alienação mental, tomado na noite do 1º. do corrente de um terrivel acesso de loucura, lançou mão d’uma faca, accommetteu sua infeliz esposa, D. Luiza, descarregou-lhe 6 golpes, voltou depois contra si a fatal arma e desfechou 8 facadas, expirando instantaneamente e a sua desgraçada consorte 3 horas depois.

Aos gritos de D. Luiza accudiram os moradores visinhos e graças a este soccorro não foi victima tambem do desespero do pobre louco uma sua filhinha de 8 annos, que dormia na mesma alcova em que passou-se tão horrorosa scena.

Fontanelles pertence a uma das familias importantes d’aquella villa. Profundamente sentimos o ter de registrar um facto tão lamentável.» (A Constituição, 1867a, p. 2, grifos do autor).

Essas notícias construídas nos moldes dos *faits divers* criminais clássicos apontam para o atravessamento de uma variada gama de construções narrativas que lidavam com o crime como temática principal. No entanto, apesar de abrir espaço nos jornais para um noticiamento diário de infâmias, os textos utilizados no combate político-partidário

representaram um princípio, mas não o único uso deles, através deles surgiria toda uma diversidade de *faits divers* com fórmulas, frequência e destino diverso daquelas notícias ligadas à política local.

A despeito do destaque maior ser dado às discussões políticas, os folhetins, o noticiário, as publicações sob encomenda e anúncios, começaram a ocupar o espaço gráfico daquelas folhas, apesar dos jornais fortalezenses terem diferenças e especificidades pontuais, a maior parte deles já contava, no último quartel do século XIX, com um editorial ou construção similar, folhetim⁵⁹(de publicação intermitente)⁶⁰, noticiário, uma coluna de variedades, a pedido/correspondências e, geralmente, concluindo a publicação com anúncios.

Essa diagramação era muito similar dentro da maioria dos jornais locais. O exemplar do periódico “A Constituição”, de 5 de agosto de 1871, nos dava uma boa ideia sobre esse modelo. Naquele sábado, o jornal trazia, ocupando a maior parte da primeira página, um editorial sob epígrafe “Constituição”. Nele, os redatores retomavam uma das costumeiras contendas políticas, dessa vez com ambos os adversários, os liberais do “Cearense” e os (também) conservadores do “Pedro II”.

No entanto, ao pé da página trazia a continuação do “folhetim”, “O senhor Lecoq” por Emílio Gaboriau⁶¹. A este seguiam, o “Noticiário”, entrecortando toda sorte de notícias (“assembleia provincial”, “licenças”, “vapores esperados”, “factos criminosos” e lançamento de obras literárias, no caso, o romance “As mulheres de Mantilha do Sr. Dr. J. M. de Macedo”), “Actos legislativos”, “Transcrição” e fechava a sua composição com “Annuncios”.

Esse número enfatizava uma narrativa peculiar, a qual como muitas outras dessas notas, aparecia de forma esporádica. Ainda que tratasse de um crime, ela saía junto de outras notícias e não sob a chancela de uma rubrica policial, como vimos anteriormente. Nesse exemplo, ocupando o espaço de meia coluna, imediatamente após o texto sobre a nova obra

⁵⁹ Também dito Romance de Folhetim, é uma narrativa literária de formato seriado (publicado de forma parcial e continuada) ocupava geralmente a parte inferior das páginas dos jornais oitocentistas. De caráter ficcional, era uma narrativa geralmente caracterizada pela grande quantidade de eventos, pela agilidade e pelo uso de ganchos intencionais voltados a manter a atenção dos leitores.

⁶⁰ Aquela edição destacada anteriormente do periódico “Pedro II”, com a coluna “Parte da Policia”, trazia publicado na primeira página a continuação (capítulo XXIV) do folhetim “Vingança” (romance original por Camillo Castello Branco) (Pedro II, 1862a, p. 1).

⁶¹ Émile Gaboriau (nascido em 9 de novembro de 1832/33/35, Saujon, França - morreu c. 1 de outubro de 1873, Paris), romancista francês que é mais conhecido como o pai do romance policial. Ele foi descrito como o Edgar Allan Poe da França. A imaginação prolífica e a observação aguda de Gaboriau geraram 21 romances (originalmente publicados em forma de série) em 13 anos. Ele fez sua reputação com a publicação em 1866 de *L’Affaire Lerouge* (A Viúva Lerouge) depois de ter publicado vários outros livros e escritos diversos. Seus livros posteriores, muitos deles clássicos do gênero, incluem *Le Crime d’Orcival* (1867; O mistério de Orcival), *Monsieur Lecoq* (1868). Gaboriau criou os detetives fictícios Père Tabaret e Monsieur Lecoq; o último foi um precursor fictício de Sherlock Holmes (Britannica, c2024a).

lançada pelo autor fluminense, vinha um texto nomeado de

Infanticídios- O tribunal do bairro Lambet, em Londres, tem entre mãos um processo celebre que preocupa extraordinariamente a atenção publica. Trata-se de uma rapariga de 15 annos por nome Ignez Norman, criada de servir, que é accusada de haver assassinado por estrangulação sete crianças em diferentes casas em que servira. O que è(sic) mais singular é que a rapariga apresentava conducta exemplar, excellentes costumes e um character dócil, e nada fazia suspeitar que ella fosse capaz de tão horrível crime, tendo sido despedida de varias casas não por criminosa, mas porque acreditavam que ella levava a desgraça às casas em que servia. Eis aqui de que maneira se descobrio esta horrível mania. Na ultima casa em que sérvio esse monstro esteve a ponto de ser estrangulado um menino de três annos, q'estava dormindo. A criança, porém, acordou e apesar de a(sic) querer a rapariga enganar com brinquedos e bolos o infeliz pronunciou algumas palavras que pareceram uma revelação a sua mãe, que já perdera dessa forma uma menina de dez meses de idade. Ignez Norman foi preza, o seu nome foi revelado no tribunal e então outras mães se recordaram dos symptomas extraordinarios que haviam acompanhado a morte dos seus tenros filhos. Parece demonstrado que esta fera tinha o horrivel costume de matar, afogando as crianças que lhe cahiam nas mãos e o mesmo fazia a todos os animais novos que encontrava, e tudo pelo prazer de matar, sem o mais pequeno interesse nem pretexto para tão espantosas maldades (A Constituição, 1871c, p. 2).

Esta era uma narrativa sobre crime que não estava atrelada aos “factos criminosos”, parte recorrente da coluna “Noticiario” desse jornal. Nesse mesmo número, aquela coluna mencionava os crimes cometidos no interior da província: em Canindé, no dia 26 do mês anterior, um homem tinha ferido gravemente outro com um tiro; no dia 28, outro ferimento na mesma cidade, dessa vez, um canivete foi usado, tendo “o delinquente” sido “preso n’essa mesma occasião, já no dia 30”, uma briga entre dois soldados “do corpo de polícia local” tinha resultado em um deles sair com ferimentos graves feitos à faca.

Embora, esses acontecimentos fossem destacados na própria província e dentro de uma única vila, em dias diferentes, eles eram resumidos, apresentando pontualmente, constando dia, hora e local onde os crimes aconteceram, bem como, as pessoas envolvidas. Nenhum deles era relatado com minúcias.

Os infanticídios londrinos, entretanto, exemplificam outra forma de (re)constituir parte significativa dos crimes nos jornais locais. Um relato centrado em um crime insólito, violento, bizarro ou grotesco garantia, sem dúvida, maior espaço nas folhas locais oitocentistas. É justamente a singularidade dos eventos ocorridos em Lambeth que garantiu o destaque dessa matéria fora do subtítulo “factos criminosos”, não o fato de ser um acontecimento ocorrido em outro país. Afinal, distante ou relativamente próximo, o que importava era como esse relato sangrento era alocado dentro do jornal:

Piauhy. – [...] Lê-se na *Patria* de Janeiro:
«Na Villa de S. Gonçalo foi no dia 12 d’este mez assassinado em sua casa, por sua propria familia, o infeliz Eufrazio Josè Ribeiro, a golpes de machado.

Tres filhos menores d'esse desditoso homem, entre os quaes se conta uma menina, foram os autores de tão horroroso crime.

Tendo sido encontrado o cadaver do infeliz Eufrazio, a margem do rio Parnahyba, em que è situada a villa de S. Gonçalo – e reconhecendo-se ter havido um assassinato, deu-se logo parte a policia, que entrando em averiguações chegou immediatamente a evidencia de que Eufrazio fóra de facto assassinado, em sua propria casa, por sua mulher e filhos e depois arrastado ou conduzido a noute para a beira do rio, onde fóra achado com o craneo todo mutilado.

Presos os autores do crime, não tiveram remedio senão confessal-o – prosseguindo a policia nos termos ultiores de um processo, para a punição de todos elles.» (Cearense, 1871b, p. 3, grifos do autor).

Assim, ele apresentava exatamente um outro uso para os *faits divers*: tornar-se um atrativo mórbido para a leitura do noticiário em geral. Diversas narrativas podiam ser utilizadas dentro dos jornais para se referir a delitos ou crimes, porém grande parte das que compunham os *faits divers* permaneceria fora das colunas ou dos tópicos policiais, mesmo quando eles já se configuravam em recursos perenes dentro dos periódicos locais.

Essas narrativas não se inseriam nos modelos comuns de relato criminal jornalístico, aos quais viriam a se estabelecer posteriormente, ainda mais por destacar atos infames. Mas, a exemplo dos relatos usados de forma política, era sua composição textual muito mais prolixa, elaborada e descritiva, a responsável pela sua efetividade no período. Elas por certo, não eram ainda reportagens, a participação de um delito qualquer, que presumia a rapidez típica dessa forma de relato, primando pela objetividade. É notório que, ali se estava utilizando outra fórmula, não, a do simples e pragmático comunicado que só ganharia fôlego a partir da segunda década do século XX⁶².

Não era, ainda, o banal sendo analisado pelo olhar pretensamente analítico e neutro do jornalismo (Foucault, 2015), pois esse texto não se mantinha somente no encargo de noticiar, informar ou analisar. A notícia não importava apenas pelo que relatava, ela recebia relevância a partir da sua estrutura narrativa dramatizada, porque reportava ao público leitor não apenas um crime qualquer, contudo um acontecimento funesto e extraordinário. É a percepção da singularidade do evento, do seu potencial de impacto frente ao público leitor que deveria guiar a escolha do formato textual e o destaque recebido por este dentro do veículo.

Desde os anos de 1860, as narrativas de crimes desse tipo, deixariam de habitar somente a arena política e se tornariam ainda mais presentes dentro dos periódicos, muito provavelmente, devido ao sucesso dessas notícias junto aos grupos de leitores. O esforço das

⁶² A notícia, nesse período, ainda se estrutura muito dentro dos seus aspectos narrativos e de reelaboração do relato sobre o acontecimento e não em uma investigação ou análise imparcial sobre o fato noticiado. Há para as narrativas de crimes dentro dessa fórmula, no período, uma proximidade muito maior com a literatura e com a produção moral religiosa cristã da época. Portanto, cabe analisar esses relatos na sua ambiguidade de propósito discursivo e na sua fluidez de um gênero que margeava domínios ao utilizar recursos da ficção, dos fatos registrados no cotidiano e mesmo das tradições orais populares.

folhas em se firmar economicamente, pode indicar outra motivação dessas notícias ganharem mais espaço e se manterem frequentes.

Essas folhas, por conseguinte, ainda primavam muito mais pela eloquência, pela construção prolixa e pelas formas narrativas tradicionais, do que por um noticiamento que buscasse a veracidade do que era narrado. Afinal, a legitimidade daquele *corpus* textual era produto muito mais da tradição e do alcance desse tipo de narrativa que, certamente, assentavam-se na reconstrução acerca do real. Doravante, os jornais inscreveriam rotineiramente em suas páginas as suas notas escarlates repletas de emoções violentas e atos infames. Uma fabricação narrativa que daria lugar e destaque a vidas que outrora seriam consideradas completamente insignificantes e indignas de serem representadas dentro dos textos (Rancière, 2010).

2.2 Os “Dramas de Sangue” nas folhas da Fortaleza

A morte passa, aparentemente, a triunfar nos hebdomadários fortalezenses na segunda metade dos oitocentos. Para além dos corriqueiros pequenos crimes contra propriedade, dos efeitos deletérios das secas e das incessantes moléstias avançando sobre a população; toda uma sorte de incômodos acontecimentos e perturbadores crimes povoavam as folhas, sobretudo, aquelas da capital. Real ou simbolicamente, eles empurravam quem abria aqueles jornais no rumo da finitude alheia.

Assassinatos cruéis, acidentes profundamente violentos, vinganças maquiavélicas, duelos ou ataques brutais, suicídios inusitados e, até mesmo, eventos extraordinários moviam as páginas locais através dos *faits divers*. Um universo narrativo que reproduzia tramas correntemente edificadas sob os signos da violência, do crime ou do insólito corporificado em extensos relatos:

Arronches. – Escreve-nos:

« No dia 25 do corrente Manoel Felix ferio a facadas a Maria da Conceição, Angelina da Conceição e a Maria Cesaria, tendo como auxiliar na luta sua mulher Rachel Antonia da Conceição, que além de incumbir ao marido da execução do drama de sangue, ainda munida de uma mão de pilão, tomou parte na luta, fazendo forte contusão em Maria Ferreira.

Jeronymo Ferreira dos Reis marido da victima Maria da Conceição, defendendo a mulher e filhas, recebeu também um pequeno ferimento, quando aparava um golpe de fouce dado por Manoel Felix.

Presos em flagrante pelo inspector do quarterião e coadjuvado pelo capitão Alfredo Weine, a quem mandaram pedir socorro. Marido e mulher com as roupas tintas de sangue foram recolhidos a prisão, fazendo o digno subdelegado o respectivo auto de flagrancia.

O lugar da residencia de semelhantes desordeiros é como uma especie de arraial; onde, constantemente se dão factos dignos de punição; mas que não chegam ao

conhecimento da autoridade por *honra* da família.

Para se avaliar quem é Rachel, além de outros factos, em que ella toma sempre o primeiro papel, mencionamos um que dá idéa da fria crueldade de que é dotada. Tendo ella fugido da companhia do irmão Jesus Florencio do Nascimento, á poucos annos, e vivendo amasiada com o homem, com quem hoje é casada: seu irmão fôra uma noite em sua casa, isto é, na casa de Manoel Felix – pedir que ella ao menos lhe restituísse umas imagens, dadiva de sua mãe. Rachel em vez de agradar ao irmão, ameaçou o, dizendo-lhe que se não retirasse, não iria para casa com seus pés; o irmão insistindo em seu justo pedido, ella dirige para o interior da casa um signal convencionado, de repente saltam Manoel Felix e Manoel Paulino e a cacetadas deixam José Florencio prostrado por terra, lavado em sangue !

Acompanhava o infeliz uma mulher de nome Anna Maria de Jesus que tambem fôra esbordada, que além dos ferimentos na cabeça, teve mais um dedo quebrado etc.

Enquanto os barbaros commettiam semelhante acto, Rachel gritava-lhes, *«acabem com estes diabos.»*

Na mesma noite foram conduzidos a Casa de Misericordia, acompanhados por Francisco Mathias; onde fez se o corpo de delicto e pouco tempo depois morreu José Florencio, ainda com as feridas abertas.

Da casa em que se commettera o crime, era visinho José Bezerra, que não accudiu por considerações, que só elle poderá dizer; porém appareceu Francisco Ferreira a pedir que não acabassem de matar o desgraçado e aconselhou a Anna Maria que empregasse todos esforços pra fugir a fúria dos bandidos.

Pelo inquerito a façanhuda Rachel tem tanta cumplicidade no acto criminoso do dia 24, como seu marido Manoel Felix.

Por esse facto bem se pôde aquilatar da ferocidade da hyena Rachel; que nem o seu irmão escapou a sua fúria

E é a esta perversa mulher que se despensa protecção? Admira que alguém que se presa e ambiciona um lugar na judicatura apatrocine tão pervertida criatura.

Confiamos que o ilustrado Dr. chefe de policia, ainda uma vez fará triumphar a causa da justiça em desagravo da sociedade offendida por semelhante hordas de sceleratos. » (Pedro II, 1887, p. 1, grifo do autor).

A utilização pelo jornal conservador “Pedro II” do drama envolvendo Rachel Antonia da Conceição, o seu companheiro e os seus conflitos em uma área distante e pouco urbanizada da capital, gera de pronto, certos questionamentos. Um dos mais pertinentes: qual o intuito desse jornal ao dar destaque, de forma tão demorada, às estórias delituosas, mas aparentemente banais⁶³ de Rachel da Conceição?

Sabe-se que o crime gera medo⁶⁴, a violência⁶⁵ inquieta, os discursos sobre eles

⁶³ Uma delongada narrativa destacando uma personagem feminina desordeira e criminosa, não seria num primeiro momento, lida como o noticiamento de uma grande ameaça. Mas à época, isso poderia ser interpretado também como uma bem inserida forma de buscar adequação da população cidadina à ordem e as normas sociais. Afinal, seguia de perto a gradual construção das primeiras redes de coerção jurídico-policial dentro da cidade e o aumento dos discursos oficiais que reivindicavam a transformação física da capital e da moralidade de sua população. Desse modo, os jornais tornavam-se um instrumento balizador de condutas para o todo social, inclusive procurando atingir até mesmo as camadas mais pobres da população. Sendo parte destacada naquele projeto das elites de transformação social em prol do progresso e emancipação civilizatória do povo cearense

⁶⁴ Segundo Jean Delumeau (2009), o medo pode ser entendido como o hábito que se tem, de temer tal ou tal ameaça (real ou imaginária). Diferentes formas de medo podem povoar o imaginário individual ou coletivo em períodos históricos diversos, sejam eles desconhecidos ou nomeados. Os primeiros são aqueles sentidos pela maior parte das pessoas, os quais seriam permanentes ou cíclicos (medo do desconhecido; angústias; melancolia) e o segundo grupo derivado daquele e objetivados a partir de elementos do cotidiano vivenciado em determinadas épocas.

⁶⁵ Embora seja custoso estabelecer como os indivíduos leitores ou ouvintes percebiam a violência ou em que momento exato as sensibilidades em torno dela pareciam se modificar durante a segunda metade do século XIX,

nos jornais, como vimos, já eram bastante alarmistas e alimentavam os embates entre os grupos adversários na política local. Entretanto, são duas outras, as razões que procuramos na confecção dessa narrativa. Primeira, ela despertava a curiosidade e o prazer pelo relato obscuro⁶⁶ e a segunda, era o combate normativo a tudo aquilo que Rachel representava. Aquela mulher se tornava, dentro desse texto, a oposição direta a valores e normas sobre as quais se instituía toda uma gama de discursos não apenas sobre criminalidade, mas acerca da ordenação social, moralidade e hierarquia de gênero no período (Corrêa, 1981; Rago, 2008; Fonseca, 2013).

Como aponta a própria narrativa, muitos desses “dramas de sangue” nada mais eram que uma amostra rotineira dos conflitos do dia a dia cidadão. O crime, a desordem, a transgressão apareciam por toda parte nas colunas dos jornais. Testemunhando, não apenas uma afronta às leis, mas um desafio às normas daquela sociedade. Essas estórias expunham com grande alarde o desconcerto do cotidiano, tornando-se, ocasionalmente, uma outra forma de criticar, sanear e moralizar uma grande parte da sociedade ainda arisca aos modos, comportamentos e regras de contenção da violência:

Idem. A’ ordem do chefe de policia foi prezo (sic) em 15 do corrente Maria da Conceição Jacob por andar fora de horases (sic) disfarçada com trajes de homem.⁶⁷

A bem da moralidade publica.

– Pedem-nos que chamemos a atenção da policia para uma douda que mora debaixo das arvores da praça da Assembléa.

As familias estão inibidas de chegarem as suas janellas, para não ouvir os palaviados licenciosos d’essa douda. Reclamamos, pois, providencias para cessar esse interdicto, a que estão condemnadas as familias, que rezidem nas casas defronte do lugar onde se dão esses espetáculos grátis de moralidade (sic).

Desordeiros. – Hontem depois de meia noite, dous desordeiros se dirigiram á rua da Palma, além da das (sic) Trancheiras, e com muitos insultos e grandes pancadas derrubaram a porta de uma casa, em que reside uma mulher de vida livre, e armados investiram contra um moço que ahi se achava, e escapou correndo, e pedindo socorro.

Acudiram uns soldados de policia, que foram chamados e prenderam um dos desordeiros.

O outro recolheu-se na própria cada que atacara; e que ficou cercada pela escolta para effectuar-se a prisão de manhã.

é notória a presença de diferentes formas de violência e dos discursos sobre essa dentro das fontes analisadas. No entanto, destacamos nesse momento a percepção dada a ver por meio dos jornais e em suas narrativas. Havia violências experienciadas e em seu nível simbólico trasladado na escrita jornalística. Buscaremos apontar a forma como os crimes contra a vida noticiados/propagados pelos *faits divers* construíam percepções a serem compartilhadas sobre aqueles mesmos crimes e podiam induzir formas de reação aqueles mesmos.

⁶⁶ Como destaca Robert Muchembled (2012), desde o começo da modernidade, essas notícias curtas impressas sempre tiveram forte apelo junto ao público leitor, visto o gosto popular muito forte pelo macabro e pelo sensacional, o que era compartilhado também por alguns burgueses cultos.

⁶⁷ Periódico originalmente criado em 1853, sob o nome “O Comercial”. Foi fundado por Francisco Luís de Vasconcelos. Considerado órgão político de menor expressão, teria durado até 1864 (Nobre, 2006).

Por ofenderem a moral publica com palavras deshonestas foram chamadas a presença do delegado de policia, que fez assignar termo de bem viver as peccadoras Maria d'O de Jesus e Antonia da Cunha de Araújo, residentes na rua da Boa-Vista e Florencia Maria da Conceição e Romana Maria da Conceição, residentes na rua Conde d'Eu (Gazeta Official do Ceará, 1864, p. 4; Cearense, 1871c, p. 1; Pedro II, 1874a, p. 2; Gazeta do Norte, 1882a, p. 2).

Desse modo, complementando a resposta aquele questionamento, essas personagens e seus atos, quando potencializados na narrativa, tornavam-se um espantinho momentâneo dos males e defeitos da população comum da época. “Rachel Antonia da Conceição, a mulher de vida livre, a douda da Assembleia, as peccadoras” das ruas do centro antigo ou Maria da Conceição Jacob eram parte ativa nas próprias ações, logo, a “sociedade ofendida por criaturas” como elas, sentia-se ameaçada e reclamava providências às autoridades.

Convém, todavia, ainda que retoricamente, inquirir, qual parte da sociedade era essa que de fato se sentia compelida a repelir esses estereótipos de mulher desordeira? Bem possível que fosse a pequena parte responsável pelo seu ordenamento, controle e direção política. Aquele pequeno grupo que naquele momento tinha os jornais como novo símbolo do progresso da terra e almejava, por meio desse novo instrumento, uma “depuração” dos hábitos e costumes “atrasados” do povo.

O exemplo daquela primeira narrativa nos auxilia a compreender como os *faits divers* de crimes, tornaram-se uma fórmula a mais no discurso político ordenador e moralizante presente nos jornais (Pedro, 1995; Fernandes, 2004; Barbosa, 2010). Ele cumpria o papel de entreter um público ávido por relatos mórbidos, ao mesmo tempo em que estabelecia como pessoas daquele tipo eram não apenas indesejáveis, mas perigosas.

No relato, Rachel foi constantemente definida como uma ameaça. Seu perfil era diretamente associado ao perigo: cruel, feroz e furiosa. Uma *hyena* incapaz de corroborar estereótipos de delicadeza, mansidão, recato e submissão exigidos na época (Pedro, 1998; Engel, 2004; Soihet, 2013). Era ainda, conflituosa, não buscava agradar nem aos próprios familiares.

Vivendo como “amásia”, fazia parte de uma união informal tida como indecente na época. Essa pessoa “perversa”, “dada a façanhas”, vista como “pervertida”, comportava-se como chefe de bando. Habitando um lugar ermo, ela parecia fazer suas próprias regras e, ao que parece, contava com alguma proteção de pessoas mais poderosas⁶⁸. Seja como for, Rachel

⁶⁸ Deve-se pontuar que esse *fait divers* sobre “uma mulher desordeira e violenta”, não deixava de ser também um texto crítico às autoridades protetoras de Rachel da Conceição. As quais, certamente, deviam ser ligadas diretamente aos adversários partidários daquele jornal conservador, como vimos anteriormente. No entanto, para

era alguém que ofendia a honra daquela sociedade e, só por seus atos não criminosos, ela já era uma ameaça.

Esse exemplo retrata um ponto importante e comum a muitas dessas histórias de crimes. A maioria dessas pessoas, vítimas ou algozes, eram indivíduos dos grupos mais pobres. Como nos adverte Boris Fausto (1994), os instrumentos utilizados nessas práticas, eram indicativos de padrões culturais daquela sociedade e, sobretudo, da (não) democratização do porte de armas (de fogo) no período. Como expõe esse autor, ao final do século XIX, ainda imperava o uso de objetos cortantes como meio efetivo para diversos crimes, sobretudo o de homicídio. Dessa forma, para as pessoas mais pobres, o uso de instrumentos de trabalho (no campo ou doméstico), eram, como vimos no caso acima, bastante corriqueiros:

Assassinato. – Falleceu na Santa Casa de Misericórdia, onde fora recolhido o infeliz portuguez João de Sousa Cabral, conhecido por João Garapeiro que, conforme noticiamos, soffrera um tiro e muitos golpes de foice, no lugar Buritizinho, districto de Soure⁶⁹.

O facto, segundo nos referem, deu-se do seguinte mode (sic): João Garapeiro encontrando no seu canavial um rapaz, filho de Francisco André Umbelino, depois de reprehendê-lo rasgou-lhe o chapéu com uma espada com q' se achava armado. O rapaz sahiu dizendo que já lhe daria o troco. Foi a casa, contou ao pae o ocorrido, este a quem faltram (sic) a calma e a prudencia, toma mão de uma espingarda e o filho de uma foice e derigiram-se (sic) para onde se achava Garapeiro, e, sem mais preambulos, Umbelino dá-lhe um tiro, mas vendo que o infeliz não cahira, accomette o junto com o filho e com o coice d'arma e a foice deixaram-no, quando o suppunham morto.

Não se contavam os golpes.

Os trabalhadores que chegaram na occasião, travaram uma luta com os dous assassinos, ficando mortalmente ferido Umbelino, que se supõe não terá escapado.

- Em Itapecerica, um malvado levantando-se da cama descarregou em sua mulher um tremendo golpe de fouce sobre um dos hombros, quase decepando-lhe o braço que ficou preso do tronco apenas por um simples ligamento.

Uma menina que correu aos gritos da vítima no intuito de acudil-a foi ferida tambem pelo sclerato que deu-lhe uma fouçada na cabeça atravessando-lhe a boca e varias outras sobre o corpo da infeliz.

Um moço cunhado do agressor, irmão da mulher d'este, acudindo em socorro das duas, recebe tambem tres fouçadas na cabeça que a dividiram em pedaços!!!

É impossivel descrever o estado lastimoso em que ficou este desditoso moço!

Na rede em que foi conduzido o seu cadáver d'envolta com o sangue estavam espalhados os miolos!

O barbaro autor de tão deploravel acto foi preso e confessa o crime dizendo que « fez uma bonita roçada.» (Cearense, 1875c, p. 2; Cearense, 1877a, p. 2, grifo do autor).

além dos tradicionais embates entre os grupos políticos antagônicos, a narrativa acima expõe o relato sobre a violência cotidiana, a banalidade do crime e do arbítrio nas áreas onde a polícia e a justiça ainda não estavam ostensivamente presentes. Ela desnuda as micro relações dentro de grupos marginalizados e estigmatizados sob os signos do crime e da violência.

⁶⁹ Referia-se ao território que compreende atualmente o município de Caucaia na região metropolitana de Fortaleza. A cidade fica a aproximadamente 20km do centro da capital cearense, onde se encontra até atualidade o prédio da Santa Casa de Misericórdia.

Escapava, todavia, pelas frestas dessas tramas, exageradamente construídas sobre detalhes sanguinolentos e perturbadores, a notória percepção do quão distante ainda estava a maior parte daquela sociedade do ideal de ordem e de civilidade apregoados naqueles mesmos jornais. Fortaleza não era uma “cidade do crime”, a população talvez tivesse uma percepção sobre a violência muito próxima das de outros centros, noutras províncias. Entretanto, assim como muitas outras cidades, ela constituiria um imaginário extremamente rico sobre o crime, agora margeado também pela escrita jornalística.

O sangue é, sem dúvida, a essência dessas ardilosas tramas. Ele flui através dessas insólitas narrativas, carregado de brutalidade, pavor e infâmia. Mas afinal, o que revela ele daquela sociedade cearense ou mesmo da fortalezense de fins do século XIX? Essas notícias repletas de atos indefensáveis fazem perceber que, sob o manto enganador do discurso ordenador, ocultava-se também, um jogo bem estabelecido entre jornais e seus leitores/ouvintes:

Críme (sic) **Horroroso**. – Lê-se no *Diário de Santos*; de 29 de janeiro:

« De uma carta de pessoa de Sorocaba, dirigida a outra d’esta capital, tiramos o seguinte trecho: «...Soube agora de um assassinato horrível que se deu para os lados de Capivary. Um *cometa*⁷⁰ chegou a uma casa, muito molhado, a pedir pousada; não estava o dono, e só a mulher; esta lhe deu um quartinho, onde o cometa se arranchou e tratou de enchugar-se; e como o dinheiro que trazia também se molhasse, tratou de seccal-o, para o que a dona da casa emprestou-lhe uma peneira.

« Já a noite ia adiantada quando o *cometa* presentiu barulho de gente que se aproximava da cama; um infeliz pressentimento o fez levantar e ir dormir em um rancho de carneiros, que estava defronte, e sobre um couro. O quarto em que estava, e que a mulher lhe deu para pousar, era aquelle em que costumava dormir um filho d’ella, que também andava fôra, e que chegando tarde, e de nada sabendo, foi deitar-se em sua cama.

« O *cometa*, que estava de ouvido alerta, ouviu no quarto gritos que se deram: chega a mulher, o dito está seguro; vem vê o que era, e reconhece que o marido e a mulher para o roubarem, julgando-o deitado na cama, que lhe tinham dado, ás escuras cravaram no peito do filho muitas facadas, e o deixaram morto...» (Cearense, 1873c, p. 3, grifos do autor).

Nele, se consagrava a produção e circulação⁷¹ de relatos sobre o crime, uma vez que o próprio debate político já tinha elencado a fórmula do *fait divers*, enquanto uma estratégia narrativa, no intuito de angariar simpatia e apoio às suas críticas aos adversários. Logo, nada mais natural que isso se estendesse aos outros espaços dentro dos jornais locais.

⁷⁰ Referia-se, nesse caso, ao trabalho de “caixeiro viajante” (Figueiredo, 1913, p. 419).

⁷¹ Importa destacar como nesse momento para além dos relatos tradicionalmente produzidos com o intuito de chocar, provocar e combater seus adversários políticos diretos, os jornais dariam espaço cada vez maior para narrativas no modelo do *fait divers* vindas de outras províncias, mesmo aquelas mais distantes, ou ainda de outros países. O destaque já não era dado apenas às grandes tragédias e aos crimes que atingiam personalidades do período, mas aqueles cujo enredo parecesse ser mais bizarro, chocante ou macabro.

O que efetivamente ocorreria com a consolidação das colunas de notícias⁷², privilegiadoras do cotidiano, das atividades dentro da capital e/ou das notícias vindas de outros centros. Esses relatos constituiriam, daí por diante, não apenas nos jornais aqui destacados, mas na imensa maioria dos periódicos do período, um lugar efetivo para esses atos infames em sua forma mais inusitada e sensacional, buscando propositalmente impressionar, emocionar e entreter o público (Dejavite, 1997):

Perversidade. – O *Conservador* da Campanha (Minas Geraes) publica o seguinte facto:

« Ha dous mezes, mais ou menos, deu-se no Retiro, districto de S. Joaquim, termo de Alferas, um facto horrivel. Um menino de 10 para 11 annos, indo á casa de um visinho que tinha um filho de 6 a 8, achando este a sós em casa de seu pai, passou alli parte do dia, e parece que duvidaram ambos, resultando que o maior dêsse um tiro no menor e matasse-o instantaneamente ! Longe de arrepende-se de tão criminoso acto, carregou o cadaver a poucos passos da casa enterrou-o, mal podendo cobri-lo de terra. Voltou limpando o caminho por onde cahiu o sangue, volvendo a terra, limpou a salêta da casa onde tinha corrido mais sangue onde podia ficar alguma mancha; foi á espingarda do dono da casa, carregou-a de novo, e collocou-a no lugar em que se achava, para não causar suspeita e conservou-se depois em casa na maior tranquillidade até chegarem da roça os pais da infeliz victima, que mal entraram na porteira perguntaram (talvez tocados pelo dedo da providência) pelo filho querido, ao que foi respondido pelo menino assassino, que ele estava alli perto no matto, apanhando goiabas, ou não sei o que...

« Esta resposta não satisfez aos infelizes pais, pelo que seguiram a procural-o e dentro em pouco acharam um porco mexendo na terra, que viam cavada, e alli descobriram os cabelos, a cabeça e o corpo do coitadinho, que por ser enterrado em pequeno lugar teve ainda de sofrer muitos golpes de enxada que o deixaram todo mutilado ! Fez-se aucto de corpo de delicto; o menino assassino consta que em companhia do pai está foragido para a Diviza, termo de Tres-Pontas.» (Cearense, 1870, p. 1, grifo do autor).

Conforme Robert Muchembled (2012), há para o Ocidente, sobretudo para a Europa, uma tradição que data do início da modernidade de relatos escritos centrados no horror. Das coletâneas de histórias macabras, violentas e trágicas, mas, com objetivos religiosos e moralizadores, os famosos “relatos negros”, chegando à imprensa oitocentista com seus *faits divers* impressos nos jornais, causando “sensação”, havia toda uma tradição ligada às narrativas sanguinolentas.

Estórias que a um só tempo insistiam na mensagem de obediência, mas ofereciam também o prazer da transgressão sem risco grave (Muchembled, 2012). É muito provável que, pela grande associação feita por intelectuais, letrados e literatos do período com a cultura europeia, tenha havido uma considerável proximidade com esses modelos/fórmulas de escrita e, mesmo, trocas interessantes na confecção dessas tramas adaptadas às peculiaridades e

⁷² No “Pedro II”, essa coluna chamava-se *Factos Diversos* (uma tradução literal para *faits divers*, embora nela fossem publicados outros textos, também), enquanto no “Cearense”, n’ “A Constituição” e na “Tribuna Catholica”, era chamada de *Noticiario*.

necessidades locais (Granja; Luca, 2018).

A pequena urbe da Fortaleza no século XIX, ou o todo da província do Ceará, com suas centenas de pequenas vilas, povoados e aldeias, corresponderia muito mais ao mundo rural da Europa no início da modernidade, do que àquela das grandes, superpovoadas e dinâmicas metrópoles oitocentistas (Bresciani, 1989). A imagem desse mundo cindido entre as tradições, os hábitos e valores de uma sociedade majoritariamente camponesa e os novos costumes, gestos e as práticas urbanas que eram exigidas de uma cidade em progresso e, de um povo que se queria afirmar civilizado, transparece não apenas nas narrativas sobre eventos locais, como também naqueles vindos de fora.

A marca que se impõe foi a dessa ruralidade que unia a maior parte daquelas produções. Elas pincelam no almejado retrato simbólico da cidade que se desejava urbana, em progresso e civilizada, as cores fortes e os traços duros da violência, da brutalidade e das sensibilidades indomadas.

Tal como nos lembra Milton Santos (2006), a paisagem, no caso da capital cearense que desejava o progresso e a civilização, exprimia as heranças que representavam as inúmeras e diversas relações entre homem e natureza. Portanto, a capital e a província oitocentista existiam sobre as condições e criações fabricadas em momentos históricos distintos, agora coexistindo naquela segunda metade de século.

Unida a vida daqueles que a mantinham, o espaço da cidade buscava dar conta de suas necessidades, aquelas próprias de sua manutenção e outras que ela mesma fabricava, como parte das determinações daquela sociedade existente à época, as quais lhe eram bem próprias (Santos, 2006). Afinal, as cidades também são construídas a partir das relações e das significações que nela são elaboradas, ainda que apenas no trabalho de imaginação (Calvino, 1990).

É compreensível que as narrativas centradas nos temores comuns, fossem reforçadas em um meio urbano de uma cidade que se creditava destinada ao crescimento e ao progresso. Assim, crime, violência e desordem se tornavam signos do pavor comum para as elites. A esses, juntavam-se os temores mais ancestrais junto ao povo: medo do desconhecido, do desamparo, da solidão, da fome e da morte (Delumeau, 2009). Dentro de uma cidade que crescera enormemente, se comparada à diminuta vila do começo dos oitocentos, essas narrativas haviam se tornado um jargão jornalístico para o escrutínio do cotidiano nas folhas locais:

Desordem e ferimentos. – Antes d’hontem á noute houve uma desordem na estrada de Mecejana, em uma reunião de pessoas que se divertiam com toques de

instrumentos.

N'essa desordem foi espancada uma mulher e feridos com faca – um menino e um homem.

Foi preso o autor dos ferimentos – João Barbosa de Sousa conhecido por João do Bêcco e um irmão conhecido por Manuel Bolança.

Ferimentos graves. – Na noite de 17, na estrada de Mecejana foi gravemente ferida por um pescador que consta ter sido preso, uma pobre mulher cujo estado é gravissimo e ameaça perigo de vida.

Delegado – Surrado. – No termo do Trahiry, foi espancado o delegado de policia Raymundo Xavier de Sousa, que não ficou muito maltratado porque o instrumento escolhido foi – peia.

O Sr. José Júlio apenas soube do facto – demitiu o delegado e fel-o substituir pelo capitão de policia – Alexandre de Paiva.

Hontem Antonio de Tal, filho de Antonio Macaco deu, em o curral do açougue, uma facada no menor José, filho de Vicente Ferreira Lima, o ferimento do ofendido foi considerado leve.

Quanto as demais localidades da província, nem um acontecimento notável ocorreu.

Assassinato. – No dia 13 á tarde, em Arronches, em um conflicto que se travou no curral do açougue, entre um grupo de retirantes, e a força publica que ali se achava e provocou a desordem, um dos soldados deu uma pranchada com o refle (sic) sobre os peitos de um retirante de que lhe resultou a morte instantanea.

A policia não procedeu a investigação alguma, declarando que o homem tinha morrido de raiva! (A Constituição, 1875b, p. 2; A Constituição, 1878, p. 3, grifos do autor).

Cabe ressaltar que, se o crime crescera em presença dentro dos jornais, o seu combate também já se encontrava estabelecido desde os textos políticos desse período. Embasados na religião e na moralidade, eles pareciam gradualmente abrir espaço para discursos de base leiga, todavia, isso não se fazia de forma menos conservadora. Ainda eivados de um forte moralismo, os discursos jornalísticos autodeclarados racionais ou mesmo científicos de fins do século, não deixavam de reafirmar antigas demarcações do senso comum e legitimavam, inúmeras vezes, o *status quo*:

Fortaleza, 22 de fevereiro de 1872.

No lugar denominado – *Livre-nos Deus* –, districto de S. Bento d'Amontada, termo da Imperatriz, o scelerato Josê (sic) Gabriel assassinou um individuo de nome Paulino, no dia 5 do corrente.

Este acontecimento fez crescer o terror, que aquelle assassino já inspirava a população da comarca e lugares circunvisinhos, que percorre desasombrado !

Agora que temos já uma força regular que póde ser empregada, com proveito para a causa da justiça, na captura dos criminosos mais afamados, como esse José Gabriel, ninguem póde relevar á policia do Sr. Lucena a – inercia, que tem apresentado a esse respeito.

Para fazer a eleição de deputados provinciaes, no sentido da *chapa* do seu grupo o Sr. Lucena desenvolveu actividade e mostrou – *abundancia de recursos*, colocando um delegado em S. Francisco, dous subdelegados, nos districtos de Mundahú e Santo Antônio do Aracaty-Assú, e, em menos de vinte dias, – dous delegados na Imperatriz, todos militares !

Para prender, porém, os criminosos, que infestam aquelles lugares, nenhuma providencia aparece da parte do chefe de policia, que revela solicitude pela segurança individual e de propriedade dos cidadãos.

A estatística espantosa dos crimes commettidos na provincia n'esses tres annos, em que o Sr. Lucena tem dirigido a repartição da policia protesta eloquentemente contra sua aptidão para as importantes funcções, de que se acha investido.

E' grande a responsabilidade, que cabe ao chefe de policia pela maioria d'esses crimes, que devem ser levados a conta do seu capricho na escolha do pessoa! (sic) que tem aproveitado para os cargos !

Subordinando os interesses geraes aos de um – grupo *faccioso*, o Sr. Dr. Lucena alienou o concurso dos homens prestigiosos do interior, que valendo por si alguma cousa, não tinham necessidade de – *tentarem fortuna politica*, sob a protecção official do ex-juiz municipal de Goianna.

D'ahi o timbre do Sr. Lucena em confiar os cargos a agentes sem conceito, sem força moral, incapazes de desempenhal-os satisfactoriamente.

De tal pessoal não se póde esperar – a prevenção e repressão dos crimes, mas o afrouxamento do respeito ao principio d'autoridade, e, conseguintemente, a anarchia, e todos os excessos a que as paixões violentas e ruins podem arrastar os homens de má indole.

Nas condições expostas, a causa publica exige imperiosamente a mudança do pessoal da policia.

Chamem-se os homens prestigiosos e praticos para debellar o crime, e restabelecer a provincia em condições lisonjeiras a ordem, a segurança individual, a honra e a propriedade do cidadão.

O procedimento contrario tem dado lugar a muitas desgraças.

E' urgente, por tanto, prover de remedio o mal, que assume proporções gigantescas (Pedro II, 1872, p. 2, grifos do autor).

O crime aqui ainda era visto como um atentado a organização e a constituição moral da sociedade e, logicamente, seus artífices, como ameaças ao pacto social e a boa moralidade do povo. No entanto, o seu combate sempre adentrava na seara das disputas, dos conflitos e dos bairrismos entre grupos adversários políticos, como bem se nota no texto acima destacado.

Em consonância com o processo, a gradual consolidação do ideário nacional, esses discursos que denunciavam a criminalidade pouco a pouco se erigiram sobre outros signos. Nas folhas oitocentistas, eles iriam se traduzir em doutrinas difundidas através do discurso letrado⁷³, enfatizando a discriminação e o controle sobre a sociedade, mas agora, ancorados em critérios ditos científicos (Guimarães, 2013).

Afinal, os jornais tinham se tornado suporte para os discursos de ordenamento, a partir dos seus momentos inaugurais. Não por acaso, visto que estavam ligados diretamente aos partidos políticos, ficando assim, a serviço dos governos, quando o partido que representavam estava no poder. Foram as folhas locais que reproduziram e divulgaram desde o início, não apenas os discursos oficiais de autoridades, mas as normas, as leis e os estatutos jurídicos policiais que se implementaram ao longo da segunda metade do século. Não à toa, quando aquele poder coercitivo inaugurava novas práticas sobre a cidade e sua população, ele

⁷³ Ao longo do século XIX, nas capitais e maiores cidades brasileiras, profissionais ligados à medicina, ao direito, à engenharia, à administração urbana e à política buscaram se legitimar como novos arautos da civilidade. Os jornais, nesse momento, foram catalisadores de seus discursos sobre o “mundo do trabalho” e contra o “mundo da desordem”. O saber médico/científico, já prestigiado pela imprensa, ladeava os tradicionais discursos religiosos moralizantes reafirmando normas e legitimando o controle social (Sevcenko, 1998; Bernardi, 2000; Engel, 2004).

o fazia propalado pelas folhas locais:

Instrucções provisórias para os inspectores de quarteirao do termo da cidade da Fortaleza.

«Pelo §1 do artigo 62 do regulamento de 31 de janeiro de 1842 com referencia ao § 15 do artigo 58 do mesmo regulamento compete aos delegados em seus respectivos termos dar instrucções a seus subalternos para que estes melhor desempenhem suas attribuições.»

Art. 1. Deverão os inspectores de quarteirão vigiar sobre a prevenção dos crimes, admoestando para que se corrijaõ os vadios, mendigos, bêbados por hábito, prostitutas, que pertubaõ o socego publico, os turbulentos, que por palavras ou acções ofendem os bons costumes, e a paz das famílias; e quando se não corrijaõ daraõ disso parte circunstanciada ao subdelegado, ou juiz de paz respectivo.

Art. 6 Deverão despensar os ajunctamentos ilícitos, ou em que houver perigo de desordem, nas ruas, praças, e estradas [...]

Art. 7 Deverão vigiar, que nas tavernas, e em qualquer casa de negocios de seus quarteirões não hajaõ desordens, tocatas, dansas, voserias, ajunctamentos de escravos, ou jogos prohibidos, recommendando aos donos, ou caixeiros fechem as portas ás dez horas da noite, e participando ao subdelegado o nome dos infractores com declaração de testemunhas.

Art. 8 Deverão prohibir ajunctamento de escravos nas ruas ou estradas, não consentindo que usem de pãos, ou qualquer instrumento com que possaõ fazer mal, nem que andem com voserias, palavras e acções deshonestas.

Art. 10. Deverão vigiar, que se não commettaõ ofensas contra a religião, moral, e bons costumes; assim como que não hajaõ motins, tumultos, e assoadas; que ninguem injurie, calumnies, ofenda physicamente a outrem, e uze sem licença de armas prohibidas, como pistola, bacamarte, faca de ponta, punhal, sovelas, ou outro qualquer instrumento perfurante, fazendo examinar as pessoas suspeitas, e prendel-as quando armadas levando-as logo a presença do subdelegado (O Cearense, 1848a, p. 2, grifos do autor).

Contudo, aquela escrita espetaculosa, sensacional e emocionante, cotidianamente galgava espaço dos jornais de forma incontornável. Não raras vezes, misturando-se em tramas que performavam o horror ao banalizar a violência real momentaneamente transladada para o suporte do jornal. Equilibrando-se entre a curiosidade e a morbidez, o relato do crime avançara de forma singular no século XIX (Kalifa, 2019), transformando parte dos jornais, momentaneamente, em um obituário exuberante e assombroso. Ultrapassavam a barreira das rubricas policiais ou se aferravam a multifacetada coluna dos noticiários. Seja como for, ela transformava o banal, o violento e o trágico em fios versáteis, para cerzir uma afronta ao modorrento cotidiano:

Bahia.

[...]

– Lê-se na *Ordem*, da Cachoeira:

«De uma carta, que recebemos de Maracás em data de 11 deste mez, extrahimos o seguinte:

«Há poucos dias que a fazenda *Testa-lisa*, pertencente ao Sr. A. J. de Miranda, deste termo, foi theatro de uma scena sanguinolenta e triste.

«Andava por lá vagando, desde muito, uma alienada, cujo nome e naturalidade todos

absolutamente ignoravam. Aparecera ella certo dia, andrajosa e faminta; e, tendo recebido algum acolhimento dos moradores da fazenda, deixou-se ahi ficar; como quem deparava com um oásis no deserto daquela vida árida e mesquinha.

«Nas primeiras semanas, a infeliz mulher guardou silêncio inquebrantavel. Recebia impassivelmente aquillo que lhe davam; não formulara jamais um pedido, nem articulara uma queixa. Ao depois, porem, deu em levantar questões com seus hospedes, e afinal, sahindo de casa mettu-se pelo matagal a dentro. Hia cumprir o misero destino, que lhe estava reservado...

«Por muitos dias ninguem se lembrou da pobre louca. Vindo entretanto em passeio, das margens do ParaguassT (sic), dous vaqueiros, por uma vereda, que d'ahi leva á Testa-lisa, descobriram no caminho as pegadas de uma pessoa, e pouco atraz o rasto de uma onça.

«Os passageiros conceberam logo suspeitas graves, e procuraram averiguar o caso.

«Seguiram, pois, pelo lado em que viam-se os terriveis vestigios e pouco mais ou menos a um kilometro de distancia deram com uma ossada humana, que alvejava; e junto a esta descobriram varias pôças de sangue na terra revolvida, – indicios de ter sido aquelle lugar o scenario de uma lueta desesperada e cruel.

«Não havia duvida ! A louca fôra devorada por uma onça ! Devera ter sido pungente e dolorissima a agonia da victima, si é que esta podera recobrar a lucidez da razão precisa para medir a extensão de tantos infortunios !

«Os viajantes procuraram, mas debalde, dar caça á fera. Ella, porém, já estava longe; e nenhum signal indicava o sitio, aonde acaso se refugiara. A's perguntas, que entre si aquelles homens fizeram, tão sómente respondera o vento, açoutando as arvores reflorescidas, e o pio selvagem do cascavel desperto...

«Horror ! ...» (Cearense, 1881, p. 1).

As folhas locais fabricaram paulatinamente um lugar cativo para o relato sangrento. Elas cerziram, no suporte jornalístico, os fios fundamentais da narratividade sobre o crime, unindo as notícias do cotidiano, àquelas relativas à segurança e ao controle da sociedade naquele contexto. Ocupando esse espaço novo dentro dos periódicos, essas estórias recebiam cada vez mais tons e nuances exageradas, abraçando cores folhetinescas o que, para o período, comungavam diretamente com modelos e estratégias narrativas já estabelecidas e populares (Angrimani, 1995).

Essas notas inovavam, utilizando recursos gráficos diversificados, principalmente em seus títulos chamativos. O uso de “negrito”, caixas de texto e pontuação exclamativa era norma corrente. Ora adjetivando os acontecimentos relatados, ora criando referências ao local, ou ao crime cometido de forma minuciosa. A precisão do local, do cenário sempre descritos detalhadamente procuravam reconstituir ao máximo a violência ou brutalidade que ocorrera durante o crime. Um “exercício de estilo” que combinaria, a um só tempo, “virtuosismo” e “inventividade” nas formulações mais “brutais” e “cruéis” ainda que “gratuitas” (Kalifa, 2019, p. 92).

Desde a confecção do título até o corpo do texto, o *fait divers* do crime se destacava por seus detalhes mais violentos, já que a comoção e o impacto das notícias asseguravam o reconhecimento do leitor com determinados personagens e a rejeição de outros, promovendo o compartilhamento de uma noção de experiência comum e íntima. Essa

escrita melodramática, tornava-se um aparato de interpretação da sociedade diante do crime (Matheus, 2011, p. 42):

Rio Grande do Sul. – [...] Os jornaes referem o seguinte facto horroroso que se deu em Butucarahy:

« O districto de Butucarahy acaba de presenciar um crime atroz.

Na noute de 16 para 17 de junho passado, no lugar chamado Tres Passos, foi assassinada uma familia inteira e depois de terem roubado os valores existentes em dinheiro e pratas, incendiaram os assassinos a casa e reduziram os cadáveres a carvão !

Manoel Correia, dono da casa achava-se ausente; sua mulher, uma criança de peito e 4 filhas da mesma, assim como um agregado paralytico de nome Medeiros, fôram victimas d'este atentado.

Medeiros havia recebido dias antes, algum dinheiro de mulas que vendeu, e foi sem duvida a causa do crime, porque achou-se os restos do saquinho em que elle guardava o dinheiro, mas este desapareceu assim como as pratas que elle possuia.

O cadaver carbonizado da mulher e o da criança de peito fôram achados com os craneos despedaçados tendo a mulher falta de um braço, que lhe foi cortado e achado em grande distancia n'um lago de sangue.

O cadaver de Medeiros tambem estava com o craneo partido; as outras quatro filhas, entre ellas duas de 12 a 14 annos tambem tinham signaes evidentes das violencias que soffreram, seus corpos tambem estavam quase calcinados.

O único ente vivo que escapou da carnificina e posterior fogueira, foi um cão, que apresenta um profundo talho de facão nas costas.

E' pois fóra de duvida, que, para roubarem, assassinaram ou antes *carnearam*, 7 pessoas inermes e depois lançaram fogo á casa que era de madeira e taboinhas, para apagarem os vestigios do horroroso crime. » (Cearense, 1867, p. 2).

Marialva Barbosa (2010) adverte que a compaixão, o horror e o medo são atitudes previsíveis em uma narrativa que apela, acima de tudo, para valores emocionais. Mesmo nessa época, o núcleo dentro desses relatos mostra não apenas o ocorrido, mas evocam acontecimentos similares aqueles do cotidiano dos possíveis leitores, o que potencializaria a identificação com o relato. Assim, um narrador minimamente hábil, de forma onisciente e onipresente elencava diante do leitor, os elementos que conduziam a uma possível reflexão ou posicionamento diante do drama narrado.

Era uma construção textual diferenciada, uma estratégia editorial bem-sucedida. Saltando aos olhos dos seus leitores, os *faits divers*, tal qual o barulho do trem e dos sinos da Sé, eram reconhecíveis mesmo à certa distância. Muitas dessas narrativas soariam perfeitamente inverídicas fora desse molde. No entanto, é justamente essa forma de inscrição jornalística e de descrição dos fatos narrados dentro daquela fórmula que transforma esses episódios de violência cotidiana em eventos dignos de nota. O sucesso desses escritos era indissociável da sua representação anedótica:

Perigo das flôres. – Mais um fac[mutilado] sucedido ha dias em Pariz vem comprovar o perigo que há em conservar flôres em quartos de dormir. Sirvão estes casos de prevenção aos nossos leitores. Eis o que se passou há dias em Pariz.

« A Sr^a. R... e sua filha Lucia, de idade 16 annos moradoras na rua Rivoli, tinham

trazido do campo um grande ramo de flôres, o qual collocarão no seu quarto de dormir, esquecendo-se á noite de abrirem a porta do gabinete para ahi penetrar a(sic) ar. No dia seguinte, de manhã uma vizinha, não as vendo sahir, bateu á porta, e, como não recebesse resposta alguma e lhe parecesse ouvir gemidos, avisou o porteiro, o qual arrombou a porta, vendo-se então as duas senhoras em um estado lastimoso.

« Queixavão-se de grandes dôres de cabeça e soffrião ao mesmo tempo contínuos spasmos (sic), entremisturados de delirio e convulsões. Chamado a toda a pressa um medico, reconheceu este todos os symptomas de um envenenamento produzido pelo gaz carbônico. A causa do envenenamento fora o ramo de flôres, e as doentes, graças medicamento enérgico, restabelecerão-se em pouco tempo (A Constituição, 1872a, p. 2).

Essa última notícia, por exemplo, já havia sido publicada, pelo menos, três outras vezes. No dia 23 de junho, também em Fortaleza, o periódico adversário, “Pedro II” tinha já noticiado essa estória com diferenças mínimas na sua escrita. Entretanto, esse *fait divers* replicado pelo periódico “A Constituição” já tinha sido publicado nos mesmos termos, em 11 de junho no “Diário de Pernambuco” (1872) e na folha carioca “A Luz” (1872), em um período anterior, o qual, muito provavelmente também não era fonte originária dessa nota.

Podemos julgar que isso ocorrera por displicência daqueles responsáveis pela publicação dentro do periódico “A Constituição”, ou porque de fato a nota fizera algum sucesso na folha concorrente e resolveram replicá-la junto às demais notas no noticiário. Pode-se conjecturar que, como ainda se tratava de periódicos com públicos fidelizados pelas ações e paixões políticas, cada um mantinha um pequeno nicho de público que não lia os demais jornais. Havendo o mesmo caso em que um modelo editorial específico, provavelmente selecionava, quando conveniente, essas notas em outros jornais, destacando-as novamente:

Horriavel assassínio. – Entre os horriveis regicidios e assassínios devemos acrescentar um novo, o do principe Miguel de Servia acontecido em Belgrado á 10 de junho ultimo. O principe pelas 5 horas da tarde se achava em passeio no seu parco(sic) com a sua prima Anna Constantinovich, quando foi assaltado por 3 irmãos que a tiros de revolver o mataram, e feriram a filha da(sic) Constantinovich, o seu ajudante Garascanin e o seu creado. Dos assassinos um foi preso e os outros dous puderão escapar. O principe Miguel III tinha nascido a 4 de setembro de 1825, e succedido a seu pae o principe Milasch I (Tribuna Catholica, 1868c, p. 3).

A “Tribuna Catholica” foi um periódico com uma linha editorial bem demarcada, embora não participassem dos seus quadros apenas religiosos oficialmente ordenados, mas diversos leigos. Ele era oficialmente o órgão representante da diocese de Fortaleza, as suas opiniões, os seus artigos, os seus textos edificantes ou as suas publicações pinçadas de outros jornais eram pautadas na ótica tradicional do catolicismo.

No trecho destacado acima, o *fait divers* do homicídio de um nobre, ainda que

sucinto, não deixava de confirmar a tendência desse tipo de publicação à época, corroborando com um determinado viés por parte da mídia escrita oitocentista. Afinal, os raros casos de assassinatos publicados ou comentados no jornal religioso, eram geralmente relativos a sacerdotes, pessoas ilustres ou casos que tergiversavam com práticas condenáveis pela doutrina cristã católica tradicional do período, também pontuados nas outras folhas:

Diz o *Propagador*, periodico do Piahy que corria que uma infeliz mulher, de nome Eufrazia, fôra queimada viva, porque um tal capitão Justo Guimarães, de Jeromenha, desconfiara que a infeliz tinha *enfeitado* a sua mulher ! O referido periodico dá conta do facto do modo seguinte:

« = **Facto Horrroso.** – Se bem que nos mereça toda confiança a pessoa que nos transmittiu a noticia do facto que vamos narrar, todavia não nos responsabilizamos por sua veracidade porque é elle sobremodo grave , publicamol-o porque infelizmente n'estes casos , há quase sempre algum principio de verdade. A autoridade que o esmerilhe, e nós nos daremos por felizes se podermos em breve diser que se deu no século actual e n'esta provincia um tão barbaro crime, que em verdade mostraria um estado de selvageria além do que se pôde imaginar. Eil-o :

« o capitão Justo Rufino Guimarães e sua mulher Regina de tal moravão no lugar Santa Rosa distante 12 leguas de Jeromenha e a meia legua da residencia d'aquelles morava Eufrazia de tal.

Sobrevem a D. Regina uma hemorragia e a sua ignorancia bem como a de seu marido leva-se a acreditar que a doente estava *enfeitada* porque assim o asseverara o preto africano – José Duro – e tambem que a – feiteceira – era a pobre Eufrazia. Nada mais escutão estes conjuges, e mandão – surrar – a pobre Eufrazia até que ficasse por morta. Esta infeliz assim maltratada retirou-se de rasto para o lugar Cariacá , distando do em que morava 4 a 6 leguas.

« Infelizmente recrudece , e se torna mais grave o mal de D. Regina , e ella lança um ou dous fetos imperfeitos, a que vulgarmente chamão – molas , – e então convenceo-se de que na verdade estava –enfeitada , – e seu marido manda prender a pobre Eufrazia por Filipe Nery de tal e Nicoláo de tal no dia 12 de março precedente.

« Chegada a pobre Eufrazia á presença dos novos juises é interrogada , e a força de tractos fazem-a confessar ter commettido o crime de – feitiçaria – não só na pessoa de sua madrinha D. Regina como na de outras pessoas. Então é ligada pelos braços com fortes cordas , recolhida a um quarto pendurada ao tecto. – Ahi conservada , tendo além de trancada a porta , por sentinela Felipe de tal (o mesmo que ajudou a prende-a) até o dia 16 do mesmo mez a noite em que fallecendo D. Regina desapareceu igualmente a pobre Eufrazia – Espalhárão os que a prenderão , e s pessoas da caza do capitão Guimarães , que a mulher havia se escapado pelo telhado – que era invizível &c. &c. – Embuste ! Corre porém de plano em Jeromenha que a infeliz Eufrazia foi queimada viva ! !

« A despeito de todas as indagações a infeliz Eufrazia não apparecem nem vestígios de tão bárbaro crime. « Os dous individuos que a prenderão forão por seu turno recolhidos a prisão e confessarão haver com effeito prendido a infeliz Eufrazia que entregarão ao capitão Guimarães que infelizmente ainda não pôde ser prezo por haver-se evadido. » (Pedro II, 1858a, p. 3, grifos do autor).

Não resta dúvida da diversidade de eventos lúgubres dentro das colunas do noticiário oitocentista. Há mesmo que se destacar, longe estávamos de ver determinados temas totalmente suprimidos de dentro dos periódicos. Embora, existisse já alguma ponderação sobre determinados temas tratados, ainda não estava totalmente assente que mortes oriundas de suicídio ou tentativas infrutíferas, mas igualmente perturbadoras, fossem dissimuladas ou censuradas.

Na verdade, nas últimas três décadas, malgrado o reforço de textos condenando tal ato, ora tentando explicar racionalmente o que levaria a tais atos (medicina), ora procurando de forma moralista pontuar quais seriam as consequências (religião) de uma ação tão sinistra. Verdade era que as narrativas sobre esses episódios eram frequentes e um dos *faits divers* sangrentos mais prolixos e constantes:

Suicídio singular. – Lê-se no *Jornal da Manhã* da cidade do Porto: Damos hoje noticia de um suicídio singular que tem relatado no Correios dos Estados-Unidos.

Este acontecimento, é provável que sem precedente, acaba de passar-se em Caprou, uma villa do Illinos (sic).

Nos principios de maio, um tal Jorge Burleigh, que vivia em Obio(sic) foi estabelecer-se em Caprou com um salão de cabeleireiro. Este homem recebera uma excellente educação, e a sua conversa todos a achavam interessantissima.

Alguns dias depois da sua chegada a Caprou, um domingo, Burleigh publicou um annuncio declarando aos cidadãos que, resolvendo satisfazer o desejo, que lhe tinham muita vez expresso, de assistirem a qualquer occorrença tragica, elle faria uma leitura em Torhton Hall a 23 de maio, e finda ella, gratificaria a curiosidade do auditorio fazendo saltar os miolos em presença d'elle.

O preço da entrada era uma libra. O produto era destinado a pagar as despesas da inhumanação do leitor, e o excedente, caso houvesse, a comprar as obras de Huxley, Tyndall e Darwin para a bibliotheca da cidade.

A sala regurgitava de espectadores no dia annunciado; Jorge Burleigh desenvolveu n'uma leitura notável diversas ideias hostis a todas as religiões reveladas.

De seguida á peroração, encostou o cano de uma pistola á testa, e, apesar de alguns esforços tentados para que elle não realisasse a promessa, disparou um tiro e cahiu morto nos braços de dois dos seus amigos, que tinham tomado assento ao lado d'elle no estrado.

A bala era de grosso calibre, e por isso, o craneo do infeliz suicida foi literalmente esmigalhado.

Suicídio singular – Em Buenos Ayres occorrera um suicídio singular:

O joven Jacintho Mallerin poz termo aos seus dias do modo seguinte:

Colocou dous rewolvers á cabeceira da cama, um da direita outro da esquerda em direcção certa á [danificado] fontes e um terceiro prezo da cúpula do leito com direcção á bocca.

Estas armas estavam preparadas com cordéis de fórmula que a um só tiro os tres rewolvers se descarregaram ao mesmo tempo.

Diz-se que o levaram a este extremo grandes perdas que soffrera em seus negocios.

Horroroso Suicídio. – Na localidade de Santo Antão, provincia de Pernambuco, uma infeliz moça, apenas de 21 annos de edade chamada Francisca Siphronia de Jesus, para terminar os dias de sua amargurada existencia serviu-se de uma garrafa de kerosene que entornou sobre as vestes ateando lhe um phosphoro.

Presas das chamma, que sómente extinguiram se depois de consumido o ultimo fiapo de suas roupas, cahira de bruços horriavelmente queimada e como morta.

Dizia-se que fôra levada á esse acto de loucura em consequencia de profundos desgostos nascidos de um amor infeliz.

A desditosa ainda voltou á si e pediu que quera confessar-se.

Immediatamente prestaram-lhe todos os socorros espirituais, assim como os recursos aconselhados pela sciencia.

O facto deu-se ás 9 horas da noute e a 1 hora da madrugada ella exhalava o ultimo suspiro, por entre dôres cruciantes (Tribuna Catholica, 1878, p. 2; A Constituição, 1875c, p. 3; Cearense, 1888a, p. 2, grifo do autor).

Deu-se assim, um aumento considerável dessas narrativas envolvendo violência,

criminalidade ou desordem, a partir dos *faits divers* nos jornais locais. O sangue continuava seguidamente a fluir do noticiário jornalístico, já que a sua construção dentro dos suportes emoldurava um recurso já tradicional na Europa e nos Estados Unidos (Angrimani, 1995).

Essas notícias exerciam um forte apelo junto aos leitores, pois, utilizando uma linguagem familiar e características dramáticas que estabeleciam uma significativa interação e empatia. Os *faits divers* tornavam visível o que se acreditava invisível, mostrando o notável e o inexplicável, ou mesmo, trazendo o sangue perturbador da ordem, o que tinha um grande poder de mobilização (Merleau-Ponty *apud* Guimarães, 2013).

2.3 Notas excêntricas e ambíguas

A diversidade escrita envolvendo o crime nos periódicos oitocentistas locais é notória. Desde artigos, notícias, anúncios de livros e correspondências de leitores até relatos pilhéricos e caricatos, toda uma abundância de textos margeava o tema. Essa aparente variedade, no entanto, não se mostrava efetiva, pois, ainda que se originassem em lugares diversos dentro da sociedade, todos se davam a ver, através daquilo que Ángel Rama (2015) nomeou acertadamente de “A cidade letrada”. Nesta pesquisa, como veremos adiante, existiam várias discrepâncias entre esses textos, mas a grande maioria estava enredada com a defesa da ordem e com o controle da moralidade.

Comprometidos com a direção e ordenação da sociedade pelo exercício das letras, as pessoas envolvidas⁷⁴ naquela escrita periódica foram responsáveis pela elaboração ou ratificação de modelos culturais que lhes pareciam mais corretos. Almejando legitimar e consolidar a nova ordem urbana que se constituía, letrados, dentro dos jornais oitocentistas, reafirmaram no seu fazer, a crença no valor superior da escrita como “única válida, em oposição à palavra falada que pertencia ao reino do inseguro e do precário”, acreditando ser aquela a única “capaz de expressar a ordem rigorosamente no nível cultural” (Rama, 2015, p. 27).

Enquanto gênero textual, o texto jornalístico tinha uma forma própria de inscrição. Todavia, naquele momento, a construção discursiva das notícias e, sobretudo, a

⁷⁴ Embora ao final da década de 1890 tenha havido a inserção de algumas mulheres produzindo e publicando textos para os jornais cearenses, sua presença continuava muito limitada. Ainda assim, na maioria das vezes referendavam uma ótica comum ao fazer jornalístico masculino sobre as questões pautadas nos periódicos. Como pontuou Pimentel Filho (1998), o papel feminino, ao menos aquele que se buscava estabelecer a partir dos jornais, permaneceria intocado. Seria salvaguardado mesmo por aquelas mulheres que haviam tido oportunidade de participar diretamente de atividades e lugares sociais mormente controlados por homens. Esse seria o caso de Francisca Clotilde Barbosa Lima (1862-1935), primeira mulher a exercer o cargo de professora na Escola Normal. Poeta, contista e romancista, ela trabalhou como professora, jornalista e esteve ligada diretamente ao movimento abolicionista local. “A divorciada”, de 1902, foi sua obra mais célebre.

forma de narrar eventos dentro dos jornais ainda era muito próxima da literária. Nesse sentido, sua análise nos permite perceber a fabricação do evento narrado, como um acontecimento indissociável de caracteres narrativos próprios da ficção:

**De como é castigado
o crime.**

Por uma terrível nevada, entrara há alguns annos um viajante, em uma estalagem desviada na Hungria. Pelo vestuario era facil conhecer que tinha de seu, e pelo pezo da sua mala, o estalajadeiro quiz-lhe parecer que era possuidor de uma grande somma de dinheiro em oiro (sic).

O dono da estalagem era casado e tinha um filho a quem muito amava. Era um homem cubiçoso e cruel; o filho era bom rapaz, mas um pouco inconstante; tinha partido para uma festa de aldeia, e devia voltar no dia seguinte.

– Aonde accomodaremos o viajante? disse (sic) o estalajadeiro em voz baixa a mulher. Eu sei que elle traz dinheiro; convém dar-lhe o quarto do nosso Ernesto que de certo não vem esta noite. Ali estará afastado, e podemos matal-o á nossa vontade e apoderarmo-nos do que tem.

A mulher do estalajadeiro não era tão má quanto seu marido; horrorizou-se primeiro, porém a paixão do oiro venceu-a, e associou-se a esse horrivel projecto:

Acabado o jantar, o estalajadeiro conduziu o viajante para o quarto do seu filho. O viajante sem desconfiança adormeceu, deixando a mala aberta assim como a porta do quarto. De repente acorda ao som de repetidos gritos, ouve empurrar a sua janella, sente partir a aldrava que a segurava e vê um mocetão saltar de uma escada e dirigir-se para sua cama.

E' facil advinhar o susto do pobre homem, acordado assim de sobresalto. Armas não se tinha á mão. Pedir soccorro ? aquem, pois se achava entre um bando de assassinos. Podia vender cara a sua vida: porém o terror lhe gelou os membros, e tomou um partido aparentemente ridiculo, mas que o salvou: foi o de se esconder entre a parede e o leito. Na mais terrível anciedade, vê o recém-chegado dirigir-se para o leito, abril-o e deitar-se. Era o filho do estalajadeiro, que voltando da feira mais cedo que se esperava, e tendo bebido mais do que costumava, voltava com seus folgazões amigos e ia descançar de suas fadigas.

O nosso pobre viajante joulgou-se logo salvo ouvindo roncar o seu companheiro, e já se dispunha a passar a noite em claro, quando depois de um bom quarto de hora ouve abrir a porta furtivamente. Era o estalajadeiro que vinha consummar o seu crime, e que entrava ás apalpadelas armado de um enorme cutelo. Mais morto do que vivo, vê o miseravel dirigir-se para o leito, apalpar o homem que n'elle estava dormindo tão socegado, e enterra-lhe com o maior sangue frio o cutelo no coração; depois trata de ver se está morto, embrulha-o n'um lençol e ajudado por sua mulher, o levam, assim como um colção da cama. Imensas vezes em quanto durou esta scena lugubre, o nosso viajante quiz gritar, fazer ainda um esforço; mas o temor, o sentimento da propria conservação o retiveram, e não teve forças senão para se agachar ainda mais entre a cama e a parede.

Comtudo o estalajadeiro, saiu devagar com sua mulher levando o cadaver e a mala do viajante, que só quando mal se ouviam os passos se julgou salvo. O seu primeiro impulso foi ir á porta e entrincheirar-se o melhor que pudesse, desta vez não dormiu mais esperou com impaciencia que amanhecesse, para se aproveitar dos primeiros raios de luz, e fugir ao perigo que o ameaçava. A escada por onde o filho do desgraçado estalajadeiro tinha subido para o quarto lhe serviu para por em pratica o seu projecto: saltou um muro, e d'ahi a pouco tempo viu-se na aldeia, d'onde partiu para a cidade pouco distante d'ali.

Neste intervalo o estalajadeiro e a sua mulher tinham com todo o cuidado enterrado o cadaver em um canto do quintal, tinham lavado o sangue e feito desaparecer todos os vestigios do crime. E demais quem se havia de importar com um homem, que não conheciam, nem tinham visto entrar ?

Mas passadas algumas horas, eis que chegam soldados com o policia (sic); cercam a casa, prendem o estalajadeiro, e o accusam de assassino e roubo. – Ao principio quer

resistir, negando, assim como sua mulher. Mas a policia procura; – acham-se pegadas no quintal, terra remexida ; cavam até que encontram um cadaver.

Até ali teimava nas suas negativas : mas de repente ocorre-lhe uma lembrança : seu filho, não o tinha visto desde o dia antecedente. – O que lhe teria acontecido ? Foi talvez elle que matou na escuridão em logar do viajante, porque de outro modo quem o havia denunciado ? Levanta-se em um acesso de furor e desesperação, atropella os soldados que o cercam, corre ao quintal, e ali n'aquelle cadaver ensanguentado reconhece o seu filho. – seu filho, por quem quis commetter um crime, e que foi a victima d'este crime. E ao lado de seu filho vé vivo o homem que julgava ter ferido e que lhe tinha escapado.

Em um instante toda a scena da noite passada lhe vem á memoria, e apenas pôde, desanimado, dizer as seguintes palavras : « Agora que meu filho está morto, pouco me importa que me prendam. »

A' vista de provas tão convincentes o processo não foi demorado ; o estalajadeiro e sua mulher foram condemnados á morte, e soffreram um terrivel supplicio. Quantas reflexões se podem fazer d'esta historia.

A devassidão do filho, punida com uma morte tão atroz e tão súbita, que não lhe dá nem tavez (sic) tempo para pedir perdão a Deos dos seus pecados! O crime do pai descoberto de um modo inesperado, e voltando-se contra elle mesmo!

O castigo o mais exemplar infligido á cobiça e ao assassino!

É assim que por justa permissão de Deos, o mal sempre se descobre, mais cedo ou mais tarde; Deos o pune sem duvida na outra vida, se nesta não foi expiado: mas quase nunca o deixa neste mundo sem um severo castigo.

(Das *Leituras Populares.*) (A Constituição, 1865a, p. 1-2).

Esse caráter prolixo e fabuloso, carregava uma verdade poucas vezes admitida, na contemporaneidade, pelo discurso jornalístico, a da não neutralidade e da não assertividade. Essa escrita acima, presente nessa historietta modelar, por sua própria origem, não se comprometia com a veracidade dos fatos ocorridos, mas antes na afirmação do seu potencial de narratividade e instrução. Tal qual se nota, nela se destacavam muito mais os elementos ficcionais que constituíam o enredo da estória contada, alinhavado com caracteres que permitiam a sua aproximação das notícias criminais cotidianas nessa mesma época.

O objetivo daquele texto não era noticiar o verídico, mas pontuar, admoestar e criticar modelos de conduta estabelecidos a partir de uma narrativa sobre um crime. É a construção de um discurso moralizante e didático, como também disciplinador. Uma forma recorrente de usar o recurso do enredo criminal, como forma de moldar um discurso voltado para a instrução modelar. Essa mesma, herdeira direta das fórmulas religiosas, as quais, tradicionalmente, subsidiaram a escrita jornalística sobre o crime. Na segunda metade dos oitocentos, foi comum vê-las ocupar espaço, tanto nos periódicos leigos, quanto nos religiosos:

Aos paes e mães de familia

A Salvação da mór parte dos christão (sic) depende dos primeiros annos; e se um grande numero se perverte é porque fõram privados na infancia do beneficio de uma boa educação christã.

Eis um factõ, acontecido em 1845 que prova exuberantemente esta verdade.

Um homem chamado Fourier se tinha tornado chefe de uma quadrilha de salteadores

que contavam seus dias pelos crimes que commettiam.

Foram enfim (sic) descobertos, presos, julgados e condenados.

Convencido por uma multidão de testemunhos e por sua propria confissão em juízo, de uma longa serie de roubos e assassinatos, fez Fourier á seus juizes, no momento da leitura da sentença, esta sinistra declaração:

– Eu sou um grande criminoso; não peço, nem indulgência, nem piedade; mas ha *duas pessoas*, que responderão diante de Deus pela sentença que ides pronunciar.

– Que quereis dizer com isso, lhe perguntou o presidente do tribunal?

– Um filho nunca deve acusar *seu pae e sua mãe*, respondeu elle; e calou-se para ouvir a sentença de morte.

A apelação que fez deu-lhe tempo de cahir em si. Recebeu avidamente os caridosos conselhos do capellão, confessou-se, comungou, e gozou de algum descanso.

A 8 de fevereiro soube que a apelação fôra regeitada, e que nada mais lhe restava senão preparar-se para o ultimo momento. Montado no fatal carro com o digno sacerdote de Jesus Christo, o ouvia, e orava; ao pé do cadafalso, orava ainda.

tinha subido com passo firme os dous últimos degrãos e entregava-se aos executores, quando de repente parando:

– Meu Deus, exclamou elle, com voz estrondosa e olhos para o céu; meu Deus, perdoai-me.

Depois olhando para o instrumento de sua morte:

– *Séde Malditos*, ajuntou elle com tom surdo e que gelou de espanto os espectadores mais visinhos, *séde malditos meu pae e minha mãe, séde malditos !!..*

E sua cabeça cahiu.

Quantos outros infelizes poderiam em seus últimos momentos proferir a mesma terrivel imprecação?

Paes e mães estremecei! De vós depende os destinos de vossos filhos ! (Tribuna Catholica, 1868d, p. 4, grifos do autor).

Nota-se aqui, uma construção textual pautada no combate ao desvio e ao crime baseada no modelo exemplar tradicional. Este que também se verificara no final daquele primeiro texto acerca de um viajante atacado durante a noite em uma estalagem, cujo enredo central seria utilizado novamente em um *fait divers* de 1873, pelo periódico “Cearense”⁷⁵. Suas formas de encerramento são extremamente similares. Tanto lá quanto aqui, sobressaía o tom pastoral, fosse na folha leiga ou no órgão oficial do bispado cearense, ambos os textos referendavam e articulavam uma narrativa sobre crime e castigo na ótica moral religiosa.

A coluna que estava sendo inaugurada pelo jornal “Tribuna Catholica”, em 1868, versaria sobre uma considerável quantidade de temas, ao longo dos anos. Porém, todos eles estavam ligados a essa visão pedagógica, instrumentalizada pela doutrina cristã tradicional. Já afirmavam desde a introdução desse primeiro exemplar:

UM POUCO DE TUDO.

Sob esta epigraphe, bem ou mal aplicada, iremos d’aqui em diante publicando neste jornal um pouco de tudo, quanto por variedade, concisão e boa doutrina, parecer-nos

⁷⁵ *Faits divers* destacado anteriormente nesse trabalho (nota nº.95), como um caso que ocorrera no interior paulista, em 1873. Relato que repetiria de forma mais sucinta essa estória publicada em 1865 pela *A Constituição* e que encontra similaridade imensa com outro *fait divers* publicado pelo jornal *Gazeta do Norte* em 15 de agosto de 1880. Não cabe aqui pontuar qual dos três relatos era completamente fictício, mas como eles certamente tinham sido constituídos sob o recurso editorial e gênero narrativo próprio do *fait divers* em temporalidades diversas, muito provavelmente na esteira de outras versões mais antigas desse mesmo texto.

que poderá interessar ao leitor e servir-lhe, quando não de outra utilidade, ao menos para entreter o espirito em alguns de seus momentos livres, em uma ou outra de suas horas vagas.

Contos históricos, lendas populares, exemplos edificativos, anedoctas, máximas, sentenças, composições poéticas, etc. sempre sob o ponto de vista moral e religioso, taes são as materias que entrarão no quadro da presente publicação, quadro que vai dar ao nosso jornal, como se vê, uma secção nova e toda especial, aliás sem prejuizo das já existentes.

Como sabe o leitor, é indispensável nas publicações deste gênero, (em que a variedade é tudo,) recorrer á autores diversos, e collegir aquelles de seus escriptos, que melhor se harmonisarem com o programma, que se tem adoptado ; por isso, escusado será dizer, que o presente trabalho, pouco, ou nada tem de original, à não ser a escolha do assumpto e classificação das materias.

Isto posto; começaremos hoje, transcrevendo em primeiro lugar um factio, que bem poderá servir de lição (Tribuna Catholica, 1868d, p. 4).

Desse modo, temos um raro momento em que se pode perceber diretamente uma folha introduzindo e legitimando um novo recurso no seu *layout* de forma definitiva, o da coluna de variedades. Tal como já afirmado anteriormente, esse processo estava ligado a busca por aproximação com o público leitor e na produção de uma ferramenta compromissada com a boa moralidade e com um entretenimento edificante.

A variedade era uma necessidade que se impunha mesmo aos tradicionais periódicos religiosos, mas os autores, as obras ou os trechos utilizados obedeciam a uma análise interna e deviam logicamente remeter e se harmonizar com a linha editorial daquele jornal. Os textos seriam utilizados como ponto de partida na cruzada por edificar o caráter e mudar os maus costumes e hábitos violentos dos cearenses. A má fama era dividida com os demais habitantes de toda a região, já existente há mais tempo que podíamos supor, como se pode notar:

Cazo horrivel. – Os nossos amáveis civilizados da côrte, e sul não cessão de chamar os pobres habitantes do norte selvagens, e barbaros, por que aparecem por cá mais ou menos crimes horrorosos: entretanto que elles não contão ou não se admirão dos que vão por lá desgraçadamente injuriando a civilização, e humanidade. Ha pouco um malvado na provincia do Rio de Janeiro atacou uma ca[ilegível]a, matou pai, mãe, filhos, filhas, escravos, cachorros e galinhas, e tacou fogo, só para vingar-se de uma ofensa particular. Agora lemos no C. Mercantil o seguinte.

« Um factio horrivel, e que revela mais um criminoso da especie de Furberto, acaba de ter lugar na quinta feira, as 10 horas da noite, na travessa da Candelaria. Vamos referil-o tal qual nos foi contado.

– G. morador nessa rua, e que vive amancebado com uma mulher filha do Rio de Janeiro, teve desconfianças de que ella entretinha relações com um moço que mora tambem na travessa da Candelaria. Quinta feira á hora acima indicada, entrou G. acompanhado por 2 negros seos em casa do suposto amante; e lançando mão deste, o amarrou, depois de o haver despido, coadjuvado pelos escravos, ameaçando-o ao mesmo tempo de matal-o se gritasse. Depois lançou-lhe sobre as partes genitaeas uma porção d’agoa forte, e pimenta. Ao grito do infeliz acudirão os visinhos, e conseguirão tirar das mãos desse carrasco a victima de seo ciúme brutal. Este malvado, que não pode completar sua obra, tentou também antes faser soffrer a mesma tortura á sua concubina. » (Cearense, 1853a, p. 3).

A questão do comportamento e da moralidade, enquanto práticas modificáveis pela instrução e pela religiosidade, foi uma chave central para os discursos sobre o crime naqueles jornais. As narrativas jornalísticas tinham longa tradição no acolhimento dessa perspectiva pedagógica sobre o combate aos desvios, à desordem e à criminalidade. Esses textos muitas vezes articulavam saberes diversos, mas tradicionalmente, vinculavam a interdição do crime à adequação da população às normas sociais e aos valores religiosos:

Reforma da Instrução Publica.

(Diario do Rio)

[...]

E como a instrução é consciência da religião, que é a luz, que é o ensino vivo, e como sem religião correria a instrução o risco de desvirtuar-se, sendo conivente que marchem ambas uma do lado da outra, afim de que corrija aquella os desvios que esta possa ter, é claro que para a pasta da instrução deveriam passar os negócios eclesiásticos.

Instruir é a missão da igreja, e quando se trata de instrução não é ella forasteira a quem se possa perguntar quem é, o que quer. [...]

IV

[...]

O povo tem sede de instrução, e as escolas nocturnas e os cursos feitos aos pobres operários e artistas, não são uma utopia aqui, como o não são na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos.

[...]

Estabeçam-se bibliotecas populares nas diversas freguesias; bibliotecas que tenham livros que estejam ao alcance do povo, que moralizem os costumes, que inculquem n' alma o amor de bem e o horror ao vicio, n' estes últimos vinte annos tem-se verificado na França que a difusão das escolas e outros centros de instrução popular tem feito baixar 12% o numero dos criminosos (A Constituição, 1870b, p. 2).

O discurso jornalístico se constituiu como um entremeio daqueles outros vindos, fosse das instituições mais antigas e formas discursivas mais tradicionais: a religião, o direito, a política, como também daquelas consideradas modernas e advindas das ciências e da literatura.

A emergência desse discurso embora constantemente legitimasse o valor da racionalidade, da civilidade, do progresso, não abandonava, contudo, reafirmava aquelas características do tradicional e da moralidade em seus textos. Ele construía o status do verdadeiro, do natural articulando saberes diversos e produzindo narrativas, por meio de lugares diferentes, mas com efeito unívoco: a produção de uma verdade sobre o crime e o sujeito criminoso (Foucault, 2014).

Existiu um longo percurso de diferenciação do discurso jurídico policial materializado nos seus documentos originários, até o sucesso relativo do discurso jornalístico sobre o crime em sua exuberância pitoresca nos *faits divers*. É preciso pensar o quanto a apropriação daquele discurso e de outros fizeram parte desse processo de assimilação-

diferenciação, uma vez que é notório que os relatos e discursos acerca do crime conversavam bastante nas folhas dos periódicos oitocentistas:

[...]

Segurança individual e de propriedade.

Exercendo a índole do povo incontestável influencia sobre a moralidade de suas acções, a estatística criminal d'esta provincia devera guardar uma proporção mais ou menos exacta com os hábitos de ordem e de trabalho, que formão o caracter de seus habitantes.

Infelizmente, porém, essa lei physiologica, que ainda nos paizes mais adiantados em materia instrução popular, como a Alemanha, a Suissa, e os Estados Unidos, está longe de corresponder ás suas aspirações Moraes, mantem-se entre nós a grande distancia da realidade criminal, deixando soppuo-se que ainda não desceu da altura dos principios para entrar no domínio dos factos, na ordem das idéas verificadas.

Nesta provincia, principalmente, o crime parece resistir a todas as evoluções do progresso moral, que o tempo realisa em sua marcha civilizadora. Si algumas vezes não consegue ultrapassar em um certo periodo os limites á que chegara em igual periodo anterior, quasi nunca deixa entre si e esses limites um espaço reservado á animadoras apreciações.

As causas desse grande mal, que todos os meus antecessores tem assignalado, não estão sómente na falta de produção de luzes por todas as camadas sociais, como se pensa o digno chefe de policia interino. Com quanto caiba á escola a parte mais importante na obra da regeneração social, as instituições e as lei- (sic) influem tambem, e mui poderosamente, sobre esse resultado [...] (A Constituição, 1876, p. 1).

Percebe-se de pronto, uma certa consonância entre o discurso oficial na Corte sobre a reforma da instrução pública (sua importância no enfrentamento/prevenção da criminalidade), com este do presidente da província, Francisco de Faria Lemos, transcrito para o jornal "A Constituição" de 17 de agosto de 1876. Ambos reafirmavam lugares comuns do pensamento político e jurídico do período acerca da associação entre educação, trabalho e controle da criminalidade. Embora, admita que, mesmo em países tidos como mais adiantados, essa não era uma associação exata, esse discurso se alongava em reafirmar a importância da educação, da conservação da boa moralidade e da importância das instituições e leis como forma de regenerar a sociedade local.

Uma sociedade onde a transgressão das normas incomodava tanto quanto a infração das leis, onde a desobediência, o desacato ou resistência aos ditos bons costumes e a boa moral eram corriqueiros nas ruas, tanto quanto os crimes de sangue publicados nos jornais. Não à toa, firmava-se com grande sucesso na segunda metade do século, o hábito entre os letrados nos jornais se utilizarem de textos, poemas e quadrinhas para criticar, através do deboche, riso e escárnio, aqueles que não se encaixavam no respeito às normas e regras oficiais da dita boa sociedade:

Typos contemporaneos.

OS RUADORES

I [...]

Devassamos a vida intima do ruador;
d'aquelle que abandona e esquece a esposa e o filho pelos prazeres da rua; e n'estes, óra nas tavernas ou jogos, óra nos alcouces ou a palestrar sobre a honra alheia, gasta as horas que devera empregar na educação dos filhos, na convivencia da consorte, no bem estar enfim da familia.

[...]

O calcêta commetteu o crime em momento de loucura, fora de si e portanto sem enchergar o abysmo em que se precipitava. O ruador, frio como o punhal do homicida, o commette lentamente, hora por hora, durante muitos annos.

Se aquelle roubou ... se assim privou a outrem de uma parte de seus haveres: – este priva a muitos da honra, da paz e da felicidade.

Este é o assassino, é o algoz de uma familia inteira !

A sociedade pouco se importa com isto; não os compara; condemna aquelle, e abraça este : olha com indiferença para tamanhas atrocidades.

Nós, porem, leitor, rasgando o véo que os envolve, profliguemos severos o malvado, e choremos com suas victimas.

[...]

Isto é que eu duvido :

A moça solteira
Que seu pai é pobre
E ropas de nobre
Traja no diario ;
– Si comprou vestido ,
Isto é que eu duvido !

Viuvinha fresca
Já toda enfeitada ,
Toda requebrada ,
– Que não quer marido ,
Isto é que eu duvido !

Estudante novo
Que frequenta a caza,
Não perdendo vaza
De fazer visita :
– Si é só conhecido ,
Isto é que eu duvido !

Menino engeitado
Muito bem vestido
Sendo parecido
Com a dona da caza :
– Si não foi parido ,
Isto é que eu duvido !

Rapaz petimetre
Com muita corrente
E que paga a gente
Com dinheiro avista :
– Se elle é bem havido ,
Isto é que eu duvido !

Estar um dia inteiro
A menina bella
Sempre na janella
Olhando para a rua :
– Sem ter mão sentido...
Isto é que eu duvido ! [...]

(Cearense, 1868, p. 1; O Nortista, 1860, p. 4).

Esse apelo à moralização e à preservação de bons costumes nos leva a questionar se esse também não era um dos motivos de tantos daqueles crimes sangrentos permanecerem entre notícias tão diversas e menos chocantes.

Os jornais, enquanto meio de comunicação naquele período, criaram discursos naturalizantes sobre o crime e a desordem, validando a compreensão de que aqueles sujeitos nasciam com uma essência para o crime, a turbulência, a desordem ou a imoralidade. Ao mesmo tempo, acionavam aqueles relatos enquanto estratégia narrativa que, ao reelaborar acontecimentos pela sua excentricidade, promovia uma certa forma de aproximação entre as folhas e a população local (Brasiliense, 2020).

Parecia ser necessário, diante de um público e um povo ainda visto como rústico e pouco afeito às delicadezas, o choque dos relatos sangrentos. Daí darem margem, inclusive, à grotescas narrativas sobre agressões, castigos e assassinatos cometidos contra escravizados,

mulheres ou crianças, que preenchiam noticiários ou correspondências que chegavam às tipografias vindas de outras cidades:

Crime horrível – Sob esta epigraphe narra o *Seculo* de Montevidéo que, no centro da cidade e á luz do dia, fôra degolada uma mulher, joven e bela, na rua Buenos-Ayres.

Levava pela mão um filho seu, quando a chegar á referida rua, em frente a uma loja collocada entre as ruas Milsiones e Treinta [danificado] Tres, foi atacada por um individuo, que sem dar-lhe tempo de soltar um gemido, lhe cortou barbaramente o pescoço com uma navalha de barba, evadindo-se depois de consummado este horrível assassinato.

Na occasião do sangrento successo um individuo, decentemente vestido, apoderou-se da criança, que ficou extática junto ao cadaver de sua mãe; e como um changad[danificado] conhecido da infeliz assassinada, pretendesse leval-o tambem para sua casa, o individuo declarou que o menino era seu filho e que ninguem o entregaria.

A policia occupa-se activamente da captura do criminoso, que se chama Angel Savanes [danificado] exercia a industria de verdureiro. Suppõe-se que ferozes ciúmes o impeliram aquelle crime notavel nos annaes das perversidades humanas.

Pernambuco. [...] – Na villa do Granito deu-se uma (sic) crime horroroso. Antonio Alexandre e sua mulher, tendo sahido deixaram em caza 2 filhinhos Francisco de 8 para nove annos e Rachel de 6 para 7. Dous ou 3 dias depois que seus paes haviam sahido, appareceu incendiada a caza. Correram em socorro e encontraram as 2 creanças mortas, uma com o craneo fracturado e outra com os intestinos de fora ; sendo o autor desse barbaro atentado Joaquim Rodrigues da Costa, complice em crime de Morte no termo do Assaré, nesta provincia, que achava-se cumprindo sentença na cadeia do Crato d’onde evadira-se. O malvado depois de commettido o crime lançou fogo na caza para o ecultal.o (sic): e fugiu para cima da serra onde encontrado com um individuo que ia com sua sogra e mulher para Brejo Grande, contou-lhe entre outras façanhas, o horroroso atentado.

Assim caminhando, procurou Joaquim Rodrigues desviar a atenção de seu companheiro, e tendo-o conseguido, deu-lhe um tiro á queima-roupa, para raptar-lhe a mulher como effectivamente o fez, apezar da seria resistência que ella oppoz.

O primeiro acha-se em perigo de vida e da segunda não se tem noticia certa, apezar de dizer-se que fôra assassinada por seu raptor depois de ter seciado (sic) seus brutaes desejos.

Joaquim Rodrigues foi preso no Assaré por um seu tio, na occasião em que ia raptar-lhe uma filha, como elle próprio confessou.

E o mais notavel é que este monstro conta apenas vinte a vinte um annos ; e não obstante sua tenra idade, já tem praticado tantos e tão horrorosos crimes.

Crime horroroso. – Lê-se no *Diario de Pernambuco* de 8 do corrente:

« Um crime estupendo acaba de ser praticado no termo do Exú, que nos narram assim

« No dia 10 de abril, pelas 9 horas da noite, um crioulo, livre, filho do escravo de nome José Vicente, assassinou a Josepha Cardoso, mulher publica, com 54 facadas e 3 cacetadas sobre a cabeça, que fez saltar os miolos da victima.

« O criminoso foi immediatamente preso pelo tenente-coronel Ignacio Caetano de Alencar Rodovalho, e remetido para a villa do Granito, onde se acha recolhido á cadeia e está sendo processado.

« O monstro pretendia ter relações com a infeliz e não tendo esta querido acceita-lo, assassinou-a, e depois serviu-se do cadaver da victima, do que deixou vestígios, saindo também com a roupa e barbas untadas de sangue, e por onde se conheceu os primeiros vestígios do crime.

« Pelo dr. Juiz de direito da comarca foi recomendado ás autoridades a instauração do competente processo com todo o zelo de justiça, de modo a colher-se todas as circumstancias e provas do crime, e findo o que fosse o preso transportado para a

cadeia do Ouricury, onde oferece mais segurança, até ser julgado. » (A Constituição, 1875d, p. 3; Cearense, 1875e, p. 2; A Constituição, 1874a, p. 2).

A presença e a constante republicação desses textos prova que se desenvolvia uma crescente exploração desse recurso editorial dentro dos jornais locais. Tornava-se comum não apenas a publicação completa, mas também versões reduzidas, coisa perceptível no “Cearense” de 17 de maio de 1874, o qual também tinha se referido, ao crime acima, nos seguintes termos: “No Exú um crioulo assassinara a Josefa Cardozo com 54 facadas e 3 cacetadas sobre a cabeça, fazendo saltar os miolos das victima”.

Portanto, como se nota, a linguagem utilizada nesses relatos, bem como os recursos literários, construídos em suas tramas, deixam transparecer que, apesar da crueza dos termos, havia um objetivo para além do simples choque ou do escândalo. Essas narrativas estabeleciam um contato direto com uma população ainda imersa em atos e práticas violentas. Assenhorando-se dessas estórias pela oralidade, é muito provável que elas fluíssem mais rapidamente entre o restante da população, do que qualquer outra forma de relato escrito.

É interessante prescrutar como esse recurso narrativo constituía um artifício importante no diálogo com a maioria da população, a qual, embora não letrada, recebia essas narrativas e, certamente, as reproduziam dentro de outros círculos de produção ou intimidade. Talvez seja impossível computar o quanto dessa estratégia de trocas narrativas se consolidava entre as camadas mais pobres que tomavam conhecimento e dela faziam outros usos. Entretanto, essas trocas deviam ocorrer.

O(a) criminoso(a) era caracterizado(a) constantemente como um “malvado”, um “celerado”, um “monstro” ou uma “fera”. Embora já não fosse interpretado com os mesmos recursos de outras épocas, ainda recebia cores muito próximas daquelas dadas aos assassinos tradicionais dentro dos contos, “causos” e relatos populares. Como nota Júlio Jeha (2007), para a literatura, a figura do monstro sempre possibilitaria uma reflexão sobre a violência e a transgressão existentes em uma dada sociedade e época.

É possível considerar o monstro como esse instrumento para rotular as infrações dos limites sociais⁷⁶. Através dele, elaborava-se uma construção literária ou um recurso editorial, apesar de causar desconforto e estranhamento, criava um lugar para analisar como aquela sociedade entendia e reagia ao crime e aos criminosos.

Estabelecia também vínculos com pensamentos e doutrinas racionais ou tradicionais/religiosas para poder dar conta de compreender atos tidos como desumanos e praticados, mesmo por aqueles a quem tradicionalmente não se acreditava capazes:

⁷⁶ Tema que será retomado no quarto capítulo dessa pesquisa de forma mais destacada.

Crime Espantoso. – Na parte da policia de Pernambuco, publicada no *Diario de Pernambuco* encontramos o seguinte e horroroso facto:

« No dia 8, também deste mez, Manoel Ignacio do Nascimento, morador no sitio *S. Jeronymo*, do termo de Triumpho, amarrou alli o seu filho de nome José, de 12 para 13 annos de idade, e remeteu-o a seu filho mais velho de nome Antonio Ignacio Pereira do Nascimento, morador no sitio *Oiti*, do mesmo termo, ordenando-lhe, sob pena de maldição, que conservasse o mesmo menor José amarrado e não lhe dêsse de comer nem de beber até que ele moresse, e logo que ele expirasse, alli o enterrasse.

« Recebendo Antonio Ignacio a victima, crucificou-a deshumanamente em um pé de limeira com cordas amarradas aos braços e pescoço, cumprindo em tudo o mais a barbara ordem de seu pai, sendo José sepultado 2 dias depois, apenas faleceu.

« O delegado do termo, a quem foi denunciado tão espantoso crime, dirigiu-se immediatamente ao lugar, procedeu a competente vistoria e as demais diligencias recomendadas por lei, em vista das quaes e da confissão dos próprios delinquentes e da declaração de um irmão do morto, de nome Pedro e de menor idade, reconheceu a mesma autoridade ser verdadeiro o facto, em consequencia do que prendeu logo os mesmos delinquentes e os remeteu ao Dr. juiz municipal do termo com o competente inquérito policial. »

Rapases que prometem. – Lemos no *Jornal do Commercio* de Porto Alegre:

« Entre a Concordia e villa Guay perpetrou-se ultimamente um crime horrivel e sem exemplo.

Tres meninos de 15 a 18 annos assassinarão a outro de 12, que os encontrou [ilegível] carneando uma vacca de seu pai.

Não contentes com o assassinato, abriram a victima, arrancarão-lhe os intestinos e lançarão o cadaver a um arroio que corria perto ». (Cearense, 1879a, p. 2; Cearense, 1879b, p. 3).

Enredos que, como visto anteriormente, não se prendiam apenas a uma única coluna ou tipologia textual. Eles reafirmavam a sua versatilidade, estando presentes também nos documentos e textos jurídicos sobre o crime reproduzidos através de correspondências nos jornais. Textos esses que também buscavam coadunar com os aspectos principais do discurso oficial diante do crime: a necessidade da contenção dos atos, educação dos sentidos e controle de si:

Jury de S. Bernardo.

1ª. SESSÃO JUDICIARIA DESTE ANNO – PRESIDENTE DO TRIBUNAL O SR. DR. JUIZ DE DIREITO INTERINO, JOÃO DINIZ RIBEIRO DA CUNHA – PROMOTOR PUBLICO O SR. DR. PEDRO D'ALCANTARA PEIXOTO DE MIRANDA VERAS.

No dia 21 de maio proximo findo teve lugar a reunião do jury deste termo, deixando nesse dia de haver sessão por falta de numero.

[...]

Dia 31 – Manoel Joaquim Felício, acusado ex-officio por ter assassinado barbaramente na povoação de Limoeiro, a infeliz Maria Isabel. O réo na formação da culpa, confessou o crime com todas as circunstancias aggravantes, e reconheceu que a faca apresentada em juizo, era a propria, de que se servira para perpetrar o crime, cujo fim era, evitar um desgosto que havia entre a familia de João Ennes e a assassinada. Nunca vi uma confissão judicial mais livre, mais clara, e que mais em harmonia estivesse com a prova dos autos.

O réo declarou que entrára pela meia noite no ranchinho de palha da infeliz, e que esta pressentindo-o, perguntara: « Que he isto ? » e que elle réo apalpando-lhe o coração, a atravessara com a faca, matando-a in-continente; e que pela manhã sendo

seguido pelo rasto, fôra preso, ainda armado com a faca, que a sua confissão era livre e espontânea; pois estava em seu perfeito juízo, e que por ninguém fora mandado, tendo obrado de seu motu-proprio, e assim tãobem(sic) que ninguém o persuadira para fazer tal confissão.

No interrogatorio perante o jury, o réo desculpou-se dizendo que estava ébrio, ao tempo em que fez aquella confissão.

O jury decidiu o julgamento com acerto e verdadeiro conhecimento juridico.

Reconheceo por mais de dois terços a existencia do crime e das aggravantes, que chamavão sobre o acusado a pena de morte, gráo máximo do artigo 192 do Codigo Criminal, porém reconheço tãobem em favor do réo, que não havia contra elle outra prova, alem da prova da confissão; e esta circunstancia, aliás verdadeira, levou a pena ao gráo medio do citado art. 192, (galés perpetuas) mas o réo protestou para novo jury.

O advogado nomeado ex-officio foi o Dr. Caminhas, que desenvolveo uma excellente de peza (sic) (Pedro II, 1860b, p. 4).

Percebe-se que, ainda que fosse uma correspondência, essa narrativa era um relato oficial de um membro do poder judiciário na província. No entanto, ela em muito se assemelhava às narrativas comuns de outros correspondentes que, ao denunciarem crimes, relataram abusos ou criticaram indivíduos e autoridades, utilizavam-se de longa e detalhada narrativa para construir seu testemunho de um determinado fato ocorrido.

Embora escamoteado posteriormente pelos críticos ou autores consagrados, o recurso do *fait divers* tornava-se, sem dúvida, uma fórmula eficaz de construir uma narrativa simples, mas criativa e eficiente. Essa correspondência pode muito bem, como outros textos do período, corroborar essa intensa circularidade dos padrões da escrita melodramática, aos quais, Valéria Guimarães (2013, p. 231) alude ao afirmar que “o *fait divers* era literatura de processos e os processos... se tornaram literários”:

Icô, 30 de maio de 1874

Chamamos a attenção dos Srs. juizes de facto desta cidade para um crime ultimamente commettido aqui.

Todos nós somos membros da sociedade brasileira e por isso temos deveres à cumprir, e sabemos que a grande instituição do jury é a unica salvaguarda dos nossos direitos offendidos, quer com relação a nossa vida e honra, quer com relação a propriedade.

A causa de que vamos occupar correu a revelia da parte queixosa, entregue as mãos do agente publico para ser julgada pelo tribunal do jury.

A 12 deste mez João Monteiro, mais conhecido por João Môco, poz em alarma esta cidade, matando a punhaladas, as 10 horas da noite, a escrava Josefa, do major José Fructuoso Dias.

O assassino não só invadio a propriedade, pulando o muro, como tambem emboscou-se nos arvoredos frondosos do muro.

Deu-se premeditação para perpetração do facto criminoso, tanto assim que, há mais de um anno, elle tentava fazer mal a infeliz Josefa.

São bem conhecidos nesta cidade os precedentes de João Monteiro, o feroz assassino, mesmo como negociante que foi.

Das pesquisas chegou-se ao resultado de que houve luta corporal entre a victim a (sic) e o assassino, não só pelos vestígios deixados no cadaver como ainda pelos impressos no chão e arvores.

Querem, porem, hoje atenuar o facto delictuoso dizendo que Monteiro estava

embriagado !

Concedamos que estivesse embriagado; se assim o fez, foi de proposito; a legislação da grande nação ingleza puniria neste caso dous crimes.

O sangue da infeliz victima pede uma severa condemnação , reclama justiça da parte do jury desta cidade.

O réo confessou o crime, revestido de todas as circunstancias aggravantes, pelo que o senhor da misera escrava entregou a causa nas mãos do órgão da justiça publicac. (sic).

No processo foram contestes os depoimentos de sete testemunhas, a excepção de uma, Gertrudes, testemunha insinuada mulher perjura e cheia de cavilação, tia potsiça (sic) de um irmão do réo, e a alem disso inimiga da victima, e a quem votava um ódio intranhavel : isto há de ser provado.

Fazendo esta sucinta narraçãõ do facto criminoso, despertamos a promotoria publica para bem cumprir o seu dever, e chamar no tribunal do jury, quando responder o réo, as testemunhas Manoel Emigdio Santiago e Tertuliano.

Esperamos justiça do jury do Icó.]

Um Icóense. (Pedro II, 1874b, p. 4).

Recurso performático e ambíguo, os *faits divers* foram sendo gradualmente apropriados pelos jornais locais, como um recurso textual e uma maneira de dialogar com uma população bastante diversa. Partindo da cultura letrada, esse tipo de narrativa devia atingir até mesmo os não alfabetizados, em uma sociedade, onde o crime e a violência eram parte recorrente do cotidiano⁷⁷. O modo como os relatos se estruturavam e como cada narrativa se organizava, enquanto estratégia discursiva, tornava-os eficientes para atingir cada público de forma diferente.

A produção desses textos lidava com modelos e com estratégias de produção discursivas que estavam diretamente associados às construções já consagradas e, correntemente, experimentadas por aqueles responsáveis pela produção, edição e diagramação dentro dos periódicos locais daquela época.

A experiência daqueles indivíduos nos faz questionar como, dentro de um universo cultural, onde a violência e o crime já se tinham cristalizado, os discursos sobre ordenação e controle, conduzia apenas a um lugar dúbio, pois, colocavam os seus recursos literários à disposição dos discursos oficiais, sendo instrumento do exercício do poder, ou seja, buscando reafirmar as normas, o controle e o *status quo*. Todavia, contemplavam ainda que indiretamente aquilo que fora próprio do discurso da oralidade, do popular e do mundo rural: a perspectiva de destacar os atos de violência e os crimes como narrativas que despertavam a curiosidade, o medo, o debate, mas também certa empatia, ou mesmo

⁷⁷ Era comum a publicação não apenas de crimes cometidos ou fuga de presos, outro ponto bastante explorado nas colunas dos jornais eram os julgamentos. Noticiava-se com destaque, os crimes envolvendo poderosos, mas também o aprisionamento de fugitivos em outras províncias e seu transporte de volta ao local de origem. De igual modo, as correspondências do interior demonstravam que havia demanda por justiça não apenas no caso das grandes famílias, mas a cobrança em relação àqueles fatos que pareciam atingir a moralidade e a ordem pública.

admiração, ora pelas vítimas, ora pelos algozes.

Dar conta dessa dupla expectativa, era muito mais que estar em consonância com projetos oficiais de ordenação, era também um interessante exercício de recriação narrativa. Embora, fossem também criticadas, essas estórias eram sempre reconhecidas. O efetivo crescimento delas dentro das folhas locais, a manutenção de características brutais e grotescas no relato e o considerável aumento de sua frequência nas décadas de 1870-1890, nos leva a considerar que elas não só repercutiam, como faziam relativo sucesso:

Horrorosa hecatombe.

(Da Correspondencia de Portugal)

A impressão que tem produzido em toda a parte o horroroso crime de *Pantin*, exige que dediquemos algumas linhas á lamentosa comemoração de tão negro commettimento.

No dia 20 de setembro cerca de cinco horas da manhã, dirigia-se um modesto cultivador por nome *Langlois*, com seus instrumentos de trabalho a uma pequena propriedade que elle agricultava quasi nos suburbios de Paris. Chegando a uma sementeira de luzerna impressiona-o subitamente a vista de um charco que lhe pareceu de sangue, avigora a observação e vê que era effectivamente sangue e sangue recentemente derramado ; os vestigios continuam, e seguindo a linha de continuidade entra em um alqueive aonde luzia a sanguinosa inscripção d'aquelle pavoroso mysterio ; a curiosidade que ainda triumphava do terror leva o a mover com um dos instrumentos que trazia, o terreno que alli era leve e revoltado, e logo ao primeiro movimento tira da terra um lenço ! Continua e topa com o cadaver de uma mulher trajada ainda com um vestido de seda ! Procede para afastar a terra do cadaver e vê a cabeça contundida de uma creança ! O terror suspende-lhe o braço e *Langlois* corre a *Patin* distante seiscentos passos d'aquelle sitio a chamar as autoridades.

Pouco tempo depois estava o cultivador de volta ao theatro do crime, com o commissario de policia, o secretario e um facultativo que na presença de cincoenta pessoas que a noticia logo atrahira, encetaram as diligencias do seu ingrato officio. Preparado para as emoções do terror mal presentia o animo dos assistentes ate onde era preciso distender o elasterio da sensibilidade humana.

Procede-se a exhumação.

Primeiro cadaver (completamos o quadro com as investigações a que ulteriormente se procedeu) mulher de 42 annos, crivada de facadas em tres regiões, abaixo do seio esquerdo, na região dorsal, nas veias jugulares, e apesar de todas estas gravíssimas lesões enterrada em vida como subsequente Analyse constatou ! *Segundo cadáver*. mancebo de dezesseis annos, grande fractura no craneo, grave ferimento no pescoço, arteria carótida e veias jugulares cortadas, morte instantânea ! *Terceiro cadaver*, adolescente de quatorze annos, um olho rebentado, tres grandes ferimentos longitudinaes adiante da orelha esquerda entre este órgão e o angulo extremo do olho, lesões profundas que denotam haver sido praticadas por golpes de machadilha. *Quinto cadaver*, creança de tres a quatro annos, do sexo masculino, grande fractura no craneo, morte imediata *Sexto cadaver*, creança de dous a tres annos, sexo feminino, ventre rasgado, intestinos patentes, morte necessária. Não haveria n'esta hecatombe mais victimas a exhumar ? Com esta interrogação no espirito terminou a sessão policial no dia 20 de setembro, remetendo em carros para a *morgue* (sala de deposito de cadáveres em Paris) uma familia assassinada !... (Cearense, 1869a, p. 3).

Observe-se que, esse relato de um crime ocorrido nos subúrbios de Paris, chegava

de forma destacada a uma cidade provinciana como Fortaleza.⁷⁸ Transcrita de um jornal português, essa trama foi desenvolvida em uma longa e chamativa narrativa. Ela ocupava metade do espaço da terceira página do periódico “Cearense”, preenchendo duas colunas inteiras e mais metade de outra na página seguinte. Desenvolvendo todos os pormenores do infame *Crime de Patin*, o relato ia desde a descoberta dos corpos de uma família assassinada, às primeiras pistas seguidas pela polícia e, por fim, a repercussão do caso dentro da capital francesa:

A impressão que este phenomeno descomunal praticado as barbas da mais astuta policia do universo, produziu na sensualista (?) população de Paris e na vexada [borrado] policial do império, è facil imaginar [borrado] m causa comum os habitantes com a policia para se rehabilitarem do revez fazendo a luz no meio das trevas com que lobrego mysterio cobria o céu da illustrada capital, agitara-se a emulação entre quem forneceria á autoridade o mais delicado fio para atravessar o labyrintho de conjecturas até no meio da verdade. Entre milhares de infecundos alvitres e esclarecimentos destaca a seguinte informação do proprietário do hotel do caminho de ferro do Norte: « Ha oito dias, diz o informador, um mancebo que representava ter vinte annos de idade, de media estatura, olhos pretos barba nascente, entrou no meu hotel, disse chamar-se João Kinck, mecânico, estabelecido em *Roubaix*, que tinha uma tarefa nocturna, e que por isso só de dia viria repousar no quarto que tomou. Os meneios singulares d’este personagem não deixaram de impressionar. A noite passava-a sempre fôra do hotel e de dia apenas entrava por momentos no quarto para ler muitas cartas que lhe eram dirigidas de *Roubaix*. Domingo (19 de setembro) cerca de seis horas da tarde, chegou ao hotel uma senhora com cinco creanças procurando João Kinck, respondeu-se-lhe que não estava em casa, e a senhora sahiu.

Duas horas depois voltou repetindo a mesma instancia, e porque a mesma resposta lhe fosse dada, tomando dous quartos para ella e para as creanças, sahiu outra vez dizendo : « vou procural-o ao *Restaurant*. A senhora e as creanças não voltaram mais, e João Kinck só no dia seguinte (vinte de setembro) as 8 horas da manhã, entrou pela ultima vez no quarto cuja chave havia tomado precipitadamente, e onde apenas se demorou cinco minutos. Hontem abrindo-se o armário do seu quarto, achou-se uma camisa ensanguentada, umas calças cheias de nodos de sangue com terra apegada, um fragmento de gravata e um lenço. Um ferreiro da rua de Flandres, por onde se sahe de Paris para o caminho que conduz ao theatro do crime, declara que domingo (19 de setembro) por volta de seis horas da tarde, entrara no seu estabelecimento um homem com todas as indicações referidas pelo dono do hotel do Norte, que lhe comprara uma enxada e uma pá de ferro, instrumentos que alli depositara, dizendo que ás oito horas da noite viria buscal-os, que a esta hora effectivamente voltara, e recebendo os instrumentos tomara com elles pelo caminho de Pantin. Accrescenta o ferreiro que tal impressão lhe produzira a physionomia e meneios daquele sinistro comprador, que desde que o vira não fallara de outra coisa com seus amigos e familia.

Pouco depois colhia a policia a certeza que a familia paciente do crime era a familia Kinck, estabelecida em *Roubaix*, cujo chefe se chamava João Kinck, que além da

⁷⁸ Embora essas narrativas importadas tivessem, algumas vezes, repercussão dentro da sociedade local, essa sem dúvida não devia ser o objetivo principal de sua reconstrução nos jornais locais. Os letrados que muitas vezes estabeleciam contato com aqueles relatos, não deviam reproduzi-los apenas pela associação ambicionada com a cultura/sociedade europeia. A reprodução dessas tramas tinha muito mais proximidade com os padrões locais visto a notória seleção de estórias que privilegiavam acontecimentos, domésticos, rurais ou do mundo do trabalho mecânico. Não era uma questão de simplesmente reproduzir o que ocorria nos grandes centros, mas privilegiar aquelas que se encaixavam melhor numa possível escolha de leitura de um público maior que o dos letrados urbanos.

mulher e cinco filhos assassinados em Pantin, tinha outro filho por nome Gustavo, de 19 a 20 anos de idade. Grande safra de conjecturas. João Kinck, o hospede do hotel do Norte, era o filho com o nome do pai, ou o pai com a idade do filho, e portanto o pai e o filho eram os assassinos da esposa, da mãe, dos irmãos e dos filhos ! Assim o disse ao mundo a imprensa franceza no dia 24 de setembro (Cearense, 1869a, p. 3).

Os recursos narrativos aqui, embora replicados de um periódico português, estavam em consonância com muitas das características empregadas naqueles *faits divers* noticiados de outras províncias e daqueles de dentro do próprio território cearense. Uma narrativa que privilegiava a construção pictórica do crime: destacando os detalhes macabros e violentos, como forma de seduzir os leitores. Embora, fosse um crime localizado em uma das mais populosas cidades do mundo, na época, muitas das características aqui eram próximas das cenas campestres ou totalmente rurais, vistas na maior parte das notícias locais publicadas naquelas folhas cearenses.

Ainda que fosse um caso que denotava a gradual transição da estratégia narrativa, dentro dos jornais franceses, abandonando o modelo tradicional dos *canards*, encaminhando-se para o dos romances policiais, de mistério e crime, parte considerável dessa notícia ainda estava atrelada ao modelo melodramático de tantas outras narrativas mais antigas. O destaque dos detalhes grotescos, brutais e sanguinolentos, bem como, aqueles recursos que buscavam causar repugnância, revolta e emocionar, também estavam presentes nessa versão dramatizada, inclusive privilegiando elementos que emulavam as surpresas ou reviravoltas:

Enquanto em Paris se vivia n'este ambiente de nebulosas apprehensões, no Havre um agente de policia, d'estes que teem o faro do crime como os perdigueiros da perdiz, entrava conscio do seu util ministerio em uma taberna frequentada pela numerosa população maritima d'aquelle porto.

Estudando n'um olhar o seu campo de operações. Aproxima-se de dois individuos que juntos de uma mesa se achavam isolados do resto da assemblea, interroga-os sobre o que elle chamava – os seus papeis – e porque um d'elles os não exhibisse, intima-lhe a ordem de o seguir. Saem juntos e juntos caminham até o posto do Arsenal, onde o ignoto personagem toma de sobressalto tão rapida fuga que breve attinge a borda do mar em cujas aguas desesperadamente se precipita. Cordas, engenhos, todos os instrumentos de salvação, tudo se emprega e tudo debalde, para salvar quem queria morrer.

Só a violencia, e a violencia quem há de usal-a sobre as ondas contra um corpo de tão facil submersão ? Hangel, um homem que assistira a esta scena; que de repente se lança ao mar, que n'um momento alcança o frustrado suicida que se debate com elle sobre as aguas em uma luta de feras, e que afinal com indizível assombro de todos os espectadores deposita sobre o caes a sua presa, presa da policia que n'esse momento a recupera.

Transportado sobre uma maca para o hospital, atento o seu estado de extenuação procedente da violentissima luta que travara, encontra-se-lhe alli sobre a camisa unidos á pelle os títulos das propriedades de João Kinck e cartas de *Roubaix* e para *Roubaix* dirigidas a *Traupmann*. O individuo deitado sobre uma cama revela uma grande prostração, frustrando com o mais obstinado silencio as repetidas interrogações da autoridade. Communicou-se de prompto a noticia as autoridades de Paris e tornou-se alli geral o convencimento de que o preso era Gustavo Kinck, que

fora este o parricida e fratricida de Pantin.

Faltava o pae, João Kinck, e dividiam-se os juízos sobre se elle seria agente ou paciente crime, conjecturas que ainda ensombrevam mais aquelle quadro exposto ao horror da humanidade.

Não tardou porem que as investigações que incessante e simultaneamente se procedia em todos os pontos indicados, pela residencia das victimas, pelas suas relações e pela noticias dos seus ultimos movimentos expungisse do nome de Gustavo Kinck a caluminiosa imputação que se lhe rogava.

O preso do Havre não era Gustavo nem João Kinck, nome que elle adoptara na tenebrosa premeditação do crime, era Trauppmann natural da Alsacia, de 22 annos de idade, de maus precedentes, que ligando-se em relações com João Kinck lhe subtrahira sob pretexto de vantajosas operações, os títulos de todas as suas propriedades, e dominado pela idéa fixa de enriquecer em pouco tempo, commettera o designio de exterminar aquella familia para se apropriar com o falso nome de João Kinck, o qual já havia infructuosamente usado para receber um valle do correio de *Guebviller*, a fortuna que as suas victimas possuiam orçada em 15 ou 16 contos de reis. Era o hospede do hotel do Norte e o comprador da enxada e pá de ferro da rua de Flandres.

Transportado a Paris com seguro cortejo de policia, encerrado na prisão de *Mazas*, Trauppmann, que a principio negára obstinadamente a imputação, confessa afinal a culpa accrescentando que foram seus cúmplices João e Gustavo Kinck. Os habitantes de *Roubaix*, quem muito de perto conheciam a familia Kinck, repelliam sempre com indignação a idéa de haver sido o crime perpetrado por qualquer membro d'aquella familia. Vinte e quatro horas bastaram para demonstrar a falsidade Trauppmann e a verdades dos juízos de *Roubaix*. No dia 26 de setembro um cortador que passava por o sitio do crime, observa que o seu cão presente alguma coisa no faro, vê que se dirige a um ponto, que se fixa alli e principia a escavar a terra com as patas...

Aproxima-se e percutindo o terreno com uma bengala, ouve um som de vacuidade que logo o impressiona de terror e de prompto o det [danificado] na a chamar quem o coadjuve na investigação. [...] (Cearense, 1869a, p. 3-4).

É importante pontuar que essas narrativas, no seu original, ocuparam a atenção do público francês por tempo considerável. Conforme Kalifa (2019), o “Caso Trauppmann”, um assassinato sêxtuplo encerraria simbolicamente, em 1869, a era dos *canards*⁷⁹, para efetivamente inaugurar a do *fait divers*. Afinal, dali por diante presas a sua forma moderna, essas narrativas se tornariam seriadas, acompanhando o desenrolar das investigações nas folhas dos periódicos parisienses. O caso repercutiria por meses, sendo acompanhado de perto, por uma imprensa muito mais pungente e diretamente mais especializada do que a brasileira/cearense.

Lá, como pondera esse estudioso, já se iniciava nos jornais especializados, a publicação dessas narrativas, operando uma transição na fórmula do relato. Notamos que, elas gradualmente assumiam elementos típicos daquilo que, posteriormente, seria conhecido como literatura policial e de mistério. No entanto, a sua versão transcrita para a folha fortalezense chegava compactada, mas não de todo resumida ao público local, gerando, todavia, grande

⁷⁹ Refere-se ao domínio do modelo da construção narrativa típica de fins do século XVIII e da primeira metade do século XIX. Os *canards*, como já detalhado na introdução deste trabalho, eram escritos que privilegiavam o noticiamento sobre crimes que se pautavam por suas nuances extremamente exageradas e forte apelo à emoção dos leitores.

comoção. O caso repercutiria consideravelmente em território nacional⁸⁰ e geraria engajamento considerável, posteriormente. O termo se tornaria, inclusive, uma alcunha para criminosos em casos semelhantes ocorridos, como seria no caso noticiado já um ano depois em “A Constituição”, com o seguinte título, “Rival de Troppman”, em 14 de agosto de 1870.

Meses depois, o escândalo do “Caso Trauppmann” ou do *Crime de Pantin*, como também era referenciado nos periódicos nacionais, seria finalmente eclipsado por outra significativa e trágica estória, “o assassinato de Claudina Adelaide Guimarães”:

Assassinato da infeliz D. Claudina Adelaide Guimarães.

Continua o processo crime contra o assassino Vieira de Castro. Logo que o processo deixe de ser segredo da justiça publicaremos as suas peças principaes.

O criminoso está na resolução, segundo se diz, de não se defender. A opinião publica e a imprensa começam a ser-lhe muito desfavoraveis. Os factos que se vão sabendo horrorizam, e não horrorizam menos o cynismo que o criminoso mostra. Não há exemplo de um assassino se mostrar assim satisfeito do crime que perpetrara.

Quasi todas as pessoas que nos primeiros dias da prisão visitaram o Sr. Vieira de Castro, retiraram-se indignadas do modo como elle narra os pormenores do cruel assassinato. Depois de premeditar o crime, executou-o com extraordinária placidez de animo ! Por tres vezes, á alta hora da noute, entrou no quarto da infeliz D. Claudina para a matar. Encontrando-a das primeiras duas vezes acordada não se atreveu a executar o seu terrivel e infeliz designio. Das duas vezes perguntou-lhe a infeliz o que elle queria. De nada desconfiava.

Da terceira vez a pobre senhora dormia ou dormitava. O malvado derramou então o chloroformio na roupa da cama, em um lenço e chegou-lhe este ao nariz. A infeliz acordou cheia de surpresa perguntou que cheiro era aquelle. A resposta do barbaro assassino foi a seguinte: *E' necessario que morras !* Começou então a luta horrivel, que, no parecer de médicos, não podia durar menos de vinte a trinta minutos.

Depois de praticado o assassinio o malvado foi-se deitar tranquillo, *diz elle*, e accrescenta que ainda se levantara por tres vezes para ir verificar se a infeliz estava realmente morta. Fez-lhe impressão – *são palavras delle* – ter o cadaver conservado por bastante tempo algum calor no peito. [...] (Diario do Rio de Janeiro, 1870, p. 3, grifos do autor).

As folhas locais, procurando construir uma consonância com os periódicos estrangeiros, destacaram os casos mais perturbadores e de grande repercussão daqueles dois anos. Finalmente *Trauppmann* encontraria rival na figura desprezível do “Assassino da Rua das Flôres”. Por escusos e misteriosos caminhos, dois dos assassinos mais infames daquela década ocuparam espaço nas folhas dos jornais nacionais e locais.

Os efeitos de choque, medo, perturbação e revolta que os assassinatos cometidos

⁸⁰ O crime foi destacado em diversos jornais brasileiros à época. O Jornal da Tarde (RJ), ainda em 04 de dezembro de 1869, repercutiu o *Petit jornal* de Paris, que havia publicado uma carta endereçada ao assassino *Troppman*. O Jornal do Recife (PE), na coluna Gazetilha, havia destacado texto com o título *Os assassinos de João Kinck*, em 14 de dezembro de 1869. Já o periódico, Correio Official de Goyaz (GO), na coluna Variedade, tinha utilizado praticamente a mesmo texto que o jornal cearense tinha explorado. De modo diverso, o Diario de Belém (PA), enfatizava a instrução do processo do assassino na coluna Exterior, em 20 de novembro de 1869 e o Dezenove de Dezembro (PR), em 27 de novembro de 1869 também pautara o assassinato da família Kinck, mas a partir de um correspondente do Jornal do Commercio (RJ) em Paris.

por esses dois homens tinham proporcionado às sociedades diversas, em lugares tão diferentes, tornaram-se uma característica própria da imprensa do período. As pessoas que liam esses relatos, bem podiam considerar aquilo que Robert Muchembled (2012) havia destacado, de forma jocosa, acerca do surgimento desse tipo de narrativa na imprensa moderna, ela poderia ser considerada obra do diabo.

Mas que diabo incomum seria aquele por detrás das edições dos jornais locais, ou que habitava as pequenas tipografias existentes nas sossegadas ruas do pequeno centro da Fortaleza de outrora? Esse diabo que se apoderava de notícias tão grotescas e vis, respondendo a um gosto popular pelo macabro, mas que, ao mesmo tempo, temperava muitas delas com motes, notas, imprecisões e censuras voltadas aqueles que tendessem a repetir aqueles atos. “Aquelle demônio que habitava as typografias sitas à Rua da Boa-vista, na Formosa ou na Praça da Municipalidade” tinha o estranho hábito de querer salvar os seus leitores do pecado, mesmo que oferecesse amostras diárias disso.

É nesse fio de navalha que se equilibrava a publicação dos *faits divers* criminais oitocentistas. Eles expunham perfis que confrontavam diretamente os modelos de retidão e moralidade. Porém, publicando os atos pormenorizados desses desajustados e criminosos, em uma época em que a imprensa se via como “grande arena” do debate público, expunha a dubiedade do discurso jornalístico. Ao mesmo tempo, em que legitimava discursos que condenavam sumariamente todos aqueles atos e perfis, proporcionava destacadamente esse tipo de leitura.

Nesse contexto, já começaria a se estabelecer que determinadas leituras também poderiam atingir prejudicialmente o público, afinal, havia uma visão bem difundida que relacionava a leitura a uma influência prática na vida dos leitores. Os jornais locais, portanto, caprichavam na condenação dos atos presentes naquelas narrativas. Eles ainda legitimavam uma leitura preconceituosa sobre o próprio povo que consumia aquelas notícias. Povo este “visto como inferior, incapaz e suscetível por uma elite letrada que julgava haver modos corretos e incorretos de se ler” (Guimarães, 2013, p. 77). Dessa forma, cabia sempre reafirmar o viés como aqueles atos deviam ser lidos/interpretados.

Esses discursos foram empregados enquanto estratégia narrativa, sendo capazes de circular amplamente e atingir públicos distintos. Eles construíram e legitimaram um lugar, não apenas para o crime, assim como, um grande destaque para aqueles periódicos. Eles terminavam sendo os protagonistas ocultos que seriam capazes de salvar aquela cidade/província indefesa. Os próprios jornais reafirmavam o poder simbólico da “cidade letrada” sobre a população (Matheus, 2011).

3 DRAMAS MACABROS E PERIÓDICOS

“Não somos romancista. como pretende a folha do governo; expomos os factos fielmente como elles se succedem, deixando ao publico o direito de comental-os” (Cearense, 1869a).

Há razões para as primeiras décadas do século XX serem vistas como aquelas onde, de fato, o jornalismo local se utilizou com maior afinco do recurso editorial do “relato sobre o crime”⁸¹. No entanto, o sucesso dessa empreitada só pode ser devidamente compreendido quando perscrutamos, ao longo da segunda metade dos oitocentos, o modo como gradualmente foi sendo constituído um espaço de escrita e de leitura que destacou, legitimou e impulsionou esses enredos dentro das folhas cearenses, sobretudo, naquelas da capital.

Nos principais periódicos cearenses, essa foi uma prática sedimentada a partir das tradicionais disputas políticas, dos conflitos entre grupos e famílias e da análise do cotidiano citadino a partir dessas mesmas rivalidades e contendidas. Todavia, como já se destacou, a construção narrativa sobre crimes por meio dos textos jornalísticos se deu, ela própria, de forma diversificada, tendo se espreado pelas folhas a partir de múltiplos gêneros textuais.

Algumas dessas narrativas, herdeiras das tradições burocráticas, tiveram no suporte jornalístico um novo instrumento pelo qual diretamente se legitimavam diante da sociedade. Esses textos destacavam julgamentos, decisões de autoridades, críticas/comentários e/ou protestos de leitores diante de crimes cometidos. Operavam de forma correlata aos *faits divers* propriamente ditos, pois abriam espaço para a violência e o grotesco, sedimentando outro percurso narrativo sobre o crime de forma ostensiva nos periódicos:

CEARÁ.

Jury em Villa-Viçosa.

1ª. sessão jurídica de 1858. – Presidente o juiz de direito o Dr. Silva Valle, promotor interino Custódio Joaquim Moreira da Costa. Começou a 18 e acabou a 20 do mez de janeiro.

⁸¹ Como bem demonstrou Francisco Linhares, analisando os noticiários de crimes nos jornais dos anos 1920, houve nesse período, um considerável crescimento da imprensa local, cujo ápice se deu com a inserção de novas técnicas e estratégias editoriais, dentre elas a ampliação dos noticiários criminais, a fim de conquistar um maior público. Sua pesquisa buscou compreender como a imprensa cearense passou a dar ênfase ao crime diariamente, concedendo-lhe um lugar específico - a crônica policial - e construindo por meio dela, a visão de uma “cidade despolicuada” e caótica, onde o crime era gestado em vários espaços da urbe sem o devido controle cabível das autoridades (Fonteles Neto, 2015).

No primeiro dia não houve sessão por falta de numero suficiente de jurados. No dia 19 entrarão em julgamento os réus presos Joaquim Ribeiro Lima, Raymundo Antonio Pereira, João da Costa do Nascimento, Thereza Maria da Conceição, e seus filhos Manoel Pereira, e João Paulo d'Araújo, e Izabel Maria da Rocha, accusados de haverem commetido no bairro da Caraguatá, d'este termo, na noite de 23 para 24 de novembro, os horriveis assassinatos das infelizes moças, Eugenia, e sua innocente filha de nome Luiza, e Maria Francisca, forão defendidos por Augusto Pontes de Aguiar e forão todos absolvidos, mas o Dr. juiz de direito apellou d'esta decisão para o tribunal da relação, com excepção do primeiro dos reos, que pelos debates mostrou a sua innocencia. O tribunal funcionou por mais 17 horas consecutivas, acabando os seos trabalhos no dia seguinte (20) o concurso de espectadores foi numeroso, guardando religioso silencio á todas as peripecias d'este longo processo. Causou geral indignação a leitura do auto de corpo de delicto e a vista ensanguentada da camiza da infeliz Maria Eugenia; do que se via que esta, e a dita sua filha (cuja cabeça foi esmagada) e Maria Francisca forão mortas com 45 facadas, e 16 machadadas, notando-se mais, que esta ultima, que se achava no oitavo mez de gravidez, recebeu um tal golpe de faca no baixo ventre, que apparecia a mão, e o braço do feto, que nelle trasia. A ré Thereza Maria da Conceição, parecia estar allienada, durante o interrogatório, e a outra ré, ainda que cheia de lagrimas e suspiros, com tudo vociferava contra aquelles, que tinham feito passar por esse terrivel transe, isto é o seu comparecimento no tribunal. O interrogatorio d'estes reos durou mais de 9 horas mas nada se pôde colher, alem algumas pequenas contradicções, que em nada esclarecerão o espirito dos juizes. As testemunhas jurão de ouvir diser vagamente, nada mais está provado, se não, que ambos os maridos das rés, entretinhão relações amorosas com as infelizes assassinadas, sendo um d'elles, o pai da innocente Luzia, tambem ahi assassinada. O Dr. juiz de direito, esgotou todos os seus recursos, para fazer apparecer a verdade, mas estavam os réos tão combinados, que as respostas forão, sómente de um theor. Quando as nossas cadêas, offerecerem alguma commodidade, e segurança, talvez que a justiça possa fazer melhor o seu dever. Não havendo mais processos, encerrou-se no dia 20 a sessão (Pedro II, 1858b, p. 2).

Como se nota, no caso destacado, o ato de narrar o crime de forma detalhista, dramática, beirando o grotesco já estava posto como um jargão dentro dos jornais locais desde o início dessas folhas. O texto sensivelmente cru e apelativo aos sentimentos dos possíveis leitores já era bastante presente em várias colunas naqueles jornais.

Correspondências de autoridades, cartas de leitores, relatos de julgamentos, notas policiais e mesmo trechos de folhetins formariam todo um conjunto de narrativas que privilegiavam o crime dentro daquelas folhas. Compartilhando esse caráter mais bruto dado ao acontecimento relatado e enfatizando detalhes violentos ou bizarros, elas confirmavam a cristalização de um modo de tratar aqueles atos e apresentá-los ao público.

É, sobretudo, pensando essas tramas e aproximando-as das fórmulas literárias do período que podemos entender como elas se tornariam um chamariz eficaz e bem-sucedido décadas depois. Havia fronteiras, ainda bastante tênues, bem como frestas e nuances ficcionais que possibilitavam trocas entre gêneros literários e jornalísticos nessa época. Elas nos ajudam a compreender não apenas as diferenças intrínsecas entre aqueles textos, mas nos apontam para uma tendência do período em privilegiar uma dada forma de narrar e se apropriar da violência e do crime como temática.

Assim, cabe analisá-las enquanto gênero textual, buscando perceber a sua estruturação narrativa na reelaboração do acontecimento relatado e discutir como ela se constituiu e se legitimou enquanto artifício narrativo. Afinal, como já se encontra bem demonstrado, o *fait divers* (e de igual modo essas narrativas que se utilizavam de sua estrutura para causar impacto no leitor) não era um acontecimento, mas um relato, uma maneira de contar um dado evento. Desse modo, importava não a coisa contada, mas a forma como aquela narrativa era produzida e transmitida (Burguelin *apud* Mascarenhas, 2013).

Com efeito, o discurso jornalístico estava bastante próximo do literário naquele momento em que a produção escrita permanecia quase restrita aos grupos da elite local. Entretanto, algumas vezes, aquelas narrativas esbarravam na fala popular cotidiana. Por meio daqueles “casos do dia”, nota-se a representação dos grupos populares, ainda que a sua fala permanecesse, como afirma Angel Rama (2015, p. 51), “um vasto conjunto desclassificado, da qual contamos com muito escassos registros e sabemos alguma coisa sobretudo às diatribes dos letrados”.

Se cada formação social em dada época é capaz de incorporar, criar ou modificar conceitos e sentidos sobre tempo e espaço, também deve ser possível destacar que por baixo da superfície dessas ideias naturalizantes ou homogeneizantes ocultavam-se territórios de ambiguidade, de contradições e de luta (Harvey, 2008). Esses espaços não necessariamente devem ser compreendidos somente enquanto espacialidades fisicamente dimensionáveis, mas como domínios criados muitas vezes pela experiência subjetiva dos indivíduos ou grupos por meio da imaginação, da ficção e da fantasia.

Realizar, portanto, uma análise que procure destacar tais categorias não significa privilegiar apenas ações e fatos assumidos dentro daquilo que se convencionou chamar de “real” ou “concreto”. É possível fazê-lo, também, dentro do estudo dos discursos e das produções narrativas escritas. Sejam essas criações da subjetividade como na literatura, ou sejam elas a escrita dita racional e objetiva dos jornais e dos documentos oficiais, ambas são exemplos prodigiosos que expõem o discurso escrito enquanto digno de ser percebido em sua, diferente, mas ainda presente, espacialidade (Harvey, 2008, p. 191).

Michel de Certeau (2016) afirmava que o discurso historiográfico moderno transformava a própria diferença em objeto. Dizia ele que o fazer escriturário da história por meio de suas operações tornava a alteridade em fato assimilável, pois ao transformar seus significados eliminava seus perigos. Para Certeau (2016, p. 185), a escrita do historiador

criaria “a-topias”, inscrevendo não lugares⁸² no presente.

Partimos desse conceito de “não lugar” nos escritos de Certeau (2016), segundo o qual através das linguagens e das práticas comunicacionais o sujeito criaria formas diversificadas de se inserir e se apropriar do mundo. Aqui, mais que a construção de uma dimensão fisicamente mensurável, queremos demonstrar a confecção de uma zona criada pelo discurso, no caso o jornalístico, onde se inseriam determinadas narrativas responsáveis por configurar um espaço de destaque para aquilo que oficialmente era escamoteado e condenado na sociedade.

Compreendendo a fabricação desses textos dentro do cotidiano citadino, questionamos como os mesmos expressavam, em parte, por meio dos casos e histórias expostos, marcas próprias da sociedade local, onde as relações de forças expunham as fissuras entre os discursos, os modelos e as práticas. De igual modo, essas narrativas demonstravam, ainda que indiretamente, uma grande e peculiar atração popular pelos eventos macabros e/ou violentos.

Além disso, a forma como a elaboração dessas tramas era capaz de expressar (também) uma representação própria da espacialidade e da temporalidade, nos impele a questionar como dentro desse discurso tido como representação fiel do real, elas foram fabricadas sob formas e sentidos próprios da literatura. Pois, mais que reportar um acontecimento, essas narrativas fabricavam um lugar diferenciado onde outras escalas e sensibilidades eram instituídas.

3.1 Para o Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Dr. Chefe ... saber

Deve-se enfatizar que, mesmo pertencendo a um gênero que já foi pensado enquanto relato de eventos tidos como inclassificáveis (Barthes, [1964] 2009) e colocado como ato de transgressão da norma e da racionalidade (Évrard, 1997), essa tipologia textual movediça pode servir como instrumento para discutir os limiares entre gêneros narrativos e campos de saber (Sodré, 2009) naquele período.

Afinal, muitos dos relatos sobre crimes por mais duvidosos que parecessem, ainda eram enquadrados, muitas vezes, sob a rubrica da “notícia”⁸³. Neles permaneciam notórias as

⁸² Marc Augé ([1992] 2005) também trabalha com esse mesmo conceito, mas partindo da sua compreensão enquanto o transitório, espaço de passagem, circulação ou consumo. Para esse autor, um espaço que não se define como identitário, relacional ou histórico seria, portanto, um “não lugar”, por não apresentar um caráter antropológico.

⁸³ Era inequívoco, em diversos momentos, sobretudo quando se tratava de textos como correspondências de autoridades ou publicações diretas de leitores comuns, a referência à leitura de outros textos em jornais locais ou

técnicas de reelaboração daqueles insólitos atos como acontecimentos e da sua construção enquanto informação, embora profundamente marcados pela proximidade com a literatura:

Minas Geraes.

No mez de fevereiro passado nas immediações do arraial de Morrinhos, entre os municípios de Paracatú e S. Romão, uma dessas scenas de canibalismo contra a propriedade e a vida do cidadão, como se contam poucas nos annaes do crime.

Os pormenores do facto vem referidos no *Minas Geraes*, de 4 do corrente, que se exprime do seguinte modo:

« Uma numeroza e abastada familia bahiana, composta de quatro irmãos. Ignacio de Souza Meira, Leodegario de Souza Meira e dous outros com mulheres, filhos e grande numero de escravos de um e outro sexo, em numero de mais de 800 pessoas, acossada pela secca que assolou os sertões daquella provincia, procurou o arraial de Morrinhos onde possuía uma importante fazenda.

« Ahi chegou, encontraram sua propriedade occupada pelos – Serranos. – (assim chamados, porque habitam as abas da Serra das Araras] homens semi-barbaros, que não recuam diante de crime algum.

« Apresentando, porém os Meiras os títulos de suas propriedades, foram os Serranos coagidos a abandonar a fazenda, de que tomaram posse os verdadeiros donos.

« Algum tempo depois esses vandalos, engrossando a quadrilha com grande numero de desertores e criminosos daqueles sertões, em numero de 100, mais ou menos, atacaram a fazenda e a sitiaram por todos os lados no dia 20 de fevereiro ultimo ás 11 horas da manhã.

« Os Meiras, informados alguns dias antes dessa invasão, mandaram prevenir o subdelegado e prepararam-se para qualquer emergencia.

« Demorando-se, porem, os salteadores, continuaram eles em seos trabalhos, quando naquele dia foram apanhados quase de surpresa.

« Vio-se então um bando de mulheres e crianças atravessar de uma casa proxima para aquella em que os agredidos se haviam fortificado no meio de uma chuva de balas e chumbo.

« Travou-se então mortífero combate, que durou até a tarde do dia seguinte.

« O interior da casa offerencia um espectáculo lastimoso. Os combatentes extenuados pela fome, pela sede e pelo cansaço, cahiam uns sobre os outros, os feridos gemiam, as mulheres lastimavam-se, e as crianças choravam e pediam agua em altos gritos, pois os sitiantes se haviam apoderado da fonte.

« Todo o vinagre que acharam em casa foi consummido e alguns até beberam ourina !

« O tenente Leodegario, que dirigia o fogo, porque o capitão Ignacio estava em poder dos sitiantes (das comunicações não se pode conhecer como isto aconteceu) em presença de tão criticas circunstancias, via-se obrigado a ceder.

« Pedio capitulação, que lhe foi concedida.

« Vencido, teve de sujeitar-se ás condições impostas pelos vencedores.

« Lavrou-se então uma especie de contracto em que estipulou-se:

« 1°. Que os Meiras lhes entregaria uma quantia de 4: 000 // e mais de metade de suas criações, o que monta em alguns contos de réis.

« 2°. Que despejariam immediatamente a fazenda retirando-se para onde lhes conviesse.

« Occupavam-se neste trabalho, quando chegou o subdelegado, mas o que poderia fazer uma autoridade sem força, no meio da horda de assassinos?

« Ao retirarem-se levaram ainda oito escravos pertencente aos vencidos, e assassinaram um, que encontraram em caminho, e que talvez recusasse acompanhá-los.

« Houve de parte a parte grande numero de feridos; ignora-se se houve mortos e

de outras províncias. Contudo, apesar dessas narrativas serem interpretadas por aqueles leitores enquanto notícia e não como textos literários, no tocante aquilo que era publicado pelos concorrentes, acusações de “fantasiar”, “não noticiar a verdade”, de “não ser imparcial” ou “ser desonesto” eram extremamente comuns.

quantos.

« Constava que os salteadores, deixando a fazenda dos Meiras, continuavam em suas depredações, e animados pelo bom sucesso da primeira empresa projectavam atacar outras fazendas.

« O delegado de policia de Paracatú, ao receber esta noticia, fez immediatamente marchar contra elles o commandante do destacamento ali estacionado, com todas as praças de seu comando, e deu-lhe ordem para ir reunindo mais gente quando julgasse necessário.

« Na mesma occasião dirigio-se aos delegados de policia de Bagagem e Patrocinio, requisitando auxilio de força.

« Consta que o Sr. presidente da provincia, impressionado desagradavelmente por taes acontecimentos e não confiando bastante nas promptas e energicas medidas tomadas pelo delegado de Paracatú, tenciona fazer partir immediatamente para aquelles lugares o distincto official capitão Amorim Rangel com força e munido das necessarias instrucções.

« O lugar do crime dista da capital mais de cem legoas; as providencias dadas de Paracatú conteram em respeito os salteadores e o capitão amorim chegará a tempo de fazel-os arreponder-se dos actos de vandalismo que acabam de praticar (Pedro II, 1862b, p. 2-3).

O evento no qual está centralizado esse relato exemplifica perfeitamente essa proximidade entre ficção e a narrativa jornalística. Nessa longa notícia presente na coluna “Noticiario” do jornal “Pedro II”, esquadrihava-se um enredo digno dos melhores folhetins do período. Não há dúvida que a escolha dessa forma narrativa, embora tida como esdrúxula ou exagerada *a posteriori*, pode ser considerada perfeitamente adequada enquanto forma de representação do evento narrado para a época.

As formas teatralizadas, evocavam diretamente as narrativas orais mais antigas, ao passo que a fabricação de detalhes, o encaixe de elementos que traziam surpresa, o alocavam mais próximo das características da escrita folhetinesca oitocentista. Um e outro artifício narrativo apontavam para a consolidação de um modo de produzir um agenciamento diferenciado dos fatos capaz de compor a parte central do relato, a intriga (Ricoeur, 2010) de forma diferenciada e grandiosa.

Tanto quanto diversas outras notas presentes nos jornais, esses relatos expunham e reforçavam duas funções tradicionais da narrativa: integrar e produzir sentido. Embora já desacreditados por parte dos leitores e alguns autores renomados no próprio período, os quais lhes condenavam o exagero, a pretensão e o tédio (Guimarães, 2013), esse gênero textual se popularizava e, em certos casos, rivalizava com outras construções próprias da ficção dentro dos periódicos.

A conturbada relação entre aquelas notícias e a crescente literatura oitocentista denota essa inusitada convivência, que se explica não só pelas afinidades estruturais, temáticas e estilísticas, mas também pela disputa sobre o espaço nos suportes disponíveis naquele período. Como já exposto, essas crônicas de violência e sangue constituiriam um

público popular nos hebdomadários dos grandes centros urbanos ocidentais (Kalifa, [1995] 2019).

A sua longevidade nas folhas provincianas brasileiras, contudo, só pode ser entendida se elucidarmos suas especificidades e as associarmos à realidade local na segunda metade do século XIX. No caso das folhas cearenses, como muitas outras da época, isso pode ser percebido, primeiramente, a partir do uso tradicional da escrita jornalística como forma de investir contra os adversários⁸⁴.

Dessa maneira, muitas daquelas notas tinham duas características comuns a outros textos naquelas folhas: a narrativa como estrutura básica e o relato do crime como artifício astucioso para esgrimir os adversários nas querelas cotidianas:

A PEDIDO

Maranguape.

AO CHARLATÃO AGALOADO⁸⁵

Em uma d'essas noites descia o Farias pela rua do Bagaço e ao passar em frente da loginha de seu colega Marcolino lembrou se de entrar para *palestrar* um pouco sobre as novidades do dia.

Como de facto entra; e depois dos cumprimentos do estylo trava-se entre os mesmos o seguinte diálogo:

F. – Então que há de novo por este seu bairro ?

M. – Nada que eu saiba.

F. – Nem sequer alguma noticiinha lá pelos jornaes ?

M. – Ah ! sim, por falares em jornal lembrei-me agora... porem para ti isto não será mais novidade.

F. – O que ? homem. Diga, diga sempre o que ha, pois ha dias que não pego em jornaes.

M. – Pois é possível que não tenhas ainda lido o n.º. 2 da *Constituição*, que traz uma longa e enfadonha correspondencia cheia de calumnias e insultos à commissão de socorros d' aqui ?

F. – O que me está dizendo ?

M. – sim, senhor ! Sinão aqui tens a Constituição, lê tu mesmo para em caso de duvida poderes dizer: *his oculis vidi*.

Aqui o Farias atira para um lado a bengala, alisa o colete verde, pega depois no jornal com uma mão e com a outra repuxando o olho lê com surpresa o aludido artigo.

Depois ainda meio discrente lança de esquelha o olhar para Marcolino que, coçando a barba, examinava atentamente o efeito produzido por tal leitura no animo de seu

⁸⁴ Como já exposto no capítulo anterior, as questões políticas não eram tratadas apenas nas colunas principais que ocupavam a primeira página. Nos quatro principais jornais destacados, foi bastante recorrente o uso das colunas “noticiario”, “correspondência”, “transcrição”, “communicado” e “a pedido” para promover críticas, queixas, denúncias ou mesmo para utilizar do sarcasmo ou do deboche como forma de espezinhar os adversários. Como demonstrou Fernandes (2004) em seu trabalho, essas correspondências eram geralmente pagas, possuindo como pauta a desforra aos jornais/partidos opositores, tendo assim, uma maior liberdade e informalidade no uso de expressões e palavras. A autora reforça que os *e-leitores* desses jornais, principalmente aqueles dos grupos privilegiados, tiveram uma relação com essas folhas que não consistia em simples “dependência”, mas em trocas constantes, pois eram sua “astúcia” e “paixão” presente naqueles textos que faziam o jogo político funcionar, também.

⁸⁵ “Agalardoado/galadoardo – v. Galardoar: premiar; remunerar” (Silva; Bluteau, 1789, p. 75).

amigo e exclama:

F. – Com efeito ! Como é que se tem o atrevimento de insultar e caluniar publicamente aos outros d’este modo ? ! E quem será, Marcolino, o autor de semelhante artigo ?

M. – Ora, ainda mais esta ! Pois não sabes que o Cezario tem feito aqui boas pirraças [danificado] Sombra, e que principalmente depois de certo tempo para cá tem augmentado muito a inimizade que reinava entre elles?

F. – Ah ! sim, agora me lembro.

Talvez que alludas ao facto de ter o Cezario tido o arrojo de consentir que fosse depositada em sua casa a filha do Sombra.

M. – Acertastes cabra velho.

F. Isto sabia-o ha muito : porem ignoras acaso que o Sombra mal assigna o nome e que portanto não tem capacidade para redigir um artigo? Quem é pois o ente tão vil que se presta a taes manejos ? [...] (Pedro II, 1878a, p. 3, grifos do autor).

Como se pode observar, a composição narrativa é essa primeira chave para compreender os jornais locais nesse momento. O modelo narrativo servia perfeitamente aos objetivos desse tipo de nota: narrar uma experiência de forma cronológica, coerente e de fácil e rápida compreensão dando conta, não apenas do relato no presente, mas do que acontecera antes do fato noticiado ocorrer (Abbott, 2008). Nota-se que o ato de recontar é utilizado como estratégia para atingir diretamente o leitor. A escolha por um diálogo entre personagens aponta ainda para o privilégio dado a confecção dessa trama enquanto uma estória a ser transportada à oralidade cotidiana.

O objetivo aqui era tecer um relato que parecesse verdadeiro, organizado e coeso onde a experiência do que ocorrera podia ser compreendida sem grandes percalços. Nota-se que no caso destacado acima, a linguagem utilizada, os recursos estilísticos cotejados e a própria fala dos personagens dizem muito a respeito da capacidade de construção literária daqueles que escreviam para a sessão “A pedido”. Embora, nesse caso seja patente que se tratava de uma estória criada para criticar diretamente os adversários políticos, tinha-se alinhavado toda uma narrativa em discurso direto para dar conta de mais um episódio nessas disputas.

Paralelamente, fica notório que os leitores e redatores tinham cotidianamente o hábito de ler parte dos jornais opositores e que essas críticas partidárias não se restringiam apenas aos artigos principais (Fernandes, 2004). Na segurança da palavra de terceiros metamorfoseada numa estória recontada, tinha-se o cotidiano citadino/provincial descoberto a nu. A segurança de cartas anônimas, correspondências de indivíduos poderosos ou através de textos satíricos como nesse caso, os jornais utilizavam-se dos relatos de leitores para poder diretamente afirmar-se e/ou se contrapor aos concorrentes.

Fala ainda de como numa população pouco letrada, aqueles que sabiam ler e escrever de fato, eram quase sempre pessoas da elite. Suas falas transliteradas nas

correspondências e nos artigos publicados relembram como a diferença de classe era considerável. Afinal, a simples publicação naquelas folhas era custosa⁸⁶ e poucos tinham condição de realizar, ainda que pudessem de fato expressar-se na escrita.

O crime ocupava um papel importante nessas correspondências. Era ele um artifício comum para inflamar a opinião e potencializar as querelas entre partidários, autoridades, jornais e leitores comuns. Embora não se destaque no caso citado anteriormente, aquele diálogo punha em evidência, mais à frente, os supostos delitos/crimes cometidos pelo personagem desdenhado. Assim, os correspondentes utilizavam o texto para efetivamente destacar e divulgar as queixas contra aquele dito personagem e contra o jornal adversário.

A estória fabulada, portanto, era um recurso, um artifício na construção de uma proximidade com os partidários e um instrumento de desagravo no caso dos adversários. Ambas as ações implicadas pela fórmula da narrativa da vida diária. Um relato daquilo que é íntimo, mas também o testemunho sobre como o conflito político se utilizaria do crime como uma forma de recompor uma análise sobre o cotidiano de forma dramatizada.

Afinal, das múltiplas características que se podem identificar tanto nessas correspondências como nos *faits divers* de crimes violentos, a principal é sua *mise-en-scène*, sua performance exagerada na escrita evocando diretamente o teatro⁸⁷. Pois, geralmente, destacavam um enredo prolixo que reconstituía de forma pormenorizada ou super dramatizada, um crime cruel ou bizarro:

**Para o Exm. Sr. presidente ver quem é
– Domingos Jesuino de Albuquerque, o mata pantaleão.**

A publicação, que fez hontem o Pedro II, da pronuncia proferida contra Domingos Jesuino de Albuquerque, e os demais faccinorosos q' mataram a familia quasi inteira dos Pantaleões sobre a serra da Meruoca, agradou-me muito, porque só assim se conservara' na memoria do povo essa carnificina horrivel, que foi a escada por onde um dos – assassinos ferozes – Domingos Jesuino de Albuquerque subiu até o posto de coronel chefe do estado-maior da guarda nacional de Sobral, e a' posição de delegado de policia para, n'um e n'outro caracter, oprimir os adversários. Estupido e sem tratamento, o *tigre* dos Algodões, dirigido por certos liberaes

⁸⁶ O valor cobrado poderia variar entre 80 a 100 réis a linha, no início da segunda metade dos oitocentos, dependendo da folha consultada. Quantia considerável visto que com esse montante comprava-se sete exemplares de um desses jornais naquela época (começo da sua publicação) (Fernandes, 2004).

⁸⁷ Não à toa, em Paris, uma das capitais que serviram de espelho para a sociedade local, sobretudo para a elite urbana letrada da capital, seria inaugurado em 16 de maio de 1896 um teatro especializado em promover espetáculos onde os crimes, a morte e a maldade humana eram teatralizadas emulando uma estética realista e até mesmo brutal. O “Grand Guignol” foi exemplar em capturar as nuances típicas dos *faits divers* já devidamente utilizadas pela arte europeia na gravura e na literatura. Esse teatro especializou-se na apresentação de peças com histórias macabras e sangrentas. Foi responsável pela criação de um gênero teatral específico e um adjetivo geralmente utilizado de forma pejorativa: *grand-guinolesque* para designar obras que abusavam da violência e de efeitos grotescos (Wikipedia, 2023a). Como destaca N. Carroll (1999), esse teatro privilegiava tramas exageradamente violentas muito mais que as de mistério e horror. Apesar disso, ele expôs, por exemplo, versões de contos clássicos de E. A. Poe como “*The system of Dr. Gourdon and prof. Plume*”.

exaltados e pevertidos, sendo accusado por aquelles assassinatos, pretendeu justificar-se extorquindo tudo em seu favor declarações dos descendentes de suas victimas, e por que não o conseguisse, tratou de designar alguns para o serviço da guerra, o que deu lugar a representação que foi publicada aqui em 1865 e hoje reproduzimos. Eil-a:

ILLM E EXCM SR. – Ha vinte e seis anos e poucos dias, Exm. Sr., em dia de finados do anno de 1839, um sequito de que fazia parte Domingos Jesuino de Albuquerque assassinou no sitio – Algodões – sobre a serra da Meruóca, toda uma familia de pretos livres, com excepção d'aquelles que se achavão ausentes e conseguirão fugir, não escapando ao ferro dos sicarios siquer as mulheres !!!....

A cidade de Sobral foi testemunha da lugubre entrada de quatro redes, conduzindo cadaveres da infeliz familia de Pedro Gomes da Silva Pantaleão, e horrorizou-se ante a perversidade das feras, que não trepidarão em mutilar a machado o rosto de suas victimas, quando já erão cadaveres !!! [...] (Pedro II, 1868, p. 3).

Assim, é notório que muitos dos elementos presentes naqueles relatos eram constituídos a partir dos moldes narrativos próprios de gêneros já tradicionais da literatura, mas acrescidos de grandes traços de dramaticidade. Esses elementos modeladores e constitutivos do relato do crime na escrita indicam como naquele período a fabricação jornalística do relato do crime ainda recebia influxos consideráveis dos gêneros narrativos e artísticos já tradicionais.

O acontecimento narrado era reencenado através de um drama⁸⁸ constituído de forma estratégica para os jornais e, em certa medida, para um público muito díspar daquele presente nos grandes centros. Os estratagemas utilizados na sua confecção, embora herdeiros de clássicos da literatura, eram efetivamente catalisados a partir da necessidade de transformar a narratividade de um fato marcado por grande carga emocional num efetivo acontecimento diante de um público ouvinte numeroso.

Refere-se a drama visto que, apesar de não ser destinado a representação, ele de fato capturava aspectos teatrais. Alocava um cenário, personagens em ação direta e apelava fortemente aos sentidos e aos sentimentos do público. Buscando assim, recriar situações e atos humanos dando-lhe similaridade de um eterno presente e concretude, características muito próprias ao drama encenado nos moldes teatrais (Esslin, 1978). Uma criação heterogênea fabricada a partir de uma diversidade de recursos com objetivo não apenas contar a história de um crime, mas capaz de dar-lhe um entendimento ou fazer o mesmo circular por meio da oralidade, daí o forte apelo aos sentidos/sentimentos dos leitores/ouvintes.

Essa lógica narrativa espetacular e inventiva era tributária direta ou indireta de gêneros literários como o conto ou das narrativas populares antigas como a *nouvelle*, o

⁸⁸ Como pontua Martin Esslin (1978), drama é uma ação mimética, ação que imita ou representa comportamentos humanos. O que é de maior importância é a ênfase dada à ação. Assim, o drama não seria simplesmente uma forma de literatura, embora as falas utilizadas numa peça possam assim serem consideradas. O que marca precisamente a qualificação do drama seria algo exterior e além das palavras, aquilo que é representado e que tem que ser percebido enquanto ação.

canard, a chronique (Meyer, 1996), mas também deviam seu poder de sedução ao teatro com os tons trágicos, dramáticos ou mesmo tragicômicos. O crime tornava-se, na escrita, um território sinuoso e movediço onde se mesclavam estratégias narrativas que buscavam ora reafirmar o senso comum acerca do ato criminoso, ora surpreender com um redirecionamento da trama ou uma conclusão inesperada.

Com um enredo que fazia menção, por vezes, aos antecedentes dos envolvidos, essa micro estória culminava, geralmente, numa revelação apoteótica sobre o destino do criminoso ou das vítimas do drama ali delineado nas suas cores mais extravagantes. Essa escrita performática e fabulosa mesclava realidade histórica com imaginário coletivo⁸⁹ sobre o crime e sobre os sujeitos criminosos.

Essa verve, já tradicional, seguia a oralidade clássica no trabalho e na construção do acontecimento por meio de procedimentos retóricos e imaginativos buscando criar uma atmosfera compreensiva para os eventos narrados (Sodré, 2009). Esses recursos gestavam interpretações e produziam o acontecimento enquanto resultado de uma experiência aterradora. Tais recursos permaneceriam parte integrante tanto da prática jornalística quanto da escrita literária oitocentista.

Como bem pontuou Franck Évrard (1997, p. 7), “o poder de fascinação exercido pelos *faits divers* vem do fato de que as situações e eventos cotidianos que eles apresentam rompem com o previsível”. A fabricação operada nesses relatos, portanto, é a de um discurso sobre o acontecimento, no entanto, diferenciando-se desde o princípio de outras formas de notícia, eles se afastavam da pretensão de estar apenas dando conta de um fato comprovável e abraçando, na maior parte das vezes, a excepcionalidade e o inverossímil.

É sob esse nó inicial entre ficção e realidade empírica que aquelas correspondências seguindo o percurso dos *faits divers* construía um artifício de tensão que podia, ainda que indiretamente, destacar as contradições e os limites daquela sociedade. Elas não criavam apenas uma ilusão de realidade, elas demonstravam a complexidade das relações sociais por meio de relatos sobre eventos que perturbavam a ordem e invertiam momentaneamente as normas estabelecidas.

Está aí, um fator de unidade para esses relatos aparentemente díspares e incomuns. Nesse mosaico de experiências estranhas e trágicas, o choque contra a

⁸⁹ De forma muito resumida e pontual, podemos afirmar que concordamos com Maffesoli quando este pontua que o imaginário é, geralmente, um fazer coletivo e que se constitui como ideia de compartilhar algo, uma linguagem, visão das coisas, filosofia de vida etc. Ele seria aquilo que asseguraria uma possível coerência ente o natural e o cultural, do espaço social e do sentimento estético. Agindo enquanto uma força social, ele mantém vínculos, solidifica, organiza relações entre os entes sociais mesclando parâmetros racionais, oníricos e afetivos. Atravessando, assim, os diversos domínios da existência (Maffesoli, 1998).

regularidade, seja ela natural ou humana, e o rompimento com a moral estabelecida eram elementos comuns a todos os *faits divers* e demais textos que dele se serviam como instrumento/estrutura narrativa.

Conforme Évrard (1997, n. p.), é a partir desse mesmo fator que são percebidas determinadas categorias de classificação a serem estabelecidas: “a restauração do equilíbrio” (uma ameaça momentânea que é debelada), “a transgressão da ordem moral” (violência individual; emergência do interdito) o “desvio da ordem natural” (a percepção da natureza como perturbadora e indomável) e finalmente, a “morte como transgressão absoluta” (um modo extraordinário e perturbador de morrer).

Outra característica basilar atribuída a essas narrativas é conter todas as informações necessárias à sua compreensão, revelando assim uma inegável imanência como afirmara Roland Barthes. Porém, essas tramas tidas como anedóticas, aparentemente decepcionantes pela sua estruturação de causalidade ou devido a sua pequena variação temática, constituíam técnicas narrativas com um surpreendente fôlego, apelo ao público leitor e capacidade de representação da realidade.

Enquanto uma micronarrativa fechada em si mesma, ela catalisava a ideia de destino sob uma aparência atemporal⁹⁰, ficando desse modo, à margem da história. Mas, se as suas alegadas nuances de intemporalidade poderiam desligá-la de referenciais cronológicos mais fortes, esses textos eram antes de tudo um relato munido de considerável potência de comunicação e afinidade com o cotidiano de seus leitores.

Forjados perfeitamente para uma forma de comunicação condensada que praticamente os isolava dos demais acontecimentos elencados nos jornais, esses relatos tornavam-se um atrativo centralizado no caráter anômalo do evento narrado (Sodré, 2009). Desse modo, seria o leitor, muito mais que o autor do relato que deteria a capacidade de valoração sobre esse modo primitivo de notícia.

As narrativas de crimes dentro daquelas correspondências, portanto, davam continuidade às fórmulas narrativas próprias do gênero do *fait divers*. Baseadas na construção de oposições (antíteses, paradoxos), num grupo de personagens usualmente pequeno e num enredo que envolvia motivação ou representação de um evento que advinha, muitas vezes, de causas sem interferência intencional de um agente externo (Évrard, 1997).

⁹⁰ Como afirma Marlyse Meyer (1996), as colunas de *faits divers*, e aqui adicionamos aqueles textos que deles se aproximavam, são sempre aquelas que não precisam de contexto para sua interpretação. Como destaca a autora, é a única coluna que não envelhece. O *fait divers* ainda poderia causar mesmo anos depois arrepios e espanto. Essas narrativas, portanto, centradas na notícia extraordinária, traziam aos jornais um chamariz pontual, mas efetivo, dado o gosto do período pelo excesso melodramático.

Forjados num lugar privilegiado do discurso, o periódico, os dramas de sangue locais borravam a ainda pouco nítida fronteira entre fato e ficção por meio daquelas cartas. Produzindo efeitos análogos aqueles existentes numa narrativa literária, afinal como parte da mídia daquela época, eles produziam efeitos de real (Sodré, 2009). Adensando com traços literários, o discurso opinativo-informativo, encampado pelos jornais de outrora, forçavam a fronteira entre os campos, mas a bem da verdade, essa margem de contato permanecia bem tênue.

Desse modo, o valor notícia daquelas tramas estava atrelado ao seu impacto e a sua aparente proximidade do público. Ainda enquanto uma tipologia de notícias, elas davam conta da sua função inicial, destacavam uma excepcionalidade, uma ruptura ou uma inversão momentânea da ordem.

Como elas cultivavam eficazmente muitos dos fundamentos do texto narrativo, terminavam por edificar o efeito de intimidade com os leitores. Afinal, o ato de narrar sempre foi parte intrínseca da experiência, indissociável da cultura humana, e, portanto, sua diversidade, plasticidade e fruição eram suas características mais intensas (Barthes *apud* Abbott, 2008). De tal forma, na linguagem escrita e através do gênero textual constituído nos moldes do *fait divers*, aquela experiência permanecia fortalecida. Essas tramas sangrentas, ainda que de origem burocrática ou jurídica, constituíam um aparato capaz de dar coerência e compreensibilidade a violência, ao crime e a morte no cotidiano oitocentista:

SEMPIE.

Execução da pena ultima no reo Joaõ Gomes de Rezende em a villa de Itabaiana no dia 24 de janeiro do corrente anno.

Depois de julgado por tres conselhos de jurados pela relação do districto, e de haver sido negada a graça do monarcha ao desgraçado Joaõ Gomes de Rezende, teve este de sofrer a execeção da pena capital, como sofreu em o dia 24 de janeiro. O réo protestava, e protestou até os ultimos instantes que era inocente, isso comoveu, e abalou; e uma pessoa respeitavel da villa de Itabaiana, que assistio effetivamente a esse infeliz, nos dirigio o communicado que abaixo se lerá a ahi se vê que o réo, junto ao cadafalso, dissera, alem de outras expressões as seguintes: *Senhores jurados, juizes de direito e promotores, vêde como fazeis a vossa justiça! Não vos fieis em testemunhas que juraõ por empenho, e por dinheiro, para não terdes occasião de condemnardes a inocentes como eu estou.*

Confessamos que este trecho do comunicado bastante nos incommodou e tanto mais porque fomos o que, como promotor publico, todas as tres vezes que o réo foi ao jury, exerceu o penoso dever de seu acusador; mas procuramos em nos mesmos de que nos acusar, e o coração nos bateu tranquillo de havermos satisfeito nossa obrigação, e de haverem os juizes cumprido o seu dever, por que se o réo, como não duvidamos, foi victima innocente aos olhos de Deos, assim se não apresentou, aos olhos do mundo; e em uma carta que o réo dirige á sua mulher, e que também transcrevemos, assim principia: victima de uma supposição

TODAS AS CORES DA VERDADE. &c. [...]

Ultimado este interrogatorio e seguido outros termos do processo, veio ao tribunal

como informante, produzido pela justiça, Felix José de Goes maior de 50 annos, genro do assassinado, e de quem dissera o réo(sic) recebera a chave da casa do mesmo assassinado, o qual informou: – Que não tinha visto quem fizera a morte em seu sogro Manoel José, mas que affirmava ser o réo o assassino, porque andando o réo foragido pela Piabinha, e sendo falecida a sogra delle informante, e ficando seu sogro só em casa com um preto velho, que com permissaõ do senhor dormia em uma palhoça separada, convidou o assassinado seu sogro ao réo para lhe fazer companhia, dizendo-lhe que della precisava, por já ser muito velho, e que se o réo havia de andar exposto a ser preso, em razãõ do crime, que tinha em Propriá, fosse para sua casa para o ajudar a viver, e o réo aceitando o convite, tomou a casa do sogro delle informante, onde permaneceu de 3 mezes e meio para 4 (o réo disse que só uma semana e até quarta-feira da outra; o contrário do que se provou, como se verá adiante) e que nesse interim tenddo o réo sciencia de que o sogro delle informante, tinha algum dinheiro, manifestou a algumas pessoas, que era pena ter o velho tanto dinheiro – Que desejando o sogro delle informante fazer uma viagem ao sertão para negociar, fora o réo quem o judara(sic) a arrumar tudo, bem como o dinheiro. Que na vespera do dia destinado para a viagem o réo pernaitara em casa do seu sogro, conjunctamente com este, e que sahira nessa mesma noite para o lugar chamado – Boa Vista – voltando pela madrugada para a casa do assassinado, onde arrumou o que tinha que arrumar, e ja sol alto, fora a casa de sua cunhada Bernardina, e a esta entregara a chave da casa do assassinado seu sogro, dizendo àquella que o velho tinha ido a uma viagem , da qual voltaria até o meio dia, e que quando elle chegasse lhe entregasse a chave – Que vendo sua cunhada que seu pai não apparecia até o quebrar do sol, dirigio-se para a casa de seu pai, mandou abrir a porta pelo preto velho de nome Manoel, escravo do assassinado, e dentro de casa observou-se junto ao lugar da rêde, onde dormia o assassinado, um pouco de cinza, cobrindo sangue – Que entãõ a cunhada delle informante, espantada gritara, e chamara pessoas, as quaes acudindo, descobriãõ as pegadas de pessoa, que seguia da porta posterior da casa, em indirecção (sic) a um poço, onde, se examinando, achou-se o cadaver do assassinado, e tirado d’agua, vio-se que estava com a cabeça aberta com um grande golpe, e por detraz da casa debaixo de um pé de Jurema, um machado todo ensanguentado, dizendo logo todos, que o matador era o réo, por ter este immediatamente desaparecido, quando estava convencionado com o velho assassinado para irem para o sertão – Que o assassinado não tinha inimidade com ninguem, antes era bem querido de todos, e que elle informante em razãõ disso foi que fez todas as diligencias para a captura do réo – Que quando se abriu a casa de seu sogro, achou-se as canastras das fazendas todas revolvidas, faltando algumas e o dinheiro [...] (O Cearense, 1848b, p. 3).

Olhares apressados sobre essas narrativas e seus tons mais viscerais não devem fazer esquecer que esses relatos mórbidos estavam ainda dentro de um *lòcus* narrativo que embora começasse a ofender sensibilidades, tinha larga tradição⁹¹. Narrativas contendo comportamentos violentos, crimes bárbaros e atos odiosos, como o acima destacado, remontam a história humana como um todo. O emprego de fórmulas de narrar o crime dentro dos jornais misturando técnicas próprias do fazer literário com o jornalístico apenas seguia esse fluxo discursivo já consagrado mesmo noutros lugares de poder.

⁹¹ Como aponta Robert Muchembled (2012), o tabu do sangue e o interdito da violência já em consolidação na segunda metade do século XIX, não aplacou a avidez de um amplo público pelo horror, pela violência dentro de uma sociedade urbana, que tentava conter suas pulsões mórbidas. Nos jornais e na literatura criavam-se narrativas capazes de suprir e essa necessidade apaziguar um imaginário que tradicionalmente se constituiria sobre a égide do conflito, da violência e do crime que agora eram relatados sobre outros suportes, mas ainda empenhados na sua finalidade principal, alimentar assim como os antigos relatos negros, esse desejo mórbido pelo sangue e pela morte, ainda que através do relato escrito.

Aquela sociedade, embora diminuta, já contava com uma considerável estratificação de discursos sobre a violência e o crime. As instituições jurídico-normativas do período tinham lugar privilegiado nessa produção discursiva, como se vê nessa extensa narrativa destacada acima. Elas já apontavam para a manutenção de um uso tradicional da narratividade dentro da sua larga e expansiva documentação oficial. Elas mesmas, ainda profundamente associadas ao discurso religioso e às construções ficcionais próprias da literatura da época, como visto no capítulo anterior.

Narrativas simples, mas que evocavam todo um imaginário sobre acontecimentos violentos que faziam parte do dia a dia dos grupos populares. Assim, não se deve estranhar que tantos desses relatos, uns vindos de cidades e vilas do interior, outros de províncias distantes e mesmo doutros continentes, tivessem frequência nas folhas locais. Todas elas reaproximavam um público leitor ainda limitado, da realidade vivida por parte considerável da população a qual já era acostumada aquelas histórias pela oralidade.

Mais que um artefato usado para preencher o espaço noticioso quando este não tinha ainda companhia de muitos textos literários, essas narrativas apontavam para aquilo que Abbott (2008) defendia como uma expressão própria da narrativa dentro da experiência humana. Elas reafirmavam regularidades, ciclos e criavam marcas de familiaridade com uma população ouvinte em constante contato com vivências brutais das mais vívidas. Afinal, a narrativa sobre violência, o crime e a morte eram naturalizados como parte da paisagem cotidiana

Numa cidade diminuta, onde até mesmo falatórios, fuxicos ou fofocas entre vizinhos podiam chegar aos lugares de poder, o discurso jornalístico reafirmava a ordem e a moral oficial. De modo que, nos jornais, o discurso sobre o crime tornava-se onipresente não apenas como crítica ao governo e autoridades de plantão, como demonstrado no capítulo anterior, mas como artifício ambíguo de comunicação com os diversos grupos de leitores. Assim, esses textos tencionavam o discurso oficial dando destaque àquelas práticas, ainda que para criticá-las.

Geravam um espaço dúbio e cindido reafirmando a transgressão cotidiana, ainda que encapsuladas pelo discurso normativo dos órgãos jurídicos e da moralidade vigente. Eles reafirmavam uma realidade incômoda, pois destacavam o espaço entre as frestas de um cotidiano cada vez mais esquadrihado pelo poder através das autoridades da justiça, da polícia, mas agora, pressionados pelas vozes nos jornais a lhe exigir controle sobre as bordas da sociedade.

É necessário destacar, por fim, que esse entremeio entre notícia e construção

fictícia constituiu-se num momento histórico decisivo para sociedade ocidental: o advento do moderno sistema disciplinar, o qual surgiria diretamente ligado ao problema da relação entre narrativa e crime. No século XIX, sobretudo a partir da segunda metade, ocorreu uma gradual substituição da literatura popular, que tradicionalmente enaltecia o pequeno criminoso oriundo das classes baixas, por uma ficção que se apropriava da criminalidade em formas mais aceitáveis para as classes dominantes e constituía o criminoso como inimigo dos pobres (Foucault *apud* Évrard, 1997), e o crime como um atentado contra a ordem e a moral da sociedade.

Todavia, na província do Ceará e na sua diminuta capital, a realidade era profundamente diversa das metrópoles europeias. Aqui se dava ainda, de fato, a consolidação de uma escrita jornalística que, embora almejasse os modelos literários estrangeiros, lidava com uma sociedade ainda presa em costumes, práticas e hábitos tidos por ela própria (na forma das suas elites) como não civilizados.

Portanto, a escrita e o discurso jornalístico ombreavam com seus congêneres literários em trocas notórias de estratégias narrativas, mas tinham públicos diversos, a literatura atingindo principalmente as camadas mais altas da população. Os jornais eram, de fato, ligados as mesmas, mas chegavam também aqueles grupos que não sabiam ler ou sequer tinham condição de obter um livro ou mesmo uma edição de periódico. As leituras nos comércios em geral, nas praças e as conversas nas ruas transportavam aqueles enredos a um grupo significativamente maior de pessoas.

Daí, se compreende por que as colunas “correspondências” e “a pedido” nos jornais analisados tornaram-se tão relevantes e espaço cativo, não apenas para os partidários políticos das vilas do interior, mas principalmente um lugar de contar e validar estórias. Não raras vezes, por meio de um relato sobre a insegurança, os desmandos, os abusos e os crimes cometidos no interior ou noutras províncias, as relações e o cotidiano local eram expostos e repercutiam. E essa repercussão dentro das folhas mostrava como o jornal havia se tornado rapidamente um lugar de disputas e sua leitura/escuta, uma forte presença dentro da rotina da população:

 SR REDACTOR. – Cada vez mais me capacito da verdade dos antigos proverbios, bem como do que diz – um malquistado não se importa de malquistar os outros – para prova deste adagio, vou referir um facto, que comigo acaba de dar-se.

Apparecendo nesta povoação o *Cearense* de 2 de maio proximo passado, nº. 1819, ouvi uma pessoa fidedigna estar lendo nelle uma correspondencia escripta de Santa Quiteria, em 2 de abril; encapando-se o seu autor com o nome de Fernandes. Dizia ele – que eu lhe havia comunicado, que o ex-professor d’aqui José Raymundo Maravalho, levava sua aula a um gráo de relaxamento tal, que seus alumnos a

frequentação de camisa e ceroula, e sem aproveitamento algum; e isto devido a sua supina ignorância. – Não sei Sr. Redactor, como esse correspondente lembrou-se de mim para intrigar-me com aquelle ex-professor. Quanto ouvi o leitor proferir o meu nome, fiquei pasmado, e disse com os meus botões: como se falta assim a verdade? Como é que assim se intriga os outros? [...]

Queira o Sr. Redactor, dar publicidade a estas mal traçadas linhas, feitas por um pobre escrivão matuto, afim de ficar o respeitavel publico sciente da calumnia, que me arguiu o Sr. Fernandes; e por cuja publicidade mui grato lhe sera este, que pela primeira vez o encommoda, e é

De V. S^a leitor venerador e criado,

Policarpo Francisco de Souza Pardo. Barra do Macaco, 4 de julho de 1865. (A Constituição, 1865b, p. 3, grifos do autor; grifo nosso).

Nos países tidos como “civilizados” e “avançados”, acontecia uma contínua separação entre notícias sobre crimes e literatura criminal. Destacando-se uma literatura produzida naquele momento que já começava a enfatizar a distância, a estranheza ou o exotismo de paisagens onde os heróis-detetives ou ladrões anti-heróis da ficção criminal iriam habitar no século XIX (Kalifa [1995] 2019).

Nos jornais locais, como se nota, um dos poucos espaços para publicação efetiva, as notícias continuariam uma miscelânea das pequenas estórias do dia a dia, com o insólito de acontecimentos produzidos alhures ou copiados de outras folhas do próprio país. Não abandonariam, portanto, os sórdidos crimes presentes nos *faits divers* que durante tanto tempo haviam destacado a delinquência e a violência, incômoda, mas terrivelmente familiar a grande parte dos leitores e ouvintes.

Eles cumpriam com o papel de manter os indivíduos agregados e atentos ao que acontecia na própria vizinhança ou ao que se produzia como notícia naquele momento, mas vindas de outras cidades. Afinal, nesse período, o discurso informativo já se encontrava bastante permeado pelo imaginário social, onde critérios maiores de verossimilhança eram deixados de lado em favor da comunicação com um público receptor que se acostumara com uma temática que posteriormente seria dita “sensacionalista”: crimes, escândalos e anomalias (Sodré, 2009).

Desse modo, outros “relatos do crime” publicados nas folhas locais se impuseram e aquelas correspondências passaram a dividir cada vez mais o espaço periódico com outras produções concorrentes. Muitos desses, trazendo uma base narrativa que em inúmeros momentos aproximavam-se da fórmula tradicional dos relatos de sangue típicos dos jornais.

3.2 Um rodapé de comportamentos torpes

HORRENDO ASSASSINATO.

A 27 de novembro de 1852, o tribunal [criminal] de Zurich, na Suíça, sentenciou a desgraçada Mathilde Grommer, pelo crime de assassinato praticado na pessoa de seu marido Francisco Slaboyer, na noite de 5 do mesmo mez, cuja sentença foi executada na manhã de 29, em presença de numeroso concurso. A causa desta malfadada mulher, por seu horror, e circunstancias, tem chamado a atenção de toda Suíça, e as particularidades de sua historia dado motivo a um milhão de fabulas e inventos variados e discordes. A narração que abaixo copiamos nos foi ministrada pelo sr. Kunfferman, advogado do juizo de apellações, e fiscal que foi no dito processo, de cujo original certifico haver extractado fielmente.

« No decurso do anno que findou em 1852, vierão estes esposos de Paris para Zurich, onde allugarão uma decente e commoda casa na rua Underwaldon, na qual tem vivido, frequentando a primeira sociedade, com todas as comodidades da vida, sem saber-se como, ou por onde lhe vinhão as grandes somas de dinheiro que gastavão em extraordinario luxo, mas das quaes aproveitava tambem o desvalido. Frederico era um cavalheiro na extensão da palavra, cerca de 30 annos, de elegante presença e de um entendimento nada comum: manejava com intelligencia os ideomas antigos e modernos, franco e sem reserva em seu trato, e em sua conversação fino e delicado. Disse-se que elle havia sido coronel ao serviço de S.M. Christianissima, o qual abandonou por seus amores, e o primogenito de uma das mais esclarecidas, fieis e opullentas famílias do meio dia da França. Mathilde contava pouco mais de 17 annos, mulher formosa, scientifica, das formas mais encantadoras; sua origem e verdadeiro nome foi um mysterio impossivel de penetrar, até mesmo nos ultimos momentos de sua execução: entretanto se os elevados berços, refletem pela boa educação e arranjos dos individuos, a desventurada Mathilde apesar de sua tenacidade e do horrendo crime com que agravou o pacto social, offendendo e injuriando a vindicta publica, deve-se colocar na ordem das pessoas de primeira categoria [...] (O Cearense, 1854a, p. 3).

Era 31 de março de 1854 quando o jornal “O Cearense” publicou essa insólita narrativa sobre o assassinato cometido por uma esposa contra seu marido. Num primeiro momento, o caso de *Mathilde Grommer* poderia ser facilmente percebido como um *fait divers* típico do período. A fonte em caixa alta estilizada no título, o resumo sobre o acontecido logo no primeiro parágrafo, uma marcação noticiosa: “quando, onde e quem” (O Cearense, 1854a, p. 3), denotando traços próprios do texto informativo. Como tal, esse relato retomava muitos dos pontos comuns às notícias sobre crimes das colunas policiais e aos *faits divers* em geral.

Esse, no entanto, não era o caso. “O Cearense” publicava aquela estória em suas páginas relativas à coluna “Variedade”, o que já indicava se tratar, não exatamente de uma notícia, mas de outro gênero textual. Naquele período, a formatação dos jornais locais ainda concentrava naquela coluna textos tidos como “diversos”⁹². Um olhar mais demorado e atento revelaria que, na verdade, tratava-se de um folhetim. E, não menos surpreendente, talvez fosse o itinerário dessa trama até chegar às mãos dos leitores cearenses. O jornal local, na ocasião,

⁹² Nessa época, foi comum a publicação de artigos, textos dito científicos, religiosos, cartas, poesias, textos anedóticos, palestras e mesmo poesias nessa coluna que existia em diversos jornais cearenses.

republicava e dava crédito ao jornal porto-alegrense “Mercantil”, mas tal relato já habitara outras folhas.

Assinado sob o pseudônimo “Braz Tisana”⁹³, hipoteticamente seu autor, em publicação de 16 de março de 1854 do jornal lisbonense “Imprensa e Lei” (1854, p. 1) que o apresentara na forma como convinha, dando-lhe lugar numa coluna própria aos folhetins. Coisa que não ocorrera no “O Liberal Pernambucano” (1854, p. 3) que publicara, surpreendentemente dois meses antes da versão daquele jornal português, uma segunda parte daquela estória em 19 de janeiro de 1854.

Assim como “O Cearense” faria tempos depois, dispondo-o numa coluna de *variedades* e atribuindo-a, por sua vez, ao periódico “Cruzeiro”. Conclui-se, pois, que apesar dos percalços da estória de Mathilde Grommer, ela chegara à Fortaleza antes dos jornais locais efetivarem, em definitivo, um espaço próprio e oficial para a literatura⁹⁴. Demonstra, principalmente, que muitos dos traços narrativos dos folhetins eram compartilhados com os *faits divers*, os quais, ironicamente, começavam a concorrer e ameaçariam diretamente o espaço do folhetim no suporte periódico do período⁹⁵.

Tomando a versão do jornal português como referência, podemos notar que algumas inconsistências pontuais podem ser destacadas, porém, nenhuma que altere substancialmente a compreensão da narrativa. As principais alterações diziam respeito à forma escrita de determinadas palavras, grafadas de forma diversa em Portugal ou com letras trocadas em alguns momentos.

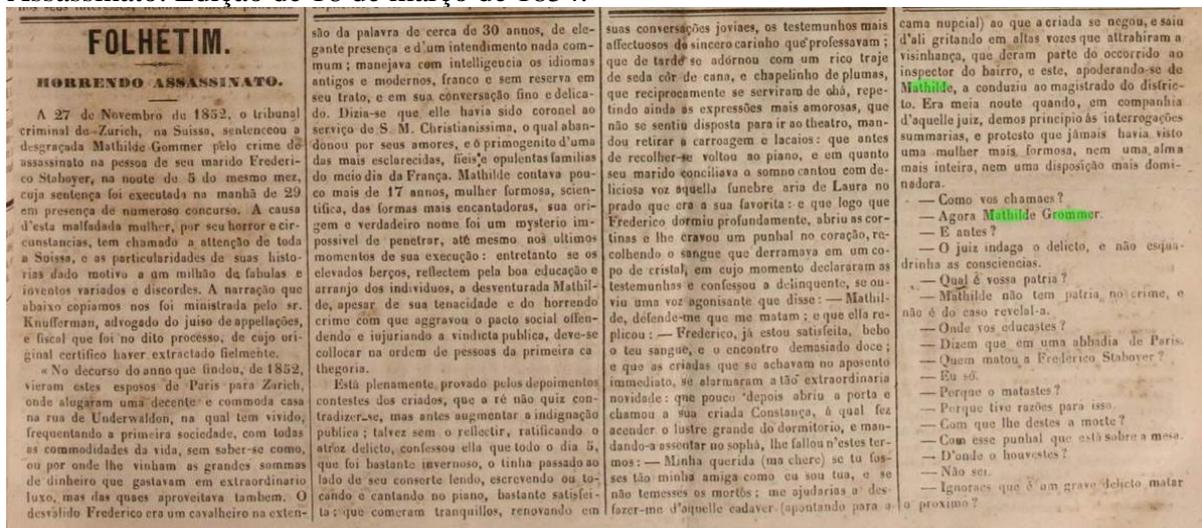
Outro erro mais chamativo, a elipse de uma palavra na primeira linha e a reformulação de partes de outra frase ou troca de caracteres, ocorreram também. Nada, no entanto, disfarça o erro principal e mais grosseiro: a troca do nome de um dos personagens principais, logo no início do texto. Tudo isso se percebia facilmente comparando aquele com a versão portuguesa:

⁹³ José de Sousa Bandeira (1789-1861), nascido em Lisboa, foi um jornalista e defensor das ideias liberais. Bandeira participou ativamente da vida política. Perseguido pelas suas ideias, foi preso na Relação do Porto, em 1824, por delito de opinião. Voltou para as masmorras no início de 1829. Em 1828, tinha acompanhado o exército liberal para a Galiza, para evitar a perseguição dos absolutistas, a quem não poupava nos seus escritos inflamados. Atribuiu-se ao jornalista a autoria dos periódicos “Braz Tizana”, “O Artilheiro” e ao dicionário publicado neste último. Usava o pseudônimo Braz Tisana (Bandeira, 1836; Neves, 2006).

⁹⁴ Como propõe Marlyse Meyer (1996), em seu denso estudo “Folhetim: uma História”, desde o começo do século XIX, o espaço vazio no rodapé da primeira folha dos jornais foi trabalhado enquanto um lugar para o entretenimento. Desde seu princípio nos jornais europeus, sobretudo franceses, tinha essa finalidade específica, muito embora inicialmente tenha sido um espaço do tipo “vale tudo” que esteve aberto a publicação de modalidades diversas de textos, com amplo destaque para a ficção e para as “novidades”.

⁹⁵ Isso posto, principalmente, para o contexto francês, sobretudo, após 1860. Em território brasileiro e local essa concorrência existiu, mas de forma muito mais tímida que na Europa, onde os jornais investiam pesadamente na produção e circulação de folhetins dos mais diversos tipos e, ao mesmo tempo, jornais se especializavam na produção e na divulgação de fascículos/cadernos extras privilegiando a publicação de *faits divers* (Meyer, 1996).

Figura 1– Base da primeira página do jornal *Imprensa e Lei* (Lisboa). Folhetim: Horrendo Assassinato. Edição de 16 de março de 1854.



Fonte: *Imprensa e Lei* (1854).

Enquanto nessa última, o texto ocupava o rodapé (frente e verso) da página principal sob a rubrica “Folhetim”, no jornal “O Cearense” foi organizado em duas longas colunas na terceira e na quarta folha do mesmo. Um espaço considerável se lembrarmos que o jornal local, ao contrário do português⁹⁶ e do pernambucano, só contava com três colunas em cada página. Esses dois últimos contavam já com quatro páginas bem divididas em quatro colunas extensas e mais estreitas. No entanto, a folha local optou por publicar o texto por completo, o que ocupava parte considerável da mesma, com destaque para a cena principal daquele drama de sangue:

Está plenamente provado pelos depoimentos contestes(sic) dos criados, que a ré não quiz contradizer-se, mas antes augmentar a indignação publica, talvez sem o reflectir, ractificando o atroz delicto; confessou ella que todo o dia 5, que foi bastante invernos, o tinha passado ao lado de seo consorte lendo, escrevendo ou tocando e cantando no piano, bastante satisfeita; que comerão tranquilllos, renovando em suas conversações joviaes, os testemunhos mais affectuosos do sincero carinho que se professavão; que de tarde se adornou com um rico traje de seda cor de cana, e chapelinho de plumas, que reciprocamente se servirão de chá, repetindo ainda as expressões mais amorosas; que não se sentio disposta para ir ao theatro, e mandou retirar a carruagem e lacaios; que antes de recolher-se voltou ao piano, e em quanto(sic) seo marido conciliava o somno cantou com delisiosa voz aquella funebre aria de Laura no prado, que era sua favorita; e que logo que Frederico dormio profundamente, abriu as cortinas, e lhe cravou um punhal no coração, recolhendo o sangue que derramava em um copo de cristal, em cujo momento declararão as testemunhas e confessou a delinquente, se ouviu uma voz agonisante que dice(sic):

⁹⁶ Conforme se observou ao longo de outras edições posteriores desse jornal, inclusive no mesmo mês dessa publicação, gradualmente foram acrescidas mais duas páginas (5 e 6) ao jornal mencionado. O que correspondia a uma encadernação de três folhas ao periódico, que operava com publicações em frente e verso, todas numeradas conforme padrão da época.

– Mathilde, defende-me que me matão; e que ella replicou: = Frederico, já estou satisfeita, bebo o teu sangue, e o encontro demasiado doce; que as criadas que se achavão no aposento immediato, se alarmarão á tão extraordinária novidade; que pouco depois abriu a porta e chamou a sua creada Constança, a qual fez accender o lustre grande do dormitório, e mandou-a assentar no sofá, e lhe falou n'estes termos: = Minha querida (ma chère) se tu fosses tão minha amiga como eu sou tua, e senão temesse os mortos, me ajudarias a desfazer-me d'aquelle cadaver (apontando para a cama nupcial.) ao que a creada se negou; sahio d'alli grintando em altas voses que attrahirão a visinhança, que derão parte do ocorrido ao inspector do bairro, e este apoderando-se de Mathilde, a conduzio ao magistrado do districto. Era meia noite quando, em companhia d'aquelle juiz, demos princípios ás interrogações summárias, e protesto que jamais havia visto uma mulher mais formosa, nem uma alma mais inteira, nem uma disposição mais dominadora. [...] (O Cearense, 1854a, p. 3).

Percebe-se aqui grande proximidade com as estratégias narrativas típicas das notícias criminais ou do *fait divers*. Algumas dessas estruturas foram diretamente assimiladas da narrativa criminal existente, acrescidas de gêneros ainda mais antigos e outras próprias da ficção oitocentista, tornavam-na mais fluída e prazerosa. O trecho que inicia esse extrato, por exemplo, invertia o arranjo mais comum do relato criminal: o encadeamento cronológico do crime. Ao trazer logo de início detalhes da condenação da criminosa, insuflava a perplexidade, a revolta, mas também a curiosidade do leitor, objetivo comum à maioria dos relatos do crime.

O foco da narrativa, nesta parte, era destacar os momentos que antecederam o delito, a premeditação e, finalmente, o crime em seus caracteres mais infames, os quais pontuam de forma quase paródica o desenlace do ato. Essa fórmula não era a mais usual nos folhetins. Os antecedentes do crime moldavam, geralmente, a estrutura de muitos dos *faits divers* sobre assassinatos. Esses traços eram comuns também, como vimos, a determinados documentos oficiais que se utilizavam da narrativa para dar conta de acontecimentos que precisavam ser registrados e noticiados às autoridades superiores dentro da burocracia jurídico-policial.

A presença do discurso direto, quando do questionamento da personagem principal, apesar de pouco comum, também não era prerrogativa apenas do folhetim, pois ocorria pontualmente mesmo em tramas originárias de correspondências, como visto no tópico anterior.

A narrativa prolixa, o destaque dado a poucos dos personagens existentes, a cronologia vaga eram pontos de contato dos dois gêneros (Meyer, 1996). Concomitantemente, o que constituía substrato para a verdadeira diferenciação era um formato seriado e de fluxo contínuo presentes nos folhetins. Suas tramas eram mais diversificadas e ainda quando seus acontecimentos se estabeleciam de forma paralela, ocorriam de forma complementar e numa

temporalidade difusa onde se dilatavam percursos diferenciados para cada um dos personagens.

Isso posto, nota-se como nesse período a imprensa já começava a apostar nesse tipo de temática dentro do gênero do folhetim. O interesse dos jornais pelo inaudito, pelo sensacional, pelo crime revelava o jornalismo da época enquanto prática social reprodutora de narrativas já estabelecidas e de relativo sucesso na tradição e na oralidade (Meyer, 1996; Muchembled, 2012; Angrimani, 1995, Guimarães, 2013). Num período em que a escrita jornalística se caracterizava ainda por enfatizar o exagero e por buscar mecanismos retóricos que articulassem padrões e sensações, fidelizar um público leitor estreitando laços com a literatura era importante.

Assim, a busca pelo dramático no crime, revela como no século XIX os jornais e a literatura apropriavam-se do cotidiano, dos costumes, da vida privada como artifício para mobilizar o gosto dos leitores e ouvintes (Kalifa, 2019; Matheus, 2011; Brasiliense, 2020). Se os padrões variaram de época para época, naquele momento nada estava mais em voga que a publicação de relatos sobre o crime. Portanto, enquadrá-los dentro de perfis mais chamativos foi só mais um modo de ressignificar aquilo que de outra forma seria tido apenas banal:

- Como vos chamais?
 - Agora Mathilde Grommer.
 - E antes?
 - O juiz indaga o delicto e não esquadrinha as consciências.
 - Qual é a vossa patria?
 - Mathilde não tem patria no crime, e não é do caso revelal-a.
 - Onde vos educasteis?
 - Dizem que em uma abbadia de Paris.
 - Quem matou a Frederico Slaboyer?
 - Eu só
 - Porque o matasteis?
 - Porque tive razões para isso.
 - Com que lhe desteis a morte?
 - Com esse punhal que está sobre a meza.
 - D’onde o houvesteis?
 - Não sei.
 - Ignoraes que é um grave delicto matar o próximo?
 - Não ignoro, nem uma mulher da minha ordem e educação pode ignora-lo; mas Frederico não era meu proximo, era uma cousa minha, era minha propriedade, eu tinha um direito a elle, e as leis deste paiz não estão claras em materia tão delicada.
 - Meditasteis o assassinato?
 - Ha mais de um mez que esperava occasião de executa-lo.
 - Que podeis alegar em vossa defeza?
 - Nada, porque não a quero, nem a tenho.
 - Vossa causa vai ser julgada por um tribunal recto e justiceiro.
 - Melhor para mim; menos terei que sofrer.
 - Suppondes estar em vosso inteiro juizo?
 - Nunca me senti tão tranquillã.
- A criminosa foi recolhida á prisão; a causa seguiu seus tramites, e a desventurada Mathilde foi sentenciada e executada segundo as leis. Na noite anterior á execução,

supplicou que a não molestassem tantas pessoas que vinhão ve-la: que o tempo era pouco, e que queria aproveitá-lo escrevendo a seus amigos. O animo e disposição dessa mulher tem sido assombro de Zurich. [...] (O Cearense, 1854a, p. 3).

Nuances de inquérito, notícia e relatório policial misturavam-se nesse excerto. Mas eram as cores do *fait divers* que se destacavam, operando como um artefato narrativo que ao empregar determinados recursos da retórica construía uma ferramenta atrativa ao relatar o crime. É perceptível, neste caso, um dos seus maiores trunfos diante do público, o fato de que suas fórmulas o permitiam enredar e se relacionar com a sua própria exterioridade. O apelo em relação aos leitores, certamente, foi responsável por aproximá-lo e até mesmo concorrer com os folhetins oitocentistas.

Isso se dava mediante um conjunto de convenções linguísticas e textuais que presidiam a descrição do fato e mobilizavam emoções. Como ele era, por excelência, uma narrativa caracterizada por acontecimentos fortes ou violentos, resultava daí que muitos dos seus exemplares fossem marcados por oposições do tipo bem x mal (Jouhandeau *apud* Sodré, 2009). Desse modo, o relato sangrento, ao movimentar essas estruturas, transformava-se numa narrativa capaz de dar conta daquilo que convencionamos chamar de imaginário social sobre o crime. A novidade era o emprego dessas estruturas dentro dos folhetins.

Como já pontuou Tinhorão (1994) sobre esse gênero, tratava-se de um texto que se preocupava em ser uma narrativa pragmática, deixando de lado qualquer esforço (maior de delibera o ou questionamento) por parte dos leitores. Contudo, seria necessário considerar como esses textos ao serem transladados de folha para folha ou até mesmo de país para país, certamente, deparavam-se com públicos diversos e com formas diferenciadas de apropria o sobre esses relatos, como vimos no caso acima.

Apesar de muitas similaridades, deveriam contar com importantes e incontornáveis diferenças. Essas diversas formas de utiliza o e reprodu o revelariam não apenas modelos e formas de representa o compartilhados, mas sobretudo conveniências e formas criativas de utiliza o daqueles materiais (Chartier, 2003). No caso cearense, a preferência pelo modelo do *fait divers* que destacava ambientes rurais, práticas populares e o comportamento feminino.

Sabe-se, que o advento daquele gênero textual esteve intimamente ligado a necessidade de fidelizar e ampliar a recep o dos jornais que o introduziram ainda na primeira metade do s culo⁹⁷. O investimento nesse projeto deveu-se aos proprietários do jornal *La*

⁹⁷ Como destaca Meyer (1996), a introdu o pioneira do folhetim em periódicos franceses correspondeu a uma demanda jornalística (acréscimo assinaturas/vendas) e ao gosto popular por uma literatura de rápido acesso e de fácil leitura dentro do contexto francês oitocentista. Todavia, o sucesso desse gênero numa sociedade bem menor

Presse e do *Le Siècle* que foram os primeiros a inserir essa nova e bem-sucedida seção no rodapé de seus periódicos. Nesse espaço novo dedicado a literatura, habitavam textos de ficção curtos ou mais longos divididos em partes (Garcia; Ferreira, 2014).

No Brasil oitocentista, assim como na Europa, o sucesso desse gênero foi imenso, mas resultou de esforços diversos. Nos territórios europeus teve relação direta com a aceleração do processo de alfabetização da população, redução da jornada de trabalho e o aperfeiçoamento de técnicas de impressão, bem como um maior acesso da população aos jornais (Lyons *apud* Garcia; Ferreira, 2014).

Porém, em território nacional, este processo esteve mais alinhado a uma lenta, mas constante, urbanização das maiores capitais e à força atrativa dos hábitos e costumes dos centros europeus importados pelas classes mais abastadas. Havia, naquele momento, uma busca por distinção dentro desses grupos letrados e por novas formas de sociabilidade e símbolos de cultura erudita numa época em que o texto literário se tornava, ele próprio, uma valiosa mercadoria e símbolo de *status* social.

Numa cidade que se urbanizava e buscava se legitimar por meio do progresso material e pelo cultivo de novos costumes e sensibilidades, o hábito da leitura dos jornais tornava-se símbolo de civilização. Era um momento de afirmação das elites da capital sobre o restante da província, sobretudo em Fortaleza, as classes emergentes passaram a alimentar uma imagem de progresso. Para dar conta desse processo, os sujeitos que controlavam os instrumentos de fabricação do universo letrado, intensificaram suas atividades intelectuais, identificadas com o desenvolvimento da cidade (Cardoso, 2000).

Os folhetins despontavam, portanto, em companhia e concorrência com muitos outros textos dentro do jornal. O diferencial, mais que no signo da ficção literária, será a forma como aquelas narrativas serão publicadas. Com circulação que acompanhava o jornal, a narrativa literária seria geralmente seriada. Estruturada em capítulos, essas histórias contavam com uma narrativa mais ágil, uma profusão de eventos sendo descritos minuciosamente e se utilizando de textos simples para prender a atenção de um público ainda pouco diverso.

Empregando uma trama por vezes tão ou mais clichê que os relatos dos *faits divers*, esses textos geralmente se concentravam na construção narrativa do “romance impossível”, com personagens estereotipados e rasos (geralmente romance idealizado entre pares separados por vilões que lhes eram concorrentes ou que impediam a felicidade do casal)

e menos letrada como a brasileira daquele período pode ser discutida não apenas pela adoção de modismos a europeia, mas pelo atrativo dessas histórias curtas seriadas que se podiam consumir e reproduzir na oralidade de forma mais rápida e que por suas próprias características eram moldadas para o gosto pelo extraordinário, o sensacional e mesmo o escandaloso.

(Tinhorão, 1994).

No entanto, eram movimentados através de um artifício de realismo literário que procurava registrar a vida quotidiana, aproximando-se da verossimilhança presente noutros textos do jornal. Construindo ganchos voltados para prender atenção, esses pequenos relatos criavam sensação de expectativa ao movimentarem seus personagens dentro de uma trama sedutora:

« Zurich, 29 de novembro, ás 2 horas da noite. – Ao meu querido Simão, em Paris. – Há muitos dias que me negão tuas letras; sem dúvida que entretido nas grandes reuniões, ocupada toda imaginação com as novas operas de Rossini não te lembras que eu existo. Quando esta chegar as tuas mãos, já não haverá necessidade de que te incomodes, as leis da Suissa se encarregarão (sic) de mim, pois dizem que as hei violado, Pobre Frederico ! elle foi meu amigo, meu esposo, meu protector, meu mestre, meu confidente, porem por minha desgraça não soube respeitar estes titulos sagrados. Dando-lhe a morte, eu quis ainda que seu sangue circulasse com o meu, que doce o achei ! Accusão-me de aleivosa⁹⁸, nesta parte não estou de acordo com os juizes. Nossas vidas, aos dar-mos as mãos, forão trocadas com divinos votos. E que mais fiz eu do que tomar o que me deu o altar ? Elle tinha igual direito sobre mim. Dizem que tenho aggravado a vindicta publica, que tenho escandalizado o universo, que não tive razão..... sabe Deos que me sobrava. Uma noite sonhei ver Frederico em outros braços, e desde esse momento formei o projecto de que meus olhos não testemunhassem o amargo presagio. Minha intenção foi seguil-o aos Elyseus, não sei porem que covarde mão sugeitou(sic) minha arrogancia quando acabei com elle, se serião suas moribundas palavras = Mathilde. defende-me que me matão – ou se me embriagarão seus líquidos...

eu(sic) não sei, Simão. Durante a minha detenção n'esta prisão, tenho sofrido muito. Os mais duros remorsos, as sombras mais iracundas⁹⁹ me tem atormentado, almejo pelo dia para encontrar-me o meu amante.. tenho de continuo em minha presença, e neste momento em que pela ultima vez te escrevo, parece-me que o vejo sim....ali esta elle...olha-o derramando sangue pela horrenda ferida que lhe fiz com barbara mão... sujeitai-o....mas....já se foi. Desculpai-me com o mundo, e nunca reveles meus segredos : enxugas tuas lagrimas amistosas, não me inquietes no frio repouso. Minha familia.... eu tenho sabido ocultar o nome. Dá-me teu ultimo auxilio, esse retrato e essa madeixa de meus cabelos, entrega-os na rua de Saint Honoré n°. 7; faz que vão com segurança ás mãos da pessoa que habita ali, diz-lhe que o original descança no reino das almas, satisfaz sua curiosidade com prudencia se mais te perguntar, mas occulta-lhe o funesto fim da minha existencia. Compedeçei-vos da minha desgraça, imploro o perdão de todas as do meu sexo pela ofensa que lhes hei feito, e ao humilhar-me a esta graça recomendo aborrecção a leitura d'essas obras romanescas que despertão e corrompem as paixões, detestando investigar os arcanos da sabia philosophia reservada para o homem. Recebe tu essa memoria de meu carinho, e em tuas fervorosas orações pede a Deos por tua amiga. Mathilde. (*Mercantil* de Porto Alegre) (O Cearense, 1854a, p. 4, grifos do autor).

Esse caráter fortemente moralista ao longo e principalmente ao final do texto, sobre a figura feminina, associava-se perfeitamente a estrutura dos dramas de sangue encontrados nas colunas de noticiário. A idealização da união dos cônjuges, o casamento enquanto elo social sagrado e inquebrantável, a imperiosidade da pudicícia na mulher, bem como o perigo das leituras, da sua frivolidade e do agir irresponsável tipificado como

⁹⁸ “Aleivoso: Aquelle, que faz mal a alguém debaixo da capa de amizade” (Bluteau, 1728, p. 234).

⁹⁹ “Iracundo: Iroso; Colerico”. (Bluteau, 1728, p. 198).

inerentemente femininas e perigosas. Tudo isso revelava como aquela construção narrativa tinha objetivos para além do entretenimento literário.

Como se vê, tratava-se de uma mistura inusitada entre dois dos mais populares gêneros narrativos do período (Kalifa, 2019; Meyer, 1996). Afinal, o “fato em vermelho-sangue” sempre teve em si mesmo uma estrutura folhetinesca e assim como o folhetim propriamente dito, na segunda metade dos oitocentos, seria responsável por seduzir leitores e pelo aumento das tiragens, contando inclusive com folhas voltadas exclusivamente para aquele gênero (Angrimani, 1995). A junção ainda que pontual dessas duas categorias textuais não poderia ser, senão, outro bem-sucedido empreendimento dentro dos jornais da época. Afinal, ambos permitiam a experiência de um outro real, ainda que imaginário (Sodré, 2009).

Aquele foi um momento propício para perceber como a narratividade jornalística se constituía para além da forma-relato ou da forma-caso no modo de estruturar o texto, mas foi, principalmente, perceptível sua receptividade à narratividade da literatura e dos relatos típicos do *fait divers*. Não há dúvida que, durante os oitocentos, os autores, sobretudo aqueles próximos a estética realista (Évrard, 1997), buscaram no *fait divers* fórmulas que os aproximassem do gosto popular, ampliando narrativas, focalizando desdobramentos e potencializando emoções e sensações. Mesmo grandes autores utilizaram-no, ainda que transfigurado, ao modo de uma notícia magnificada (Sodré, 2009).

Embora já houvesse uma crescente separação e valoração da literatura dos grandes mestres sobre os folhetinistas e mais ainda sobre os produtores de *faits divers* nos jornais, o prazer e a paixão pelo relato sangrento marcou as estratégias jornalísticas da época. Ainda que crescentemente desprestigiados pelos que afirmavam uma literatura de romance (Guimarães, 2013), que assumia a pretensão de dar conta da realidade, a produção folhetinesca e de *faits divers*, moldou para si, nos jornais, um espaço diferenciado de escrita. Nele se deu uma prodigiosa fabricação de relatos, os quais, quer pela verossimilhança ou quer pela desprentiosidade de lidar com o cotidiano sob o signo do insólito, angariavam um público fiel e duradouro.

Aquela forma noticiosa de publicizar as nuances mais bizarras e incômodas da experiência humana foram, de formas diversas, apropriadas pontualmente pelo folhetim e depois pelo romance enquanto estratégia narrativa. Embora muitos daqueles relatos se caracterizassem pelo aspecto fragmentário, a apropriação de muitas de suas estruturas permitiram que essa fórmula narrativa seguisse viva mesmo que transmutada pontualmente em folhetim. O arranjo seriado, o enredo ainda mais prolixo e uma estruturação dramática mais coesa faziam com que muitas daquelas estórias fossem potencializadas em narrativas

mais complexas e atrativas.

Como se percebe, um dos principais trunfos desses relatos era sua capacidade de destroçar o banal. Desse modo, subsidiou um tipo de entretenimento que mesclava uma prosa folhetinesca com nuances informativas, e essa dualidade seria responsável pelo desenvolvimento posterior de todo um gênero voltado para o romance policial e de mistério (Carrol, 1999; Kalifa, 2019).

A sua estrutura pretensamente factual e seu estilo direto abriam margem para arranjos e rearranjos de diferentes ordens dentro de um relato mais robusto como o folhetim. Essa facilidade na leitura, a proximidade com o popular, certamente chocava-se com defensores de uma pretensa cultura erudita, que via nesses relatos e, mesmo nos folhetins, subespécies menos valorizadas e descartáveis de leitura.

Mas, eram seus conteúdos de fabulação e suas estruturas aglutinadoras de elementos quase míticos que permitiam o livre cerzir de caracteres literários e simbólicos com informativos e factuais do jornalismo. Ainda que inverossímeis, permaneciam críveis dentro daquele universo de investigação/informação. Os *faits divers* nasceram para dar conta da estranheza e do grotesco através do relato periódico, mas as possibilidades deles não esbarravam na sua fórmula narrativa, transbordavam para além da produção da notícia.

Eles conseguiam, indiretamente, dar conta de uma estranheza humana que já não era mais perceptível como natural ou incidental dentro do tecido da sociedade. Identificar, construir a delinquência por meio de sua taxonomia podiam ser efeitos secundários desse discurso transbordante, mas antes de tudo eram um relato que empregava a desordem, a perturbação e a inversão dos valores como artifício de entretenimento.

Por um curto espaço de tempo dentro do discurso, nos interstícios da trama narrativa, eles capturavam o inadequado, o anormal. Por meio desse relato, o discurso literário/jornalístico realocava no tecido social tudo aquilo que devia ser identificado, punido ou neutralizado, mesmo assim, não esvaziava a natureza incontornável do ato de contravenção da ordem.

O “folhetim” tornou-se, naquele momento, a exemplo do teatro, mais um lugar para a performance do insólito. Ele foi capaz de capturar e se apropriar da torpeza cotidiana e transbordá-la nas suas linhas, como o fez alhures de forma mais artística e perturbadoramente sedutora aquela vertente teatral francesa¹⁰⁰. Certamente, não houve nada parecido nesse

¹⁰⁰ Como já destacado, o teatro de horrores foi tradicionalmente inaugurado pelo *Théâtre du Grand Guignol*, que foi fundado pelo dramaturgo e encenador Oscar Méténier na antiga capela de um convento em Montmartre, sendo uma atração bastante popular na Paris de fins do século XIX, sobrevivendo inclusive até 1962. Nele

sentido em terras cearenses naquela época.

Afinal, tratava-se de uma sociedade pequena onde as pessoas experienciavam a violência de forma cotidiana e compartilhavam um ambiente combativo por meio dos jornais. Mas, os folhetins presentes nas folhas locais, ainda no começo da segunda metade do XIX, demonstram que muitos dos traços ficcionais sobre o crime, a desordem e a moralidade oitocentistas seriam incorporados definitivamente naquela tipologia de relato:

FOLHETIM.

[ornamento divisor de texto floreado pequeno]

A JUSTIÇA DE DEOS.

VII.

(continuação do n.º 3.)

[...]

– Uma noite...havia pouco tempo que Anguerdtoff chegara. Fazia muito mar e ventava com violencia. A lanterna do pharol balanceava no tope(sic) do mastro, mas eu não sentia a tempestade nem me lembrava da lanterna. Immoel na bocca da escotilha, hesitava em descer. Lutei longo tempo comigo mesmo; porém a final não pude resistir à tentação. Desamparei o meu posto e fui com os proprios olhos convencer-me da minha deshonra ... Arrojei-me sobre elle, e travou-se então uma lucta terrível ! Em quanto(sic) rolavamos, atracados, sobre o convez, um tufão apagou o pharol, e quasi que ao mesmo tempo reboou pelo espaço o tiro de um navio em perigo. O senhor sabe quanto é solemne esse signal ! Elle nos fez voltar subitamente á razão, e cessamos de brigar. Voei à tolda, e não obstante a escuridão lobriguei um navio de alto bordo que parecia sem governo, e que as ondas impellião irresistivelmente para o banco. Transido de horror apressei-me em acender a lanterna. mas ella só servio para allumiar o naufragio, e mostrar-me o mar coberto de destroços e de pessoas que se afogavão ! Oh ! acredite, foi um espetaculo medonho ! Lançavão-me olhares que as vascas da morte tornavão horrendos ! Soltavão gritos pungentes e dolorosas exclamações... mas dentro em pouco tudo se calou, tudo desapareceu ! Desgraçado de mim...Oh ! nunca mais hei de esquecer aquelle quadro ! Pelo contrario, vejo e escuto a todas as horas e a todos os minutos os desgraçados que perecerão por minha culpa. [...] (Tribuna Catholica, 1869, p. 1-2).

Como se observa nesse trecho de um folhetim publicado pelo jornal religioso “Tribuna Catholica”, havia uma grande semelhança entre esse texto e aqueles *faits divers* que tratavam de desastres, acidentes e fenômenos da natureza causando grande destruição. O apelo a uma narrativa mórbida e detalhista, que buscava apoiar-se numa provocação aos sentidos e sentimentos dos leitores, é similar aqueles presentes nos relatos de acontecimentos funestos recontados por autoridades ou testemunhas nos jornais, como visto no primeiro capítulo. Contudo, o folhetim trazia também à baila temas bastante caros ao período: violentos combates marítimos, acontecimentos misteriosos e ambientes exóticos (Meyer, 1996):

seriam encenados “assassinatos, estupro, torturas, mutilações, aparições, surtos psicóticos e toda uma sorte de fatos chocantes”. Méténier preparava o público como um mestre de cerimônias vampiresco que narrava para a plateia detalhes nauseantes sobre crimes bárbaros que supostamente acabara de ouvir na delegacia (Biscaia Filho *apud* Piedade; Cánepa, 2014, p. 96-97).

E sem mais tir-te nem guar-te Morwalden descarregou uma formidável pancada na cabeça de Anguerstoff. Apesar de surpreendido por este tão inesperado quão violento ataque, o subalterno apertou logo entre os braços seu fraco inimigo. Corri para evitar uma luta mortal ; mas no mesmo instante Morwalden, desembaraçando-se das mãos do seu rival e arrancado da faca, atirou-lhe um golpe que o outro não pôde de todo aparar. Ia aquelle porém repetil-o, quando agarrei-o pela cintura e levei-o comigo para a tolda.

Tornei a descer depois, e fui ter com Anguerstoff, que rugia como uma féra a vista do seu sangue derramado. A força de supplicas e ameaças consegui por fim arrancar-lhe a promessa de não provocar mais Morwalden d'alli em diante. [...]

Tive sonhos afflictivos bem semelhantes a pesadelos. Parecia-me ouvir, sobre a cabeça, estrepitos de passos e gritos sufocados. Estas sensações ião de mais a mais e tornarão-se a final tão fortes, que me despertarão de todo... Não era, porém, illusão. A principio um, depois dous, e por ultimo um terceiro grito de angustia resoarão a meus ouvidos. Levantei-me , e atirei-me fora do cubiculo em direção ao lugar d'onde me parecia partirem os gemidos. Esbarrei-me face a face com Marietta.

– O que há ? em nome do ceo me diga. De quem são estes gritos ?

– Não sei, me replicou ella balbuciando ; que gritos ?

Sem responder-lhe precipitei-me para os degraos da escada e cheguei á escotilha. Estava fechada. Empurro... resiste... e no emtanto eu não cessava de ouvir os gemidos, que se ião cada vez mais enfraquecendo ! Reuni então, todas as minhas forças, e com um supremo esforço levantei a prancha e pulei sobre a tolda. O que vi ? Anguerstoff, e esse só ! [...]

Poderia ainda fallar-me assim por muito tempo, porque o horror me tirara a voz e me petrificara. Voltei por fim a mim, e mostrando-lhe as mãos exclamei:

– Sangue ! Que sangue é esse ?

– O Morwalden, respondeu-me logo Anguerstoff o cabo [?] em que elle se agarrou estava cheio, alem disso a minha ferida tambem reabriu-se...

Com os diabos ! é preciso que eu trate de parar-lhe o sangue.

Em seguida desceu para ao pé de Marietta, que começou a fazer retumbar por todo o navio suas hypocritas lamentações.

Para mim não havia duvida que se acabava de consumir um assassinato. Um homicidio abominavel. Mas como ? Com que circunstancias ? Approximei-me da borda, e inclinando-me para fora procurei alguns vestigios do malfadado Morwalden. Horror ! ...o lugar em que puz as mãos estava ensanguentado ! Havia sangue na borda e no mastro, e um lago de sangue cobria o tombadilho em roda de meus pés ! (Tribuna Catholica, 1869, p. 1-2).

Como se nota, o folhetim “A justiça de Deos”, apesar do nome, não trazia em seus números publicados e ainda remanescentes, um apelo religioso exagerado. O que não deixa de ser surpreendente, visto não apenas que seu título o associe diretamente a fé, mas que ele de fato tenha sido publicado no jornal oficial da igreja católica cearense. Afinal, seus trechos destacados estavam muito mais próximos dos títulos aventurecos, dramáticos e mesmo macabros publicados nos jornais comuns daquele período.

Esse título foi publicado inicialmente em 11 de julho de 1869, pelo jornal “Tribuna Catholica”. Ocupava como de praxe, o rodapé da primeira folha e seu verso. Uma composição já modificada daquele padrão nos pequenos jornais locais, agora eram quatro colunas em cada página e com a promessa de ser continuado no próximo número. O que no caso do jornal religioso, publicado somente aos domingos, envolvia uma publicação semanal bem definida.

O enredo desse folhetim, ao contrário daquele anteriormente citado, não se concentrava somente num crime ocorrido, mas principalmente na aventura em alto mar, tema caro ao período. No entanto, como se observa em trechos destacados dos poucos números ainda disponíveis¹⁰¹ desse jornal, a atmosfera macabra, o terror presente nos cataclismas naturais, no crime cometido e pontualmente as disputas entre os personagens, introduzem decididamente uma dramaticidade da morte e do extraordinário nesse folhetim, temas caros aos *faits divers* naquele período, como já ficou patente nos tópicos anteriores.

A trama era estabelecida como muitas no jargão oitocentista, como uma história dentro da história. Sendo um personagem da narrativa moldura o protagonista, que ao testemunhar e experienciar um determinado acontecimento, transforma-o na narração principal repassada aos demais personagens coadjuvantes como um acontecimento espetacular. No caso, uma clássica estória de tempestade e conflitos em alto-mar.

A narrativa inicial dava conta de um viajante das classes mais altas viajando de Pernambuco para o Rio de Janeiro em agosto de 1864. Após alguns dias de viagem e amenidades, o viajante desconhecido havia se entrosado com um grupo de amigos e na passagem pela localidade de Abrolhos, o grupo, excitado por rumores de perigo, começa a compartilhar temores pelas viagens em alto mar. Dá-se, naquele momento, a intervenção do personagem principal da trama: *Sr. Waldemont*, homem de idade avançada e com grande experiência e grandes viagens realizadas pelos mares do norte, o qual é convidado a compartilhar uma de suas “tremendas aventuras”.

Como afirmado, nota-se nessa narrativa grande quantidade de elementos de ficção e fantasia típicos de contos, crônicas, romances e mesmo *faits divers* de desastres naturais oitocentistas. Mas, como destacava uma fala do personagem, algo que o associava diretamente ao jornal que publicava o relato: “O que seria maior? A luta humana ou a justiça de deos?” Tratava-se de fato, de uma história de tempestade: “Era uma dessas sombrias noites de temporal”, mas também de uma narrativa sobre conflitos humanos comuns, afinal prometia ser um relato repleto de “episódios de terrível sedução”.

De fato, um relato sobre desastres, paixões e crime, como faz acreditar os trechos que estão expostos. Uma narrativa de tragédias, desordens e provavelmente de sentimentos desencontrados, mas sobretudo, de causas e consequências a partir das atitudes humanas. O narrador fora testemunha do naufrágio do navio em que viajava diante de um tufão em alto

¹⁰¹ O folhetim iniciou-se em 11/07/1869. Seguindo para um segundo número em 18/07/1869, terceiro provavelmente em 25/07/1869 (não disponível), um quarto número em 01/08/1869, um quinto em 08/08/1869, que deixaria uma possível conclusão da narrativa em aberto. Por ser último número do jornal disponível para análise dentro desse arquivo aqui destacado.

mar na costa da Noruega.

Apesar de conseguir sobreviver com um grupo de pessoas em uma pequena embarcação, essa segunda também naufragaria nas proximidades de um farol flutuante e ele seria mais uma vez sobrevivente, agora sozinho indo se abrigar no barco farol e onde testemunharia os conflitos entre os três outros personagens destacados e nomeados nos trechos anteriores.

Como se pode perceber, os jornais locais, mesmo aqueles ligados a instituições religiosas, se utilizaram do recurso editorial do folhetim como forma de atingir um público atento e interessado nesse tipo particular de narrativa. Representando um hábito de leitura importado da Europa, os jornais brasileiros e cearenses, buscavam na publicação de folhetins um chamariz para suas folhas.

Não à toa, como bem destaca e analisa José Humberto Carneiro, em seu trabalho sobre leitores e práticas de leitura local no século XIX, parecia haver grande predileção local por autores destacados na produção folhetinesca como fora o caso de *Ponson du Terrail* (Pinheiro Filho, 2014). O afamado autor de inúmeros folhetins e romances, dentre eles, “Os dramas de Paris” e um dos responsáveis pela expansão daquele gênero tanto em território francês quanto mesmo na pequena capital cearense. Afinal, lá, como em terras alencarinhas, os jornais eram lidos, comentados e recontados pelas pessoas (Meyer, 1996).

O folhetim em âmbito local, percorreria caminho semelhante ao ocorrido em outras províncias e, respeitadas as proporções, daquilo que ocorrera na Europa. Em certos momentos, ele se aproximou inegavelmente dos *faits divers*. Enredos muitas vezes estereotipados, cheios de coincidências, situações ou personagens que beiravam o caricato. Principalmente, um gosto pelo excesso e pelo melodramático aproximavam-no dos relatos sangrentos, pois embora fossem uma estrutura narrativa mais aberta, o sentido misterioso e a causalidade extravagante em muitos momentos definiam o folhetim como esse universo narrativo quase tão espetacular e mítico quanto os *faits divers* de crimes (Meyer, 1996).

Pensando essa presença marcante do acontecimento enquanto drama é que se deve considerar a publicação em 14 de fevereiro de 1865, do jornal “O Cearense”. Nela, o jornal concluía o noticiamento de parte de uma correspondência vinda de Paris, mas com notas sobre outros centros europeus. Nela, uma série de notícias destacava pequenas curiosidades, invenções e acontecimentos amenos. Entretanto, finalizava com uma resenha sobre uma nova peça do teatro de *Vaudeville*¹⁰²:

¹⁰² Foi uma importante sala de espetáculos parisiense. Muito provavelmente, nesse ano (1864) o teatro funcionava na *Place de la Bourse*, local onde em 1852 tinha sido apresentada a peça “A Dama das Camélias de

Pariz, 7 de janeiro de 1865
(conclusão)

[...]

O theatro de Vaudeville quis terminar o anno de 1864 com uma grande novidade. Depois d'um dia d'ensaio somente, o que é raro, deu-nos a primeira representação da *Feiticeira*: o que é a *Feiticeira*? uma mulher incantadora(sic), dotada das mais felizes qualidades; bonita, rica d'uma grande imaginação romanesca, orphã, e por desgraça, confiada a um irmão tão imprudentemente libertino, que um dia conduzi-a *aux Freres Provenceaux*, e não hesitou em fazel-a sentar entre seus companheiros e suas companheiras de orgia. Felizmente amigos dedicados arrancam Mmelle de Mayenne a esta incrível educação, cuja iniciação somente bastava para compromettel-a. Recolhida em casa da familia Freschamps deram-lhe o apelido de *Feiticeira*.

Alli fez-se amar de todos, e em breve levou a perturbação e o desespero á casa, onde lhe – prodigalisavam a afeição mais terna e dedicada. Mme de Freschamps tinha uma filha que destinava ao marquez de Randen. Jacqueline amava o seu noivo; Goutram adorava sua futura, porém a presença de Andrée derruba todos os seus projectos de união. Uma paixão insensata apodera-se de ambos; querem combatel-a, vão esforços, o mal recrudesce.

D'ahi, scenas violentas, d'um lado, transporte de zelo e de lagrymas do outro. Andrée que não quer passar por ingrata procura pôr termo á lucta, Goutran a ameaça de ir aos extremos, si ella realizar seu projecto. Enfim, a *Feiticeira* ganha a victoria, e foge mostrando tanta coragem quanta resignação e dignidade. Terá Gontran (sic) esposado Jacqueline? Não o – diz o desfecho (O Cearense, 1865, p. 3, grifos do autor).

Percebe-se, apenas pela curta resenha, algumas das constantes próprias da estrutura folhetinesca, que também eram comuns ao microrrelato das “notícias extraordinárias”. À presença de uma heroína modelada pelo romantismo, juntava-se a existência de uma trama recheada por oposições míticas: bem x mal, perseguidor x perseguido, pecado x virtude, em uma unidade de opostos.

Essas tramas geralmente mantinham uma retórica que consagrava um modelo figurativista com ênfase nos efeitos de real e numa estética de um realismo objetivo, mas acrítico. Pontuavam, muitas vezes, alguma atualidade informativa reforçada pela verossimilhança dos acontecimentos imaginários que tentavam permanecer similares aos fatos jornalísticos, base do contrato afetivo e da experiência sinestésica do leitor (Sodré, 2009).

Entretanto, quinze anos antes dessa correspondência habitar as páginas internas do jornal “O Cearense”, outra *Feiticeira* tinha se manifestado nas colunas daquele periódico. Essa não jogava com os caracteres de beleza e sedução atribuídos ao termo, mas aos aspectos místicos, marginais e amorais tradicionalmente atribuídos a todos que recebiam tal alcunha.

“A *Feiticeira*” foi um folhetim publicado durante praticamente um mês, entre 17

Alexandre Dumas Filho”. É também o nome de um gênero teatral que ao final do século XIX, caracterizava-se pela ação e por tramas com inúmeras reviravoltas. Possuía um argumento muitas vezes caricatural e o adultério era figura comum nas suas encenações. Tinha como personagens essenciais: marido, esposa e o amante. Originalmente foi um gênero de composição dramática, sendo gradualmente transmutada para uma comédia de situações (Wikipedia, 2023b).

de junho e 19 de julho de 1850. Compreendeu, muito provavelmente, nove números (339-348) do jornal “O Cearense” que, naquele momento, saía apenas duas vezes por semana: às segundas e às quintas-feiras.

Esse folhetim, ao contrário de outros, não ocupou a primeira página em seu número inicial e alguns dos seus capítulos usaram apenas o espaço de frente da página. Trazia na sua conclusão uma assinatura dentro do relato como Antonio Joaquim da Rosa, indicando ter sido publicado anteriormente no “Diario do Rio Grande”:

A FEITICEIRA

No anno de 1820 existia, nos suburbios desta villa de *S. Roque*, uma mulher ja idosa de nome *Escholastica Mendes*, alcunhada Carà-Mendes.

Solitaria e misteriosa era a vida dessa mulher, que habitava um casebre de miseravel perspectiva, e que tinha a reputação de ser grande feiticeira, pelo que era temida por uns e por outros procurada.

Alta noite, vultos rebuçados, e disfarçados em rigoso(sic) incognito, penetravao nessa espeluca(sic) misteriosa, para consultar a grande alchymista, cuja mão poderosa operava prodigios estupendos, prescrevia leis ao destino, e fasia curvar vontades de ferro ao mais leve aceno de seo irresistível poder. Era um amante infelis, que ia pedir um filtro magico, para abrandar os rigores de sua amada, e fasel-a acessivel ao seo amor. Era uma bela, que se apresentava em melancólico desalinho, por ter sido abandonada do joven que amava, e que vinha pedir o liquor miraculoso, que o fisesse voltar aos belos dias de felicidade e amor. Era o malvado, cujo coração sedento de vingança vinha implorar um especifico de morte, ou de soffrimento, mais ou menos longos, mais ou menos intenso, contra aquelle a quem tributava a mais vil das paixões – o ódio.

Seja como for, a crença popular se estribava na evidencia dos factos; porque, pouco depois do conjuro da velha, a moça, que desdenhava os agrados e desvelos do extremoso amante, outorgava-lhes venturas celestes do amor; o amante transviado voltava aos pés da bellesa que abandonara, para queimar os perfumes de um novo amor, e a vingança do scelerado era saciada no grão, que prescripto fora pela velha solitária (O Cearense, 1850a, p. 2, grifos do autor).

A trama, após essa narrativa introdutória apresentando a famigerada figura de uma pretensa feiticeira e a demonstração de seus consideráveis poderes, se concentrava basicamente nas desventuras de uma jovem mãe, perseguida pelo amante, que procurava os serviços daquela mulher idosa, tida como profetisa. O objetivo dessa moça era não apenas buscar proteção, bem como tentar reatar seu relacionamento com seu companheiro, o qual ela traíra e que já tentara assassiná-la anteriormente. Para realizar esse intento a feiticeira afirmava que seria necessário um grande sacrifício:

– Mas vós conjurarei a tempestade que rebrama, e ella passará por cima de minha cabeça sem ofender me.

– Estais enganada – disse a velha com voz secca. – Ella virà, e os seos tufões impetuosos vos arrastarão infalivelmente aos abysmos da sepultura.

– Oh! não me abandoneis por piedade! Preparai um de vossos filtros mágicos, que faça abrandar o coração de Astolfo, e olvidar o passado para sempre. Oh! tende compaixão do meo desespero!

- Pois bem: compadeço-me de vós, e quero salvar-vos; mas para conseguir esse grande resultado, mister é um grande sacrifício.
- A tudo me sujeito: exige o que quiserdes, e sereis obedecida.
- Véde bem o que prometeis – ponderou a feiticeira.
- Não hesito, senhora, em reiterar a minha promessa.
- Jurais?
- Juro?(sic)
- Pois bem: tocai na minha mão para ractificar o juramento.
- A moça estendeu sua tremula dextra, que se prendeu entre as descarnadas mãos da velha. [...]
- Agora podeis tranquillivar vos(sic). Amanhan iremos a *Caverna dos infantes*, que fica em um sitio ermo e solitario; imolaremos vosso filho aos poderes invisíveis; e purificado ao depois com esse sacrificio, comporemos o filtro especioso, que fara o vosso amante esquecer o passado, como se tivesse bebido todas as agoas do Lethes, e amar-vos com esse extremo palpitar do coração, que todo se submerge nas delicias encantadoras do primeiro amor.[...]
- A's quatro horas da madrugada levantou-se a feiticeira, e approximando-se do lugar onde jasia a moça quase cadáver, disse com vos ríspida:
- São Horas: acompanhai me.
- Para onde? – interrogou a moça estupefacta, como se essa a revocasse à existência.
- Para a *Caverna dos infantes*.
- Tende piedade de meo filho!.. suplicou a mãe desolada, desatando dos olhos uma torrente de lagrimas, e pondo-se de joelhos.
- Lembrai-vos que Astolfo ao retirar-se, disse: *Dou-vos esta noite*.
- Sim: mas, antes que amanheça, posso eu fugir com meo filho...oh! salvai-nos; salvai-nos!..
- Apenas eu retirar de vós a minha proteção, estais na mão de Astolfo, que bem de perto vos vigia os passos. Não há pois outro meio de salvação: cumpre resignar-vos. Acompanhai me.
- A moça, sem fazer mais objeções, levantou-se, e seguiu resolutamente (O Cearense, 1850b, p. 1-2).

A partir desse momento, tornava-se notório que o sacrificio seria da vida do filho da jovem Anacleto, o qual não era filho legítimo de Astolfo (seu companheiro). O cerne da obra se dava basicamente no sacrificio da criança recém-nascida, no enlouquecimento da jovem mãe e nos castigos sofridos pela bruxa. O que nos chama a atenção é como muito daquelas constantes melodramáticas, presentes de forma explícita naquele texto, estavam fortemente entrelaçadas às nuances brutais dos *faits divers* naquela narrativa:

- A profetisa tomou a estrada de Sorocãmirim, e depois, desviando-se della, internou-se pela espessura das mattas.
- Ao amanhecer, a feiticeira parou subitamente, e disse apontando com o dedo: – Eis aqui a *Caverna dos infantes*.
- A moça olhou para esse abysmo profundo, e recuou estremecendo como um débil caniço, agitado por ventos impetuosos.
- Cobarde!... exclamou a feiticeira, arrancando a criança, que a infelis mai apertava convulsamente sobre o peito, com todas as forças maternas.
- A feiticeira, segurando pelas extremidades do corpo do menino, e puxando-o violentamente para si, metteo d'encontro o joelho esquerdo no espinhaço desse débil corpinho.
- Seos ossinhos cedêrão facilmente a esse choque encontrado, e estalaraõ.
- No mesmo instante a velha, pegando no inocentinho por um pé, fazendo-o tres vezes voltear sobre sua cabeça, o arrojou afinal ao seio dessa horrivel caverna.
- Um vagido fraco e alquebrado rompeo as sinuosidades silenciosas desse abysmo, e

sessou aos ouvidos da miseranda mãe.
 Consumada estava a obra de Satanas.
 A feiticeira esperava um chuva de imprecações da parte dessa mofina¹⁰³.
 Não foi assim.
 No mesmo instante em que se sumio esse fraco vagido nas cavidades do abysmo,
 Anacleta Gonçalves soltou uma gargalhada estrondosa.

 A infelis estava louca. [...] (O Cearense, 1850c, p. 1).

Posteriormente, a feiticeira seria atacada naquela caverna por uma víbora e teria como castigo uma série de grandes tormentos, relatados de forma exagerada até mesmo em minúcias. Nesse relato, a violência, o crime, a baixeza moral dos atos perpetrados por personagens de caracteres duvidosos assumiam diretamente as marcas dos *faits divers* criminais. Embora a personagem da feiticeira passasse por muitos castigos físicos, ela permaneceria viva ao final da estória como punição pelo mal que fizera. O casal, no entanto, não se reencontrava, seria através da morte de ambos que seu percurso de reconciliação se daria por completo:

O mancebo seguiu imediatamente em procura dela, mas nunca mais de um nem de outro se soube notícia. He provável que a morte unisse os seos cadáveres na caverna dos infantes.

Sessenta dias após desta scena, que vimos de esboçar a feiticeira estava curada da fractura do joelho, mas tinha ambas as pernas destendidas, duras e inflexíveis, de modo que não podia pôr-se de pé; a lingua tinha tomado tal volume, que parte dela se conservava fóra da boca; cahiraõ lhe todos os dentes e cabelos; os braços ficãrão mytrados e os dedos retrocidos uns sobre os outros; seo corpo era um esqueleto no sepulchro; além de tudo isso, dores horríveis a assaltavã a todos os instantes, e a miséria e a fome com seos dedos de ferro ajudavaõ a comprimir esse corpo amaldiçoado.

A bandonada(sic) de todos, a infelis velha foi transportada para o bairro do Campo Verde, que dista tres legoas da vila de S. Roque.

Vinte oito anos são decorridos, e durante taõ longo periodo, essa desgraçada, abandonada quase da Providencia, solitaria em uma misérrima cabana, tem sorvido de minuto a minuto todo o fel de uma vida mais dolorosa do que a morte, pois se conserva ainda hoje no mesmíssimo estado que acima descrevemos.

Deos se amercie de sua alma!

S. Roque, 20 de julho de 1849.

Antonio Joaquim da Rosa.

(IRIS – Diarrio do Rio Grande) (O Cearense, 1850d, p. 2, grifos do autor).

Envolta em muitos dos clichês próprios do período e do gênero folhetinesco, essa narrativa construía, em diversos momentos, aspectos mais crus sobre a violência, a morte e o questionamento da ordem e da moral. Mesmo que terminasse de maneira estereotipada, toda a trajetória da jovem Anacleta e da feiticeira Carà Mendes (que se propôs reconquistar o amor perdido da jovem em troca da vida do filho daquela), não deixava de ser um tema muito controverso, mesmo para os padrões da época.

¹⁰³ “Mofina: miséria, desgraça, mesquinhez” (Pinto, 1832, n. p.).

A obra, apesar da reafirmação das regras, sanções e castigos daquela sociedade aos maus costumes e ao crime, tinha a ousadia de trazer uma narrativa que se utilizava da violência de forma ostensiva. Essa estória expunha perfis infames e atos torpes, ainda que para legitimar muitas das crenças, costumes e normas sociais do período. Ainda assim, mesmo que indiretamente, ela colocava bem à frente dos olhos dos leitores uma incômoda realidade cotidiana¹⁰⁴. Pontuando como a moralidade ordeira e pretensamente pacífica da época era pouco mais que um espantinho da realidade.

Afinal, muito do que fora produzido naquele começo da segunda metade dos oitocentos e mesmo posteriormente foi, de uma forma ou de outra, parte de um processo de assimilação da escrita jornalística sobre o crime e sobre o cotidiano. Pode-se destacar, inclusive, que o insólito e o grotesco, ainda que profundamente chocantes, tornavam-se efetivos. Pois, não raras vezes eram os títulos apelativos e os textos provocadores que, nos periódicos, chamavam mais atenção que os assuntos tidos como graves e de máxima importância para o “progresso e civilização da terra e do povo cearense” (O Cearense, 1850d).

3.3 Toda sordidez será publicada?

A sociedade cearense oitocentista, mesmo em Fortaleza, não constituiria um público leitor considerável em comparação aos maiores centros, como visto anteriormente. Todavia, esse pequeno grupo de leitores teve nos periódicos não apenas um espaço de atuação política, mas também um importante instrumento para produção, circulação de textos e sobretudo para a prática da leitura¹⁰⁵ (Gomes, 2016).

Dentro daqueles jornais, diferentes narrativas foram responsáveis pela expansão dos hábitos de leitura na cidade; ainda que de forma limitada, a população letrada teve acesso desde textos criados por redatores, escritores e intelectuais locais até mesmo a obras já nascidas como clássicos no período:

¹⁰⁴ Como analisou Atayde (2007) na sua dissertação de mestrado intitulada “Mulheres infanticidas: o crime de infanticídio na Cidade de Fortaleza na primeira metade do Século XX”, permaneceu, mesmo já nas primeiras décadas do século XX, significativa a quantidade de notícias que destacavam infanticídios e geravam grande comoção nos jornais do período. A vinculação dessas notícias e a construção narrativa daqueles crimes dentro das folhas locais não deixava de corresponder a uma continuidade, embora reforçada por outros discursos, daqueles crimes sangrentos que nos oitocentos já povoavam as folhas cearenses.

¹⁰⁵ É perceptível em diversos estudos sobre a cidade de Fortaleza na segunda metade do século que embora a maior parte da população ainda permanecesse analfabeta e a educação de primeiras letras fosse muito mais um projeto por parte das elites que um acesso de fato para o grosso da população, o hábito da leitura dos periódicos era algo consolidado entre aqueles que conseguiam o letramento mínimo. As leituras em voz alta em praças, comércios e residências também parece ter sido uma prática constante, o que certamente aumentava o alcance daquelas folhas (Fernandes, 2004; Cardoso, 2000; Pinheiro Filho, 2014).

Começou a dar publicidade o Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, ao folhetim intitulado – Os Miseráveis¹⁰⁶ – por Victor Hugo, precedido do artigo de introdução que vai publicado em outra parte. O merito litterario dessa produção é tão concludente e demonstrado com tanta superioridade pelas apreciações que faz o autor do artigo, que seria temeridade de nossa parte querer aventurar um juízo, emitir uma palavra que não fosse impertinente e de máo effeito. Limitamo-nos recomendar a leitura da obra, dizendo que o autor é o Sr. Victor Hugo, cujo nome por si só desafia a curiosidade e produz entusiasmo (Pedro II, 1862c, p. 1).

O Jornal “Pedro II”, enquanto um dos expoentes do grupo conservador na província do Ceará, teve atuação considerável também nessa área. Em suas páginas eram rotineiramente divulgadas as novidades vindas do Sul ou recém-chegadas da Europa. O trecho acima, inclusive, aponta para uma consonância entre os gostos literários da Corte e da elite urbana fortalezense. Pode-se, mesmo, destacar o quanto de entusiasmo entre os grupos letrados essas novidades podiam causar.

Analisando o texto acima, bem como o artigo transcrito do “Jornal do Commercio” nesse mesmo número da folha cearense, observa-se como houve toda uma comoção na imprensa francesa e brasileira com a publicação do romance hugoano. A ansiedade, o espanto e o regozijo pareciam habitar cada trecho do artigo republicado pelo periódico cearense:

Ha bons oito annos que o mundo litterario vive, por assim dizer, na expectativa de um acontecimento, a que a mesma ancia, a sofreguidão com que é aguardado, tem emprestado as proporções de um phenomeno, Raro será o periodico que delle não fallasse, com especialidade erão os franceses e belgas inesgotaveis em previsões e calculos. E contudo tratava-se apenas da publicação de um romance. Ultimamente tornarão-se mais certas e positivas as noticias. soube-se(sic) que de entre os editores que se disputavão, se não a gloria de escrever o seu nome na primeira pagina da obra, ao menos o proveito de vende-la, levava a palma o Belga Langlois, palma que lhe custára 500,000 francos (cerca de 200 contos de réis); que a impressão começára, e que em Abril poderia o publico satisfazer uma curiosidade desde tanto tempo excitada, aguçada, açulada (Pedro II, 1862d, p. 3).

Como se nota, nesse início do artigo do jornal fluminense, a publicação dessa obra estava para se tornar um acontecimento ímpar no mundo literário ocidental. Noticiado enquanto algo extraordinário que movimentava as expectativas, o desejo e a curiosidade do público, ao mesmo tempo que movimentava os negócios do ramo editorial europeu. Não sem antes movimentar, surpreender e causar grande excitação nos seus primeiros leitores:

Tanto barulho por causa de um romance, e de um romance de que se não conhecia

¹⁰⁶ O romance seria publicado em maio de 1862 por uma editora belga (A Lacroix, Verboeckhoven & Cie) contando com imensa divulgação antecedendo sua chegada através de reclames nos jornais da época. Em território nacional, teria leitores entusiasmados em três dos mais destacados autores do período: José de Alencar, Castro Alves e Machado de Assis, os quais teriam sido amplamente contagiados pela verve presente nas obras do célebre autor francês (Chauvin, 2014).

nada, nada senão que, lida uma única vez em Bruxellas, entre limitado numero de amigos do escritor, produzira emoção tal que fora mister, segundo refere uma folha belga, suspender a sessão e levar em braços, desmaiada, uma senhora ? É que o seu autor chama-se Victor Hugo.

Desfeito está o mysterio, e todos sabem já que falamos dos *Miseraveis*, titulo desse romance, que antes de publicado tem feito mais bulha do que outro nenhum depois de lido. Apenas se soube quem era o editor, fizeram os jornaes francezes altas diligencias para poderem apresentar em folhetim aos seus leitores, e o *Tempo* chegou a offerecer por esse direito 200,00 francos (cerca de 8 contos de réis), mas ofereceu-os debalde.

Mais feliz do que todos elles, o *Jornal do Commercio*, por um contrato especial com o editor, que se obrigou a remetter-nos para aqui, exclusivamente a nós, o que fôr imprimindo antes de expo-lo á venda em Bruxellas, assegurou-se o prazer de offerecer aos seus assignantes a leitura desse livro, cuja reproducção hoje encetamos, antes mesmo que em Pariz alguem o tenha visto.

A parte que já temos em nosso poder, e da qual portanto alguma cousa podemos dizer, justifica as esperanças que só o nome do autor fazia conceber. [...] Não é uma obra política; estava escripta muito antes do poeta trilhar a amargurada senda do exilio. É, **segundo dizem os que a ouvirão**, uma história ingenua e simples das misérias sociaes, aclaradas pelos fulgores da mais sã e consoladora philosophia; não offerece uma leitura frivola, insulso passatempo de espíritos ociosos, mas pasto substancial aos genios reflectidos e pensadores, que poderão tirar para a vida prática mais de uma licção útil (Pedro II, 1862d, p. 3, grifo nosso).

Como bem pontuava o artigo, a obra em questão havia movimentado os ânimos não apenas dos leitores franceses, mas reverberava entre parte das elites brasileiras letradas ciosas de compartilhar da leitura do já aclamado romance.

Destaca-se de pronto a estratégia editorial capaz de dar conta dessa reprodução e circulação tão rápida da obra de Vitor Hugo, a sua publicação em folhetim. Estratagemas similares empregadas, como se nota, tanto pelas casas francesas como pelo hebdomadário brasileiro e por conseguinte pela pequena folha cearense que a realizaria posteriormente.

Todavia, chama ainda mais atenção a alusão ao hábito, comum no período, da leitura em voz alta diante de um público limitado. Essa prática de leitura compartilhada parece reforçar diferenças nada sutis entre a realidade local e aquela europeia diante das formas de leitura possíveis de um folhetim/romance: os ouvintes nos círculos íntimos dos escritores ouviam leituras por hábito, gosto ou por não terem acesso aos manuscritos da obra; localmente, os ouvintes eram maioria diante dos jornais, mas por não saberem ler ou por não terem condições de adquirir com frequência um periódico, tanto menos um livro.

A publicação da obra de Victor Hugo, no entanto, foi um exemplo interessante do sucesso e alcance que essas publicações poderiam chegar a ter. Diz-se isso, analisando a publicação realizada pelo próprio “Pedro II” posteriormente de uma versão “em separado” de “Os Miseraveis” para o público cearense que acompanhava o jornal na época. Quase um ano depois do noticiamento da publicação da obra na Corte, a folha cearense destacou durante vários dias uma nota explicando ao público por que a publicação daquele romance fora

paralisada:

Os Miseráveis.

Os senhores assignantes tenham a bondade de mandarem receber o 9º. caderno. Abaixo publicamos uma advertencia dos editores em que expõem os motivos porque não concluirão a impressão dos *Miseráveis* no 9º. caderno.

Aos Srs. Subscriptores.

Ao tentarmos a publicação desta obra não achamos nos primeiros cadernos que rebemos de Pariz nada que nos podesse orientar sobre o seu tamanho. O *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, porém, no seu artigo de fundo, que serve de introdução á publicação em folhetim da dita obra, disse: que ella se compunha de quatro partes e cada uma de dois volumes, e cita o titulo de cada uma das partes. Guiados por esta informação, e depois de termos publicado as duas primeiras partes, é que podemos calcular quantos cadernos daria, e no nosso n. 5 prometemos aos senhores subscriptores que não excederia de nove.

Ao recebermos, recentemente, o resto da obra, em francez, vimos que tem cinco partes e que o *Jornal do Commercio*, por engano ou por ignorancia, deu á quarta parte o titulo da quinta e omitiu aquella.

Tendo, portanto, a obra 10 volumes, mais dous do que contavamos, forçoso é que aos senhores subscriptores ella custe em vez de 9\$, 11\$ 000, sobre o que julgamos não farão objecção, visto que a nossa edição ainda fica muito mais barata que as estrangeiras pois a de Pariz nos custou encadernada 60\$000, e a de Lisboa, alias de um trabalho typografico muito inferior ao nosso, bem como o papel, custa em bruxura 400 rs fortes cada volume.

A impressão concluir-se-ha no dia 5 ou 6 de fevereiro vindouro (Pedro II, 1863, p. 4).

Algo, sem dúvida, bastante compreensível, visto que assim como outros jornais, o “Pedro II” também havia se destacado na publicação de folhetins. Foi bastante comum, nas suas páginas iniciais, uma profusão de títulos que ora aproximavam-se do ideário romântico então em voga, ora apelavam para os já tradicionais melodramas ou aventuras no estilo capa e espada típicos do período (Meyer, 1996). Ele constituiu um espaço consagrado a textos que em seus primórdios ainda eram capazes de gerar até mesmo alguma confusão, afinal, o conteúdo e, por vezes, a autoria da obra destacada, gerava algum burburinho.

No dia 30 de dezembro desse mesmo ano, por exemplo, Juvenal Galeno¹⁰⁷ publicava uma nota no mesmo jornal afirmando: “o folhetim, publicado homtem n’este jornal, com as iniciaes J.G., não é do abaixo assignado, como pensam algumas pessoas”. O texto em questão contemplava uma narrativa romantizada acerca de uma festa: “O baile do dia 2 de dezembro de 1862 dado na cidade da Fortaleza no Ceará (carta de J.G. a seo amigo T ^(?) de

¹⁰⁷ Juvenal Galeno – (1836-1931). Juvenal Galeno da Costa e Silva nasceu em Fortaleza, a 27 de setembro de 1836, em uma residência na Rua Formosa, nº 66 (atual Barão do Rio Branco). Filho de José Antônio da Costa e Silva e Maria do Carmo Teófilo e Silva, abastados agricultores cafeeiros na encosta da Serra de Aratanha em Pacatuba. Primo pelo lado paterno de Capistrano de Abreu e Clóvis Beviláqua e pelo lado materno de Rodolfo Teófilo. Com o intuito de aperfeiçoá-lo em assuntos agrícolas, seu pai mandou-o para o Rio de Janeiro em busca de adquirir maior conhecimento nas técnicas do plantio do café. Levava consigo uma carta de recomendação de Rufino José de Almeida apresentando-o a Francisco Paula Brito, proprietário da Marmota Fluminense. Ali Juvenal Galeno travou relações de amizade com Machado de Assis, Saldanha Marinho, Joaquim Manoel de Macêdo, Quintino Bocaiúva e outros (Ceará, 2013).

Pernambuco)” (Pedro II, 1862e, p. 1).

Além disso, mesmo seus anúncios, que geralmente se destacavam por serem uma grande miscelânea de objetos. Tendo ênfase em tecidos, ferramentas, louças, itens de papelaria, perfumes, joias, remédios ou bebidas, pontualmente traziam destaque para a chegada de livros, revistas e almanaques para disputar a atenção e despertar o desejo do leitor:

ROMANCES NOVOS.
(Preços baratíssimos.)

Acabão de chegar de Lisboa e achão se á venda na typographia desta folha: – Jorge, ou o Capitão dos Piratas, por Alexandre Dumas, 1\$ rs. – O Cego da Fonte de Santa Catharina, lindo romance com 59 capitulos, 1\$ 600rs. – Victor ou o menino da Selva, lindo romance com 45 capitulos 1\$ 600rs. – Historia de D. Quixote, 1 volume ornado de 54 gravuras. – A Dama das Camélias, por Alexandre Dumas – Nossa senhora de Paris, por Victor Hugo, com 35 bellas gravuras – O Collar da Rainha por Dumas – Angelo Pitou, por Dumas – Han de Islandia por Victor Hugo, com 35 gravuras – A Peccadora, por Paulo Feval – O Leao de Ouro por Paulo Feval – Os Gemeos de Foix, por Paulo Feval – O Banqueiro de Cera, por Paulo Feval – Marat por Alexandre Dumas, O Engeitado, por L. F. Leite – Waverley ou ha 60 annos por W. Scott – Um anno na Corte, por J. A. Corvo, romance historico portuguez, em 4 tomos – Historia de Portugal, desde os tempos primitivos até á infausta morte da Senhora D. Maria II, ornada de immensas gravuras – Arabian Godolphim, por E. Sue – A Guerra das mulheres, por Dumas – Os Valentões de El-rei, por P. Feval – Cartas da India e da China – Collecção de estampas para aprender a ler (Pedro II, 1862f, p. 4).

Aqueles romances, como bem se observa no anúncio anterior, concentravam desde obras que na contemporaneidade são consideradas clássicas até títulos que fizeram o caminho contrário e tornaram-se plenamente obscuros. Entretanto, são em sua maioria obras que referendavam um dado gosto daquele período, contemplando autores europeus já reconhecidos que tinham também a princípio publicado algumas dessas obras em folhetins e fornecido repertório literário aos leitores brasileiros (Mendes, 2016).

Coisa que ocorreria em território nacional de forma bastante similar. Tendo, inclusive, um dos mais famosos autores cearenses publicado sua obra inaugural também em folhetim¹⁰⁸ e assim garantindo acesso a um público consideravelmente maior a sua escrita. Em uma quarta-feira, dia 28 de fevereiro de 1866, iniciou-se localmente, a publicação de “Iracema, a obra que o conselheiro Alencar offerece aos seus patrícios”. Um romance onde “tudo he brasileiro, e até se póde dizer que ali tudo he cearense; a cor o sabor e o som das scenas nelle descriptas se resentes das mesmas impressões que nos inspiram as variações de

¹⁰⁸ Conforme analisa Meyer (1996), muitos dos mais destacados autores do período se utilizam da fórmula de publicação em folhetim. Sendo o próprio Alencar um desses autores, assim como Macedo e Machado de Assis. A autora pondera, no entanto, que esse modo de publicação não implicava necessariamente que fossem todos considerados romances-folhetim. A maioria seria apenas romances prontos que iam sendo publicados de forma seriada para, segundo o sucesso obtido, serem definitivamente publicados em volume (Meyer, 1996).

nossa natureza em seu estado primitivo (sic)” (A Constituição, 1865c, p. 3).

O jornal “A Constituição”, assim como seu concorrente também conservador, “Pedro II”, dedicava um lugar considerável do seu suporte gráfico aos folhetins. E no começo de 1866, esse espaço foi totalmente destinado a publicação do romance “Iracema”, obra do também cearense José de Alencar. Romance enaltecido pelo jornal local desde antes de sua efetiva publicação, a qual seria considerada, ainda em sua época de lançamento, um emblema da literatura romântica do século XIX.

Ela, todavia, guardava certas passagens que em muito reforçavam, mas também se distanciavam, daquelas impressões destacadas pelo redator meses antes. Não apenas a natureza cearense, mas as relações entre os personagens eram idealizadas ao ponto do encontro entre os dois personagens principais, o português Martim e a indígena Iracema, ser mitificado, romantizado e tendo a violência desse primeiro momento sido atenuada, embora fosse, mesmo naquela ficção, uma das marcas formadoras e definidoras do espaço e do povo cearense:

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido. De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d’alma, que da ferida. O sentimento que ele pôz nos olhos e no rosto, não sei eu, porém a virgem lançou de si o arco e a uirapaba, e correu para o guerreiro, sentida da magoa que causara. A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada (A Constituição, 1866a, p. 1).

Não resta dúvida que o romance alencarino nesse pequeno trecho apelava muito mais as nuances do amor romântico delineado entre os protagonistas que a busca por retratar objetivamente um encontro entre povos desconhecidos. De qualquer modo, enfatizava uma violência simbólica inicial, embora fosse para destacar pontualmente a bravura e a coragem da personagem nativa, o autor construía, na cena de confronto romantizada, um símbolo poderoso para essa união, que começaria de forma violenta e terminaria de modo trágico.

“Iracema” certamente não era um exemplar narrativo que se apropriava de passagens violentas, perturbadoras ou que através do crime criava estratégias narrativas que enredassem o leitor. Porém, era um relato que buscava se legitimar na construção de uma identidade legendária para o povo cearense. Através de “Iracema”, Alencar construiu não apenas um romance que dava origem a um povo, ele compôs uma narrativa que despertava sensibilidades e reelaborava fabulosamente um relato heroico (Ramos, 2012), embora resultante de disputas, dos conflitos e da morte dramática de grande parte dos integrantes

daquele mesmo grupo:

O ronco buzio dos Pytiguaras estruge pela floresta. O Grande Jacaúna, senhor das praias do mar, chegava do rio das garças com seus melhores guerreiros.

Os Pytiguaras recebem o primeiro impeto do inimigo nas pontas eriçadas de suas flechas, que elles despedem do arco aos molhos, como o coandú os espinhos de seu corpo. Logo após sôa a pocema, estreita-se o espaço, e a luta se trava face a face.

Jacaúna atacou Irapuam. Prosegue o horrivel combate que bastára á dez bravos, e não esgotou ainda a força dos grandes chefes. Quando os dous tacapes se encontram, a batalha toca estremece como um só guerreiro até as entranhas.

O irmão de Iracema veio direito ao estrangeiro, que arrancára a filha de Araken á cabana hospedeira; o faro da vingança o guia; a vista da irmã assanha a raiva em seu peito. O guerreiro Cauby assalta com furor o inimigo.

Iracema, unida ao flanco de seu guerreiro e esposo, viu de longe Cauby e falou assim: – Senhor de Iracema, ouve o rogo de tua escrava; não derrama o sangue do filho de Araken. Si o guerreiro Cauby tem de morrer, morra ele por esta mão, não pela tua.

Martim poz no rosto da selvagem olhos de horror:

– Iracema matará seu irmão? – Iracema antes quer que o sangue de Cauby tinja sua mão que a tua; porque os olhos de Iracema vêem á ti, e a ella não.

Travam a luta os guerreiros. Cauby combate com furor; o christão defende-se apenas; mas a seta embebida no arco da esposa guarda a vida do guerreiro contra os botes do inimigo. Poty já prostou o velho Andira e quantos guerreiros topou na luta seu valido tacape. Martim lhe abandona o filho de Araken, e corre sobre Irapuam.

– Jacaúna é um grande chefe; seu collar de guerra dá três voltas ao peito.

O tabajara pertence ao guerreiro branco. A vingança é a honra do guerreiro, e Jacaúna ama o amigo de Poty. O grande chefe pytiguara levou além o formidavel tacape. O combate renhiu-se entre Irapuam e Martim. A espada do christão, batendo na clava do selvagem, fez-se em pedaços. O chefe tabajara avançou contra o peito inerme do adversário. Iracema silvou como a boicininga, e se arremessou ante a furia do guerreiro tabajara. A arma rigida tremeu na destra possante e o braço cahiu desfalecido.

Soava a pocema da victoria. Os guerreiros pytiguaras conduzidos por Jacaúna e Poty varriam a floresta, os tabajaras, fugindo, arrebataram seu chefe ao ódio da filha de Araken que o podia abater, como a jandaia abate o procerco coqueiro roendo-lhe o cerne.

Os olhos de Iracema estendidos pela floresta, viram o chão juncado de cadáveres de seus irmãos; e longe o bando de guerreiros tabajaras que fugia em nuvem negra de pó. Aquelle sangue que enrubecia a terra era o mesmo sangue brioso que lhe ardia ás faces de vergonha (A Constituição, 1866b, p. 1).

Como se nota, ainda que “Iracema” fosse um romance intrínseca e distintamente ligado ao romantismo, ele se caracterizava por trechos onde o relato das lutas travadas entre grupos nativos ou entre esses e portugueses, eram o mote principal. Embora de forma idílica ou poética, havia nas frestas da escrita alencarina espaço para a construção do violento e da morte através do combate. Embora participassem enquanto um esforço para a fabricação de um “efeito de real”, esses recursos narrativos elaborados dentro da estória principal tinham todo um apelo dramático que fundamentava sua utilização.

Eles, todavia, aproximavam-se muito daqueles efeitos presentes nos outros textos que já analisamos no presente capítulo. Como pondera Lúcia Granja, havia uma relação intensa entre literatura e jornalismo naquele período. Ela constituíra dentro dos periódicos um

universo textual dinâmico no qual o literário e o ficcional tinham papel considerável, criando uma poética própria, onde diferentes textos podiam se comunicar de maneira constante e contínua (Therenty *apud* Granja, 2021).

Essa comunicação se fazia sentir justamente por se tratar desse momento único em que o suporte jornalístico era, em um só tempo, arena dos grandes debates políticos, lugar de trocas comerciais, mas também espaço basilar para a construção literária. Os periódicos tornaram-se, nos oitocentos, um instrumento multifacetado onde se fabricava a legitimidade não apenas do discurso político, mas identidades literárias, e onde consolidavam-se novos hábitos e gostos culturais (Guimarães, 2018).

Assim, embora se considere as dimensões diminutas e o alcance circunstancial das folhas locais, os profissionais responsáveis por sua fabricação e funcionamento não estavam menos implicados no fluxo de ideias, no jogo de trocas culturais e no cultivo de técnicas narrativas do período (Granja; Luca, 2018). Assim como alhures, os letrados cearenses buscaram a interação e tentaram se apropriar da produção cultural de outros centros, recorrendo, inclusive, às técnicas narrativas do recito literário (Sgard *apud* Saminadayar-Perrin, 2015).

As tramas e as técnicas começaram a se diversificar, mas o suporte foi o mesmo tanto para os *faits divers*, as publicações de autoridades, as correspondências, os folhetins quanto mesmo para divulgação dos romances oitocentistas. As folhas locais, repita-se, ainda que consideravelmente limitadas, buscavam se adequar àquelas práticas editoriais bem-sucedidas. Desse modo, o espaço dado aos folhetins foi se consolidando entre as décadas de 1860 e 1870. Isso denota o indiscutível sucesso dessa sessão voltada ao entretenimento literário. Contudo, mesmo dentro dela, a fórmula narrativa sobre a violência e o crime havia avançado consideravelmente.

O que significa dizer que ao longo da segunda metade dos oitocentos, foi se constituindo um lugar e uma certa sensibilidade e tolerância a respeito da violência mediada pelas narrativas criminais. O discurso sobre a violência atravessava vários âmbitos sociais e tocava, dentro do jornal, vários pontos daquela rede discursiva através de gêneros diversos. Entretanto, o molde para as mesmas foi, ao menos na maior parte desse período, o relato no modelo do *fait divers*.

Afinal, o que se observava na segunda metade do século, a partir de diferentes pontos da pequena malha discursiva sobre a cidade e sua população, era uma continuidade de recursos, técnicas e chavões próprios de discursos tradicionais e literários do período. Muito disso já perceptível dentro daqueles que eram o fruto de atos de controle, mas manifestos

sobre o signo de um relato coercitivo do acontecimento:

N.º. 404

I^ll^{mo} Ex^{mo} Smr^o

Levo ao conhecimento de V. Ex^a. que o D^f. Delegado de Policia dirigio-me hoje esta comunicação.

“Na noite de 8 do corrente, por cerca de oito para nove horas, na Rua Municipal, deu-se um conflito entre José Tanueiro e Geracina Maria da Conceição, do modo seguinte: Achando-se Geracina na porta de sua casa passou José Tanueiro, e ella o chamou de = propam (?) que na gíria de que usam essas mulheres de vida livre, significa um insulto ou injuria que enturde (?) com a honestidade do individuo; em represalia, Tanoeiro deu-lhe uma bofetada, e a mulher por sua vez retorquio, atirando-lhe uma canivetada na região precordial, não penetrando felizmente no thorax pelo que foi julgado ferimento leve.

A deliquente foi preza logo depois, á ordem do sub Delegado por duas praças do corpo de policia.

D^s. G^e. a V. Ex^a.

III^{mo}. E Ex^{mo}. Smr^o. Com^{or} João Wilkens de Mattos

Pres. da Prov.^a

O Chefe de Policia

Henrique Pereira de Lucena (Ceará, 1872, n. p.).

Ofícios, portarias, notas e avisos trocados entre autoridades jurídico-policiais nos oitocentos formavam toda uma gama de documentos que referendavam um lugar de poder. No entanto, reafirmavam toda uma fórmula ainda profundamente literária e loquaz de noticiar o crime ou a contravenção das normas. O próprio verbo “participar” (extremamente utilizado naqueles documentos) denota como aqueles relatos, tidos como importantes para a manutenção da ordem e do controle social, deviam circular entre determinadas instâncias de poder e representação social.

Havia uma continuidade dessa tradição discursiva quase literária dentro dos órgãos de controle, pois mesmo sendo essa documentação de caráter mais breve, ainda se pautava por certa prolixidade. Como visto, no capítulo anterior, esses relatórios e ofícios foram replicados nos jornais e adaptados às colunas de notícias policiais. Mas eles próprios reafirmavam a importância da narratividade dos eventos dentro de uma comunicação que tentava se legitimar por uma almejada celeridade.

Técnicas e efeitos próprios da trama ficcional misturaram-se aos nascentes componentes de objetividade dentro daqueles documentos. Eles criavam um espaço de reconstrução narrativa que misturava dados incipientes recolhidos junto às testemunhas, impressões marcadamente enviesadas das autoridades e mais raramente traços de falas populares transliterados para a escrita.

Apreendidas nas débeis redes de controle locais, essas pessoas tinham então retraçados seus “descaminhos” em tramas escritas sob a pena burocrática do poder jurídico-

policial (Farge, 2009). Os “termos de bem viver”¹⁰⁹ foram outro exemplo de artifício jurídico-normativo do período, que deixava entrever um registro quase literário sobre a desordem e o crime. A um só tempo, era um instrumento na tentativa de controle, mas também um dispositivo narrativo mobilizador e constitutivo dum relato específico sobre o cotidiano, a desordem e a moralidade:

Termo de Bem viver que assigna Clara Maria da Conceição por ser incomodadora, e bêbada.

Aos vinte e hum dias do mez de Fevereiro de mil oito centos e quarenta [danificado na fonte] Maria da Conceição por ordem do Chefe de Policia por lhe ter representado o referido Alfferes Joaquim Bizerra(sic) de Albuquerque que esta costumava o insultar-lo(sic) com palavras escandalozas, e tudo isto foi provado pelas testemunhas nesta Secretaria forão ouvidas por ordem do Ministro a quem deferio o juramento dos Santos Evangelhos, a fim de dizerem o que souberem a respeito da referida Clara Maria da Conceição digo que esta costumando-se a embriagar constantemente passava a insultar as pessoas honradas suas vizinhas e proferir palavras deshonestas fazendo acções escandalozas como fosse levantar as vestes e houvido(sic) pelo Juiz as testemunhas que forão buscadas [ilegível] estas que são Joaquim Esteves de Almeida, Cezar – Bernardo Pinto Coelho, e Geronima Maria da Costa, as quais prestando juramento confirmarão ser verdade ser a Ré escandalosa em suas acções de palavras e andar de costume embriagada, o que houvido pelo Juiz perguntou a Ré se não tinha alguma defesa a fazer. Respondeo esta que não tinha defesa alguma a fazer e queria mesmo assignar o presente termo para não ter questões com as pessoas que a accusavão, a vista do que deliberou o Juiz que ella assignasse este Termo prescrevendo-lhe o modo de vida seguinte. Que não lhe seria permitido embriagar-se a ponto de perder o seo juízo para fazer insultos, ou desordens. Que não contenderia de maneira alguma, nem por jectos(sic), ou acções, ou palavras, com a familia do Senhor Alfferes Joaquim Bizerra de Albuquerque, ou outra qualquer de sua vizinhança e nem continuaria a fazer acções indecentis(sic) ou proferir palavras obscenas, ficando prevista pelo [danificado na fonte] deste Termo a treze mezes de [danificado na fonte] trinta mil reis [danificado na fonte] (Ceará, [184?], p. 53).

A leitura desses documentos, já nascidos como tal, pois eram fruto do exercício coercitivo-normativo oficial, tinha sua veracidade assegurada pelas insígnias do poder local. No entanto, os aspectos formais da construção narrativa empregados por esses “termos” eram muito próximos daqueles vistos nos *faits divers* e em trechos dos folhetins presentes nos jornais.

A forma de relatar esses casos transformava-os de banais incidentes em acontecimentos. Embora resultassem de produções em lugares diversos de poder, sob o peso de discursos diferenciados, todos esses relatos estavam produzindo conhecimento e diziam verdades sobre o mundo social. Afinal, havia proximidade de fórmulas, figuras e modos de

¹⁰⁹ Os “termos de bem viver” eram uma sanção coercitiva, utilizada preventivamente para corrigir aqueles que perturbassem o sossego público (Vieira, 2002, p. 50). À lista de perturbadores notórios presentes nas normas do período (vadios, bêbados, mendigos, prostitutas) podiam ser aditados quaisquer outros que causassem desordem e incomodassem a tranquilidade das famílias. Portanto, todo aquele que, por meio de ações, palavras ou gestos, contrariasse as normas postas poderia ser obrigado a assinar um desses “termos” (Silva, 2017, p. 114).

narrar intercambiáveis entre a ficção literária, as notícias e o estabelecimento de verdade fornecido por aquelas narrativas ditas oficiais (Chartier, 2011).

Em conformidade com os escritos de Natalie Z. Davis (2001), percebe-se nessas narrativas a fabricação de uma estratégia discursiva de persuasão. Embora fossem histórias sumarizadas no corpo textual dos “ofícios”, “notas” e “termos de bem viver”, aqueles relatos buscavam convencer seus interlocutores sobre um determinado acontecimento. Mas o principal é que todas elas estavam marcadas pelo uso de descrição e narração prolixas, mas sobretudo, dramatizadas.

Para as autoridades, servia como instrumento coercitivo sobre os desviantes da norma, já para os implicados, embora fossem coagidos a falar, abria-se por meio dessas falas um micro espaço onde tentavam se justificar perante as autoridades. Por fim, para as vítimas da desordem e do desassossego, por meio da habilidade, essas últimas podiam justificar suas requisições e demonstrar às autoridades por que suas queixas eram válidas¹¹⁰.

As técnicas retóricas e narrativas eram reproduzidas por uma burocracia incipiente, mas já acostumada com certas construções típicas da literatura, embora voltadas para um discurso coercitivo. Assume-se, portanto, que essas histórias não eram creditadas pela sociedade da época apenas porque estavam no papel oficial ou na página do jornal. Elas recebiam lastro porque as pessoas que lidavam com ambos, ao se deparar com tais relatos, assumiam um contrato de confiança sobre sua veracidade ou no mínimo sua verossimilhança.

Se como assevera Roland Barthes, haveria um gosto generalizado pelo efeito de real e que tal também se atestaria pelo desenvolvimento de gêneros como o *fait divers* (Barthes, [1988] 2004), não deixa de ser interessante supor que isso se deva a características próprias daqueles relatos. O seu caráter fabuloso e sua capacidade de mesclar recursos fictícios e referências do real criavam uma dimensão limiar entre o literário e o jornalístico. Dessa forma, cumpria com o que se esperava desse tipo de construção astuciosa, seguindo regras próprias ao gênero e ao período, representando aos leitores e ouvintes um sentimento de proximidade e de legitimidade.

A narrativa em seus meandros mais simples e eficientes era o cerne de cada um desses documentos. Construindo uma história relativamente coerente sobre um percurso, fosse esse um acontecimento trivial, a repressão de uma desordem ou de um desvio ou fosse mesmo

¹¹⁰ Como bem demonstrou Raquel Caminha (2011), no seu trabalho sobre transgressão e criminalidade feminina intitulado: “Aparta que é briga”: discurso, violência e gênero em Fortaleza (1919-1948), o século XX traria um desenvolvimento técnico e metodológico para registrar essas falas. O registro de vítimas, agressores ou testemunhas durante a primeira metade do século XX se transformaria num recurso discursivo importantíssimo não apenas para a apuração da verdade jurídica sobre o crime, mas também para produção de narrativas que buscavam justificar seus atos, preservar a honra e o respeito dos pares.

o testemunho de um fato extraordinário. Em suma, esses documentos fabricavam um relato dramático sobre um evento cotidiano, mas que, pela narrativa, tornava-se momentaneamente tocante e notável.

A escrita do crime, portanto, chegou aos romances em folhetim já experimentada em toda uma variada gama de textos, porém era o fio da narratividade que as amarrava junto as técnicas compartilhadas e sobre os modos e signos já instituídos. O que se noticiava nos documentos, o que se narrava nos ofícios das autoridades, não se encontrava muito distante do que se escrevia nas colunas da sessão de folhetim na época. Não somente porque, muitas vezes, aquelas pessoas compartilhavam uma mesma formação, um mesmo preparo ou universo de leituras similar, mas sobretudo, porque as técnicas utilizadas na sua escrita eram bastante próximas ainda.

Os *faits divers*, as “correspondências sobre crimes” e mesmo parte dos folhetins oitocentistas, por sua vez, apenas construíam-nas num suporte específico que eram os jornais. Seu aparente sucesso teria mais a ver com a forma performática com que esses textos lidavam com aqueles temas, o que talvez os aproximasse mais do cotidiano popular que das experiências das elites letradas, gradualmente mais ciosas do controle dos gestos e da linguagem.

Essas últimas, por seu turno, começariam a aumentar a desconfiança com que observavam as camadas mais pobres e o próprio controle do Estado sobre a violência, o crime e os vícios que já se espalhavam pela província à época:

A frequencia com que se repetem os homicidios e offensas físicas no Ceará, já vae produzindo um certo desanimo nos que se interessão pelo futuro desta terra e se alistão soldados na crusada da liberdade e da civilisação. Cada dia um facto novo e mais accentuado de ferocidade vem nos desenganar do progresso moral da população, e faser duvidar da efficacia dos meios até hoje empregados, para castigar os costumes, e implantar no animo do publico os verdadeiros sentimentos da honra e da justiça. [...]

Os attentados contra a segurança individual, erão obra, n’outro tempo, das pessoas poderosas, que vivião longe da acção da justiça, em meio dos sertões invios¹¹¹ e despovoados. Actualmente os homens de fortuna e de influencia envergonhão-se de commetter uma violência; o crime contra a vida e contra a propriedade corre por conta da população desfavorecida da fortuna, e transplanta-se dos sertões para o litoral. Por exemplo, mata se(sic) actualmente muito mais na capital e suas proximidades, do que nos pontos mais centraes da província (Cearense, 1875f, p.1).

Jornais como o “Cearense”, órgão representante do partido e das ideias liberais no Ceará, foi durante toda sua longa existência, um dos mais costumeiros na publicação de *faits divers*, “correspondências” e “relatos de autoridades” que tratavam sobre julgamentos e/ou

¹¹¹ “Ínvio (s): Intransitáveis” (Dicio, c2024, n. p.).

crimes, bem como de folhetins. O que só demonstra que aqueles responsáveis pela construção dessas narrativas não constituíam um bloco homogêneo, pois ao mesmo tempo que criticavam o governo, as autoridades e a própria população, noutras oportunidades eram responsáveis também por publicar diversos relatos sobre o crime de forma exagerada.

Dito isso, pode-se questionar, qual era o limite do que podia ser dito dentro do discurso jornalístico ou literário naquele momento (Foucault, 2014). A forma como se contavam aquelas histórias certamente contribuía para a sua aceitação e sua permissibilidade, afinal, elas remontavam uma dada tradição (Angrimani, 1995; Muchembled, 2012; Kalifa, 2019). Mas, ao final do século, ficaria notório que o lugar para o relato do crime, da violência e da morte não pertencia mais apenas aos jornais, avançava de vez para a literatura, mesmo aquela que mais tarde se separaria de vez dos periódicos.

A imprensa, naquele momento, praticamente monopolizava a atenção do público leitor cearense. E é a partir dela que se entende como paulatinamente se deram as condições para o avanço da literatura propriamente dita em suportes separados. Foi o sucesso daquelas publicações em folhetim que lentamente abriu espaço para a fixação da leitura em volume. Afinal, a própria literatura expressa por décadas junto de tantos outros discursos nos jornais, angariou ela mesma legitimidade e prestígio (Sevcenko, 1989) diante de um público que se acostumou a ter nas folhas periódicas sua dose semanal de contato com alguma diversidade de gêneros textuais.

Os relatos pormenorizados sobre atos violentos, crimes e morte tinham permissibilidade relativa ainda nas folhas oitocentistas porque, ainda que combatidas, escamoteadas ou exageradas, elas ligavam-se ao anseio daqueles que buscavam dar conta do relato sobre uma experiência extraordinária. Ainda que ofendesse algumas sensibilidades, suas cores e marcas nada sutis se casavam com os velhos costumes de recontar “causos”. Ao mesmo tempo, iriam se adequar também a busca por retratar a realidade em suas nuances grotescas, trágicas, mas perturbadoramente humanas, já dentro dos romances ao final daquele período:

Na tarde do quinto dia de viagem, a vinte leguas da cidade natal, Freitas batia á porta de uma casa na margem do caminho e pedia agasalho. Nem uma voz respondeu ás suas interrogações. Julgando aquella habitação uma das muitas abandonadas, forçou a porta, que cedeu, partindo-se a taramela.

Entrou a caravana e se aboletou na primeira sala. Havia alli o ar pesado das atmosferas confinadas. Nem um movel descansava no pavimento sem ladrilho. As paredes em preto faziam mais escura a sala, que era domicilio de centenas de morcegos. O fedor dos cheiropteros tresandava e mais se difundia pelo movimento do ar, que percutia o vôo de muitas azas em precipite agitação. [...]

Freitas accendeu o fogo em um canto da sala, fechou depois a porta, armou a rêde, e, dando boa noite a Josepha, deitou-se. Não dormiria , entretanto, antes de resolver

um problema, que desde a manhã d'aquelle dia lhe estava fixo na mente: era o meio de se refazer de viveres para continuar a jornada. [...]

Para aquella casa haveria uma fonte e a mucunã vegeta em todos os terrenos : estas idéas o alentaram um pouco, e ancioso esperava raiar a aurora, quando ouviu vagidos de creança no interior da casa.

Josepha toda ouvidos levantou-se e correu para junto do marido.

Freitas sentou-se e esperou. Novos vagidos se fizeram ouvir.

– Que horas são, Manoel?

– Meia noite, disse Freitas depois de ter aberto a porta e olhado a via lactea.

– É Choro de pagão, que sete annos mais depois de enterrado, á hora da meia noite, vem pedir a agua do baptismo, disse Josepha, que era tão supersticiosa como um fetichista.

Freitas se aproximou do fogo e tirando alguns tições fez d'elles um facho, que alumiaría ao interior da casa. Josepha benzendo-se perguntou :

– Queres procurar o logar sem uma cuia d'agua e uma pedra de sal na bôca?

– Sempre a acreditar em bruxarias, Josepha !

– A tia Antonia era uma mulher séria e devota, e dizia que baptisar pagão enterrado sem sal na bôca era um caso de assombramento ! ...

– Veremos.

E Freitas seguiu pelo extenso corredor ao interior da casa.

Josepha, medrosa de ficar só, acompanhou o marido. Os vagidos foram-se tornando mais audíveis, até que mui distinctamente ouviam-se que sahiam de um quarto á esquerda. A porta, que estava cerrada, a um leve impulso do braço de Freitas girou nas dobradiças e abriu-se.

A chamma do facho triplicou de intensidade alimentada por uma série de sopros de Freitas e encheu de luz o estreito aposento. Á visão succedeu a claridade e deixou patente um quadro medonho. Deitado sobre uma cama de talos de carnahubeira estava o cadaver de uma mulher branca reduzido á magreza de mumia; o corpo de uma infeliz, que succumbira no acto da maternidade e não havia muitas horas. Os lochios tinham corrido, e misturados com o sangue e a placenta começavam a apodrecer. O ar tresandava a parto. O cadaver tinha ao regaço e na postura em que as mães aleitam os filhos uma creança, cuja pelle estava colada ao esqueleto.

A bôca esfomeada do recém nascido instinctivamente procurava os mamillões, mas embalde; as mamas estavam reduzidas a murchas pelangas, que se collavam ás costellas. A frieza do cadaver se transmittia á creança, que tambem recebia a frialdade da placenta, a um canto da cama em uma poça de sangue e lochios, e ainda presa á extremidade do cordão umbilical. A vida estava alli em perigo iminente (Teófilo, 1890, p. 20-23).

Poder-se-ia cogitar mesmo se esse tipo de relato performado, melodramático, macabro e abraçando o grotesco teria sido bem-sucedido e, portanto, recorrente, não porque a maioria das pessoas tivesse predileção pela violência, o bizarro ou o lúgubre. Ele obtinha sucesso porque numa sociedade e num período em que a violência, o crime e a morte permaneciam vulgares e espriavam-se pelo tecido social sem uma mediação ou controle efetivo das forças estatais, fazer circular essas narrativas aproximavam as folhas dos leitores ou ouvintes.

Ainda que duvidosa, a leitura daqueles textos ou sua escuta podiam trazer uma estranha, mas real impressão de pertencimento, identificação e logicamente um alívio e uma frágil sensação de segurança diante da desgraça alheia. Afinal, o mal ocorrera a outrem e alhures o que momentaneamente livrava quem lia do mesmo destino daqueles personagens. A leitura daqueles dramas sangrentos e infames dava conta de uma tenebrosa realidade que, ao

ser romanceada, tornava-se momentaneamente domesticada.

Como já destacava um autor local do período, “o artista para penetrar na natureza tem de atravessar a sociedade que o produziu” (Paiva *apud* Oliveira, 2000, n. p.). Não há dúvidas que não seria o romance indigenista inaugurado por Alencar que melhor se serviria das passagens controversas de violência e abjeção nos relatos de crimes ou de morte típicos do *fait divers*. Seriam os romances naturalistas¹¹² que lhes seguiriam em muitas formas, os passos iniciais dados por aquelas antigas narrativas, mas agora para fora dos jornais e adentrando os volumes.

As recriações exaustivas, as demoradas descrições presentes em muitas dessas obras percorriam não apenas o molde do folhetim, o qual muitas delas tiveram de utilizar antes de finalmente serem publicadas na versão em livro. Alguns desses autores estavam cientes de que sua escrita buscava alcançar a natureza em suas minúcias, mas que não deveria ser mera cópia, mas uma recriação artística sobre o mundo natural. Para dar conta do real, eram importantes também as cores incômodas e as nuances duvidosas com que eles tentavam delimitar a natureza, mas também a sociedade local a qual se referiam diretamente.

Estava patente que a literatura, ainda que separada dos jornais, carregaria consigo para outros suportes muito das cores desconcertantes do relato do crime e da morte. Ela lhe renderia pontualmente, inclusive, alguma mesura quando autores cearenses que publicaram no período seus romances, ainda na fórmula do folhetim, destacariam a agora já corrente fórmula do *fait divers* transladados para as folhas do romance¹¹³:

O Fernandes tinha um medo, quando cuidava que a chuva ia derrubar-lhe os oitões. O mestre pedreiro, afastado do bródio, examinava as linhas que haviam de subir, e combinava com os dois carpinas.

– O dia de hoje está muito aziago! bradou o amassador de barro, erguendo-se do conluio, a palitar os dentes com um fósforo. Quem ouse ler o diabo daquele jornal, não sei como tem ainda coragem para trabalhar num dia destes!

Referia-se a uma notícia que a *Oportunidade* trazia, de uma morte no Caminho de Ferro, ali mesmo naquela praça.

– É por isso que eles não estão alegres como eu esperava! explicou a si mesmo o Osório, que estivera a espiar para uns fundos dos quintais.

De fato, aquela desgraça era o escândalo do dia. O Osório, que não havia pegado nas folhas, pediu uma que um pedreiro estava a soletrar. E largou a ler:

¹¹² Como bem esclarece Caterina de Saboya Oliveira (2000), no seu livro “Fortaleza: seis romances, seis visões”, Oliveira Paiva, ao contrário de outros autores cearenses como Adolfo Caminha e Pápi Júnior, que também se dedicaram a produção romântica de caráter naturalista, não via sua produção literária quanto uma fotografia do real. Aí se destacando não apenas um forte determinismo social e/ou genético, mas também uma visão racializada e generificada onde o feminino e o negro eram elementos geralmente identificados como inferiores ou incapazes, elementos que se deixavam dominar pelas paixões. A autora destaca que Paiva se afastava da ideia de cópia da natureza, estando muito mais próximo da noção de criação ou produção no rigor das leis naturais e não apenas de tê-la enquanto imitação rigorosa.

¹¹³ O romance “A Afilhada”, de Manuel de Oliveira Paiva, foi publicado inicialmente na forma de folhetim no jornal “Libertador” em 1889. Sua primeira edição em livro sairia somente em 1961.

“HORRENDO ASSASSINATO!”

“Esta noite, estando esta folha já em paginação, espalhou-se o boato de que o trem de carga chegado as onze horas, quando devia chegar as nove, matou friamente a um homem de cor branca, já perto da Estação. Julgando exagerado o boato, pois estávamos longe de acreditar em tanta perversidade e malvadeza, mandamos indagar, colher as devidas informações das autoridades competentes.

“Desgraçadamente a verdade ainda era mais crua! Um crime espantoso! Estamos dispostos a profligar até a última! É preciso que o governo tome sérias providências, do contrário, daqui a pouco, os trens sairão dos seus trilhos e entrarão pela cidade esmagando aos cidadãos inermes e às criancinhas inocentes, a mulheres e velhos.

“A vítima chamava-se João de Tal. Era cego, vejam bem, era cego! *Horresco referens...* Viviam da caridade pública, e andava por uns sessenta e tantos anos de idade. Julga-se que tivesse errado o caminho, pois ele gabava-se de andar só, quando o trem fatal veio cortar-lhe para nunca mais as doçuras da existência! Chegou a gritar, sentindo-se perseguido pelo trem, e isso com tempo de parar-se ainda o monstro de ferro. Naquele ponto a linha faz uma grande curva, de modo que o infeliz julgando que o trem vinha em linha reta, tomava para o lado e caía justamente no caminho da máquina sem entranhas! O cadáver foi arremessado a uns montes de madeira, em mísero estado de deformação!

“A autópsia, ou antes o corpo de delito, foi feito, sendo o cadáver recolhido à Santa Casa, pelos Drs. Ambrósio e Meneses. Amanhã dá-lo-emos por extenso, sea polícia não julgar que o governo tem interesse em ocultar essa confissão tácita da sua inépcia. O maquinista fugiu. Daqui a pouco foge até a Companhia inteira com os materiais e a Estação. [...] (Paiva, [1889] 1993, n. p.).

O *fait divers*, em âmbito local, não concorreria de forma corajosa com o folhetim e o romance, como ocorrera na Europa, mas ele mesmo seria momentaneamente cooptado pelo folhetim e posteriormente pelo romance como uma estratégia narrativa efetiva de trocas com o público leitor. No período que marcou a consolidação do jornal como suporte universal para a escrita, as folhas locais entenderam que os limites entre informação, notícia e as formas de interpretação ainda podiam ser tensionadas.

Naquele momento, olhando para a natureza e a sociedade, muitos autores enxergaram-nas enquanto um universo potencializado de análise e criação artística. Porém, na sua busca pela compreensão das mesmas, seria necessário utilizar não somente da racionalidade. Seriam os sentidos, que empregados para ir além da estética domesticada, conseguiriam dar conta da indocilidade, das asperezas e das ambiguidades presentes não apenas na natureza física, mas também no caráter duvidoso dos espécimes humanos que seriam catalogados naquelas estórias.

4 O BECCO DAS FLORES ESCARLATES

“Deus as fez e o Diabo as ajuntou” (Pedro II, 1888, adaptado).

[...] Um trágico sucesso ocorreu em Agosto em Baltimore (Le Scalpel, Setembro, 1878)

O jovem médico alienista de Kinneth, nas suas visitas á casa de loucos da cidade, se fixou n’uma joven(sic) de 18 annos, cuja loucura consistia em affirmar que tinha cortado a cabeça de seu marido enquanto elle dormia.

O doutor agradou-se da moça e enamorou-se della: depois de havel-a curado completamente, em apparencia, a fez sua esposa.

Isto ocorreu em 1870. Desde dita época viveram sempre na mais invejavel felicidade, e não ha ainda trez semanas que a esposa do Dr. Kinneth espantou aos habitantes de Baltimore, correndo as ruas gritando, com o trage(sic) e os cabellos em desordem, que tinha cortado a cabeça de seu marido.

Assim era, com effeito; n’um acto de loucura furiosa, tinha decapitado o doutor (Pedro II, 1878b, p. 2).

As principais folhas cearenses investiram fortemente nos tons melodramáticos¹¹⁴, ao tratar do crime na segunda metade dos oitocentos. A escrita periódica, por meio de notícias, notas oficiais, correspondências e mesmo folhetins, esteve permeada de narrativas criminais construídas sob o molde dos *fait divers*, tal qual pontuamos nos capítulos anteriores.

No entanto, chama a atenção como o uso de personagens femininas naquelas narrativas, sedimentou um modo específico de lidar com o relato criminal. Fosse no papel de vítimas ou naquele de criminosas, a presença de mulheres se tornou uma constante. Todavia, a construção narrativa do crime no feminino, mobilizava estratégias e discursos de maneira diversa daqueles referentes às tramas que privilegiavam personagens masculinos no período, podendo ser analisadas, mesmo, enquanto instrumento de construção de gênero.

Já debatemos anteriormente, a utilização do *fait divers* criminal, teve aplicações diversas nos periódicos locais. Sendo responsável, mormente, pela consolidação de uma fórmula de relato capaz de aproximar ficção e noticiário, fabricando um recurso editorial que ia do uso na crítica política, à organização moral da sociedade, ao mesmo tempo que assegurava a um público leitor/ouvinte afeito aquelas histórias macabras, narrativas insólitas cada vez mais frequentes dentro das folhas oitocentistas.

Dramas de sangue que enfatizavam mulheres criminosas, contudo, raramente surgiam das contendas políticas ou disputas econômicas. Surgiam, na sua maior parte,

¹¹⁴ Como defende Valéria Guimarães (2013), o romantismo havia inaugurado uma nova sensibilidade que fez com que mesmo essa produção narrativa própria dos *faits divers*, paulatinamente, caísse também no gosto de parte das camadas mais abastadas. Todavia, como também aponta a mesma autora, essa exacerbação das emoções, naquele período, reafirmava traços de tradições populares que se estabeleceram, a partir da oralidade ainda em épocas mais remotas. Agora, retomadas por meio do relato do *fait divers*, que efetivava mais facilmente o liame entre ficção e realidade nos periódicos (Meyer, 1996) construindo um recurso narrativo extremamente eficaz junto ao público.

daquelas relações que se estabeleciam sob o crivo das normas e da moralidade tradicional. Desse modo, aquelas narrativas fabricavam uma área de convergência entre os campos normativos leigos e a tradição moralista católica.

Dentro dessa zona de entrecruzamento discursivo, sobreviria um espaço dúbio em que o *fait divers* criminal feminino¹¹⁵ se tornou uma fórmula narrativa versátil, capaz de elaborar, não só um novo dispositivo normativo de contenção para perfis desviantes, mas a reafirmação dos limites para a atuação feminina na sociedade daquela época.

Isso é substancialmente perceptível desde o aparecimento das primeiras dessas notas nos periódicos locais. O que se tentará demonstrar é como o discurso jornalístico local constituiu, por meio delas, mais uma trama hierarquizante. Era elaborada para criticar, combater, censurar e neutralizar perfis vistos como perigosos, divergentes ou inadequados. Cerzindo um espaço onde aquelas pessoas eram esquadrihadas, expostas como ameaça à sociedade e finalmente neutralizadas, por meio de uma narrativa moralizadora, marca característica nas folhas oitocentistas:

Horroroso assassinato.

Acabamos de receber cartas de pessoas fidedignas do Ipú, que nos noticiam ter ali havido ultimamente um assassinato horrível praticado por uma mulher na pessoa de seu proprio marido com um machado, em quanto(sic) ele (horresco refens) cheio de confiança repousava das fadigas do dia ! Informam-nos porem que essa furia com figura de mulher já se acha em poder da justiça.

– **ASSASSINATOS** – Os mais horrorosos assassinatos se tem commettido este anno. Ainda á pouco foi assassinado em S. José dos Pinhaes (S. Paulo) o juiz municipal. Em Campos (Rio) foi assassinado um pobre homem: não ha muito que na Bahia uma mulher assassinou o marido deitando-lhe um taxo d’agoa a ferver na cabeça, estando ele dormindo. Mas de todos esses factos que envergonhão, e degradão a espécie humana, e poem em problema se o homem, ou a cascavel è mais perverso, o mais horroroso foi o assassinato desse infeliz menino por esse malvado pai do centro de Pernambuco, de que derão noticia as folhas da corte, transcrevendo do Cearense, e o seguinte e mais horrível facto que se lê no C. Mercantil. [...]

Assassinatos. – Na noite de segunda para terça-feira Rufina de tal em um samba no Oiteiro dos Educandos matou com uma canivetada sobre o peito esquerdo o guarda nacional João Ribeiro Lima; e ante-hontem á noite no Oiteiro da Prainha foi morto Domingos da Silveira com um golpe de foice que lhe atirou Rufino Eufrazio (Pedro II, 1850a, p. 3; Cearense, 1853b, p. 2; A Constituição, 1870c, p. 1).

¹¹⁵ Reitere-se que o *fait divers*, apesar de constituir um tipo de notícia com temática variada, teve na sua versão criminal o subtipo de maior sucesso. Construído de forma extremamente dramática e exagerada, ele já havia se popularizado pelo ocidente. Assim, esse subgênero se consolidou, porque atraía leitores por meio dos seus traços folhetinescos habilmente construídos por jornalistas que buscavam em crimes, escândalos, desastres ou eventos enigmáticos, elementos que pudessem compor essa teatralização de atos violentos, macabros e/ou insólitos. Desse modo, a notícia do tipo “desgraça pouca é bobagem”, encontrou amplo destaque nas folhas oitocentistas (Meyer *apud* Guimarães, 2013, p. 55).

4.1 Prodigiosas fúrias

Essas notas começaram a povoar pontualmente as folhas dos periódicos locais, ainda em suas primeiras décadas de existência, quando sequer havia uma coluna específica para o noticiário criminal. Em seus primórdios, essas notícias, bastante lacônicas, misturavam-se a outras diversas acerca do cotidiano, porém sempre chamavam atenção pelos títulos chamativos e pelos detalhes extravagantes. Desenvolvendo um enredo, ora violento e grotesco, ora simplesmente bizarro, cômico ou burlesco, permanecendo recorrente, por toda segunda metade do século XIX:

Ferimento. No dia 25 do corrente, no Outeiro d’esta cidade. Francisca Maria da Conceição feriu gravemente a Maria Francisca dos Anjos. Por ser certamente extraordinário o facto de uma *Conceição* revoltar-se contra os *Anjos*, foi presa a delinquente !

Fratricídio. – No districto de S. Gonçalo, lugar Livramento, Anna de tal, filha de Domingos Gonçalves assassinou a seu proprio irmão Paulino Gonçalves. A criminosa não foi presa e nem será porque a policia do lugar a protege.

Assassinato. – No dia 13, no Outeiro da Praia. Cosma Maria da Conceição travou um conflicto com Maria de tal por causa de um pinto, dando em resultado a morte desta por uma canivetada que lhe atirou aquella. [...] (A Constituição, 1882a, p. 3; Cearense, 1874a, p. 3; A Constituição, 1870d, p. 1, grifos do autor).

Destacavam-se, dentro desses primeiros relatos, aqueles crimes cometidos por mulheres. Embora a criminalidade feminina estivesse muito distante de acompanhar as cifras daqueles atos realizados por homens, a sua presença era recorrente nos periódicos. Um recorte que demonstrava isso era a “Relação de Criminosos Capturados nesta província no anno de 1857”, uma lista oficial construída pela “Secretaria de Policia do Ceará” e reproduzida pelo jornal “Pedro II”, nas edições do dia 22 (Pedro II, 1858c, p. 1-2) e do dia 26 de maio de 1858 (Pedro II, 1858d, p. 2). Nela, em um rol de 232 criminosos capturados, apenas 14 mulheres estavam presentes.

Salientamos que importantes nomes da historiografia brasileira apontavam que, nesse contexto, a delinquência feminina parecia ser mais acidental, se comparada com a masculina (Fausto, 1984). Contudo, essa afirmação pode ser considerada para o contexto cearense, somente em termos, pois ainda que os crimes femininos ocorressem em menor monta, considerando-se a realidade local¹¹⁶, dentro das folhas, os crimes cometidos por elas,

¹¹⁶ Braga Júnior (2018) aponta que havia enorme diferença entre o número de réus homens presentes nos relatórios e mapas de crimes das autoridades locais no período e aquele de mulheres. O que se explicaria em sua análise, devido ao fato de as mulheres não exercerem funções públicas, dificilmente estariam associadas a crimes tidos como públicos (falsidade, estelionato), mais notórios, mas apenas naqueles considerados femininos (aborto/infanticídio) ou em homicídios e ferimentos. Analisando o intervalo de 1852 a 1861, esse autor enfatiza que 2.378 homens estavam alocados na condição de réu, enquanto apenas 208 mulheres se encontravam na mesma condição. Frente a número tão reduzido, ficava o contraste de que embora diminuto elas estavam,

ainda que menos frequentes, eram noticiados e mesmo enfatizados a depender do ocorrido.

O crime cotidiano já era elencado nos jornais de forma bastante chamativa. Porém, os crimes mais violentos recebiam maior notoriedade. Não à toa, assassinatos de pais/mães contra os seus filhos e de cônjuges recebiam amplo destaque e deveriam gerar estupefação de quem lia aquelas notas.

« O *Ypiranga* de S. Paulo dá conta do seguinte horroroso assassinato:
 « Ha poucos dias perpetrou-se no districto de Itapecirica, 5 legoas distantes desta capital, um assassinato que pelas circunstancias que o acompanharaõ, e motivo que deo cauza, revela a mais selvagem ferocidade.
 «A victima foi uma infeliz menina de idade de 14 a 16 annos, assassinada por seo marido. Consta que o motivo foi ter ella recusado a sua outhorga para a venda de umas terras. O monstro que a escolhera para sua esposa assassinou-a, dando-lhe um tiro no estomago e dois golpes na frente, muitas facadas no ventre, e finalmente cortou-lhe a garganta. Teve lugar o crime no sitio em que residia o assassino, e que depois de morta a mulher, enterrou-a dentro de casa, debaixo da cama em que dormia: montou a cavallo, e foi a casa do seo sogro dar-lhe parte que sua mulher desaparecera. O monstro teve coragem para acompanhar a seo sogro e outras pessoas a casa em que ha pouco commettera tão horrivel attentado: acharão a casa fechada, e para entrarem foi preciso ao pai da infeliz victima arrombar a porta. Suscitando-se porem desconfianças, o assassino julgou prudente retirar-se, montou a cavallo e evadiu-se.
 « O districto de Itapecirica tem adquirido nos últimos annos uma sinistra fama: há 5 annos tem alli havido 12 assassinatos, entre os quaes dois parricidios! Disem que para um destes parricidios concorrera o monstro cujo crime acabamos de relatar.
 « Informaõ-nos que as authoridades policias(sic) da freguesia são pouco diligentes para a captura de muitos dos assassinos: alguns destes passeiaõ publicamente na freguesia, jogaõ publicamente no povoado, e affrontaõ audazmente a justiça. O sr. delegado de policia desta capital, cuja jurisdição comprehende tambem esta freguesia, que lance suas vistas para ella, e terá occasião de prestar relevantes serviços. » (O Cearense, 1854b, p. 2, grifos do autor).

Embora fossem ajuntados de forma improvisada nas colunas dos jornais, eles serviram para constituir pioneiramente os moldes da narrativa criminal cotidiana. Nela, a figura da assassina serviria, quase sempre, como arquétipo de inversão da naturalidade da existência em família e na sociedade, enquanto o assassino seria uma ameaça à ordem e ao progresso, como será mostrado adiante.

Sabe-se que a sociedade cearense, na segunda metade dos oitocentos, ainda permanecia marcada por constantes conflitos entre indivíduos e famílias. Algo que margeava, até mesmo, as disputas de poder entre autoridades. O próprio arbítrio estatal, através da intervenção jurídica e policial ocorria, ocasionalmente, de forma que, muitas vezes, reafirmava mandonismos locais. Era uma sociedade violenta, onde rotineiramente discussões, embates e discordâncias podiam terminar de forma brutal (Vieira Junior, 2002).

Nessa análise, a relação de criminosos publicada pelo jornal “Pedro II” pode nos

auxiliar. Das 14 mulheres criminosas listadas pela autoridade policial cearense, a maioria trazia crimes violentos como causa principal da sua prisão. Cinco eram acusadas de causar “ferimentos”, seis pelo crime de “homicídio/morte/tentativa de morte”, uma por “ofensas físicas” e duas pelo crime de “damno”. Nesse grupo, apenas duas delas tinham sido apreendidas na capital, a maioria pelo interior da província e uma última na província do “Piauhy” pelo crime de “homicídio” e de “tomada de presos”.

Apesar de numericamente menos expressivos, os crimes cometidos por mulheres não eram insignificantes ou ignoráveis, mesmo no período em questão. A presença delas nos documentos oficiais ou nas páginas dos jornais, todavia, era mais comum quando os crimes cometidos eram ostensivamente contrários ao que era idealizado, esperado delas e de sua pretensa natureza física e mental.

As mulheres criminosas chamavam atenção e constituíam material para notícias no molde de *fait divers* quando as suas ações contrariavam o que se demandava delas em sociedade. O comportamento e a moralidade delas, muito mais do que os seus atos criminosos, é o que eram primeiramente devassados e reconstruídos nas páginas dos periódicos:

CORRESPONDENCIA DO “PEDRO II”.

Tauhá, 22 de junho de 1855.

Tudo por aqui vai em paz, sem haver cousa alguma que possa entreter aos seus leitores. [...]

O único caso de mais importancia, que se deu aqui, que mereça publicar se, é o seguinte: em dias do corrente mez uma mulher casada, que estava apartada do marido, que eu ignoro as causas da separação, pario uma infeliz menina, salva a creança dos perigos do parto. A cruel mãe esmigalha a cabeça da sua innocente filha, provavelmente para encobrir sua vergonha. Denunciado o caso n’esta villa, a policia expedio logo uma patrulha de quatro soldados de policia para prendel-a, e felizmente a mulher foi presa, e se acha recolhida á cadêa d’esta villa. A presa é moça e parda, e mostra visos de muita presença de espirito. Eu e um amigo fomos á cadêa para vel-a, pelo espirito de novidade, e achamos ella cosendo com grande desembaraço, e com ar de tranquillidade de consciencia e perguntando lhe pelo acontecido, respondeu-me muito senhora de si, que não sabia porque estava presa, e eu dizendo a causa, então me disse, que era falso este boato, porque a criança que deu á luz, nasceu morta. Eu suponho que breve vaõ dar principio ao processo de formação de culpa. Se a presa é criminosa, deve ser punida com todo o rigor da lei, pois o crime é grave, uma mãe matar uma recém nascida pagã, mostra muita perversidade.

Por agora é o que posso noticiar-lhe (Pedro II, 1855, p. 4).

A narrativa sobre o crime feminino recebia um tratamento diverso daqueles dos pares masculinos. Não era o crime como empecilho ao progresso ou signo do atraso das relações ou hábitos sociais, comuns nos relatos de crimes cometidos por homens. O que se se esmiuçava nessa notícia, trazida de uma correspondência do interior da província, era a

intimidade e o comportamento de uma mulher separada que cometera um infanticídio para “encobrir sua vergonha”¹¹⁷. O que moldava aquela produção textual e gerava certa curiosidade, como afirmara o narrador, era o crime reconstruído como análise da conduta daquela mulher.

A afirmação que, em um período com tão reduzido policiamento, haviam sido destacados quatro soldados para prender uma mãe infanticida, não deixa de demonstrar que mais do que o assassinato, o que movia a tessitura narrativa naquele relato era uma moralidade afrontada em diversos ângulos. Não por acaso, tratava-se de uma mulher jovem, mestiça e com “presença de espírito”, pontos muito bem destacados no corpo do texto. Características essas, cotidianamente associadas às mulheres pouco exemplares, segundo a moral vigente.

Nos relatos de crimes femininos, os perfis costumavam ser construídos quase sempre à sombra dos modelos, normas e das expectativas daquela época sobre o lugar, a forma correta de ser mulher e de exercer as suas funções sociais (Castan, 1991). Os desvios de comportamento, moralidade e reputação feminina eram o alicerce da maioria desses relatos. O que leva a crer que a conduta feminina na cidade, dentro da família e, mesmo no seu trabalho, torvam-se também em uma preocupação da escrita periódica.

Dessa forma, fazia-se uma avaliação moral, mais que criminal dos eventos noticiados. Aquelas condutas que transgrediam a moralidade, apesar de não serem categorizadas como crime, eram tratadas como algo a ser contido. As normas permaneciam como uma última barreira, tentando compensar as lacunas ou a inoperância das leis, buscando combater, prevenir ou controlar práticas no espaço citadino (Costa, 1983)

Uma construção narrativa alicerçada pela moral oficial não conseguia esconder, contudo, os inúmeros exemplos de desvios e as contradições das mulheres comuns do período. Embora não fossem maioria, desviantes e criminosas reafirmavam aquele perigoso mito da mulher perturbadora e desordeira, constituído ao longo da história ocidental. Elas retomavam, na concepção dos criadores dos *faits divers*, à figura da *stasis*¹¹⁸ grega (Loraux

¹¹⁷ Foi bastante comum a presença de notícias relacionadas a infanticídios cometidos por jovens solteiras nesse período. Como bem pontuou Marla A. Atayde, a reputação e a honra feminina fabricadas no caso das solteiras na manutenção do celibato até o casamento formal, empurravam muitas vezes aquelas mulheres a atitudes desesperadas (Atayde, 2007). No caso, uma gravidez fora da união oficial trazia vergonha e infâmia tão grandes quanto ao do próprio crime cometido para esconder o que se considerava um grande delito moral.

¹¹⁸ “A desordem”. Remonta à antiguidade clássica ocidental, onde a própria fala feminina em público era considerada indecente e percebida como rompedora da tranquilidade na cidade. Dentro dessa última, deviam permanecer afastadas do espaço público, onde seu silêncio era sinônimo de tranquilidade e sua aparição em grupo causava medo. Aspectos que seriam rotineiramente reafirmados nas tradições cristãs, a partir da doutrina oficial desde os escritos do apóstolo Paulo (Perrot, 2007).

apud Perrot, 2007), recorrentemente aludida, quando as mulheres agiam e se moviam para fora dos domínios das teias discursivas tradicionais.

Por meio desses relatos magnificados na narrativa do *fait divers* (Sodré, 2009), tínhamos a representação das rupturas pontuais ou reincidentes em relação aos comportamentos, ao senso de honra e aos modelos de agir que eram idealizados e forçosamente construídos sobre as mulheres, sobretudo, aquelas das elites brancas, alvo desse arcabouço normativo. Mas, a cobrança se fazia de forma correlata, também, sobre aquelas dos setores mais baixos e/ou de outras etnias (Soihet, 2013).

A composição narrativa da violência reconstruída pelo discurso jornalístico provinciano através das notícias criminais, portanto, não era mero recurso informativo. Ela compunha um importante meio difusor de discursos normatizantes, pois embora fabricado sobre o limitado suporte escrito dos periódicos, alcançava indiretamente um maior público. Afinal, em um universo provinciano, o costume das leituras em voz alta, compartilhadas em comércios, praças e casa de familiares ou vizinhos, fazia circular aquelas narrativas entre os menos privilegiados (Fernandes, 2004; Guimarães, 2013; Morel, 2018).

Sabe-se que, aqueles jornais não operavam como um simples reflexo ou sombra da realidade. Portanto, é fundamental compreendê-los, não somente enquanto fragmentos materiais, mas como matriz discursiva simbólica, onde foram constituídas tramas com finalidades e em percursos complexos, pelos quais se pode entender, parte do funcionamento da sociedade daquela época (Bakhtin *apud* Pedro, 1995).

Assim, mais que apenas ecoar o mote de “uma sociedade violenta, ignorante, bárbara”, que as elites construía, a respeito da maior parte da população, os periódicos elaboravam uma teia discursiva intrincada. Nela, os fios eram cerzidos, muitas vezes, de modo contraditório, entretanto sempre sob a afirmação e o compromisso com um senso de “progresso”. Indiretamente vinculadas a ideias, normas, leis, hábitos e costumes tidos como essenciais para a “elevação material e civilizatória”, aquelas notícias eram um recurso discursivo que reafirmava valores almejados pelos grupos de elite para a população, não só da capital, mas da província como um todo.

Aquelas notas lembravam e buscavam combater um “atraso” flagrante e incômodo, não apenas do povo cearense, mas de grande parte da sociedade brasileira no século XIX. Conseqüentemente, ao recontar condutas criminosas de forma detalhada em suas páginas, os periódicos enfatizavam que aquela violência prejudicava não apenas a sociedade

local, porém significavam um prejuízo, uma mácula à nação¹¹⁹ e ao povo brasileiro. Ainda que, muitos relatos fossem oriundos de outras cidades e, mesmo, de outros países, como constantemente se viam republicados em folhas cearenses.

Ao transcreverem aqueles relatos, todavia, pontuavam as proximidades do crime entre as províncias e certas diferenças com os grandes centros. Não à toa, durante a maior parte da segunda metade do século, narrativas mais próximas do cotidiano rural eram ainda em maior quantidade do que aquelas urbanas. Isso reafirmava uma busca por associar o ambiente interiorano com o atraso, mas também o gosto inconfessável por aquelas mesmas estórias violentas. Prática e costume herdados justamente das tradições camponesas, contudo que nessa época se deslocara para a escrita periódica, por meio do *fait divers* (Muchembled, 2012):

Revoltante – Sob este título publica o *Estado de S. Paulo* de 20 de julho a seguinte tristíssima notícia:

« Em dias do corrente mez, chegou presa á cidade de Piranga, estado de Minas, uma família composta de mãe e cinco filhos, acusados de haverem assassinado o respectivo chefe.

A mulher, uma velha de 60 annos, matou o marido a golpes de cavadeira; uma filha assistiu ao crime; dois filhos carregarão o pae à sepultura, que foi aberta por um outro filho, no quintal da casa, e ahi o enterrarão.

Por espaço de tres mezes ficou tudo sob o maior sigilo.

Os vizinhos, porém, dando por falta do velho tanto indagarão que, afinal conseguirão descobrir a causa do desaparecimento do pobre pae de família, victima da ferocidade de sua mulher e de seus proprios filhos.

Os assassinos, depois de presos, confessaram cynicamente o crime sem dar explicações dos motivos que os impelliram a commetel-o.» (Cearense, 1891, p. 2, grifos do autor).

Quase quarenta anos separam aquelas primeiras notas informativas da notícia acima. E uma notória marca permaneceria na maioria dessas narrativas criminais: a evocação aos estereótipos, como forma primeira de crítica e controle sobre os comportamentos femininos. De igual modo, a projeção do pensamento de que os principais papéis sociais da mulher oitocentista¹²⁰ eram o da esposa dedicada ao marido e o da mãe responsável pela prole, reafirmando signos da cultura católica do século XIX, no qual, o modelo ideal de feminilidade seria aquele da submissão e espírito de abnegação. Portanto, o matrimônio e a

¹¹⁹ Diz-se isso tendo em vista que o discurso jornalístico presente naquelas folhas entendia o crime e a desordem enquanto obstáculos à consolidação de uma sociedade organizada e civilizada a qual era o intuito dos projetos nacionais como um todo. Era corrente nos textos locais que a criminalidade e a violência eram motivo de preocupação e que o aumento dos mesmos dentro da província cearense dava testemunho do atraso local em relação ao restante do país.

¹²⁰ Havia o uso corrente nesse momento, dentro das folhas, do termo “mulher” no singular, mesmo quando tinha o objetivo de atingir todo o gênero feminino independente de classe ou etnia. O discurso jornalístico buscou reuni-las dentro de um grupo homogêneo, ainda que sob argumentos diversos. Dos textos religiosos, passando pelas palestras leigas sobre o lugar da ‘mulher’ na sociedade, até mesmo os textos cômicos e pilhéricos, o feminino foi pensado a partir dessa visão quase ontológica sobre a mulher.

maternidade eram a coroação dessa imagem feminina simbolizada pela Virgem Maria, exemplo maior para todas naquele momento (Giorgio, 1991).

Essa crítica moralizante construída pelo discurso jornalístico não conseguiria barrar o avanço daqueles perfis tidos como inadequados. A presença deles, cada vez maior dentro das folhas era, por si mesma, uma evidência que crimes cometidos por mulheres mantinham em destaque um grupo consideravelmente grande de pessoas, as quais não se adequavam aos modelos e representavam uma parte incômoda da sociedade oitocentista.

A própria construção de arquétipos femininos censuráveis dentro dos jornais (a mulher imoral, desordeira, criminosa e, principalmente, assassina) seria, desse momento em diante, uma fórmula narrativa discursiva fundamental, no arsenal normatizador de condutas, no qual operavam os escritos periódicos dentro da sociedade cearense desse quadro sócio-histórico. Discursos esses que se ancoravam, principalmente, na concepção religiosa tradicional, a qual reiteradamente apontava aqueles perfis como antinaturais, imorais e transgressores¹²¹.

Com o crescimento da capital e de uma maior circulação dos jornais dentro da província, nas últimas décadas do século XIX¹²², o espaço gráfico dos periódicos se tornaria suporte principal para a defesa de ideias e discursos cada vez mais voltados para uma busca pelo controle da criminalidade. De igual modo, de práticas ou costumes tidos como inadequados para espaço da urbe. Um esforço contínuo de crítica e cercamento daqueles perfis encontrava, geralmente, guarida entre leigos e religiosos, responsáveis pela fabricação do noticiário presente nas folhas provincianas, as quais viam perigo em todo comportamento que afrontasse os limites dos almejados “bons costumes”:

Supplica a policia.

Roga-se ao Sr. Delegado de policia que por amor a tranquilidade publica lance suas vistas para a rua da Boa Vista, no lugar que antigamente se conhecia por – Rua da Alegria –, onde meia duzia de mulheres levam a grittar toda a noute, e ás vezes mesmo de dia, não respeitando as familias que moram confronte.

Ou S.S. mande postar uma patrulha para conter essas Didos, ou então nomeie um inspector de quarteirão para chamal-as a ordem.

Esperamos ser attendidos nesta supplica, e que o Sr. Delegado preste este serviço ao socego dos habitantes.

Um pai de familia.

Quadros vivos. – No becco do Pocinho entre as chacaras dos Srs. Dr. Antonio

¹²¹ Os textos oficiais do bispado cearense, publicados nos jornais leigos, bem como no jornal “Tribuna Catholica” apontam nesse sentido. Havia uma percepção de que os desvios morais eram tão ou mais perigosos e prejudiciais a sociedade quanto aqueles diretamente associados ao crime.

¹²² É perceptível como ao longo da segunda metade dos oitocentos aumentaram não apenas a quantidade de jornais circulando, como os maiores periódicos passaram a circular quase que diariamente. Isso aponta, não apenas, para a formação de um pequeno público afeito ao hábito de se informar ou se entreter com a leitura daquelas folhas, como também para o gradual alcance que elas conseguiam estabelecer dentro da província.

Mendes e Guilherme Miranda continua a exibição dos *quadros vivos*. Até as 8 horas do dia banham-se ali homens, e dessa hora em diante mulheres quasi sempre embriagadas e completamente nuas lavam roupa, fazendo uma assuada horrível, e provocando as mais repugnantes scenas de escândalo e immoralidade, Debalde temos chamado para isso a atenção da policia (A Constituição, 1866c, p. 1; Cearense, 1874b, p. 1, grifos do autor).

O comportamento popular dentro da cidade se tornara uma preocupação para as autoridades públicas e ganhava cada vez mais espaço dentro dos textos periódicos naquele momento¹²³. Geralmente, a crítica recaía sobre os maus hábitos, a falta de urbanidade, desrespeito às posturas da cidade, mas, em especial, sobre os costumes das mulheres que pudessem ofender a moralidade ou perturbar o sossego da capital. Percebe-se que, na maioria das notas destacadas até esse trecho, as personagens femininas dentro foram construídas através da sua ofensa à moralidade, muito mais do que à ordem social existente.

Todavia, deve-se lembrar que, embora já existisse uma considerável dispersão dos discursos médicos e científicos acerca da natureza feminina, os discursos tradicionais da religião e do direito ainda se sobrepunham. Os estudos da fisiologia e da psiquê feminina, atingiriam o discurso jornalístico local, com maior afinco, somente a partir de meados da década de 1880, pois os debates sobre criminalidade, inclusive a feminina, ganhariam amplo destaque, sobretudo através dos estudos de Cesare Lombroso cuja obra, “A mulher criminosa e a prostituta”, seria lançada apenas em 1895¹²⁴.

Por conseguinte, efetivar a análise dessas tramas sob a lente da categoria de gênero se faz necessário, uma vez que, apesar de já se pretender objetivo e racional, o discurso jornalístico oitocentista era profundamente atravessado por discursos moralizantes, ordenadores e restritivos, logo, bastante subjetivos¹²⁵. Todos eles, direta ou indiretamente

¹²³ Como destacado no primeiro capítulo, houve, por parte das autoridades políticas e jurídico-policiais uma grande preocupação com o controle sobre os grupos populares. Como se pode constatar na vasta documentação elaborada pela “Chefatura de Polícia”, da qual se destacam ofícios, termos, mapas e outros documentos constituídos no intuito de controlar, limitar ou prevenir crimes. Porém, de igual modo essa teia coercitiva fazia com que crimes e transgressões morais fossem pauta dentro dos jornais quase que diariamente, o que aponta para uma preocupação de diversos grupos na elite local na busca por cercear não apenas possíveis delitos, mas também hábitos arraigados na cultura popular que começavam a ser mal vistos por associarem o espaço urbano da capital a práticas tidas como inadequadas e tradições típicas do mundo rural.

¹²⁴ Nessa obra, escrita junto com o professor Guillaume Ferrero, o célebre criminologista italiano reafirmava um pensamento recorrente ainda no período: o da inferioridade intelectual e sensibilidades atenuadas nas mulheres. Tidas como característica comum a todo gênero feminino. Ele destacava como inatas nas mulheres normais e potencializadas, ao máximo, naquelas que eram criminosas: a crueldade, a tendência à mentira, a hipersensibilidade sexual e a falta de gênio, os quais poderiam ser redimidos nas mulheres normais pelo seu instinto materno (Darmon, 1991).

¹²⁵ O discurso jurídico policial amalgamado ao político tinha grande poder e repercussão dentro das folhas locais, bem como o discurso religioso de vertente católica, o qual era profundamente operante dentro de todos esses periódicos e não apenas daqueles de cunho religioso. Embora em menor proporção, o discurso laico (médico científico) do período começava gradualmente a se estabelecer em debates sobre a organização e controle da sociedade.

buscavam referendar aspectos, modelos ou ideais específicos de identidades e relações de gênero.

Assim, nos embasamos na compreensão de Joan Scott, buscando uma análise que possa empreender a crítica sobre os significados feminino/masculino naquele período, além de revelar contradições e instabilidades. Procurando, principalmente, perceber como visões da ordem social podiam ter sido minimamente contestadas, sobrepostas, resistidas e defendidas nos termos daquelas mesmas definições (Scott, 2012).

Consequentemente, é preciso analisar como tais discursos, dentro dessas tramas jornalísticas, contribuíam para a construção daquelas identidades generificadas, elaboradas de forma idealizada dentro dos textos jornalísticos (Butler, 2010). Compreendendo-os, enquanto um ponto de convergência para diferentes representações simbólicas construídas, partindo de lugares sociais próximos, mas diversos. Finalmente, entender como essas mesmas narrativas estavam ainda ligadas às políticas e práticas de coerção social, reafirmando normas, leis e parâmetros de organização da sociedade, na busca por evitar contestações ou contravenções.

Aquelas notícias demonstram como determinadas narrativas construíam ou reforçavam modelos comportamentais, de honra, conduta e moral que, supostamente, deveriam ser próprios de cada gênero. Dessa forma, ora reforçavam as diferenças físicas, intelectuais e morais entre homens e mulheres, ora afirmavam certas semelhanças e proximidades. Entretanto, mesmo quando destacavam perfis femininos avançando em espaços marcadamente masculinos, sinalizavam isso de forma anedótica ou como transgressões extravagantes¹²⁶ de identidades masculinas e femininas:

Mulheres doutoras e mulheres duelistas. – [...]

Concluimos a nossa tarefa :

« Em favor da mulher medico diz-se que é preciso muita coragem e a abnegação para que a carreira tente as mulheres, e que só hão de abraçar-a as que tiverem uma vocação irresistível.

Mas nesse caso será bem limitado o numero de doutoras, quando são precisas, pouco mais ou menos, dez mil, em França, para substituirem os doutores no tratamento das mulheres e das creanças.

« A mulher, diz o Dr. Montanier, tem o seu papel bem marcado pela natureza, que deu-lhe uma contituição(sic) e um temperamente(sic) adaptados ao seu fim.

Ellas não me contradirão, si eu disser que brilham sobretudo pelo coração, pela ternura, pela doçura, timidez(sic) certa reserva, que não são partilha do outro sexo.

Pois bem ! para fazer de uma mulher um medico é preciso destruir todas essas qualidades:

¹²⁶ Foi comum o destaque dado, inclusive nos jornais, para mulheres detidas por andarem vestidas com trajes masculinos, por estarem em horário inadequado fora de casa, por portarem armas brancas ou mesmo por estarem discutindo umas com as outras em voz alta no meio da rua. Atitudes mais próximas do gênero masculino, como o consumo de bebidas alcoólicas, uso de tabaco, agir de forma violenta dentre outras, eram destacadas enquanto atos de desordem ou ainda enquanto anedota, como era o caso de mulheres se alistarem em diferentes países para votar, servir nas forças armadas ou se candidatarem a cargos eletivos.

Fazer-lhe perder a sensibilidade e o pudor, tornal-a dura à vista de cousas horriveis, ensinar-lhe a não tremer diante de espectaculos medonhos, e a encarar de sangue frio o que naturalmente commove os mais duros de coração.

« Ha alguns annos, conta o Dr. E. Decaisne, visitando um collega em um dos amphitheatro(sic) de dissecção da escola pratica da faculdade, achei-me perto de uma jovem alumna, que, sob a direcção do professor, dissecava.

Ella tinha bella apparencia, olhos intelligentes e um ar muito honesto.

Pois bem ; é com um sentimento de horror e repugnancia que me parece ainda vêr essa bella creatura com o avental ensanguentado, as mangas arregaçadas, armada do escalpello, introduzir suas mãos brancas e delicadas no ventre do cadaver para extrahir os intestinos.

Pareceu-nos tambem, que os termos de anatomia, que constituem a nossa linguagem corrente, sahindo d'aquella bocca, tinham outro som, extranho, inconveniente. »

E o que dizer da promiscuidade dos dois sexos, nos amphitheatros e nos hospitais ?

Poderiam os professores falar livremente diante de um auditorio composto de moças e moços sentados nos mesmos bancos ?

Na Suissa, nos Estados-Unidos, houve escandalos da parte dos estudantes, que faltaram aos principios mais geraes de cortesia.

Em França, onde por ora(sic) é muito limitado o numero das alumnas, tudo se passa decentemente ; mas quem sabe o que poderá succeder mais tarde ?

Não somos entusiastas do doutoramento das mulheres, não porque lhes recusemos a intelligencia e a capacidade ; mas porque não vemos nem a necessidade, nem a conveniencia, nem a vantagem para ellas mesmas [...] (Cearense, 1882a, p. 2).

Portanto, interessa considerar como esses *faits divers* também efetivamente construía os gêneros, demarcando assim, uma relação de poder. A elaboração discursiva sobre identidades e papéis sociais generalizados, tradicionais, era parte da confecção daquelas narrativas oitocentistas. Tal como se via no exemplo acima, a capacidade feminina era medida pela conveniência masculina, porque as atividades que podiam ser ou não exercidas por mulheres, eram, no final, determinadas pelos homens.

Sempre sob o crivo de uma moralidade tradicional, essas profissões supostamente deveriam se limitar aquelas vistas como decentes e adequadas ao gênero feminino. A construção dessa dominação masculina, alicerçava-se, muito menos, sobre a real capacidade da mente ou corpo feminino e, muito mais, sobre os costumes e normas reafirmados por homens que facilitavam ou interditavam determinadas práticas.

Atentar para a questão de gênero é fundamental, visto que possibilita uma visão mais complexa acerca das construções sociais do período e das experiências das pessoas daquela época. Bem como, das formas de sociabilidade e moralidade admitidas ou negadas, transpostas nas narrativas daqueles dramas de sangue nos jornais.

Os textos jornalísticos, assumindo a forma de um *fait divers*, encontravam-se em um limiar, para onde se direcionava aquilo que permanecera, durante muito tempo, território das normas culturais e da organização em sociedade, não codificadas na escrita. Eles apontam como se movimentavam as fibras nessa tessitura oitocentista que buscava compor o assujeitamento de determinados grupos subalternizados, aí inclusas as mulheres.

Importa, certamente, perceber como eles compunham um espaço estratégico, onde convergiam diversas formas de agenciamento que, embora parecessem contradizer-se, cerziam diferentes discursos que se reorganizavam para garantir a manutenção de determinados papéis sociais (Riot-Sarcey, 2014).

Seguindo Teresa de Lauretis (1994), é fundamental pensar gênero como produto elaborado, a partir de uma multiplicidade de lugares e sob atuação de determinados aparatos, discursos e da própria experiência cotidiana, onde os sujeitos engendrados construam as suas vivências. De tal forma, investigar como os jornais construam discursos sobre violência e estabeleçam imagens sobre masculinidades e feminilidades, por meio desses mesmos discursos (Pereira, 2009), torna-se tarefa incontornável para entender como o recurso do *fait divers* criminal feminino foi utilizado enquanto estratégia de coerção moral e moldou identidades generificadas.

É essencial analisar esses textos como um artifício discursivo que, estabelecido no limiar entre informação e ficção¹²⁷, fabricava, na sua simplicidade e nos seus tons dramáticos, um instrumento efetivo de circulação de modelos, normas e regras balizadoras de comportamento e moralidade. Um recurso discursivo que, embora circunscrito ao suporte escrito dos periódicos, alcançava pela oralidade os demais grupos sociais. Assim, ele deve ser problematizado e historicizado, enquanto um artefato narrativo que, desde a sua reprodução enquanto relato do crime, era um dispositivo produtor de gênero naquela sociedade.

As ocorrências destacadas nos *faits divers* oitocentistas, como visto anteriormente, enfatizavam acontecimentos violentos: lesões corporais, suicídios, acidentes e, principalmente, assassinatos. As formas extravagantes e os tons melodramáticos moldavam essas narrativas. Todavia, pode-se perceber diferenças sutis entre o relato de atos cometidos por homens e aqueles protagonizados por mulheres. Apesar de, em ambas as narrativas haver uma construção inicial similar acerca do ato cometido, as histórias elaboradas sobre crimes masculinos geralmente cercavam os seus protagonistas com o discurso de risco à ordem e à civilização.

ASSASSINATO HORROROSO –

Hontem as 9 horas da noite foi o Sr. Felipe Rodrigues Santos Moura, patroa mór do

¹²⁷ Pereira (2009), em sua pesquisa sobre violência e gênero por meio dos jornais, busca problematizar suas fontes a partir do conceito de “cronotopo” de M. Bakhtin (2018). Entendendo aquelas narrativas analisadas enquanto ambiente constituinte de relações espaços temporais que capturavam a forma como homens e mulheres eram representados enquanto autores ou vítimas de violência. Seguindo o autor, aqueles textos, ao serem publicados nas folhas locais, instituam uma construção discursiva sobre a violência, comportamento, diferença entre gêneros, classe e raça, naturalizando as formas diversas de violência dentro desse discurso entremeadado de literatura e jornalismo.

porto, barbaramente assassinado em sua caza na rua do Quartel¹²⁸ com um tremendo tiro de bacamarte, deixando inconsoláveis sua viuva e alguns filhinhos.

Chamamos a atenção da policia e do governo afim de que mais esta vez não fique impune o author de um crime tão grave, e que mais grave ainda se torna pela frequente repetição, que vai tendo nesta capital, outr’ora tão pacifica; por quanto dentro de menos de trez annos he este o quarto assassinato, que temos presenciado nesta cidade, sem que um só dos assassinos tenha sido punido. E parecendo nos que he a impunidade a causa primordial de tanta audacia, não podemos deixar de unir nossas voses aos bons desejos daqueles a quem está confiada a guarda da sociedade para que nem uns esforços se poupem, e nem hajam contemplações no descobrimento e captura do criminoso.

O Sr. patrão mór não tinha intrigas, e por isso não tem a policia muito que vacilar a respeito da fonte do mal; e pelo contrario não lhe será mui difficil atinar com alguma recente indisposição, que lhe preste um como fio de Ariadne para achar a verdade.

O assassino emboscou-se por detraz de umas frentes fronteiras a caza da victima, onde foi pouco depois encontrado o bacamente(sic), que visivelmente mostra ser uma granadeira aparada de fresco; a victima entre outras balas recebeu uma na testa, que produziu a morte immediatamente. E já que de nossa antiga metropole herdamos o seguinte rifão – o portuguez só feixa a porta depois de roubado – lembramos á camara municipal que tome alguma providencia a evitar que se conservem frentes em aberto, visto que triste lição nos ensina que são ellas outras tantas emboscadas contra o pacifico cidadão, que lhes fica fronteiro (Pedro II, 1850b, p. 3).

Percebe-se que, embora não identificada de fato, supõe-se que a pessoa que cometeu o crime fosse homem. O fato de o crime ter sido realizado com arma de fogo, ainda bastante restritas a posse masculina no período, também leva a acreditar que o criminoso fosse, de fato, daquele gênero. No entanto, a fórmula principal utilizada na análise desse crime corrobora com a hipótese de que o crime masculino interrompia a ordem, a segurança e, que sua frequência, depunha contra o progresso e a civilidade do povo cearense.

O crime era moldado de forma exagerada na adjetivação, típico do *fait divers*: “assassinato horroroso, barbaramente assassinado, tremendo tiro, inconsoláveis viúva e filhinhos, fonte do mal”, todos esses termos eram utilizados para construir uma proximidade e empatia com a vítima, como também ojeriza ao assassino, não identificado. A insegurança, a desordem e a violência eram construídas no texto, como parte de um processo resultante da presença do crime na cidade. O crime masculino, ainda na década de 1850, como se nota, já trazia uma fabulação do assassino enquanto um agente do atraso civilizatório, a sua presença denotava um empecilho ao progresso da terra.

Por seu turno, as mulheres, quando criminosas eram tidas como uma representação direta da perturbação da moralidade, fosse enquanto coadjuvantes sob efeito da “debilidade de seu sexo influenciável”, ou como a perigosa protagonista da contravenção à ordem tida como natural.

¹²⁸ Provavelmente, tratava-se da atual Rua Dr. João Moreira (desde 1933), localizada na parte mais antiga do centro da capital. Anteriormente nomeada, rua Nova da Fortaleza (1828), travessa do Quartel (1855), rua da Misericórdia (1888) e rua n.º.17 (1890) (Nogueira, [1954], 2013).

[...]

Acha-se recolhida nas cadeias d'esta villa uma mulher com figura de gente , nas entranhas é uma – féra –, porque teve a perversidade de mandar matar o marido por um escravo , o qual era seu mancebo , sendo apanhada em flagrante – ADULTERANDO –, e isso foi visto por um seu irmão, que depoz no summario , ou as testemunhas se referem a elle: foi uma morte barbara : a assassina e adúltera para se ver livre de seu marido conluiou-se com o escravo Francisco para assassinal-o na caçada d'uma abelha : o escravo convidou o infeliz para a caçada , este sem su peita(sic) não hesitou em acompanha-lo , chegando em lugar seguro ahí matou-o com o olho do machado : o escravo foi preso, e condemnado pelo tribunal competente a pena de morte , a qual foi executada no mesmo anno do delicto , a adúltera foi mais feliz, teve tempo para fugir , esconder-se em lugar que completou os dez anos para a prescrição , de que vai tratar, porem duvido que ella alcance, porque ha provas , que não tem estado sem interrupção no lugar do delicto , por isso supponho , que ha de responder ao jury (Pedro II, 1853, p. 6).

Note-se que, no crime relatado acima, a mulher apesar de ser reconhecida como mandante do assassinato, tem a sua descrição centrada na sua moralidade construída, desde o início do texto, como duvidosa. Nessa estória, sua personagem é elaborada por meio de marcas que a afastavam do idealizado de mulher e de boa esposa: “mulher féra, perversa, assassina e adúltera”. Essa “morte barbara” que havia ceifado, o “infeliz marido”, era obra de uma mulher, descaracterizada da sua condição humana e feminina, sendo tomada por uma versão animalesca que obrara tal crime com baixos instintos ou paixões.

Afinal, a “féra”¹²⁹ em que se transformara, já a tinha afastado da sua humanidade, ao não apenas assassinar o esposo, mas sobretudo, traí-lo. Salta aos olhos, a ênfase no adultério, o que nos lembra, como nessa época, a construção do delito feminino era geralmente associada como um ataque a moralidade e aos “bons costumes”. Por infeliz coincidência, nessa mesma edição, essa narrativa formava um interessante prelúdio para outra famigerada estória de assassinato realizado por outra esposa contra o marido: o caso de Maria Lessa, o qual será novamente destacado a seguir.

O modo como se elaboravam a descrição dos lugares, a temporalidade em que tais fatos ocorreriam ou, ainda, a forma como se estruturavam e atuavam os personagens principais, eram moldados e criavam um espaço narrativo para o crime (Kalifa, 2014). Entretanto, nesse espaço, cada sujeito seria reconstruído de forma diferenciada, moldando o gênero dentro daquelas notícias muito nitidamente.

¹²⁹ Embora o uso do termo “féra” fosse comum aos dois gêneros dentro das notícias sobre assassinatos, ele é mais presente naqueles que traziam mulheres como assassinas. Ele seguia de perto outro termo comum ao período: “fúria”. Em diferentes décadas e jornais, pode-se encontrar narrativas que comparavam a figura da assassina com a das “Erínias/fúrias” da mitologia greco-romana. Seu uso era pontuado para destacar a violência dispendida pelas criminosas nos seus atos, bem como para associá-las a ideia de irascibilidade e brutalidade dos sentimentos e atos. Buscando, dessa forma, desassociar aquelas mulheres das demais, enquanto gênero e da própria condição comum de humanidade.

Naquelas narrativas, referentes aos homens criminosos, observava-se que, depois de uma introdução dramática, o narrador localizava o seu evento e o seu personagem principal na espacialidade. Geralmente, ele tinha origem, embora essa não fosse muito esmiuçada, sendo caracterizado, desde o início, de forma complexa, tendo as suas ações pontuadas em espaços dados a reconhecer na narrativa. A sua apresentação inicial buscava justamente constituí-lo como alguém que atravessava uma significativa transformação:

Lê-se no *Correio Mercantil*, do Rio.

- Um desses crimes espantosos, cuja possibilidade o espírito recusa supor, ainda diante das mais evidentes provas, e que dão ideia da degradação a que pode baixar a natureza humana, acaba de ser praticado em Uberaba, na província de Minas.

- Antonio Soares Ferreira, viuvo ha perto de dous annos, era pai de duas meninas, uma que teria dez annos e outra seis. Desregrado em seus costumes, vendeu o que possuía, e chegou tambem a querer vender a pequena legitima de suas filhas; não o podendo porem fazer validamente, tentou assassina-la! Para esse fim levantou-se de madrugada, tomou a mais nova ao colo e a outra pela mão, conduziu-as a ponte do rabeirão(sic), e ahi atirou na agua primeiramente a que tinha nos braços, e com todo sangue frio atirou tambem depois a mais velha, não se comovendo com os lastimosos grito(sic) que esta soltava, dizendo: “que não a matasse, que lhe daria sua negra !!!”

Alguem que chegava, ouvindo o choque que produzia o corpo da ultima ao cahir na agua, deu disso noticia; e o povo indignado por tão grande malvadeza, quis assassina-lo, o que não se effectuou, a rogos de José Antonio de tal. Foi porém preso o assassino, e partiu para Ouro Preto bem escoltado.

Por causa da escuridão só foi encontrado um dos corpos, que apesar de serem-lhe empregados todos os esforços da arte, não voltou a vida!

A pessoa que nos informa deste lamental(sic) successo communica-nos que havia chegado a villa um destacamento de deseseis praças commandado pelo tenente do corpo policial da província Brandão, que fora reclamado pela camara e as autoridades locais para acudir as palpitantes necessidades da tranquillidade publica e segurança individual que ali se fazem sentir (Cearense, 1853b, p. 2).

Esse assassinato havia sido divulgado junto daquela notícia (A Constituição, 1870c) que continha diversos crimes de assassinato, já exposta no começo desse texto. Ele lhe complementava e tinha, como se percebe, um tamanho superior. O que se explicava não pela violência empregada no crime, mas pelo fato de ter sido realizado pelo próprio pai das crianças. Como já dito, o crime ainda era noticiado e comentado, mais em suas marcas de atraso e em seus aspectos grotescos, do que na sua origem social, ou “atávica”, como muitos iriam supor posteriormente. A figura do pai “assassino” era notória e corriqueira, porém só ocasionalmente recebia tanta atenção. Nesse caso, pelo fato de as vítimas serem ainda crianças.

Percebe-se, na narrativa sobre esse pai, uma metamorfose (embora rápida) marcada após um momento de crise, em que, o personagem principal se transformava em outro e, ambas, a transformação e a ruptura eram partes visíveis no percurso descrito no relato (Pereira, 2009). O tempo deixava marcas, era notificado ou datado na narrativa. Notamos

facilmente como, o personagem que iniciava o texto, não correspondia completamente aquele que o finalizava. A mudança que o atingiu havia se dado dentro de um espaço reconhecível e as suas ações, por mais condenáveis que tivessem sido, faziam parte da sua livre iniciativa.

Compare-se então, esse relato com uma trama noticiada pelo jornal “Tribuna Catholica”, que, como a própria folha destacava no início do relato, republicava aquela nota de outro jornal cearense (“A Constituição”). Agora divulgada sob a ótica do órgão oficial da Igreja Católica cearense:

«**Assassinato por feitiçaria.** – No dia 14 a uma hora da tarde Maria Angelica matou a facadas à Maria Joanna. A muito que esta malvada criatura queixava-se da sua infeliz victima por causa de feitiçaria, e no mesmo dia e quem resolvera tão terrível atentado foi muito cedo ter-se com o delegado, pedindo-lhe providencias. Dizia esta visionaria que a outra vivia à cozer-lhe a rede com alfinetes, conseguindo espetal-a com um no lado esquerdo, que desde logo ficou dormente e quase insensível. Acrescentava ainda que Maria Joanna, desejando acabar com uma visinha enterrara tres pedras de sal no canto da casa; que a pobre mulher já estava muito amarela, quase a expirar. O delegado dissuadiu-a de taes busões, e mandou-a embora, aconselhando-a que no caso de sofrer qualquer encommodo em morar perto da feitiçeira, mudasse-se. Ella sahio pesarosa, mas sem dizer nada. Chegando em casa, tem a infelicidade de encontrar-se com a sua rival, e então não duvida empregar-lhe uma porção de facadas, que a deitão por terra sem vida. Tão satisfeita ficou com a acção que praticou, que disse às pessoas, que correrão para o lugar do conflito, que não a prendessem, que ella mesmo ia-se entregar a policia. Effectivamente tomou o caminho, que dava para lá; mas apenas julgou-se so procurou escapolar-se. Felizmente a policia poude captura-la hontem à noute. » (Tribuna Catholica, 1868e, p. 3).

Nesse segundo caso apresentado, percebe-se uma aparente temporalização direta e perfeita do evento narrado. Ele foi dado a perceber em minúcias, dia e hora fixados. Mas, é um artifício destinado apenas ao logro daqueles que o liam despreocupadamente. Ao contrário da personagem do caso anterior, aqui não se localizava a sua origem, nem mesmo onde suas ações vieram a ocorrer. Não houve espaço definido, mas também, não houve tempo diferenciado sendo instituído.

A violência era naturalizada quase como um essencialismo que, na verdade, era o que dava presença e significado aos personagens. A vida delas só adquiria significado e função pelo ato de violência, a partir do qual ganhavam notoriedade. A personagem principal, nessa segunda notícia, não passou por nenhum grande momento de transformação. Ela iniciava a narrativa certa de suas queixas e convicções, e nada aponta para qualquer outra temporalidade, ação ou evento que manifeste na trama uma mudança profunda na sua personalidade.

Essas narrativas reconstruíam tramas que absorviam esses personagens e os seus

percursos “reais”, mas que operavam de forma diferenciada, expondo nas colunas dos jornais oitocentistas, muito das diferenças de classe, gênero e raça. O relato sobre performances criminosas femininas se diferenciava consideravelmente daquele de crimes cometidos por homens. Assim como os crimes cometidos por membros das classes altas se diferenciavam daqueles realizados por mais desafortunados e não brancos. Os primeiros tinham as suas próprias formas de lidar com a criminalidade, não passando na maioria das vezes, pela exposição nos jornais (Soihet, 2009).

A banalização dos crimes nos periódicos, algo notório já no século XIX, apenas reafirmava aquelas diferenças. Supostamente, haveria, portanto, lugares e espaços mais violentos, determinados (nas narrativas) quase que, pelo acaso, onde o crime e os criminosos agiam conforme sua natureza. Logicamente, esses eram os espaços rotineiramente já ocupados por populares (Kalifa, 2014). Neles, o tempo e o espaço eram abstratos, não se tornavam parte das estórias contadas, permaneciam como meros cenários. Da mesma forma, como aponta Pereira (2009), a violência de gênero também era construída e naturalizada dentro dessas narrativas, pois mesmo quando eram mulheres que cometiam crimes, seu papel permanecia secundário, elas não se constituíam como sujeitos de fato das suas próprias tramas.

Aquelas notícias construíram, involuntariamente, uma zona para explorar características específicas da cultura letrada junto de tradições populares daquele período. Essas tramas uniam a curiosidade, um interesse mórbido pelo perverso e pela violência, ao mesmo tempo em que encaixavam, no suporte periódico, enredos que se destacavam de outras tipologias já existentes (Guimarães, 2013).

Uma violência já rotineiramente experimentada fora das folhas dos periódicos, o que ajuda a questionar a ideia tradicional de um poder masculino disseminado e consolidado de forma indistinta por toda sociedade. De igual modo, leva a perceber que a superioridade física dos homens nunca foi um obstáculo de fato para as mulheres nesse contexto (Engel, 2000).

As narrativas sobre crimes femininos, mesmo que abarcassem certa diversidade temática, ficavam constantemente girando em torno de perfis que rompiam com modelos de boa moral e passividade comumente defendidos para as mulheres. O que faz crer que, embora fossem construídos no intuito de fazer repercutir, não apenas o crime, mas a desonra e imoralidade, presentes nesses atos, quando cometidos por mãos femininas, eles conseguiam também entreter um grupo de leitores/ouvintes que tinha certo apreço por esse tipo de relato.

O que os *faits divers* faziam de diferente era que eles tinham a capacidade de

aproximar o discurso oficial, presente nos periódicos, da linguagem e do entendimento, no nível do senso comum daquela época, podendo assim, serem mais efetivos. Afinal, relatar o crime naquele período, sobretudo o feminino, ainda era como construir uma estória nos moldes dos antigos contos infantis, em que os personagens não tinham real autonomia, estavam entregues à capacidade criativa e à disposição do narrador que lhes guiava.

Aquelas narrativas espelhavam no discurso jornalístico, o incômodo percurso feminino oitocentista. Revelavam a falta de autonomia jurídica e a pressão normativa que se impunha sobre a maioria delas, e que cobrava um preço demasiadamente alto, principalmente sobre aquelas mais vulneráveis. Não surpreende que, portanto, o único momento que aquelas mulheres de diferentes extratos sociais e étnicos seriam julgadas de forma similar, seria quando atentavam contra aqueles modelos de conduta, comportamento e padrões de feminilidade exigidos.

4.2 Desamores, desprezo e outros sentimentos vãos

Valéria Guimarães demonstrou, em sua pesquisa¹³⁰ que, no começo do século XX, os jornais paulistas, principalmente aqueles que publicavam *faits divers*, davam amplo destaque ao comunicado de suicídios motivados por desencontros e decepções amorosas. Essas tragédias urbanas caíram rapidamente no gosto popular, devido as suas nuances exageradas, constituídas, a partir de uma escrita melodramática, fortemente presente nos periódicos brasileiros.

Desenlaces brutais ou trágicos em relacionamentos já eram comuns desde os jornais oitocentistas, tal como a nota inicial desse capítulo nos faz compreender, acerca da união do médico estadunidense e de sua paciente. Uma das diferenças é que os assassinatos oitocentistas, ao contrário dos suicídios “por amor” que ganhavam repercussão por um senso de empatia ou pesar, apelavam muito mais para a curiosidade mórbida despertada pela extravagância e pela brutalidade do ato cometido, reencenado no relato do crime:

Vingança de um esposo. – Encontramos na *Correspondencia dos Estados Unidos* o seguinte horrroso facto:

¹³⁰ No livro “Notícias Diversas”, Guimarães (2013) destaca como aquelas narrativas sensacionais sobre suicídios podiam estar indiretamente associadas aos discursos científicos do período, sobre os grupos tidos como perigosos e sobre os quais recaíam a exclusão, a deslegitimação e a desconfiança dos setores mais abastados. Os suicídios por amor, apontavam não apenas para a crônica da violência cotidiana, eles direcionavam o olhar dos leitores para aspectos e grupos sociais que deviam ser policiados e controlados. Enquanto narrativa melodramática com forte apelo popular, aqueles relatos circulavam e aproximavam-se mais diretamente do grande público, onde, sem dúvida, não chegavam os teóricos ou, mesmo, o discurso presente nas colunas principais dos periódicos.

« Ha tempo, alguns pescadores de Veneza encontrarão, fluctuando sobre a agua, um individuo, sobre dois ôdres cheios de ar, que o impediam de submergir-se, e tendo ainda o rosto voltado para o céu.

Este homem, apesar d'isto, ainda respirava, mas não podia falar :¹³¹ da bocca sahia-lhe a lingua horrivelmente inchada.

O rosto disforme, o craneo e os nervos descobertos: era impossivel conhecel-o, o nariz e as orelhas tinham sido despedaçadas pelos bicos dos passaros marinhos, que tambem lhe tinham comido os olhos.

Transportado para o hospital, morreu sem poder dizer quem o tinha posto naquelle estado.

Apezar disso, as intelligentes pesquisas entre os hortelões das costas, derão o resultado de ser preso um homem Luiz Parmaschetti e seus dous irmãos.

Esses tres individuos confessarão immediatamente sem hesitação, seu crime e contarão o terrível drama que lhe dera origem, relação esta que foi confirmada por numerosas testemunhas.

Eil-a :

Luiz era um hortelão das lagõas.

Trabalhador e honrado, casou-se com uma mulher bonita, e era pai de uma menina de oito anos.

Um italiano chamado Theobaldo, aggregado ao seu serviço, ajudava-o a cultivar o seu jardim.

Este homem concebeu uma violenta paixão pela mulher de seu amo, e perseguiu-a com galanteios, de tal modo que a obrigou a contar tudo ao seu marido,

Luiz, furioso, bateu no criado e despediu-o.

Alguns dias depois, Luiz, segundo o seu costume, partiu perto da meia noite, na sua barca, afim de levar os fructos de seu jardim ao mercado, quando de repente sua mulher foi despertada por um ruido de passos.

Um homem com um punhal na mão, e sómente vestido com o calção de pescador, acabava de entrar por uma janella que tinha ficado aberta por causa do calôr. Aos gritos que deu a infeliz mulher, saltou sobre ella, ameaçando-a com a morte se pedisse auxilio, ella forte e robusta, defendeu-se energicamente.

A menina que dormia ao lado de sua mãe, despertou com o barulho, desceu da cama e escondeu-se debaixo. O barulho que fez, distrahiu um instante a attenção do criminoso, e a mulher poudo saltar fóra do leito. Desgraçadamente, para ella, depois da sahida de seu marido para o mercado, tinha fechado a porta com a chave e igualmente o assassino tinha fechado a janella por onde tinha entrado, de modo que a infeliz estava prisioneira e a mercê daquelle monstro.

Louca de espanto poz-se a correr para evital-o ao redor de uma grande mesa redonda, que estava no centro da casa.

O bandido com o punhal na mão, persegui-a. Alcançou-a por diversas vezes, mas, por um esforço sobre humano(sic), ella sempre lhe escapava. Então recorreu à sua arma.

Do primeiro golpe abriu-lhe a espalda direita, seguirão-se outros golpes, pouco depois o corpo da desgraçada estava crivado de feridas.

Ainda assim, ella continuava fugindo, supplicando ao assassino, que respondia com outras punhaladas.

Finalmente, ao ultimo golpe, o punhal penetrou até o cabo em uma das pernas da victima que, não podendo suster-se cahiu.

Alguns momentos depois chamado pela approximação do dia que começava a raiar, o assassino fugiu, deixando moribunda a infeliz mãe.

Petrificada pelo terror, a menina tinha visto e reconhecido Theobaldo. Quando este partiu, ella sahio debaixo da cama e pediu auxilio; mas, quando os visinhos, despertados pelos seus gritos accudirão; sua mãe, estava morta. O cadaver apresentava trinta e duas feridas espantosas.

Apenas Luiz regressou acompanhado de seus dois irmãos, poz-se na pista do

¹³¹ Neste capítulo aparecerão, de forma recorrente, trechos de fontes, em que a pontuação ou a acentuação se encontra deslocada, distanciada ou colocada de forma incorreta para os padrões contemporâneos. Assim, tentaremos modificar as fontes citadas o mínimo possível, deixando-as da forma original em que se encontravam nas folhas, quando foram publicados.

assassino ; acharão-n'ó ao anoitecer, escondido no meio de um monte de estrume que estava em um pateo.

Doudo pela raiva e pela dor, atirou-se sobre elle e deu-lhe tres golpes de forquilha no peito, enquanto seus irmãos lhe quebravão as pernas e os braços com uma barra de ferro que servia para fechar a porta da horta.

Feito isto, encherão-lhe a bocca de estrume, para abafar-lhe os gritos, e dispunhão-se a queimal-o quando um d'elles propoz faze-lo fluctuar sobre o Adriatico, para que fosse devorado pelos peixes e aves marinhas.

Deitarão-lhe azeite em cima da cabeça, para atrair as aves de rapina, e arrastando-o em seguida até á praia, atarão-n'ó ao bojo de dois grandes ôdres e atirarão á agua, de sobre a qual foi recolhido dois dias depois.

Os irmãos Parmashetti, para responder por seus actos, acabão de comparecer diante do tribunal de Veneza, que os condemnou a dez anos de trabalhos forçados; mas, consta que todos os habitantes de Veneza assignão um pedido ao rei Humberto, para que sejam perdoados.» (Cearense, 1879c, p. 2).

Essa longa narrativa se concentrava na vingança de um marido contra o assassino de sua esposa. Mas, a questão colocada ainda no início é a da honra, enquanto elemento de harmonia, senso de pertencimento e legitimidade social. Justamente por isso, essa notícia deve ter ganhado tamanho destaque. Um marido ultrajado pela corte de um empregado a sua mulher, permitia-se a desforra de sua raiva e de seus ciúmes sobre o seu adversário. E, de igual forma, via como legítima, a vingança diante do assassinato cometido posteriormente pelo mesmo fâmulos.

Honra na sociedade oitocentista era entendida de forma diferenciada. A honra dos homens tinha relação direta com a reputação deles diante da sociedade, sendo mesurada a partir de suas posições e atuações nos espaços compartilhados de trabalho, de convívio e de representação de poder. Ainda que pobres, esse senso de dignidade e de valorização era parte da identidade masculina.

Como defende Algranti (1993), a virtude masculina fora sempre considerada uma qualidade cívica e a honra, um atributo moral. Assim, o homem virtuoso não seria um homem casto, mas sim, aquele que fosse considerado forte e capaz de não se submeter às paixões. Já a honra era a boa reputação que o indivíduo do sexo masculino obtinha, quando tinha o reconhecimento de seus pares. Todavia, a honra feminina era intrinsecamente associada ao seu comportamento, sua moralidade e, sobretudo, ao controle de sua sexualidade. A mulher permanecia sempre atrelada à família. Ela deveria se manter submetida à tutela masculina e a sua honra refletiria a do(s) pai/parentes masculinos, no caso das solteiras e viúvas, ou a do marido, no tocante às casadas.

Portanto, cabia ao homem honrado a defesa de sua família, o sustento do seu lar e a representação de si e dos seus, diante dos outros homens. Da mulher honrada, demandava-se que mantivesse a sua reputação imaculada, sendo fiel e submissa ao marido, sem vícios e

assumindo a responsabilidade pelo cuidado do lar e educação dos filhos. Construindo assim o estereótipo da “dona de casa” de “boa moral” e “bons costumes”.

Na sociedade local oitocentista, ainda que as diferenças culturais e sociais existentes entre a capital e o interior da província fossem pesadas, o reconhecimento social dependia da aceitação, da estima e da reputação diante dos outros homens (Santos, 2012; Braga Júnior, 2018). Desse modo, quando surgia um questionamento da própria honra, ou da honra de seus familiares, havia o senso comum de que a violência era uma forma legítima e, mesmo, desejável de resolução do problema.

É bastante elucidativo que, no caso relatado, esse senso de honra foi continuamente reconstruído, reafirmado e celebrado no corpo textual da notícia. No caso da esposa, o perfil de fragilidade, de passividade e de incapacidade de reação, tão comum em outras estórias, era momentaneamente invertido. Afinal, a mulher de Luiz Parmashetti que, nem nomeada havia sido no relato, não só reagiu, não correspondendo aos galanteios do empregado do seu marido, como o denunciou. Ela, “forte e robusta” resistiu e “defendeu-se energicamente”, diante da agressão física e moral que sofrera.

Construía-se uma narrativa que denotava como a honra do casal fora desafiada e mantida pela reação de ambos frente a ameaça externa. A esposa se negara à traição e resistira bravamente aos avanços do sedutor e depois assassino. Já o marido, ultrajado, teve a sua ação direcionada primeiro a um castigo e, depois, a uma vendeta construída e justificável para a mentalidade daquela época. Ainda que relatasse um fato atribuído à sociedade italiana, muito daquele texto ia ao encontro da moralidade existente na província cearense da segunda metade dos oitocentos¹³².

Essa imagem da mulher honrada (pois resistira ao assédio de outro homem e preferira morrer a se deixar tomar por aquele, lutando até o fim) correspondia a imagem idealizada de esposa decente, leal e de boa reputação da época. Essa era uma imagem feita para circular pois denotava a coragem, o bom comportamento e a castidade conjugal preservada na mulher e aquela do esposo digno e de conduta reta que, apesar da transgressão à

¹³² Como adverte Pimentel Filho (1998), acerca da realidade cearense oitocentista, a obediência aos costumes e à manutenção da ordem foi uma poderosa estratégia de conformação à lógica de dominação e da perpetuação da hierarquia entre os diversos grupos sociais. Para o autor, mais que romper com o tradicionalismo, a reordenação político estrutural provincial ocorrida na segunda metade do século XIX, tratou de incluí-lo adequadamente sob os interesses de grande parte das elites locais. Assim, entende-se como a honra e a moral se tornaram elementos-chaves não apenas para o enquadramento das mulheres, mas para toda a sociedade daquela época. Elas foram insígnias de uma sociedade tradicional e categoricamente pontuavam uma escala de apreço e hierarquia dentro daquela comunidade. Embora, para as mulheres, elas pesassem ainda mais seriamente sobre o seu proceder mais íntimo, revelando como o discurso jornalístico entrecruzava-se com o jurídico e o religioso católico, na busca pelo escrutínio da vida diária das pessoas (Caulfield, 2005).

lei, fazia-o em nome da manutenção da honra familiar ameaçada e, posteriormente, atacada por outro homem. O crime, dele e dos irmãos, tinha a simpatia e anuência da população, como afirmava o jornal, visto que no senso comum da época, ambos os esposos haviam se comportado da forma correta e feito aquilo que se esperava deles naquela sociedade.

Essas imagens construídas naquelas notícias, circularam pelos mais diversos lugares, como bem se nota. Algo que tivera origem na Europa era republicado, através de uma nota estadunidense e circulava também em uma diminuta capital de província do Brasil. Isso posto, entende-se, porque a produção discursiva presente naquela narrativa já tinha se tornado cativa em diversas folhas oitocentistas. Isso não ocorria, como se pontuou no primeiro capítulo, de forma aleatória. Na verdade, operavam em uníssono com as instituições de controle locais, utilizando-se dessa produção narrativa, a fim de reafirmar normas sociais e costumes tidos como adequados, balizando o que deveria ser replicado e aquilo que não poderia se perpetuar.

Portanto, o olhar vigilante não agiu apenas a partir da repressão física ou da coação legal, mas também das tramas presentes naquelas notícias de crimes. Cercando os perfis criminosos, por meio do relato jornalístico, eles buscavam referendar a hierarquia vigente, garantindo a ordenação da sociedade e neutralizando aqueles(as) que se desviassem do caminho dos costumes e das leis. Essa busca pelo controle e pela ordenação da sociedade local oitocentista era notória no discurso político presente nos jornais. Porém, foi através da fabricação de notícias no molde dramático e extravagante do *fait divers* que se assentou, no senso comum, a ideia de que o crime e a desordem moral eram uma ameaça à sociedade como um todo.

Esses dramas de sangue, fabricados de forma tenebrosa e rocambolesca, moviam-se para além das fronteiras, fazendo o movimento contrário e chegando a atravessar o oceano e serem destacados em folhas europeias. A exemplo do periódico português “Commercio de Portugal” em 14 de outubro de 1892, ao qual enfatizava um desses relatos: “Um Crime Horrroso”, que descrevia o assassinato de uma mulher, cometido no Rio de Janeiro e que ocupava duas das três grandes colunas destinadas a rubrica “Noticias do Brazil”, naquele jornal.

O fato de existir uma nota dessas dentro da seção destinada apenas a publicar notícias vindas do Brasil, a qual era seguida de outra destinada ao restante do noticiário estrangeiro, além de uma derradeira coluna para as notícias locais portuguesas (“Secção Noticiosa”), faz acreditar que esses relatos macabros haviam firmado grande presença em muitos dos jornais oitocentistas:

– Acêrca da mulher esquartejada, descobriram-se já os restos do corpo, que faltavam, dando-se assim o caso:
 A's 9 e meia horas da manhã, a patrulha que rondava a rua da Saude viu muita gente agglomerada no extremo do becco João Ignacio, lá, bem junto ao mar.
 Entrou no becco e foi até ao grupo.
 Singular occorrençia!
 Um catraieiro, quando vinha para terra com o seu bote a remos, topara n'um volume, cujo envolucro era um sacco de aniagem. Passou-lhe o croque e puxou-o a reboque.
 Procedia-se á tiragem do volume do mar, quando a patrulha se aproximou.
 A consistencia do contheudo, a natureza do continente um sacco amarrado – levantaram suspeitas no espírito dos soldados, que não quizeram tomar por si resolução alguma a respeito de similhante volume.
 Um ficou e outro foi chamar a authoridade local.
 Veio o dr. Vaz Pinto, que, afinal, precisava agir n'esta importantissima diligencia, e mandou desatar o envolucro.
 Aos primeiros movimentos logo se manifestou um tal odor de putrefacção, brando, porque o cortume e lavagens de agua salgada o atenuavam muito.
 Aberto o sacco, deparou-se aos olhos dos circunstantes o espectáculo horrendo de uma cabeça humana, com cabellos encarapinhados, negros, em desalinho a descolarem-se do craneo immenso, deformado. [...] (Commercio de Portugal, 1892, n. p.).

O relato mórbido de um assassinato cometido contra uma mulher, republicado em Portugal, pode muito bem estabelecer um vislumbre sobre que tipo de narrativa criminal conseguiu atravessar, de modo mais vigoroso, a segunda metade do século XIX: a narrativa que expunha um crime atroz¹³³ e do qual, inicialmente, não se conhecia a autoria.

Esse assassinato já havia sido noticiado em 22 de setembro de 1892 pelo “Jornal do Commercio”, no Rio de Janeiro, que destacara que o inquérito aberto para apurar o crime seguia em “impenetravel segredo de justiça”. Contudo, pesquisas dos seus repórteres haviam descoberto determinados fatos: “o individuo pardo” que havia oferecido “carne de porco ao negociante José Rodrigues da Silva”, parecia chamar-se “José Valentim Sol-Posto”. Já a “infeliz mulher”, cujo corpo fora desmembrado, acreditava-se chamar “Maria Macedo”, sendo o “tronco de seu cadaver depositado na estufa frigorifica da Faculdade de Medicina” (Jornal do Commercio, 1892a, p. 1). Enquanto isso, a polícia continuava as suas diligências para encontrar o assassino.

Essa fora uma continuação de outra nota publicada no dia anterior (21 de setembro de 1892) e dava sequência ao caso de um corpo desmembrado, encontrado por populares e policiais e, que intrigara a população, acerca da identidade da vítima e da autoria de tão “horroroso crime”:

¹³³ Valéria Guimarães (2013) destaca que Machado de Assis, assinando a coluna *A semana* no jornal *Gazeta de Notícias*, comentara acerca desse fato em 25 de setembro de 1892. Segundo a autora, Machado apontava para o fenômeno que ocorria naquele momento em que o noticiário de crimes começava a se tornar entretenimento popular dentro dos jornais. A fórmula utilizada, o estilo folhetinesco, seria exposta pelo célebre autor como algo que já ameaçava concorrer em pé de igualdade com os folhetins naquela incipiente indústria cultural.

Hontem, depois da meia-noite, Balbino da Silva Dantas, soldado da brigada policial e ordenança do Dr. Vaz Pinto, delegado da 8ª. circunspecção, ao passar pelo largo do Depósito, encontrou na esquina da rua do Barão de S. Felix a patrulha que alli rondava e com ella esteve conversando durante algum tempo. Notando que um gato entrava e sahia repetidas vezes da bacia do chafariz existente no largo, Balbino chamou para esse facto a attenção dos companheiros.

Aproximando-se do chafariz, deparárão com um grande volume envolto em um sacco de aniagem, estando este dentro de um cesto.

Estabelecerão-se logo entre as tres praças opiniões diversas sobre o conteúdo do sacco, opinando o soldado Balbino que fosse um roubo de presuntos e as praças da patrulha que fosse carne verde ou restos de comidas de um restaurante situado no mesmo largo.

Passavão na occasião tres paisanos trabalhadores, um do Arsenal de Guerra e dous da estiva, que forão chamados pelo soldado Balbino para auxilia-los a retirar de dentro do chafariz o pesado volume. Accendendo estes ao pedido aquelle soldado suspendeu o sacco, pegando-o pelo fundo, e, com grande surpresa de todos cahio de dentro o tronco de um corpo humano, que reconhecerão ser de uma mulher, achando-se sem braços, pescoço, cabeça e pernas, das quaes só restavão as duas coxas.

Immediatamente Balbino mandou seus companheiros communicarem o facto ao delegado da circumscripção, ficando de sentinela ao cadáver (Jornal do Commercio, 1892b, p. 1).

A narrativa macabra acerca de um corpo esquartejado era colocada na primeira página de um dos maiores jornais da capital brasileira. Essa presença corrobora com a ideia de que essas narrativas estavam definitivamente se consolidando dentro da imprensa de finais do século XIX. Embora já revelasse algumas nuances e diferenças daquelas notas dos anos 1850-1880: a continuidade seriada do caso ao longo de várias edições, a referência ao trabalho investigativo de jornalistas sobre o crime e uma linguagem já bem mais fluída.

Todavia, eram os detalhes sangrentos que continuavam a ser o ponto de destaque dentro daquelas estórias. Pois, não apenas a folha carioca dera amplo destaque às minúcias sobre o estado do corpo recolhido, mas gradualmente foi acrescentando descrições meticulosas acerca de suspeitos, testemunhas e sobre o passado da própria vítima daquele extravagante crime. O ocorrido movimentara a atenção de grande parte do público, inclusive, na posição de informantes para os repórteres que estavam incumbidos de descobrir mais a respeito do andar das investigações em curso:

[...]

– Por um dos moradores do largo foi um dos nossos repórteres informado de que José Rodrigues da Silva, estabelecido com taberna a rua do Barão de São Felix n. 131, havia sido interrogado pela autoridade e que fizera importantes revelações a respeito do horroroso crime. Para lá se dirigio, obtendo deste negociante as informações seguintes:

Que, ante-hontem, às 9 horas da manhã, entrou em seu estabelecimento um individuo de côr parda, de altura regular, magro, barba aparada rente, com largo corte em uma orelha, já cicatrizado, acompanhado do cabo de esquadra do 1º. Batalhão de infantaria, de nome Manoel Gomes, empregado no Quarto General. Este, depois de ter bebido Paraty, retirou-se, ficando o outro. Pouco depois, ao

negociante foi proposto, pelo referido individuo, a compra de *carne de porco fresca* e por módico preço. Respondendo-lhe afirmativamente, no caso de ser de boa qualidade, retirou-se o individuo, voltando dez minutos depois, conduzindo á cabeça um cesto contendo um grande volume dentro de um sacco de aniagem. Arriado o cesto no interior do estabelecimento, disse ao comerciante o seguinte: – Você vai comprar carne boa e baratinha. »

Assim falando, rasgou a bocca do sacco deixando vêr as coxas até o umbigo de um corpo humano, que reconheceu ser de mulher. Aterrorizando-se com tal espectáculo, começou a lançar, correndo para os fundos do estabelecimento, sem ter tido tempo de satisfazer o pedido do individuo que, ao vêr o que conduziu, se fingio de horrorizado, pedindo que o ajudasse a levantar o cesto á cabeça, o que foi feito por um freguez que se achava, a esse tempo, presente.

Quando o negociante voltou do interior do estabelecimento, já não encontrou o individuo nem o cesto. [...] (Jornal do Commercio, 1892b, p. 1).

Destaca-se nessa parte da narrativa, a descrição física de um dos suspeitos de participar desse crime. A semelhança entre ela e as representações detalhistas de escravizados que fugiam e eram procurados, por meio de anúncios nos jornais, é gritante. Embora o período fosse outro, o suspeito era catalogado a partir da sua cor, aparência física, detalhes do seu corpo, onde traços peculiares eram destacados. Modo semelhante aos escravizados fugidos décadas atrás que, naquela época, como no caso do suspeito desse crime, eram associados diretamente à contravenção.

O relato denotava o trabalho de busca por mais informações, feito diretamente pelo jornal junto às testemunhas e revelava outro detalhe macabro: o oferecimento do corpo enquanto mercadoria para terceiros (no caso, carne de porco). Outro pormenor trazido pela narrativa era o fato do militar, que acompanhava o indivíduo com o cesto portando o corpo, ser conhecido da testemunha, ter voltado ao estabelecimento dele e ter-lhe questionado, “se tinha toucinho fresco e barato?” O que o jornal ainda não esclarecia era qual relação havia entre esses dois homens e a vítima daquele crime horrendo.

Esse detalhe esteve presente nos números seguintes daquele jornal carioca. Contudo, foi naquele exemplar português e, posteriormente, em um exemplar do jornal cearense “A Republica”¹³⁴, aproximadamente um mês depois do noticiamento inicial daquele crime, desvendava-se, em parte, o caso escabroso. O qual nada mais havia sido que um desenlace devastador para uma estória de autonomia feminina reivindicada, amor desprezado, amantes em conflito, orgulho ferido e uma confluência de péssimas decisões que levaram aquele brutal crime contra Maria Macedo.

Aqueles jornais haviam chegado aos fatos geradores daquela tragédia sangrenta. No jornal português, destacou-se o depoimento de Pedro de Oliveira Leitão, um dos suspeitos

¹³⁴ Jornal cearense oriundo da junção do jornal liberal “Libertador” e do jornal “Estado do Ceará” (antigo Gazeta do Norte) em 9 de abril de 1892. O jornal duraria até 1894 (Nobre, 2006).

do crime, conhecido pela alcunha de “cadete vagabundo”. Embora nas edições brasileiras pesquisadas, as palavras, “cadete, cadete baleiro e cadete-criolo” fossem os termos mais usados para descrever o suspeito.

No jornal português, o trecho destacado da notícia republicada do jornal “Paiz” apontava para o envolvimento daquele depoente:

rapaz de 26 annos talvez, um sujeito mal encarado, branco, de estatura mediana, cabelo castanho cortado quase a escovinha, [...] o qual tinha confirmado ter tido relações com a desgraçada victimada, e que teria sido espancado por um soldado do exercito, attribuindo a esta infeliz a origem de uma sova que apanhara (Jornal do Commercio, 1892c, p. 1).

Prometera, então, executar a sua vingança, mas que, segundo o próprio, teria sido só ameaça e nunca seria capaz de praticar “aquella malvadeza”.

Em outra edição do jornal carioca, o cabo Manuel Gomes havia sido interrogado pelo Chefe de Polícia e em seu depoimento dava mais detalhes sobre o crime. Dizia ele que encontrara com “Sol-Posto”, suspeito de cometer o crime, no dia “19 às 9horas da manhã e ele lhe perguntou, se queria compra carne de porco boa ou então se sabia a quem poderia vende-la”. O depoente afirmara que havia indicado o taverneiro José Rodrigues da Silva e, depois, dirigiu-se à sua casa. Quando retornou mais tarde, o taverneiro confidenciara que “Sol-Posto lhe havia levado um cadaver de mulher parda em ves de carne de porco” (Jornal do Commercio, 1892c, p. 1).

Dessa vez, era o cabo que tinha a sua descrição pormenorizada: “côr parda, alto, corpulento, de boa aparência; usa bigode e cavaignac espesso e tem olhar penetrante”. Assim como, uma mulher de nome Sebastiana “(de côr preta)” que, em seu depoimento, permitiu a polícia descobrir um dos coparticipantes do crime, “um indivíduo vendedor de balas conhecido pela alcunha Cadete”. Percebe-se que os três periódicos davam destaque aos aspectos mais lúgubres do crime, sendo o português, aquele que dava menos detalhes.

No entanto, o jornal carioca reforçava essas particularidades e, de igual forma, deixava patente que o crime envolvia pessoas de cor, tanto a vítima, quanto a maior parte dos algozes. E reitera-se, a narrativa era construída de maneira a reafirmar o pressuposto de que, enquanto pessoas pobres e pardas/negras, estavam associadas diretamente a violência e a criminalidade. Havia, sobretudo, nos jornais e nos relatos atribuídos à polícia, uma distinção no modo de descrever pessoas de cor e, mesmo, quando poderia ser tido como indiferente, como no caso de testemunhas, aquilo era enfatizado.

A folha cearense, “A Republica”, no dia 19 de outubro de 1892, por sua vez,

publicou o depoimento do principal suspeito envolvido naquele drama sangrento, “Themoteo Freire da Silva, amante da desgraçada Antonia Maria de Macedo a esquartejada”. “Facto horroroso, ocorrido no Rio”, o qual já era de conhecimento dos seus leitores:

Interrogado disse que realmente conviveu com Antonia Maria, a quem dedicára extraordinária amizade, não se poupando a sacrifícios de especie alguma para vel-a contente e satisfeita: que não obstante esta amizade, Antonia Maria não correspondia a ella, pois além de insultos que lhe atirava constantemente, soube que ella o deprimia em sua dignidade, sendo infiel á elle depoente, pediu-lhe e instou mesmo para que o deixasse e que lhe entregasse sua filha para tratar da educação desta, porque tinha muita pena de vel-a acompanhar uma mulher perdida; que por forma alguma podia dar conveniente educação a esta innocente creança; que não obstante esses pedidos feitos por mais de uma vez, Antonia Maria a nada cedeu declarando positivamente que não deixaria a elle depoente quaesquer que fossem as circumstancia(sic) e que o havia de perseguir por toda a parte; que em vista disto elle depoente encontrando-se em uma occasião na rua S. Jorge, esquina da rua do Hospicio com Pedro de Oliveira Leitão, vulgo cadete e com Sol-Posto, individuos estes que se acham prezos e que já vieram á juizo para serem acareados com elle depoente, pediu aos mesmos que o livrassem daquella mulher, Antonia Maria, fazendo com que não mais voltasse ella a casa d'elle depoente; que effectivamente no dia 18, seriam 8 horas da manhã, quando apresentaram-se em casa d'elle depoente os ,referidos – cadete e Sol Posto – dizendo lhe que estava elle depoente livre de Antonia Maria, pois que a haviam morto : que com essa noticia elle depoente ficou horrorisado [...] (A Republica, 1892, p. 1).

O jornal cearense não poupou esforços, nem espaço, para dar conta dos desdobramentos desse acontecimento infeliz. Como outras folhas, ele já havia iniciado¹³⁵ o noticiamento do assassinato de Maria de Macedo em outras edições. Agora, no entanto, encaminhava o depoimento do pretense mandante do crime, o companheiro da vítima. Um caso que permite elucidar muito sobre as relações tidas como ilegítimas e as suas dinâmicas naquele período. E, de igual modo, sobre como o noticiamento melodramático, típico do *fait divers*, sobrevivera e consolidara-se dentro dos jornais oitocentistas.

É chamativo o fato de o interrogado ser apresentado na notícia e afirmar no depoimento que não estava ligado a vítima em um casamento oficial, mas, ainda assim, exigir que ela tivesse comportamento similar à de uma esposa legítima. A fala dele diz muito sobre as práticas e normas dessa época, em que as mulheres, ainda que, em uniões informais, eram exigidas e observadas segundo os costumes oficiais e uma moralidade idealizada.

A relação de Themoteo (Timotheo) e Maria era, muito provavelmente, similar a inúmeras outras relações não formalizadas pelo Brasil oitocentista. Esse caso pontuava, novamente, a moralidade e sexualidade como um artifício de composição da honra feminina

¹³⁵ A folha cearense indicava que já tinha publicado a respeito do fatídico crime, mas o acervo consultado possui apenas duas menções diretas ao caso. É provável, contudo, que como em outros momentos o jornal tenha dado prosseguimento aos desdobramentos da apuração do crime, porém essas edições não estão mais disponíveis para consulta na atualidade.

e, por tabela, as consequências dela sobre a masculina. Embora, não fosse casada com o depoente que lhe “dedicara extraordinária amizade”, Maria o insultava, era infiel e não permitiu que ele tomasse a filha (da qual, as folhas inquiriam a paternidade). Ela rompia com os estereótipos de submissão, honradez, abnegação e bons costumes exigidos de uma esposa e mãe, mesmo que dentro de uma união informal, como era a desse casal.

Enquanto uma mulher pobre (trabalhava como “criada”), “parda escura e amasiada”, Maria que tinha uma união informal com Thimoteo e mantivera relações com Pedro, vulgo “cadete”, era vista com inúmeras reservas pela sociedade daquele período. Fora o seu comportamento afrontoso à moralidade e à condição de gênero que pesaram sobre ela e selaram o seu destino. Afinal, Antonia Maria de Macedo, construída nos jornais como vítima de um crime grotesco, era bem mais que um corpo inerte que fora despojado de inúmeras partes dispersas pelas ruas e no mar, as quais seriam posteriormente encontradas, coletadas e recompostas em uma mesa fria da Faculdade de Medicina¹³⁶.

Ela, Maria Antonia Cesaria da Conceição¹³⁷, o seu nome verdadeiro, descoberto posteriormente junto às pessoas mais próximas. Fora durante maior parte do tempo confundida com outra mulher, chamada Florencia Maria de Jesus, de alcunha Maria de Macedo, com a qual tinha em comum a condição social, a cor da pele e, talvez, passagens pela casa de correção e o consumo de bebida. O que se compreende, visto que o comportamento feminino era continuamente submetido ao escrutínio da justiça e da polícia. O que comprovam os depoimentos das testemunhas, as quais em diversos momentos foram questionadas acerca dos costumes e do comportamento de Maria Antonia.

Os homens envolvidos com a morte da vítima, Thimoteo, Pedro, Manoel e José Valentim pontuavam, ainda que indiretamente, a ousada autonomia e orgulho da vítima. Um fora o amasio preterido, outro o amante ocasional, surrado a mando daquela, quanto aos dois últimos, um teria testemunhado a surra dada ao segundo e outro era conhecido do mandante e executara o crime. Em seus depoimentos, eles tentaram reforçar a ideia de que a vítima não seria uma mulher séria, honrada e de bons costumes. O fato de a vítima não ser uma mulher

¹³⁶ O jornal carioca (Gazeta de Notícias, 1892) deu considerável destaque ao fato de que após uma autópsia meticulosa, o corpo dessa mulher fora detalhadamente descrito em seu processo de análise e recomposição antes de ser liberado para o enterro. O relato daquele crime tornou-se tão popular que mesmo uma planta da casa onde aquela mulher fora assassinada chegou a ser publicada em alguns jornais, demonstrando como o caso já havia dominado o cotidiano da cidade. Cf. Anexo D deste trabalho.

¹³⁷ Os jornais locais silenciam (talvez pela limitação das fontes conservadas) acerca da continuidade do caso, o qual seguiu de forma quase ininterrupta ao longo dos meses finais de 1892 e entrou junto aos autos de julgamento pelo ano de 1893, nos jornais cariocas. Eles permitiram fazer um pequeno apanhado do caso e chegar a algumas conclusões acerca do ocorrido. Embora isso extrapole não apenas o recorte utilizado nessa pesquisa como privilegie as fontes diversas das aqui exibidas, o caso ajudava por comparação a estabelecer certos traços comuns aquelas narrativas criminais da época e por isso foram utilizadas.

submissa aos desígnios masculinos e de não corroborar com a maior parte dos estereótipos idealizados, daquele período, pode indicar porque esse crime tão violento a acometeu.

Como pontua Rachel Soihet (2013), em seus estudos sobre mulheres pobres, maternidade e o trabalho nesse contexto, as mulheres de fins do XIX e início do XX, viviam no fio da navalha de uma moralidade institucionalizada em modelos das classes mais altas. Cercadas pelos discursos coercitivos da justiça e polícia, mas também pelos discursos moralizantes, religioso e, mesmo, médico científico, as mulheres mais pobres e racializadas eram as que mais sofriam, diante de demandas generificadas sobre os seus corpos, as suas moralidades e autonomias no espaço da cidade.

De modo semelhante, Magali Engel (2000) destacou, em parte de seus estudos que, os “crimes passionais” não eram uma exceção, mas uma característica desse período. Em ambos os estudos, pode-se encontrar pontos de consonância: aquelas mulheres vitimadas nesses crimes, geralmente eram pobres, de cor e, muitas vezes, mães solteiras e/ou vivendo em uniões informais.

É bastante esclarecedor que as testemunhas femininas do assassinato de Maria Antônia, quando chamadas a depor, fossem sempre questionadas e confrontadas sobre o comportamento da vítima, mais que o dos suspeitos: as relações com outros homens, o modo como se portava, o que vestia e sobre como ganhava a vida. Mesmo assim, em larga maioria, as mulheres depoentes não só confirmaram a relação entre ela e Thimoteo como algo duradouro, como também, destacaram repetidamente o fato de Maria costumar se vestir com extremo esmero e se trajar sempre de forma “decente”, procurando aparentar “boa figura”.

O que pode ser presumido não apenas como um esforço delas para criar uma imagem favorável da vítima diante das autoridades, mas que o conhecimento dos códigos morais do período pela população feminina mais pobre, sem dúvida deveria ajudar a sobreviver, pois a imagem daquelas pessoas também era alvo de escrutínio constante, dentro daquela sociedade. Até mesmo a aparência da vítima foi esmiuçada naqueles relatos, desde a sua cor “mais escura, cabelos encarapinhados”, até o fato dela ser mais alta que o seu parceiro, meros detalhes eram tratados, ora como suspeita, ora como curiosidade mórbida.

Seja como for, tanto o patrão como a maioria das conhecidas, companheiras e amigas da vítima, que tinham ajudado os jornais a devassar parte do passado de Maria Antonia, pareciam desconhecer as origens dela. O que não impedia, talvez por um grande senso de solidariedade entre elas, a afirmação quase incontestada de uma grande estima, da qual

a vítima desfrutava diante dos seus¹³⁸. Ainda que, alguns daqueles em quem ela confiara fossem diretamente responsáveis pela sua morte e que depoimentos apontassem um falatório que a vítima tinha sido morta, por não se sujeitar ao assédio daqueles homens em conjunto. Suspeita essa, prontamente combatida pelas testemunhas.

Mas, o que parece mais provável é que ela tenha sido vítima do desejo de controle que aqueles homens tinham. Apesar da vontade de se desvencilhar da união informal, em que se encontrava, fato apontado pelo próprio amásio, ela fora ao encontro de Thimoteo e, por consequência, da própria morte, pois buscava uma vez mais, a reconciliação, segundo depoimentos. Porém, sendo uma mulher que não estava disposta a ser dominada por seus parceiros, ela conseguira sobreviver, até aquele momento, ora enfrentando aqueles homens de frente, ora negociando a ajuda deles.

Foi por não se encaixar perfeitamente nesse jogo de gênero, formado a partir de idealizações, dentro de uma moralidade altamente restritiva, o motivo de ela ser morta/assassinada. Maria era uma mulher que desejava e lutava por uma vida melhor, mas que não se submetia, por completo, aos desejos e ao controle dos homens com quem convivia. Os parceiros dela se viam deslegitimados diante de suas ações: ela relegava o desprezo para alguns, já o enfrentamento para outros. A ousadia de manter-se livre das amarras e do controle masculino, atingiam aqueles homens de forma intensa. O crime fora o resultado trágico para os desacordos contínuos presentes naquelas relações.

Aproximadamente quatro décadas antes desse crime, os jornais cearenses fizeram grande alarde para outra relação desfeita de forma apoteótica através de um crime. A grande diferença era que o ato invertia os polos presentes no assassinato, enquanto o crime carioca pontuava uma relação de pessoas pobres e de cor, aqui tínhamos um casal interiorano, mas das camadas mais altas. Invertia ainda o gênero daquele responsável pelo crime, descrito como a maior das traições, o crime de Marica Lessa contra o seu marido, o Coronel Abreu:

Dia 21 de setembro de 1853

Possuido da mais profunda dór, e de horror pego na penna para noticiar-lhe o facto seguinte : hontem pelas 8 horas da manhã¹³⁹ foi assassinado o coronel Domingos Victor de Abreu e Vasconcellos com duas facadas no peito por dous feroces assassinos, que entrarão pela casa dentro , e ahi cravaraõ os punhaes , deixando a

¹³⁸ Chama bastante atenção a publicação de um obituário dedicado a Maria Antonia a rogo de uma de suas companheiras e (provavelmente) com ajuda de outras pessoas tocadas pela dor e perda causada por aquele crime infame. Como de praxe no período, mas comum aos grupos abastados, exibia-se um texto de considerável tamanho, indicando o luto e pesar pela vítima, o sepultamento do corpo bem como outros detalhes do funeral. Um derradeiro momento de demonstração de estima e companheirismo entre aquelas mulheres.

¹³⁹ O próprio jornal, em número anterior tinha divulgado a data errada do ocorrido e, posteriormente (29/09/1853), isso foi retificado e foram informados novos dados sobre esse crime: o crime teria acontecido no dia 20 de setembro, às 8 horas da manhã. Isso antes de receber a correspondência destacada acima.

pobre victima n'um estado lamentável, isto he, toda banhada em sangue , e com uma formidavel faca com dous palmos de cumprimento , e quatro dedos de largura ainda cravada no peito esquerdo não tendo os desalmados assassinos tempo de arrancar-a , por causa dos gritos do infeliz , que teve tempo de chegar à porta , e gritar – que o tinhão morto : à vista dos gritos do infeliz coronel , e da fugida dos assassinos o povo quasi todo em peso correo atraz de um dos assassinos , e teve a felicidade de segural-o ; logo depois de preso, passando pela porta do Dr. juiz de direito, este perguntou à elle, quem tinha mandado matar ao dito coronel , respondeu ao pé do ouvido do mesmo Dr. que tinha sido a mulher do coronel ; com essa emissão o Dr. ficou horrorisado , e mandou que dissesse em voses altas ; então o miseravel assassino gritou 3 vezes foi a D. Maria, D. Maria, D. Maria !!!!!!!!!!!

Nunca vi um facto tão horroroso na minha vida : he innegavel , que o Dr. Leopoldino he uma pessoa muito prudente , porem elle apenas soube da morte do infeliz coronel , e vio o seu feroz algoz , ficou como horrorisado : o povo todo da mesma forma ficou como desesperado para despedaçar o perverso , em pranto so queria vingança pelas suas proprias mãos , blasfemava contra a vibora da mulher do falecido ; e na occasiaõ da prisãõ o povo como que queria morder o assassino.

No interrogatorio o assassino confessou, que , D. Maria Francisca de Paula Lessa, mulher do infeliz coronel, tinha sido a mandante de tão cruel morte , promettendo uma boa paga , e livral-os de todas as accusações : tambem confessou que tinhaõ chegado na vespera do dia da morte ao escurecer e fiseraõ duas emboscadas até ao sahir da lua , porém não poderaõ pôr em execuçaõ os seus damnados desejos , não obstante avistarem sempre a sua victima , porque andava sempre acompanhada de pessoas de amisade.

Talvez que ainda ignore dos pormenores desse successo , por isso quero dar algumas informações a respeito : o coronel Abreu teve desconfiança , que sua mulher adulterava com um tal Senhorinho , sobrinho do finado coronel , e por causa disso separaram-se a mais de anno. Estavaõ tratando agora da separaçãõ de bens do casal , quando a fera mandou tirar a vida do infeliz esposo , para poder viver publicamente de amasia do peralta do Senhorinho.

O delegado supplente ajuntou o destacamento , e sahio para a fazenda Canafistula do coronel assassinado , onde mora a fera D. Maria Francisca, e consta que foi presa pelo delegado supplente , sahindo este para outros lugares da visinhança para ver se agarrava o Senhorinho e Francisco dos Santos, e até o presente nada de prisãõ d'estes. Supponho, que não serão presos , porque talvez tenham ido para longe.

Estamos a espera da presa, que há de entrar hoje. O promotor publico já deo sua denuncia ao juiz municipal para se tirar o processo. Acabam de entrar presos D. Maria Francisca , Senhorinho e mais um capanga.

Adeus ; boa saúde e felicidades (Pedro II, 1853, p. 6).

Tal qual já destacado no primeiro capítulo, esse crime repercutiu bastante dentro da província na década de 1850, portanto, ainda no início de muitas das folhas cearenses. Embora, a vítima fosse uma liderança interiorana do Partido Liberal, o crime não era resultado de contendas políticas. Ele escandalizava por ser uma inversão de valores, hierarquias e um choque contra a moralidade oficial, o que fazia com que o jornal “Pedro II”, conservador, publicasse uma narrativa parecida com aquela do rival, “O Cearense” – ambos os relatos sobre o acontecimento se aproximavam no tom e estavam em aparente concórdia, o que era bastante incomum¹⁴⁰.

¹⁴⁰ Aludimos à edição do dia 27 de setembro de 1853, do jornal liberal “O Cearense”, de onde retiramos o trecho utilizado no primeiro capítulo. O texto destacado foi publicado enquanto editorial onde o crime era descrito desde a sua rubrica como “mais um assassinato horrível” e tido, de certa forma, como signo do atraso e da barbárie em que estaria ainda mergulhado o interior da província. No entanto, era possível aproximar esses dois textos de folhas antagônicas na maneira como encaravam o crime e a pessoa responsável por ele, vistos sempre

Ambos reverberaram relatos do crime que demonstram como o discurso jornalístico da época reafirmava o lugar social da mulher, por meio daquelas narrativas. A fabricação melodramática e exagerada do crime havia sido estruturada, tanto na folha conservadora quanto no jornal liberal, a partir da correspondência de moradores da localidade. Nelas, via-se uma vez mais, como o crime cometido por mulheres não indicava uma ameaça apenas à paz social, mas sobretudo, à ordenação moral construída com a preservação dos papéis tidos como naturais de masculino e feminino.

Maria Lessa fora lida como adúltera e, através desse fato, mandante do crime. O que encarnava, provavelmente, os temores dos homens das classes mais altas da época, uma inversão da moralidade fabricada por eles sobre o corpo e o comportamento das mulheres. O estereótipo da mulher infiel, desobediente, descontrolada era a ameaça maior que o da assassina ocasional, pois desvirtuava, pelo seu exemplo, todo o conjunto da sociedade (Caulfield, 2000). Os termos utilizados no relato falavam muito sobre a periculosidade desse tipo de mulher. O texto publicado pela folha liberal retomava, inclusive, casos já enfatizados, também lembrados no começo desse capítulo (A Constituição, 1870c):

[...]

Que grande immoralidade lavra no paiz! Este anno o assassinato em todo Império tem tomado um incremento espantoso; e não só pelo n.º, como pela qualidade faz horrorisar , e estremecer a sociedade.

Na Bahia uma mulher, de boa familia, casada há muitos anos com oito filhos, deixa seo marido adormecer , e deita-lhe um taxo d’agoa a ferver na cabeça, com que o infilis enlouquece , e expira em poucos dias no meio das maiores dores.

No centro de Pernambuco um pai desnaturado assassinou barbaramente um innocente filho, só por que cahe de um cavallo bravo.

Em Quixeramobim a mulher do coronel Abreo , depois de 20 e tantos anos de casada manda assassinar o seo marido , e com que excandalo !

Este facto e de uma audácia que faz levar o terror a todas as familias, e reclama severa punição , sem o que sera preciso entregar a sociedade aos tigres (O Cearense, 1853a, .p. 1).

É notório que o crime feminino incomodava, como bem frisava esse trecho, mas era uma “qualidade” de crime específica que horrorizava e “estremecia” a sociedade. A inversão da ordem tida como natural nas relações: a cōnjuge traidora da confiança do parceiro, ou a progenitora cruel, em relação à sua prole, era o que escandalizava e espantava as elites daquela sociedade. Algo visto como sinônimo de barbárie e “audácia”, um verdadeiro atentado contra a moral e os bons costumes que, naqueles jornais, tanto se procurava defender.

Aquela sociedade tão “gravemente ofendida” por aquelas “feras, hyennas,

cascaveis e monstros” reclamava uma atitude das autoridades. E o fazia, utilizando um recurso já tradicional de associar aquelas mulheres com animais, monstruosidades e com a loucura, assim, desumanizando-as e distanciando-as do ideal de cultura, de racionalidade e de civilizações desejadas. Afinal, “o horror que se apoderava” daqueles homens, ao escrever aquelas narrativas, refletia o que para eles era realmente “a mais negra das traições, o crime mais injusto, horror dos homens”, o qual não mereceria “absolvição” (O Cearense, 1856, p. 4). Como bem pontuaria, um amigo da vítima, cerca de três anos depois, quando houve a formação do júri para o julgamento do fatídico crime.

O diferencial do crime de Marica Lessa¹⁴¹, como bem definiu Braga Júnior (2018), em sua pesquisa sobre criminalidade em Fortaleza no período, é que ela não era uma criminosa qualquer. Os próprios agentes da lei temiam que a sua influência na região, onde ocorrera o crime, pudesse interferir no processo. Ela tinha origem abastada e “família assás poderosa no lugar” (O Cearense, 1856, p. 4), como bem notava o texto d’O Cearense. Ideia reafirmada naquela nota publicada por um amigo da vítima, segundo o qual, “o dinheirinho com que pretendem fazer seu livramento” (O Cearense, 1856, p. 4), poderia evitar que a criminosa fosse presa. Assim, tratava-se de um caso mais raro nos jornais, o crime em que vítima e algoz eram, ambos, dos grupos mais abastados.

Como o fato se tornara notório desde o início, não haveria como ser escamoteado. Serviu, no entanto, para a reafirmação dos valores e da moralidade tradicional, sendo estes, mais uma vez, encampados pelo discurso jornalístico. A fabulação no molde melodramático trabalhava aqui para reafirmar, não apenas o efeito da criminalidade, mas principalmente, os papéis tradicionais de gênero. Por um lado, construindo narrativamente o marido como uma vítima indefesa em um crime escandalosamente cruel e vil.

De outro, a mandante do crime fabricada no estereótipo de megera ofensora dos costumes, adúltera e infame maior. Entretanto, Maria Lessa, como outras mulheres assassinas, nunca obtinha autonomia nessas histórias recontadas, suas ações eram residuais, a culpa era dela, mas pouco se dizia sobre as suas motivações e ações diretas na realização do dito assassinato. Permaneciam alienadas nos relatos que, em tese, deveriam destacar ações que as culpabilizasse de fato.

Sabe-se que o casal já estava em desacordo dentro da relação e em disputa notória pelos bens há algum tempo. Os dois maiores jornais na capital, já haviam até mesmo

¹⁴¹ Crime que ainda ressurge na contemporaneidade quando um dos jornais locais publica notícia sobre o caso infame. Em 08 de novembro de 2023, o periódico “Diário do Nordeste” destacou: “Conheça Marica Lessa, que virou livro ao ‘matar’ marido e foi presa em Fortaleza há 170 anos” (Falconery, 2023, n. p.).

publicado reclames de um e de outro, em clara discordância sobre as posses e sobre a situação matrimonial do casal:

A ABAIXO ASSIGNADA, SENDO CA-
sada com Domingos Victor de Abreu e Vasconcellos à mais de 25 annos, e achando-se separada do mesmo seu marido a 7 meses, tem tomado a deliberação de tractar de seu divorcio para poder levar a effeito a separação de todos os seus bens; e como queira acautelar qualquer fraude que possa apparecer da parte do mesmo seu marido, com supostos debitos , que nunca forão contrahidos em seu casal ; e evitar todo prejuizo e damno, que lhe póde resultar , até que possa ser realizado o divorcio ; previne pelo presente ao publico , que nenhuma pessoa d’ora em diante contracte algum negocio com o referido Abreu , sobre gados vaccum e cavallar , escravos , terras , e outros quaesquer bens pertencentes a seu casal, sob penna de se faserem responsaveis por os mesmos bens, ou seu justo valor , que protesta a annunciante haver de quem por direito lhe competir. Fazienda Canafistula em Quixeramobim 29 de julho de 1852.
Maria Francisca de Paula Lessa (Pedro II, 1852, p. 4).

Nota-se, Maria Lessa deixava patente a fragilidade do casamento naquele momento e a tendência diretiva do divórcio. A publicação de um anúncio desse tipo não era tão incomum, outros similares foram encontrados no período, mas esse era bastante incisivo e minucioso. A busca por salvaguardar suas posses e tentar garantir seus interesses guiavam a construção do comunicado.

De modo divergente, o exemplar do jornal, “O Cearense” que publicaria a narrativa do assassinato, destacou também uma resposta aquele reclame. No anúncio publicado e assinado pelo próprio coronel Abreu, havia a reivindicação de que o casal não estava em conflito e, que, não era objetivo deles dar seguimento na separação. O próprio coronel afirmava, “como dizia a lei”, ele, enquanto homem, tinha o poder de negociar os bens da esposa, já que era responsável pela fortuna do casal:

O abaixo assignado casado com D. Maria Francisca de Paula Lessa ha vinte e dois annos pouco mais ou menos, em todo decurso desse tempo tem tractado a mesma sua mulher com aquelle respeito, lealdade, zelo, e decencia que os casados se devem mutuamente, e por tanto não tendo dado algum motivo, pelo qual possa a referida sua mulher intentar o devorcio, de que falla seo annuncio enserida (sic) no periódico Cearense nº. 553 faz sciente ao respeitável Publico que é inteiramente chimerica, e destituida de fundamento essa sua pretençaõ, filha sem duvida do mal entendido capricho; assim como é igualmente destituida de fundamento a prohibiçaõ, que impõe para não se contractar com o abaixo assignado qual quer (sic) negocio a cerca de bens de seo casal sob pena de responsabilidade; porquanto sendo por direito positivo Divino, e humana o marido Chefe da familia, e o encarregado da administração dos bens de seo casal, podendo, e devendo com eles faser negociações proveitosas no cazal(sic), e por conseguinte atheal-os independente de outhorga da mulher, com restricção unicamente a cerca dos bens de raiz, preciso seria que a annunciante sua mulher podesse impor silencio as leis para por meio do seo annuncio tambem poder impor a sua prohibiçaõ. O abaixo assignado se julga incapaz de fingir debitos para defraudar os bens de seo casal: sempre costumou úzar da principal e tal vez (sic) única industria do Sertaõ, que é criar gados, e vendel-os, quando é conveniente; e pelo presente protesta perante o Publico continuar á úzar da

mesma negociação isto é, vender gados, vacum, e cavallar do seo cazal, quando for conveniente, e quando o exigirem as suas honestas, e licitas precisões; e assim obrará em quanto houver entre elle, e sua mulher a communhaõ de bens, ou separados judicialmente quo a adthorum.

Quixeramobim 20 de Agosto de 1852.

Domingos Victor d'Abreo e Vasconcellos (O Cearense, 1852, p. 4).

A busca pelo divórcio e pela futura separação de bens, parecia ser o intuito daquela mulher que, embora fosse de uma família abastada, dentro daquela sociedade moldada por uma moralidade tradicional, ainda teria dificuldades para obtê-los. A acusação de adultério, fosse verdadeira ou não, era uma forma de descredibilizar completamente uma esposa, ainda mais, durante um corrente processo de divórcio. Não admira, portanto, que o fizesse, sobretudo diante de um crime cometido por terceiros e imputados diretamente a mulher da vítima. Mas, soava interessante pensar em como os próprios familiares de ambos os lados dos cônjuges podem também ter se beneficiado com a morte de um e, a posterior, condenação da outra.

Sabe-se que gênero não era fabricado em suas marcações de forma semelhante em épocas diversas. Assim, a ordem normalizada naquele período estabelecia que homens e mulheres tinham tratamentos diversos também diante da lei. A autonomia feminina era pouco mais que um vislumbre, mesmo que ricas, quando casadas estavam submetidas à tutela do marido, o que incluía suas posses herdadas antes do matrimônio.

A conduta enquanto mulher casada era o que a definia, perante a sociedade, como mulher decente. A sexualidade dela era pensada como de usufruto exclusivo do marido, coisa que não era cobrada dos homens. De igual modo, o comportamento, a forma de vestir e de se expressar eram, continuamente, motivo de vigilância e comentários, para que não se afastassem dos costumes e das práticas toleradas.

As mulheres nessas estórias eram construídas enquanto personagens trágicos que tinham que cumprir um destino, praticamente cobrado pelas divindades, uma vez que não se via grande liberdade nos seus atos. Enquanto vítimas, elas sofriam as consequências das atitudes criminosas de homens que as encurralavam dentro de uma passividade artificial.

Já quando fabricadas como assassinas, elas eram despidas de toda humanidade, transformadas narrativamente em feras, loucas e monstros que não agiam com qualquer racionalidade. O relato do crime as fabricava como escravas de instintos, sentimentos baixos, quando muito um arquétipo da agente de um caos, ou da loucura aleatória que as possuía quase que por mágica. As suas motivações eram geralmente resumidas ao ciúme, a loucura, a imoralidade, a traição conjugal ou ao desespero:

Um acto de desespero – Lê-se no *Jornal da Tarde* de 21 de junho proximo passado: « A's 4 ½ horas da madrugada de hontem, o rondante da praça da Constituição, ouvindo gritos partiam do sobrado n.º. 17, (Stadt Coblenz) acudiu, e sendo-lhe dito pelo dono da casa, que se achava a janella, que uma grande desgraça ali se havia passado, entrou aquelle, servindo-se de uma chave que pelo mesmo lhe fora atirada, sendo n'esta occasião acompanhado por outro rondante e mais tres pessôas do povo. « Em um dos aposentos encontraram, deitada sobre uma cama, e banhada em sangue, uma mulher, que apresentava ferimentos em diversas partes do corpo. Um dos rondantes partiu immediatamente a communicar o facto ao commandante da estação, o Sr. Tenente Pedro Martini, que comparecendo logo, foi informado pela infeliz do que havia ocorrido. « Disse-lhe ella chamar-se Maria, e que se achava ao serviço d'aquella casa quasi a dous annos; que entretendo relações amorosas com um visinho, cujo nome não declararemos, sentio que ia ser mãi, e havendo communicado isto ao seu amante, este a repellira, declarando-lhe que nada mais tinha com ella. « A's 10 da noite de hontem, sentindo que era chegado o momento de ouvir os primeiros vagidos do filho que trazia em suas entranhas, recolheu-se no quarto e ahí, completamente só, deu a luz uma menina, cheia de vida. « Envolvendo a recém-nascida em um lençol, tomou-a nos braços, e seguiu com ella por um telhado íngreme e de zinco até a casa de seu amante, decidida a fazer pela ultima vez esta viagem, à que estava habituada, visto ter tomado a resolução de terminar seus dias. « Ao entrar na casa d'aquelle, foi repelida e, abandonando ahí a filhinha, retirou-se pelo mesmo caminho, porque tinha ido; mas, ao passar pela cumieira, cahio sobre a vidraça que cobria uma area, e despedaçando-a em parte, chegou ao pavimento terreo gravemente ferida. Não havendo perdido os sentidos, consegue galgar de novo a vidraça, passa por entre os vidros quebrados dilacerando de novo as carnes, e chega ao telhado. Arrastando-se com dificuldade, entra para seu quarto e deitar-se quasi exangue. « O dono da casa, ouvindo gemidos, dirigiu-se ao quarto, e encontra-a n'aquelle estado deploravel. « Foi então que, chegando à janella, gritou por socorro. « Sr. tenente Pedro Martins fez conduzir a infeliz Maria para a Santa Casa de Misericordia, e o recém-nascido para a casa dos expostos.» (A Constituição, 1874b, p. 4).

As estórias de sedução, abuso e/ou abandono eram comuns nas folhas da segunda metade do século XIX. No entanto, somente quando esses dramas terminavam de forma violenta ou trágica, os seus relatos se tornavam mais prolixos. Como se observa, os jornais, ao utilizar dessas tramas, reproduziam os parâmetros da moralidade do período e, mais que isso, eles produziam uma razoabilidade para as relações de gênero, enquanto reconstruíam aqueles percursos criminosos na fórmula insólita dos *faits divers*.

O drama de uma mulher pobre, provavelmente seduzida, abandonada grávida e posteriormente vítima de um trágico acidente, repactuava na narrativa inúmeros elementos do código costumeiro da moralidade oficial. A saber, uma sexualidade feminina controlada e só legitimamente exercida dentro do matrimônio oficial, a compreensão que a desonra feminina junto ao abandono de um amante, só deixava, como perspectiva, a morte e, geralmente, a culpa e a responsabilidade em atos desse tipo, recaíam sobre a própria vítima, na imensa maioria das vezes.

Como se percebe, os noticiários oitocentistas estavam alinhavando um caminho

seguro para as futuras colunas policiais. Entretanto, a forma emulada pelas folhas cearenses estabelecia um outro modelo de recriação de eventos violentos dentro do suporte jornalístico. Ao narrar aqueles crimes, o discurso jornalístico não fazia uma simples reprodução de um acontecimento criminal, ele fabricava uma naturalização do gênero, a partir de estereótipos que podiam habitar o senso comum de uma população, ainda imersa em atos de grande violência cotidiana.

Mulheres eram representadas aqui, enquanto uma fabricação idealizada por homens das classes mais altas daquela sociedade. Mesmo que a maioria daquelas personagens fosse uma versão estereotipada das mulheres pobres, elas eram confrontadas na sociedade e nos relatos com as exigências morais dos grupos abastados. Como lembra Pereira (2009), o discurso jornalístico, ao descrever a violência contra as mulheres, costumava deixar de lado referências espaço-temporais mais precisas. Em um processo de indistinção que terminava por naturalizar aquela mesma violência, ao subsumi-la entre uma grande quantidade de outros crimes e formas de violência.

As folhas oitocentistas instrumentalizaram, percebe-se, um relato que fabricava gênero, construindo impressões diferenciadas do sujeito criminoso e imagens específicas de honra e decência. A moral arraigada nos diversos setores da sociedade moldava os personagens femininos nessas narrativas, fabricando uma versão padronizada, fossem elas assassinas ou vítimas.

O discurso jornalístico, por conseguinte, não apenas reafirmou os valores e modelos, ele criava um espaço de representação oficial, onde o masculino e o feminino eram instituídos, através dessas tramas, enquanto um artifício discursivo que legitimava ou combatia determinados comportamentos e determinadas ações. A construção narrativa e a reafirmação das diferenças entre homens e mulheres eram incrementadas por aquele dispositivo que, não só posicionava experiências, bem como produzia percepções sobre o que era, ou não aceitável, dentro do projeto político defendido no período.

4.3 Sobre mulheres e lobos

A Sr.^a. D. Claudina Adelaide Guimarães Vieira de Castro tinha como dissemos, 21 anos. Seu pai, o Sr. Antonio Gonçalves Guimarães, era um abastado negociante portuez de livros, estabelecido no Rio de Janeiro, e há pouco tempo falecido. Deixou, cremos, que nove filhos de ambos os sexos e viúva. D. Claudina era senhora de educação e muito estimada dos seus. Como foi triste e cruel o seu fim ! Que ausencia de affectos na sua despedida da vida ! Que morte desapiedada! Oito dias antes da descoberta da carta que revelara ao preso a infidelidade de sua mulher e que elle surpreendeu casualmente, houvera uma tentativa de [ilegível/danificado] de amigos de Vieira de Castro que evitaram a realização da

fuga, prevenindo a policia e dando outras providencias, mas elle nada soubera. Assegura-se que depois da carta e de algumas confissões da pobre senhora, e sem que Vieira soubesse ainda de tudo, resolvêra ir entregal-a a sua familia no paquete do dia 13, e isso combinára, mas que sabendo depois o resto, e conhecendo domingo de tarde que não havia arrependimento, resolvêra então matar a esposa, o que executou, como é sabido. [...] (A Constituição, 1870a, p. 2).

“O Crime da Rua das Flores” compôs uma das mais afamadas estórias de amor, ciúmes, traição e crime nos periódicos. Logo, foi bastante exemplar o uso do relato do crime, já que poderia ser uma tragédia melodramática, bem ao gosto dos jornais oitocentistas. Produto de uma elaborada trama construída, por meio de um caso que ecoou em diversas folhas, na época do fatídico assassinato. Moldado através do desejo e do esforço considerável de esmiuçar e relatar a intimidade daquele casal, e de uma honra maculada que dera vazão ao crime, o qual seria reelaborado enquanto notícia e debate público.

Uma jovem esposa vitimada pelos ciúmes do esposo, fora construída dentro daquele enredo, uma trajetória de ascensão e queda, pois, apesar de nascida em uma família abastada, com notória educação e grande estima naquela sociedade, na ocasião de sua morte, devido aos meandros daquele drama, ela foi praticamente ignorada. Os “affectos” lhe foram negados na despedida como resultado de uma moralidade incisiva, a qual evidenciava que a infidelidade feminina, ao contrário da masculina, não só não era tolerada, como gerava ausência de empatia, mesmo diante de uma morte trágica como aquela.

Essa nota, em consonância com a fórmula narrativa própria dos *faits divers* criminais, destacava dramaticamente aquela tragédia conjugal. Porém, na sociedade cearense aqueles fragmentos de desdita e desolação fabricaram algo mais. Presentes em uma sociedade formada, a partir da brutalidade da colonização setecentista e presa, a contragosto das elites, em práticas e hábitos rústicos e “atrasados” do mundo rural, essas estórias davam continuidade simbólica, nas folhas impressas, à violência cotidiana que assolava a população comum no dia a dia.

[...]– Ao feixar desta soube que na ponta da serra, nos limites deste termo com o de Pacatuba houve uma carnificina horrorosa, resultando a morte de um individuo e ficarem dous com os intestinos abaixo. Logo lhes darei noticia circunstanciada desse facto.

É horrorosa a situação que atravessamos. Deus nos accuda.

Hospital de sangue. – Ante-hontem nesta cidade João Francisco de Souza esfaqueou barbaramente a sua infeliz mulher Maria Monteiro do Espirito Santo.

A victima foi recolhida ao hospital de sangue do Sr. Levindo.

Barbaridade. – Na quinta-feira á noute a patrulha da rua do Cajueiro levava presa para a cadeia publica a uma miseravel mulher.

A infeliz não era conduzida, mas arrastada pelos deshumanos soldados. Já bastante maltratada e quase nua, ella ajoelha e pede compaixão aos seus verdugos que lhe respondem com os pés no rosto.

Entre a immensidade de povo que assistia a essa scena de selvageria, achava-se o

novo subdelegado, que, a pedido de muitas pessoas que intercederam pela infeliz, mandou embora os malfeitores da policia, sem dirigir-lhes uma palavra de censura. (A Constituição, 1875e, p. 1).

Apesar de se autoafirmar na busca por compreender racionalmente as relações sociais, os veículos instituíram, na verdade, mais um espaço cativo onde o discurso subjetivo dos letrados tentava denunciar e enquadrar o crime. No entanto, transformava aqueles casos em narrativas moralistas. Não admira que, portanto, naquela sociedade, as personagens femininas elaboradas na escrita jornalística do crime fossem, geralmente, construídas como estereótipos, em rompantes de fúria, desespero ou dissimulação.

Aquele trecho do noticiamento do assassinato português, exemplifica bem, como os relatos dos dramas de sangue tomaram ares de tragédias épicas nas folhas locais. Sobretudo, quando envolviam personagens das classes mais ricas, gente importante caindo em desgraça ou em situações desesperadoras. Tornavam-se, pois, personagens a contragosto de seus pares naquelas tramas. Assim, o relato do crime atingia mesmo os privilegiados em suas nuances mais vívidas. Reconstruindo naquelas estórias, um abalo ocasional, na certeza daqueles que estavam acostumados a ver somente os anônimos presentes naquelas notas escarlates.

O destino dos Vieira de Castro exemplificava, de fato, como aquelas estórias eram tramadas em um esforço contínuo de construção narrativa sobre a desgraça cotidiana, em que a moralidade era uma chave interpretativa recorrente, sobretudo acerca do adultério feminino, visto como ato de grande imoralidade, desonra e perturbação social. Da mesma maneira, legitimava-se uma hierarquização de gênero sustentada pelo estereotipamento das mulheres em geral, já que, mesmo aquelas das camadas ricas, quando criminosas, permaneciam associadas a insensatez, leviandade e descontrole emocional, tidas como um entrave ao progresso dos costumes.

Equilibrar-se entre o apelo ao gosto popular pelas narrativas criminais e a sustentação desse dispositivo de coerção social, baseado em uma moralidade restritiva e de caráter religioso, fazia com que os jornais compusessem um artifício discursivo ambíguo, a partir do crime. Era preciso reelaborar o ato criminoso dentro da narrativa, mas era também necessário construí-lo como ato desestruturador da coesão social e do equilíbrio moral.

Caso daquelas mulheres cujo crime transgrediam as normas, a ponto de torná-las, não merecedoras de qualquer sentimento de cuidado, empatia ou, mesmo, pena. As mulheres criminosas e as desviantes eram colocadas na condição de perfil abjeto do século XIX. Porém, a mulher adúltera, a assassina do próprio cônjuge, assim como a infanticida, habitavam o

nível mais baixo da taxonomia da criminalidade feminina. Eram àquelas cujo relato deixava mais notório o incômodo e a preocupação das classes mais altas com o crescimento das ocorrências nos jornais:

Horriavel crime – Acaba de se descobrir em Romansvelle um crime horriavel.

Uma pobre criança de seis annos acaba de morrer, victima das mais dolorosas torturas e privações que lhe infligiu durante dois annos sua propria mãe. Ligava as mãos à criança(sic), espancava-a brutalmente, e não lhe dava de comer. Uma vez que a criança pedia pão, obrigou-a a mavalda a engolir uma porção de terra. Depois o monstro fechou a filha e deixou-a morrer à fome. A criança foi definhando. Havia quinze dias que uma vizinha ainda vira a pequenita mostrar a sua fronte esfomeada por entre as grades de uma janella. A vizinha deu-lhe um bocado de pão, que ella devorou. Depois não appareceu mais. A mãe afinal disse que a criança tinha morrido. Dois medicos vão verificar o obito. A pequenita estava estendida no chão sobre um sacco. Tinha um corpo coberto vermes e nas costas e peito tinha quatorze ecchymoses. A infame foi presa.

Infanticidio. – Da povoação da Canôa, temo de Baturité, escrevem-nos o seguinte:

«Em dias do anno passado Torquata Maria da Conceição, residente nesta povoação, deu á luz a uma creança, e para occultar a deshonna que d'ahi resultava ao seu credito de moça, matou a pobre recém-nascida.»

« O crime passou ignorado, mas ultimamente foi denunciado ao subdelegado de policia Daniel Fernandes de Moura que não poupou trabalho e diligencia para chegara (sic) ao conhecimento da verdade.»

« Assim mandando proceder a exhumação, encontrou no lugar que lhes fora indicado dentro da alcova da criminoso mãe, os ossos da creança depositados em um alguidar de barro e por baixo do mesmo vaso uma moeda de 200 réis e outra de 40 réis, tudo na profundidade de 20 centímetros.»

« Esta especialidade, no entender da infanticida, servia para esconder o segredo que confiava á terra.»

« A criminoso sciente do occorrido, negou a autoria do crime e fugio.»

« Entretanto existem duas testemunhas, uma de vista, que sabem de todo o drama.»

«O digno subdelegado prossegue nas diligencias que lhe compete fazer.» (Cearense, 1882b, p. 3; Cearense, 1882c, p. 1).

É perceptível que essas notas continuavam ocupando preferencialmente os noticiários ou as correspondências, o que denota uma construção de perfis, através de relatos compartilhados também com a população comum. A trama do crime era um espaço, onde se fabricava o estigma e a infâmia daquelas que mais se distanciavam das imagens idealizadas de feminilidade, conjugabilidade e maternidade, almejadas para o todo social.

Eram ao mesmo tempo a versão das fúrias mitológicas, contudo encarnavam também a figura da fera presente nas narrativas tradicionais populares. A mulher transformada pelo crime, em uma força destruidora da civilização e da moralidade, tão caros aquele grupo social que produzia e reproduzia textos sobre o crime nos periódicos. A circulação de textos, ora enaltecendo as qualidades, ou os dons femininos, tradicionalmente validados nas mulheres, ora destacando críticas que apontavam a proximidade delas com a natureza, ou com o antinatural, falava muito sobre como essas produções diversas, em colunas separadas, casavam, no seu objetivo de consolidar modelos e normas acerca delas:

Mulher ou monstro

Quid capit, capiat

A mulher será como a definem alguns, o ser mais perfeito entre as criaturas, será ella a criação transitoria entre o homem e o anjo, e o mais precioso tesouro dado por Deus para ventura do homem ? Sim; quando o seu coração é um abysmo de amor, quando ella se inclina para aquelle, que a busca para amal-a e querel-a, para aquelle, que precisa de seu apoio e protecção, quando ella tem um sorriso para todas as alegrias, uma lagrima para todas as dôres, uma consolação para todas as miserias, uma supplica para todos os infortunios, uma animação para todas as esperanças, quando ella comprehendendo a sua nobre missão na terra, quando ella prodigaliza a ternura, a solícitude, a protecção, as graças, o encanto, a ventura ou ao menos a consolação á vida do homem. Então ella deixa de ser um ente mortal, torna-se um verdadeiro anjo, a quem o homem devia falar de joelhos e com a cabeça descoberta. Para essas reselva(sic) Deus o Paraizo, com todas as suas inefaveis e infinitas venturas no céu.

Quando, porém a mulher, por uma aberração semelhante á dos cometas, afasta-se das veredas da honra, da virtude e da verdade, Satanaz converte-a em verdadeira víbora. Sua lingua assemelha-se á da serpente, seus olhos aos do basilisco, seu humor ao das gatas, sua astucia a do macaco e suas inclinações ás da coruja, como diz Sticotti.

A malicia semeada pelo Rei dos negros antros no coração de uma mulher dessas, multiplica-se e cresce como a gramma nos campos, e então ella torna-se mais terrível, que os diabos de Milton, que a violencia das ondas, que o sopro do fogo, que o turbilhão das torrentes, torna-se funesto artista do mal servindo-nos da dicção de Euripedes.

Uma mulher desta ordem, quando se torna um velho seio ressequido e esquece, que nestas seis palavras: –Amante, filha, irmã, esposa, mãe e avó – é que o coração humano encerra, o que há de mais sagrado, mais suave, mais puro, extatico e inefavel na terra, tornão-se verdadeiros monstros, e então ellas podem ser comparadas á pantera, aos reptis e á víbora, como o fazia Aristoto.

Retif de la Bretonne, diz, que a vida da mulher é uma longa dissimulação.

Há na nossa sociedade mulheres, que andão curvadas ao pezo de uma virtude forçada, mulheres que se revertem de um certo ar de humanidade, essa virtude dos idiotas, que quasi sempre é a mascara da hypocrisia. Oh ! não vos fieis nas apparencias. Ellas so lamentão, fingem-se carinhosas, caritativas e boas.

Estudae-lhes o character *sui generis os costumes domésticos* a linguagem. Notae a contradicção manifesta de todas as suas asserções. Vêde como ellas maldizem de tudo e de todos, até das castidades as mais delicadas, até dos próprios filhos.

Uma mulher destas traz sempre impresso na fronte o estigma dos culpados.

Em todos os animaes da criação, desde o cão até a mulher, o coração de uma mãe é sempre uma cousa sublime.

Nem sempre ! Porque podemos apontar-vos com o dedo mulheres, que se esquecem que o coração de uma mãe deve ser um foco de amor, acceso por um raio divino.

EssasNão ha cores, com que se possam pintar, não ha palavras, com que se possam descrever. Ellas tem mais maldade no coração, do que estrellas tem o céu, do que peixes tem o mar !! De mulheres só tem a forma, por dentro são harpias. Para estas mulheres remorsos, sem vergonha, e a quem parece que Satanaz marcou a fronte com o estigma do opróbio, a execração dos homens e a justiça severa do Creador. *Nemo*. (A Constituição, 1865d, p. 3).

A identidade feminina, aqui elaborada, surgia a partir do já convencional jogo comparativo de bem *versus* mal e superior *versus* inferior. Procurava dar continuidade a um catecismo leigo, feito rotineiramente pelas folhas locais, sobre a importância, o significado e a forma correta de se exercer os papéis sociais femininos. Esses textos reforçavam uma noção de feminilidade oriunda de modelos essencialistas já tradicionais, em que as mulheres eram

associadas a uma natureza diversa da masculina. Nessas, elas eram sempre definidas e identificadas a partir de aspectos do mundo selvagem ou do sobrenatural. Portanto, eram diretamente alienadas da condição comum de humanidade.

Quando associadas a um desempenho idealizado de seus papéis familiares e conjugais, eram representadas como seres superiores, angelicais. Conduzindo a vida, com base em um amor supostamente incondicional e missionário, em que as inclinações de sua alma a aproximariam dos anjos e da perfeição, próprios do sagrado na tradição cristã católica. Ao passo que, quando se afastavam desses modelos de castidade, de preservação da honra e da virtude materna, tornavam-se aberrações monstruosas.

Essas, seriam mulheres, cuja “ordem” era tida como arauto da dissimulação e da perfídia, visto que, ao se distanciarem dos modelos de abnegação e deixarem a “maldade” as dominarem, esquecendo-se de “sua missão”, eram apenas seres em forma de mulher. Permanentemente, marcadas pela malícia e astúcia, revelando, finalmente, a monstruosidade inata, tal qual uma mácula do próprio mal em seus corpos:

Que mãe desnaturada !

Ha crimes tão revoltantes, perversidades tão extraordinarias que custam a acreditar mesmo vendo-se claramente provadas. E’ deste genero um crime que acaba de ser punido pelo tribunal de Paris. Uma megéra, Maria Hogeli, martyrisou durante uns poucos de annos uma filha, até que a matou.

Foram provadas no julgamento as maiores atrocidades. Todos os dias a pobre criança era espancada brutalmente. Quando a megéra se cansava de lhe bater, queimava-a com tições e ferros em braza. No inverno mettia-lhe a cabeça em agua gelada e só d’ahi a tirava quando ella estava quasi asphyxiada. Passava mezes com os pés e mãos amarradas aos quatro cantos de um catre, quasi sem comer e sem roupa para se cobrir.

Interrogada a megéra no tribunal, confessou cynicamente todos os martyrios que tinha infligido á desgraçada creança.

- E’ verdade que a teve *crucificada* no leito, nua e quase sem alimento ?

- E’ verdade.

- E por quanto tempo ?

- Quinze mezes talvez ! Mas aquelle demonio era tão duro, que ainda assim não morria. Resistia a tudo.

- E então matou-a ?

- Mas custou ! Por tres veses a quis afogar com travesseiros, mas o diabo resistia sempre. Parecia-me que estava morta e d’ahi a pouco principiava a grunir. Afinal, porem, sempre foi !

O tribunal e o publico estava(sic) horrorisados. A defeza quiz fazer passar esse monstro por uma hysterica irresponsavel, mas não o conseguiu. A megéra foi condemnada a trabalhos forçados por toda a vida (Libertador, 1890, p. 3).

Aqueles textos, assim com o *fait divers* da mãe infanticida, foram comuns nas últimas décadas do século XIX. Eles preenchiam um espaço específico para um determinado tipo de trama demasiadamente cara à sociedade oitocentista: o relato exemplar. A proximidade com os moldes moralistas e tradicionais da literatura religiosa revelam trocas

entre a escrita leiga e aquela presente nos documentos, ou no jornal oficial do bispado cearense. Uma narrativa construída com um notório objetivo de instruir as elites sobre os valores, os comportamentos e as práticas a serem cultivadas pelas mulheres abastadas. Mas, também, daqueles gestos, atitudes e costumes que deveriam ser combatidos, inclusive nas mais pobres.

Naquela sociedade que tinha a decência como uma das suas maiores preocupações e a maternidade como função feminina primordial, entende-se como esses textos confluíam em um objetivo único de reafirmar códigos, posturas, ao mesmo tempo, em que cumpriam um propósito de elaborar uma narrativa acessível para o maior público possível. Os periódicos fabricaram, naquelas narrativas, um lugar para as sensações ambíguas, movendo-se conjuntamente com outros dispositivos de coerção e de coesão social. Ainda não eram colunas de sensacionalismo, pois elas não conseguiam ser uma parte independente ou fundamental para a estrutura daquelas folhas, contudo, fabricavam relatos marcantes que se encaixavam nos propósitos instrutivos e no projeto civilizatório das classes mais altas.

Acostumados com esse tipo de narrativa, a maior parte do público leitor, geralmente parte dos grupos mais abastados, devia acreditar piamente que era necessário reforçar os atributos femininos e que, esses textos, eram uma forma de contribuir com o progresso dos costumes e, indiretamente, com a instrução da população comum. Afinal, o tom professoral como eram confeccionados, refletia bem essa aspiração naqueles homens das elites, a pretensão que podiam e deviam ensinar aos demais, como ser e agir corretamente em sociedade.

Homens que não poupavam também, aqueles pares que ultrapassassem os limites tolerados de uso “pedagógico da violência”, abusando descontroladamente das suas esposas ou familiares. Pois, embora recorrentes nos mais variados crimes, os personagens masculinos só eram construídos sob a pecha do “monstro”, ou da “fera”, quando transgrediam, em maior grau que as mulheres, os limites da decência ou da moralidade exigidos.

Malvado e bem malvado. – Lê-se na *Ordem* de Baturité, nº. de 28 de Novembro corrente :

« Está-se concluindo o processo do monstro Antonio de Freitas Juvenal, por defloramento forçado em suas tres filhas, Maria, Floresbella e Raimunda ; da primeira teve um filho, a segunda já é falecida, e a terceira é de menor idade. Este monstro, além destes crimes, assassinou a infeliz retirante de nome Maria, com barbaros castigos, por se não sujeitar aos seus instinctos brutaes.

A denuncia foi dada pelo digno promotor publico á pedido de Francisca Sabina da Conceição, mulher do monstro.

Que féra ! que desalmado ! Todo rigor das leis será pouco para expiar tão grandes crimes, e castigar este monstro. Que pae ! ! ».

HORROROZO INFANTICIDIO.

Em dias do mez passado teve ligar em Villa Viçosa um infanticidio, que revella a maior perversidade: um sapateiro de nome Vital de Souza sabendo que uma sua filha (que julgava honesta) estava grávida, e já com dores de parir, lança mão de uma espingarda e a obriga naquelle estado á descer a ladeira da serra, mas pobre rapariga entre mil afflicções concluiu seu parto antes que acabasse de descer: então seu bárbaro pai pega da criança recém nascida e a arremessa do talhado da serra abaixo, privando-a assim do baptismo, e fazendo de seu tenro corpinho pasto dos urubus ! Não satisfeito o deshumano obriga a filha a subir a ladeira correndo, mas a infeliz, exausta de forças, cahiu sem sentidos. Até o momento de nos noticiarem tamanho crime, nada tinha sofrido seu author; esperamos porém que nossos amigos de Villa Viçosa não pouparão esforços para que não fique impune tanta atrocidade.

Facto Monstruoso

Com esta epigrapho o « Jornal do Recife », de 27 do passado publicou o seguinte :
O factio, que cahiu hontem sob o domínio público e que está sujeito á averiguações é tão monstruoso, que revela a maior perversão moral, ou a alteração profunda das faculdades mentaes, que os médicos-legaes denominam a loucura erotica.

No dia 21 do mez passado chegou á esta cidade e hospedou-se no Grande Hotel, á rua do Commercio, o Dr. Balthazar da Silva Carneiro, advogado em Campinas, rico e de extensa familia na província do Rio e de S. Paulo, acompanhado de uma filha de 11 annos de idade, de nome Germana, parecendo ainda creança, mas interessante, de cabellos louros, olhos azues, delgada, revelando nos gestos e na voz uma certa ingenuidade infantil, intelligente, usando de vestidos meio curtos, e sem ter ainda o desenvolvimento das formas, que revelam a mulher. O Dr. Balthazar vinha á esta cidade por motivos de moléstia, uma forte nevrálgia, tendo, além de advogado, tomado parte saliente na campanha abolicionista em Campinas. Revela se um homem intelligente, conversando proficientemente sobre varios assumptos, e representando cerca de 50 annos de idade, de cabellos e barbas grisalhas.

Chegando é (sic) a esta capital o Dr. Balthazar e sua filha Germana foram habitar o mesmo quarto, que é o de n.º 6 do 2.º andar do Grande Hotel.

Durante todo o mez de janeiro e até o dia 18 deste mez o Dr. Balthazar só attrahiu a attenção dos moradores do hotel pela sua posição.

Morando junto ao quarto por elle occupado, uma mulher de nome Santina Soares de Oliveira, notou esta nestes ultimos dias, que do quarto do Dr. Balthazar partia um choro abafado, queixas surdas como de quem rebellava-se á alguma violencia, mas que não tinha coragem de reagir e gritar. Dominada pela curiosidade e nada podendo ver pelo buraco da fechadura da porta, existente na parede, que divide os dous quartos, lembrou-se de fazer um orificio na mesma porta, afim de devassar o que se passasse no quarto contiguo ao della. Feito o orificio e na o occasião em que os mesmos protestos surdos fizeram-se ouvir, Santina de Oliveira applicou o olho ao orificio e observou no quarto do Dr. Balthazar um quadro de uma lubricidade bestial provocado por elle em sua propria filha, e do qual nos dispensamos «propter pudorem» de fazer a descripção.

Como Santina de Oliveira, outras pessoas, ás quaes contou ela o factio monstruoso, viram o mesmo quadro pelo referido orificio aberto na porta.

Desconfiado por palavras vagas, que já ouvia dos hospedes e pela presença no hotel do Dr. Delegado do 1.º districto desta capital, o Dr. Balthazar pretendia hontem embarcar no vapor «Ville de Ce[ilegível]á» com destino ao Rio de Janeiro, para o que já havia comprado passagem. O embarque, porem, foi obstado, sendo elle chamado á comparecer perante o Dr. delegado, que havia sido informado precisamente do factio.

O Dr. Balthazar Carneiro recusou-se a responder á qualquer pergunta, declarando enfurecido que nada responderia, uma vez que a policia havia começado pelo fim. O Dr. chefe de policia mandou que elle fosse recolhido ao estado maior do quartel de policia, o que immediatamente realizou-se. [...] (Cearense, 1880, p. 3; Pedro II, 1850c, p. 3; A Constituição, 1889a, p. 1-2, grifos do autor).

Essas três notas permitem perceber determinadas nuances do crime masculino,

típico dos oitocentos. Afinal, mesmo que publicadas, uma no começo e duas outras, ao final da segunda metade do século, essas histórias comunicavam sobre como o crime contra a honra feminina, mas, sobretudo infantil, podia se constituir como escandaloso por excelência. Tendo lugar e grande destaque dentro das colunas jornalísticas de jornais liberais ou conservadores.

Enquanto o adultério e o infanticídio ajudavam a fabricar o perfil feminino de maior infâmia, por subverter o estereótipo de maternidade; o abuso e o estupro cometido por um pai eram responsáveis por ultrapassar a fronteira de uma violência grandemente denunciada, mas ainda, bastante recorrente e tolerada na sociedade. Ela foi quase incontornável nos oitocentos, por mais que o discurso moralista bradasse nas folhas locais, a brutalidade desses crimes já povoava constantemente as correspondências de leitores do interior da província, bem como o noticiário da capital.

No segundo e, sobretudo, no terceiro texto, determinados detalhes deixavam notórias, como eram tratadas as personagens nessa tipologia de delito e a sua narratividade pelos jornais. A diferença de classe dos autores do crime, forçava uma hábil costura no perfil do criminoso, com a nítida intenção de destacar a diferença e lugar social do crime. A classe social, a cor e, muitas vezes, o passado delituoso eram destacados nessas histórias. Contudo, como se vê no terceiro caso, o jornal quando atestava origem, família e profissão, revelava um recurso disposto apenas aos grupos abastados. E como fica patente naquele relato, o ato era considerado monstruoso, não seu executor.

Todas essas histórias expunham um pai abusador de suas filhas, mas, enquanto, no primeiro e no segundo caso, o abusador era exposto direta e rapidamente no texto, ocorria o inverso no terceiro. Nele, a própria diferença entre o adulto e a criança eram mostrados de forma dúbia, ora destacando aspectos que referendavam a ingenuidade e conformação física, próprio de um corpo infantil na pessoa da filha, noutros, apontava indireta e tortuosamente para a roupa usada pela menina, a idade dela, os seus gestos e a “voz interessante”, embora “não tivesse ainda formas de mulher”. O ideal de beleza branca europeia reforçados na cor dos cabelos e dos olhos, indicavam a reafirmação de uma beleza perigosa, pois sedutora aos padrões daquele período.

Em uma época, onde mesmo nos lugares de hospedagem, o contato entre as pessoas costumava ser ainda muito próximo, chama ainda atenção o papel tido por personagens coadjuvantes naquela narrativa. O abuso foi construído aqui como uma trama de alcovitagem, onde quartos contíguos levavam a descoberta de um crime que feria mortalmente a imagem de honra e boa moral, mesmo de um homem de posses. Porém, o fato de essa nota ser publicada na primeira página, de um dos maiores jornais da província, indica

como esse crime não apenas havia circulado, no entanto, destinava-se a lembrar aos cearenses, mesmo os poderosos poderiam se enredar em tramas perigosas, se caíssem nesse perfil criminoso.

Durante toda essa estória, o tratamento dado ao acusado é particularmente diferente de outros casos catalogados ao longo da segunda metade do século. Muito provavelmente, por ser um crime que teve testemunhas e que foi levado adiante pelas autoridades. Fato que acontecia geralmente sobre homens pobres e autoridades de menor expressão, mas que pouco atingiam homens destacados nos grupos de elite. Como já dito, somente quando geravam escândalo notório e indiscutível é, que, casos como esses iam adiante na justiça.

Essas estórias geralmente acompanhavam outras notas sobre violência masculina, como espancamentos, lesões corporais e assassinatos. Quando levados diante da Justiça, esses homens muitas vezes buscavam justificar seu ato de violência, alegando “perda de sentidos” e terem agido sob uma “paixão incontrolável”. Nesses termos, convém lembrar Sueann Caulfield (2000), segundo a qual, a sociedade brasileira de fins do XIX e começo do XX, buscava associar conceitos de honra e civilização com o progresso material e simbólico da nação.

Não à toa, como bem salienta a estudiosa, nesse período a honra sexual feminina era tida como base da família e, essa última, a da própria nação. De sorte que, sem uma moralização da honestidade sexual das mulheres, haveria dissolução familiar, fragilização da sociedade e o caos social. Estabelecida em um conjunto de normas que se afirmavam naturais, essa lógica sustentava a manutenção de relações sociais desiguais de poder baseadas, não apenas em uma hierarquização de gênero, mas de raça e classe (Caulfield, 2000).

Daí se entende que, a publicação dessas notas extravagantes sobre abuso infantil, tinha uma motivação: reafirmar e valorizar a honra feminina, como um bem simbólico a ser preservado pela sociedade e pelas famílias. A presença daquelas notas e a construção do criminoso sexual, como uma ameaça à ordem social, era parte desse projeto oitocentista de defender a manutenção da honra feminina, tido como sinônimo de moralização social. Ferreira (2014) pontua, no seu estudo sobre crimes sexuais em Fortaleza, no início do século XX, como o sujeito criminoso, bem como a própria vítima, eram cuidadosamente fabricados nas folhas periódicas, a partir de determinados recursos e fórmulas narrativas.

Atayde (2007), trabalhando em um tema correlato, o de infanticídio, trata como aquele crime era, não apenas recorrente, mas, algo trabalhado de forma diferenciada nos jornais e nos documentos criminais. Crimes que revelavam, não só um abuso de

desconhecidos, mas de homens da própria família, muitas vezes, mexendo com as estruturas morais da comunidade. Sendo os jornais um mecanismo importante na fabricação de uma publicidade punitiva sobre aquelas pessoas.

As mulheres eram as vítimas e as pessoas que mais sofriam com esses abusos. Ademais, eram as mais prejudicadas, não somente pelo crime em si, mas pela pecha que se criava sobre elas, enquanto vítimas de um crime, tido como infamante, ao qual gerava desonra e descrédito, dentro da comunidade a que pertenciam. Os homens que eram raramente punidos, na maior parte dos casos, tinham muito mais a perder, quando a família, de fato se vingava diretamente ou, como no caso destacado, na terceira nota, era uma pessoa de destaque, dentro dos grupos dominantes, passava a ser vista, como uma pária social.

As jovens, crianças e, mesmo, mulheres idosas eram tidas como vítimas potenciais, sendo, muitas vezes, os seus corpos e as suas honras, construídos de forma estereotipada ou duvidosa nas notas jornalísticas. Nota-se que, mesmo o estupro tornara-se um crime rotineiramente narrado através do *fait divers* e utilizado até mesmo na crítica política como se observou em uma descrição presente, no primeiro capítulo¹⁴². Porém, era também aquele que, junto ao infanticídio, não tinha seus detalhes atenuados na escrita. Exceção feita, tal qual vê-se no caso anterior, quando gente dos grupos mais ricos estava envolvida. A escrita grotesca¹⁴³ cabia para narrar o destino dos pobres, negros e mestiços, a dos membros das elites, somente quando interessava atacar os adversários políticos.

Um recurso editorial que dinamizava um suporte extremamente estático, visto que a construção dessas narrativas nesse modelo conseguia fazer essas estórias ultrapassar a fronteira, não só das vilas, mas viajar o mundo. Essa forma de fabricar o crime, de maneira a destacar o acontecimento, quase como incontornável, uma tragédia destinada a se cumprir da pior e mais sangrenta forma possível, tornou-se corrente. Neles, as pessoas, sobretudo as mulheres foram fabricadas enquanto personagens que tinham que lidar com a realidade trágica de seus próprios infortúnios:

Crime horroroso. – Lê-se no Brazil, jornal de Lisboa.

« Vamos dar conta do crime mais assombroso e mais horrível dos tempos modernos, crime para o qual chegamos quasi a sentir que houvesse comutação de pena, tão

¹⁴² Refere-se ao ataque de um soldado a uma jovem mãe e a criança de poucos meses, destacado no texto do primeiro capítulo (Cearense, 1873b).

¹⁴³ O abuso/estupro infantil ou de jovens meninas foi correntemente noticiado nos jornais em termos bem diretos e bastante crus. A menção a crianças e, mesmo, bebês atacados foi comum ao longo de toda segunda metade do século. Crianças deixadas a beira da morte ou corpos demasiadamente ensanguentados, construíam narrativamente os traços de um ato grotesco e indecente que se desejava denunciar e combater diretamente, pois a ameaça a honra feminina e a segurança da família eram temas caros aos “jornalistas” do período e esse crime ameaçava diretamente não só os mais pobres como se nota do crime destacado anteriormente.

execrando foi. Encontramol-o nos jornaes estrangeiros:

Em Kun Madaras, logarejo da Hungria, vivia uma família que não se distinguia pela boa harmonia que reinava entre os conjuges. Um dia desapareceu do lugar o marido, chamado João Haizer, e a voz publica atribuiu logo a desappareição de João a sua mulher Sabina. Chegaram os comentários de gente do lugar aos ouvidos de uma filha de João e Sabina, que vivia com o marido n'uma aldeia proxima, e a rapariga resolveu ir a Kun Madaras, pedir estreitas contas do pae áquella que a voz geral apontava como auctora de um crime horrendo.

A scena entre a mãe e a filha foi horrível. *Que fizestes de meu pae?* (sic) gritava repetidamente a filha, ao passo que a mãe afirmava obstinadamente que não sabia de seu paradeiro, fingindo-se muito afflicta pela perda do marido. Mas por fim, ou porque os remorsos a atordoassem, ou porque a filha tinha encontrado em casa o facto com que Haizer fora visto a ultima vez que apparecera no lugar, Sabina resolveu-se á confessar tudo, exigindo antes que a filha jurasse que não revelaria a ninguém o segredo (Cearense, 1874c, p. 3, grifos do autor).

Retomando e aproximando essa notícia das demais já citadas, podemos alinhar algumas características gerais acerca dessas construções de tragédias familiares, transformadas em narrativas sangrentas. A primeira delas é a excentricidade do acontecimento narrado; a segunda é o drama familiar subjacente e a terceira é a construção de um enredo, de modo a transmutar um personagem ou grupo de personagens, aparentemente prosaicos e coadjuvantes insuspeitos, em protagonistas de eventos catalisadores de ações vulgares, delituosas e mesmo daquelas mais atrozes:

« Na noite de oito de fevereiro, disse ella, teu pae veiu para casa ebrio na fórma de costume. Eu estava deitada a dormir. Começou a maltratar-me sem motivo. Levantei-me e fui a um canto buscar os sapatos e uma capa para fugir de casa se elle tornasse a maltratar-me. Depois lancei mão d'um machado de cortar lenha e coloquei-o ao pé da porta da alcova. Entretanto teu pae, que já não podia suster-se em pé, tinha-se deitado para cima da cama e adormeceu.

Eu pego no machado e começo a dar-lhe com elle na cabeça até matal-o. Esperei que o sangue acabasse de escorrer das feridas e levei o cadaver para outra casa. Ali abri-lhe o peito e o ventre, e atirei os intestinos aos cães. Depois acendi o lume, puz-lhe em cima um caldeirão, cortei o cadaver aos pedaços e cosi-os. A carne cosida d'este modo dei-a a comer aos porcos.

Escondi depois os restos do cadaver, e lavei as nodoas de sangue que tinham ficado na parede e no chão para que não fosse possível descobrir-se o crime. Depois de feito isto, guisei (sic)[sic] os restos do cadaver e dei-os igualmente a comer aos porcos. Puz os ossos a secar ao sol, á excepção dos maiores que enterrei n'uma cova que abri na rua, e depois reduzi-os a pó para o vento levar. Fiquei ainda com alguns ossos do craneo que mais escondi fora de casa. Apartei a gordura deixada pela carne cosida e fiz d'ella unguento com que curei as feridas que teu pae me tinha feito. »

D'este modo relatou Sabina o crime a sua filha, ao juiz que a interrogou quando foi presa e ao tribunal em que compareceu ultimamente. A filha não cumpriu o juramento feito a mãe. Confessou tudo ao marido e este denunciou o horrendo caso a justiça. Sabina Haizer foi condemnada a morrer na forca. O imperador porem comutou-lhe a pena na de prisão perpetua (Cearense, 1874c, p. 3, grifos do autor).

Com efeito, a trama dessa esposa assassina, pode exemplificar, como na narrativa sobre o crime contra cônjuges tomara ares potencialmente grotescos e mirabolantes, chegando próximo das narrativas folclóricas de tão tétricos que chegavam a ser. Contudo, poderiam essas estórias apontar para os usos dessas tramas como artifício discursivo que, além de

cumprir a sua função moralizante já destacada, almejava dar conta da necessidade de encontrar um lugar para o caos que o crime causava na sociedade oitocentista.

Weber (2007) destaca, trabalhando a análise nietzschiana sobre a tragédia, como a cultura ocidental encontrou na experiência arcaica grega do teatro trágico, um lugar para o terrível e para o sofrimento. Uma cultura que, portanto, não tinha abdicado da mortificação, do terror e da destruição em favor da civilização. Assim, talvez os jornais oitocentistas possam ter constituído, a despeito da intenção, um lugar não reconhecido, mas útil para manter a desordem, a violência e o caos advindo do crime momentaneamente sob o controle das letras.

O espaço da capital cearense que se urbanizava e se civilizava, no exemplo dos centros europeus, utilizava-se dos periódicos e dentro desses, daquelas tramas sangrentas, para armar uma barreira que pudesse conter o terror cotidiano e evitar que aquele se tornasse ainda mais avassalador, do que de fato já era.

Assenhorando-se do crime por meio dos *faits divers*, os jornais reconstruíam-no, como algo aprisionado, na forma da arte da época, uma vez que a narrativa sobre o grotesco continuava tendo apreciadores. Embora a civilização, o progresso dos costumes e gestos fosse ansiado, o controle, ainda que, frágil da criminalidade, dentro do suporte jornalístico, transmitia a fugaz e ingênua sensação de distância para aqueles que liam as suas páginas.

A tragédia oitocentista verdadeiramente guardava pouca semelhança com a arte arcaica grega, todavia, ainda dava conta de destacar as permanências incômodas das práticas, dos costumes e arcaísmos populares, no mundo rural da província cearense. Elas destacavam como, mesmo as fúrias e as feras encontraram um espaço de destaque nas colunas das folhas locais oitocentistas. Além disso, como o choque, entre o desejo de progresso das elites e a manutenção de uma cultura de práticas violentas de convivência, formavam espaço para a consolidação de todo um gênero narrativo que relembra, em certos aspectos, narrativas muito mais antigas.

Emily Carroll (2019, n. p.), em seu livro “Floresta dos Medos”, destacou uma versão ilustrada do tradicional conto “Chapeuzinho Vermelho”, cuja versão moderna foi imortalizada nos contos dos irmãos *Grimm*¹⁴⁴. Nessa versão, todavia, a autora ilustra por toda extensão dos quadrinhos, uma presença dúbia e inquietante do lobo, que nunca aparece diretamente, apenas se deixa perceber por silhuetas, sombras e simulacros. O percurso tranquilamente feito por uma ingênua e alegre Chapeuzinho, por toda floresta, em um

¹⁴⁴ Jacob e Wilhelm Grimm ficaram mundialmente conhecidos pelas suas versões de histórias, fábulas e tradições folclóricas que durante muito tempo tinham ficado restritas a tradição oral (Wikipedia, 2023c).

percurso noturno, contrasta com um desfecho inquietantemente simples, mas perturbador.

A estória se conclui, mostrando um quadro derradeiro, em que por detrás da jovem deitada na cama, dentro do seu quarto iluminado e seguro, surge na janela uma sombra lupina que completa a frase anteriormente dita pela criança em grande alívio, por ter atravessado a floresta sem grandes percalços aquela noite: “Ah, mas você precisa viajar pela floresta de novo e de novo... Disse uma sombra na janela. – e você precisa ter sorte de evitar o lobo todas as vezes... – Mas o lobo...o lobo só precisa da sorte de encontrá-la uma vez.”¹⁴⁵.

Parece-nos que, os jornais locais, embora não estivessem cientes de tudo que construía a partir dos discursos presentes em suas folhas, permitem aqueles que olham em perspectiva, compreender como aquela sociedade era um ambiente bastante violento e perigoso. Nele, as mulheres tinham que contar com muito mais que a sorte, para evitarem ser vitimadas diariamente por um ataque masculino ou, mesmo, de uma de suas pares.

Muitas vezes, sendo elas aquelas que foram responsáveis diretas por crimes tidos como monstruosos, fica a pergunta ao final: quem eram os lobos e quem eram as crianças dentro desse universo discursivo entremeado pelo crime? Certamente, não seria uma resposta simples de ser dada. Afinal, as estatísticas desse período apontam para uma criminalidade que se mantinha fortemente aguerrida, não apenas nos sertões, mas no entorno da capital e até nas ruas de Fortaleza.

Poder-se-ia dizer que o crime não teria gênero, mas, nessa época houve grande esforço discursivo, para não só “generificar” os crimes, contudo para estabelecer que, mesmo os atos contrários à moral e aos costumes, podiam ser tão perigosos, quanto aqueles contra a vida. A vivência em sociedade era uma experiência construída e permeada de normas e regras específicas, pontuadas por comportamentos aceitos ou negados.

Às vezes, o lobo atrás da porta podia ser uma daquelas mulheres cujo comportamento insistia em se afastar dos moldes em que se queriam forçá-las a caberem. Porque, afinal, que fera seria mais temida no século XIX, do que uma mulher com autonomia suficiente para não se deixar prender ou imobilizar pelas normas e costumes? Essas eram as feras que assustavam, mulheres que recusavam a sociabilidade da cidade e reproduziam traços, maneiras e atitudes das camponesas, as quais não se submetiam tão facilmente aos códigos de urbanidade letrada e recorriam usualmente à violência, quando precisavam resolver conflitos.

¹⁴⁵ “Conclusão: Era uma vez uma menina [...]” (Carroll, 2019, n. p.).

5 A PEQUENA QUITANDA DOS HORRORES

“Trata-se de uma mulher de 32 annos de idade, hysterica, na qual se dão fenômenos elétricos. Dos seus cabellos crepitam faiscas elétricas, visíveis na obscuridade. [...]” (Cearense, 1888c).

Os jornais cearenses oitocentistas nunca chegaram a edificar um espaço gráfico exclusivo para o insólito e o grotesco. Contudo, as suas colunas de variedades e o noticiário se utilizaram largamente de narrativas singulares ou repugnantes, como forma de garantir um lugar para atos ou fatos esdrúxulos disputarem a atenção dos leitores com os já rotineiros *faits divers* criminais.

Ao longo desse período, a escrita jornalística local, tal qual em muitos outros centros, deve ter percebido que a produção/circulação dessas notas peculiares alicerçava um modo eficaz de entretenimento. Junto com todas aquelas narrativas de violências e crimes, juntaram-se outros subtipos extremamente recorrentes na segunda metade do século, destacando ocorrências aparentemente minúsculas e transformando-as em algo extraordinário, exuberante, rompendo com a ordem e fazendo brotar o excêntrico, mesmo o caótico, em meio ao cotidiano dos leitores.

Essas narrativas se diferenciaram daquelas notas sangrentas, sobretudo, no conteúdo e na frequência que apareciam nas páginas locais. Sendo rotineiramente encontradas nas folhas cearenses, muitas delas destacando “causos” sobre acontecimentos supostamente verdadeiros que obtinham espaço nas colunas dos periódicos através de títulos menos chamativos, mas com temática e enredos ainda mais inusitados do que aqueles acerca do crime:

Selvicola

É curiosa a seguinte narração que nos é feita por pessoa digna de toda a fé: Severino era um camponez dos nossos sertões, homem trabalhador e pacato. Tendo feito uma viagem que o deteve fóra de casa muitas vezes, ao regressar teve a prova de que sua esposa o atraioàra, pois que se achava grávida. Na conseqüente e natural interpellação sobre o estranho caso deu-lhe uma punhalada no braço e convencido de haver praticado um crime grave poz-se em fuga e enterrou-se nos bosques evitando todo o contacto com a sociedade, já pelo desgosto que lhe causava o ser delinquente de tal natureza, já pelo receio de cair sob acção da justiça. Alimentava-se de caça, mel e hervas, convivia com os animaes, em maior ou menor grao de familiaridade, conforme eram mais ou menos ariscos. Durante esse genero de vida, foi apanhado duas vezes: uma no termo de Baturité outra na Serra Grande, e preso por suspeitas de ser escravo fugido. Ha noticia dessa singular existência até 1877, quando foi apreendido por João Campello Bizerra, na fazenda *Alegre* do termo de S. Luzia. Estava completamente nú e, apesar de traser cortados os cabellos e as unhas, tinha aspecto pouco humano. Não fallava se não quando o interrogavam e só por monosyllabos.

Durante um mez esteve em casa de Bizerra d'onde evadio se por não se dar bem com a alimentação de carne, farinha etc. que lhe era ministrada. Contava 50 annos de idade, mas parecia não ter mais de 35. Depois que desapareceu não mais houve notícias de selvicola (Gazeta do Norte, 1881a, p. 3, grifos do autor).

Lugar consagrado a esse tipo de estória, o já caleidoscópico espaço das colunas de noticiário dos periódicos locais abrigou toda uma gama de acontecimentos *sui generis*. Afinal, esse pequeno gabinete de curiosidades e efemérides oitocentistas concentrou uma grande lavra de textos, ora de caráter duvidoso e rocambolesco, ora de semblante assombroso e cruel realismo.

A fabricação dessas narrativas enfatizava prodígios da natureza, propagava notícias sobre fenômenos climáticos bizarros ou simplesmente veiculava uma nota sobre um acontecimento excêntrico. Tudo isso, circundado por uma miríade de outras notas, cuja proximidade entre si podia ser ínfima e cujo propósito era o único aspecto que todas compartilhavam: seduzir e entreter os leitores (Matheus, 2011). Foi, sem dúvida, um espaço para o excitação do imaginário popular, pois naquelas páginas toda uma rede de narrativas era fabricada e publicada, procurando atentamente estabelecer um diálogo com grupos leitores, a partir da constituição de um campo de sensações compartilhadas por aquelas tramas (El Far, 2004).

Essas notícias lidavam diretamente com o insólito cotidiano, salientando construções narrativas que trabalhavam com acontecimentos tidos como curiosos, raros ou singulares. Encaixando-se naquele agrupamento de *faits divers* que valorizava acontecimentos bizarros diversos. Almejando noticiar eventos que fugissem do comum, elas compunham uma fragmentação narrativa no dia a dia, rompendo com a previsibilidade do fato noticiado, como já enfatizamos no segundo capítulo. Assim, a capacidade de surpreender e cativar os leitores era, geralmente, o que norteava a escolha dessas notas, em sua maioria republicadas de folhas de outras províncias e, mesmo, atribuídas ao estrangeiro:

Os beijos que se davam as mulheres ao se despedirem se entre si, é por ventura a imitação diária do beijo de judas.
Prove-se o contrário.
Este costume vai desaparecendo ; porém ainda ha reuniões em que se observa com todo o rigor o perfido costume de se beijarem as mulheres, deixando em terrivel inveja os pobres filhos de Adão, quando é alguma linda filha de Eva de olhos negros ou azues que distribue com profusão deliciosos ósculos.
Ha poucas noites, contava um jornal madrileno, sahindo de uma casa daquela côrte (Madrid) varias senhoras, começou a laina de beijos, e a amavel dona da casa foi quem teve quinhã maior.
Notou-se na manhã seguinte que esta senhora adoeceira com todo (sic) os symptomas de envenenamento. Chamado o medico , declarou que a enferma era victima de uma cólica violenta. Averiguado o caso, resultou q'as senhoras q' tinham estado reunidas

na vespera, costumavam branquear-se com alvaiade, que prejudica atrozmente quem o usa, e dahi proveio o envenenamento, porque fora inoculado com os beijos. A amavel dona de casa estava perigosamente enferma receia-se pela sua vida (A Constituição, 1865e, p. 3).

Cotidianamente, narrativas centradas no curioso, no fantástico e em fenômenos aparentemente sobrenaturais eram vistas nas mais diversas folhas brasileiras (Guimarães, 2013). Muitas dessas tramas, reproduzidas em jornais locais, testemunham as trocas contínuas entre os periódicos brasileiros e a correspondência entre esses e seus leitores. Outras vezes, no entanto, apresentavam notas transcritas ou adaptadas já de outros países, como vimos acima. De uma forma ou de outra, apresentavam esses fatos supostamente extraordinários como algo único, ainda que já fossem, ironicamente, corriqueiros em muitos jornais brasileiros.

É provável que essas leituras reverberassem em comentários pela cidade e até pela intimidade dos lares cearenses. Alimentada rotineiramente por esses periódicos, a curiosidade por esses acontecimentos parece se renovar ao longo de mais de quatro décadas. Como nos lembra Dion (2007), a crônica do *fait divers* não se limitaria à morte. Ela se apropriaria igualmente de catástrofes naturais, monstruosidades, pessoas consideradas defeituosas, manifestações do além e curiosidades da natureza. Reafirmando, desse modo, sua essência transgressora, enquanto um desvio da norma, fosse ela social, moral, religiosa ou natural.

Esse apreço pelo impressionante, monstruoso ou grotesco daria cores peculiares às colunas dos periódicos cearenses, pois não raras vezes, monstros, quimeras e seres tidos como anormais invadiriam o noticiário. Essas figuras destoantes dos signos de racionalidade, moral e progresso, de que tanto se falava nas folhas, eram presença quase diária nos periódicos locais. Haja vista que por, supostamente, serem capazes de burlar as “leis” naturais ou a lógica e a previsibilidade da sociedade moderna, eram recebidos por um público ainda excitado e exultante com a presença dessas figuras quase míticas em suas leituras.

5.1 Um relicário de papel ou o bestiário oitocentista

É notório que, os letrados responsáveis pelas colunas de variedades naqueles periódicos oitocentistas haviam percebido, ao longo das primeiras décadas daquelas folhas, o crescente interesse dos seus leitores por narrativas que aguçassem a curiosidade¹⁴⁶. Então, foi

¹⁴⁶ Como destaca El Far (2004), aquelas eram narrativas singulares cuja capacidade de gerar emoções pouco experimentadas ou inéditas aos leitores em seu cotidiano, certamente as faziam ter maior aceitação. El Far (2004) pontua como ao final do século XIX jornais e textos literários se utilizaram de toda uma produção narrativa de “sensação” enquanto sinônimo de fatos insólitos cujo desfecho podia ser considerado imprevisível. No caso dos jornais, notícias cuja função podia ser geralmente, prender atenção pela singularidade do ato noticiado, pelo estado dos personagens durante o relato, mas principalmente, por dar acesso a um conjunto imenso de percepções extraordinárias.

utilizada certa variedade de fontes para suprir essa predileção. Desde prodígios naturais, como animais e vegetais com características peculiares, minerais cujo uso não era comum, até mesmo notáveis descobertas ajudavam a compor toda uma exótica e farta cornucópia de excentricidades noticiadas:

Existe nos mares do Celeste Império¹⁴⁷ um tubarão que se alimenta principalmente de passaros aquáticos. Eis como um viajante testemunha das proezas do monstro, descreve o modo singular pelo qual consegue satisfazer sua voracidade.

« Deita-se à tona d'água com o ventre para cima fingindo-se morto: as aves enganadas chegam se pouco a pouco e vão empoleirar-se sobre o que lhes parece um cadáver proprio a fornecer-lhe (sic) um festim.

Logo que um número de passaros suficientes para lhe oferecer uma boa refeição, acham-se reunidos sobre seu ventre, começa o tubarão a mergulhar lentamente seu corpo, principiando pela cauda afim de obrigar suas victimas a reunirem-se sobre sua cabeça na visinhança da sua bocca, e, no momento propicio, de um movimento rápido, abre esta e engole suas presas.

Arvore gigante. – O castanheiro gigantesco do monte Etna tem 4,000 annos. Pelo menos, e 50 metros de circumferencia.

No interior do tronco, que o tempo cavou cenzruio-se(sic) uma choupana que serve de habitação a um pastor e de curral a um rebanho.

Foi nelle que Lamartine se inspirou quando, na *Fior d'Aliza*, agrupou uma família de camponezes Italiano(sic) em volta de um castanheiro hereditario, que abriga e sustenta avô e netos.

Cholera e cobre. – Um engenheiro inglez de Westminster dirigiu uma informação à Academia das Sciencias declarando que visitou em 1871 as minas de cobre de Falun, Suecia; diz que todos os mineiros impregnados dos vapores do cobre que enchem a atmosphaera e destroem a vegetação nas immediações, sem prejudicar a saude do homem, se téem sempre visto livres de cholera. Um anno em que reinou na Suecia a epidemia cholericica a familia real achou asylo seguro nas minas de Falun.

Preciosidades. – « No convento da Annunciada, em Florença, acaba de se descobrir um tesouro de medalhas antigas na melhor conservação; duas de ouro, de Valenciano II e Justino III; 58 de prata, sendo uma de Julio Cezar, duas de Pompeu, nove de marco(sic) Antonio, uma de Tiberio, duas de Trajano, etc., e 1: 359 de bronze, das quaes algumas moedas raras etruscas e volscas: encontram-se tambem muitos outros objectos preciosos, – ídolos de bronze com fórmula de homens, de animaes, vasos, taças, etc.” (Gazeta do Norte, 1885, p. 1; Pedro II, 1889, p. 2; Cearense, 1883a, p. 2; Cearense, 1869b, p. 3, grifos do autor).

Portanto, cumpre destacar que esse grupo de curiosidades era potencializada pelo caráter novidadeiro com que eram reelaboradas no texto jornalístico, cuja estrutura casuísta tratava esses fatos como fabulosos. Destacar casos esdrúxulos de seres desconhecidos do grande público, ou experiências tidas como inéditas, dava chance aos periódicos de trabalhar com os usos da escrita, com os interesses (Pedro, 1995) e a credulidade de um público leitor incipiente na sociedade local daquele período específico.

Toda uma gama de notícias já povoava aquelas colunas, desde notas policiais, leis

¹⁴⁷ Ao que parece, faz referência à China imperial, conforme comparação com outras narrativas que usaram essa mesma denominação nesse período.

e posturas, textos literários, correspondências, anúncios e publicações solicitadas. Havia um noticiamento do cotidiano cearense ou de outras províncias misturadas com notas reproduzidas de periódicos estrangeiros. Essa miscelânea de tramas peculiares servia de moldura para estórias consideravelmente diversas. Muitas delas privilegiando relatos que capturassem a atenção de leitores ansiosos por novidades.

Desse modo, não surpreende que acontecimentos aparentemente suspeitos ou anedóticos (para alguns, já na época) sobre animais desconhecidos ou selvagens, constituíssem uma destacada ala nesse almanaque oitocentista:

– Refere a *Voz do Povo* :

« No lugar lagoa do Chique-chique – termo do Ceará-mirim, foi morto por um vaqueiro um animal carnívoro, na ocasião em que assaltava um chiqueiro de cabras, das quaes anteriormente havia devorado algumas. Pelo seu couro, que vimos, media um metro e dous decentímetros ; cauda felpuda, com meio metro de extensão ; côr vermelha, preta, porem dos joelhos para baixo ; queixos brancos ; focinho preto ; da cabeça ás pas tambem a côr é preta, formando os cabellos uma especie de coma ; orelhas grossas, com pellos brancos na parte inferior ; cabeça como da raposa ; mãos, pés e unhas como os do cachorro ; cabellos do couro com duas polegadas e meia, sendo os da coma mais longos. As pessoas do lugar o desconhecem, nunca tendo visto semelhante ; mas um estrangeiro assegurou-nos ser um chacal, ou adil ; nos inclinamos, porem a ultima especie. Em todo caso é da raça piluna».

Seria serpente? – A trepulação(sic) do vapor inglez Lalande, chegada hontem de Liverpool, presenciou hontem mesmo pela manhã, quando o navio já navegava em aguas da nossa costa, um combate furioso entre uma grande baleia e um enorme espadarte. Foi um espectáculo curiosissimo, nos disse o honrado capitão William Jefferie, commandante daquelle vapor, e que durou longo tempo.

Cansado de vel-o, retirou-se elle para a câmara ficando no convez o 2º. official, o machinista e o homem do leme, quando passados momentos, ouve que o chamavam a toda pressa, e subindo ainda pôde avistar junto aos dous amphibios combatentes um outro verdadeiramente estranho, que tinha a figura de uma serpente, estando o seu corpo seis a oito pés elevado fóra d'agua, pela mesma fórmula que fazem as cobras quando enraivecidas se empinam sobre a cauda, desaparecendo logo e não dando tempo a ser bem observada.

Seria o monstro marinho avistado por aquelles quatro homens, a decantada serpente do mar? Elles não o affirmam, mas affiançam se parecia muito (Cearense, 1875g, p. 2; A Constituição, 1882b, p. 2, grifos do autor).

Essas narrativas tinham a capacidade de cindir, ainda que, momentaneamente, a ordem e a racionalidade tão caras ao discurso jornalístico oitocentista. Fazia-se isso, em prol da construção de um jogo de cumplicidade entre quem compunha aquelas colunas e os leitores/ ouvintes daquelas estórias. Esses percebiam, certamente, naquelas tramas, uma pausa, uma fresta ou mesmo um vislumbre para uma certa liberdade ingênua, quase lúdica, de lidar com o acontecimento como algo caótico e, ao mesmo tempo, surpreendente e encantador.

Dentro de uma urbe e em uma sociedade que desejava se reordenar a todo custo, esses enredos acrescentavam uma pitada de fascínio ao cotidiano. Aquela última nota, por

exemplo, poderia compor, ela mesma, um longo fio de estórias sobre monstros marinhos. Afinal, da década de 1850, ao final da década de 1880, esse tipo de imaginário animou os espíritos dos redatores dos jornais locais. Diversas folhas pontuaram notas a respeito, a ponto de “O Cearense” e a “Gazeta do Norte” fazerem circular uma mesma nota do *Monde* de Paris, de onde, supostamente, eles replicavam um relato pormenorizado sobre o mesmo monstro marinho, alardeado desde a década de 1850:

CAPTURA DE UMA SERPENTE DO MAR. – O *New York Tribune*, a quem deixamos a responsabilidade desta notícia, anuncia que o agigantado habitante das soledades do Oceano, de cuja aparição tem por vezes tractado os periodicos, caio, por fim, em poder de um baleeiro americano, que dentro de pouco tempo levaria á sua patria os despojos do monstro marinho. [...]

« Corria o dia 15 de janeiro do presente anno pelo 3º. latitude sul, e 13º. longitude oeste quando o vigia annunciou a presença do monstro, que ao principio se suppunha ser um *cachalote*, mas não tardou em se convencer de que era a verdadeira serpente do mar. O capitão Seabury, reunio a tripulação, fazendo-lhes um enérgico discurso, e manisfetando-lhe a gloria que alcançaria se conseguisse capturar o monstro. – A tripulação concordou com os desejos do capitão, e apesar de estar o tempo borrascoso lançarão ao mar os botes e principiarão a dar caça ao monstro marinho, conseguindo dentro em pouco tempo aproximar-se a elle. Um marujo da mesma embarcação do capitão cravou o harpão nas costas do monstro que sentindo-se ferido levantou a sua monstruosa cabeça, causando tal assombro aos marinheiros que trez delles se lançarão ao mar. [...] A serpente sentindo a frialdade do aço se submergio immediatamente; porém a corda a que estava preso o harpão, foi amarrada com segurança ao barco, e no dia seguinte pela manhã tornou a apparecer o monstro fluctuando no mar. Tinha elle ainda vida, mas a tripulação o atacou ainda outra vez, e depois de lhe crivar o corpo com golpes pelo espaço de um quarto de hora, o monstro deo o ultimo suspiro, lançando ondas de espuma e sangue. [...].

”(sic) Escrevem-nos da Providencia que uma serpente do mar, de proporções gigantescas, se acha actualmente em Watch Uill, onde diversas vezes foi vista.

O ultimo navio que encontrou foi o *Mary Lane*, vindo de New-London para a Providencia. O capitão descobriu o monstro, e assim o descreveu :

” Estavamos quase duas milhas a sudoeste de Point Judith, quando descobri a cincoenta metros, mais ou menos, uma cabeça de monstro elevando se á altura de dous pés acima da agua. Tinha fórmula de cabeça de crocodilo, com mandibulas de cinco pés, de duas ordens de dentes.

Os olhos eram como uma capa de chapéo ordinario. A serpente, nadando com grande velocidade, passou a dez pés de distancia do navio. Seu corpo, que tinha mais ou menos setenta pés e a grossura de uma pipa, era coberto de brilhantes escamas verde escuras. Toda a tripolação viu a serpente, e ficou, confesso, aterrorizada, tendo a tão perto do navio.” (O Cearense, 1853b, p. 3; Gazeta do Norte, 1888, p. 2; Cearense, 1888b, p. 1, grifos do autor).

Essa associação entre as colunas de variedades e os *faits divers* de singularidades naturais teve um longo percurso dentro das folhas cearenses, como exemplificamos. Ela pontuava exotismos e permanências de práticas que de fato ainda mantinham proximidade com a sociedade provinciana. Enquanto as notícias de violência e delitos estiveram diretamente associadas às questões políticas e aos discursos jurídicos-policiais locais, as notas sobre seres estranhos ou monstruosos estavam mais atreladas a um entretenimento mórbido

mediado pelos jornais. Elas fabricavam uma última chave de leitura para o insólito nos periódicos, o prazer de se debruçar sobre o maravilhoso e o aterrador:

--- Lê-se na «*Gazeta de Campinas*», de S. Paulo:

«Existe nesta província uma qualidade de vespas chamadas «cassunanga», que possui veneno extraordinariamente activo e de promptos resultados. Em o nosso município contam-se já dous factos de morte de homens, occasionada pela mordedura deste feroz insecto, que costuma fazer a sua emigração em bandos compactos, estendendo a basta linha de viagem n'uma extensão consideravel em que assim muitas vezes fazem a passagem de um para outro sitio, levando bastante tempo a desfilar. Se nesse trajecto avistam qualquer vivente por baixo de si, cahem em massa sobre elle, e é seguro o perecimento do individuo accommettido. Sabemos não só dos dois casos acima referidos, como de outros acontecidos com animaes diversos ; entre outros referem-se succedidos com mueres até.

«Em um dos dias da ultima semana o estafeta, em viagem de Mogy-merim para esta cidade, foi assaltado por um cordão das taes «cassunangas», e falleceu instantaneamente. A occurrencia deu-se em terras pertencentes áquelle outro termo para onde foi conduzido o cadaver, bem como a correspondencia do correio apanhada pelos arredores. Informam-nos que tambem morreu o cavallo em que o infeliz vinha montado:».

Diz um jornal mexicano que em Tampico foi colhido em uma rede de pesca um monstro marinho, sobre o qual dá as seguintes informações:

« Com o auxilio de cavallos conseguiu-se tirar do mar o monstro que em vão lutava para escapar-se. Era uma especie gigantesca de um peixe raríssimo Chepaloptero vampirus, também conhecido pelo nome de diabo marinho ou vampiro do mar.

Pezava duas toneladas e estendido na praia, morto, apresentava todos os caracteres de um morcego ou vampiro. Media 15 pés de largo e 17 de comprido, sendo o comprimento de bocca, de um a outro lado, de 5 pés.».

Animal desconhecido. – No *Diario Popular*, de S. Paulo, encontramos a seguinte curiosa noticia :

”(sic) Sem tomar responsabilidade alguma, ahí damos uma comunicação, que nos vem do Apiahy :

”No dia 21 do corrente, pelas 8 horas da manhã, appareceu na Capelinha dos Cap[apagado]eiras, distante desta villa cerca de duas leguas, um reptil desconhecido, medindo tres palmos de comprimento, de cor preta, tendo a cabeça semelhante á um peixe que o vulgo denomina *anean*. Trazia duas azas semelhantes ás de um pinto desprovidas de pennas, as quaes, postas em movimento, produziam o effeito do chocalho da cascavel.

” Este animal veiu, volteando pelos ares. Bater no oitão da casa do Sr. João Paulo Dias, e quando cahiu no chão seu movimento era de roda.

” Então o reptil foi morto pela mulher de Dias, não obstante o terror que lhe infundia semelhante animal, que mesmo depois de recortado por muitas pancadas, seus restos saltaram tres a quatro palmos de altura.

” Isto foi relatado pelo distincto e honrado Sr. Francisco Ferreira Delgado, morador nesta villa, que, sabendo do succedido e incitado pela curiosidade do caso, tratou de syndical-o e obteve estas informações, que são exactas.” (*Gazeta do Norte*, 1889, p. 1; *Cearense*, 1888c, p. 1, grifos do autor).

Ao entrecruzarmos essas notas com aquelas sobre crimes noticiados, também dentro dessas mesmas colunas, percebemos como elas não estavam necessariamente concorrendo entre si, mas encadeavam-se em uma espécie de rosário macabro, em que cada conta correspondia a uma novidade apresentada ao público. Ser ventura ou desdita, dependia do ânimo do leitor definir ao que melhor lhe servia a estória ali exposta.

Assim, como muitos dos textos fabricados nos rastros de atos de violência e criminalidade, esses relatos sobre seres fabulosos, animais perigosos ou criaturas monstruosas alimentavam um gosto pelo extraordinário. Agora, realocado junto ao discurso jornalístico, onde o natural, o campestre e o primitivo seriam reelaborados no suporte escrito periódico.

No entanto, não seria exagerado pensar que essa escrita, apesar de privilegiar o exótico e selvagem, fazia-o como uma forma de tentar escamotear a proximidade da sociedade local daqueles mesmos signos de limitação e atraso, já que, o jornal era uma prova do progresso material e da ordenação social, almejados, os quais só podiam ser encontrados na urbanidade, na ordem produtiva do progresso¹⁴⁸, invejado dos grandes centros, ou mesmo, na almejada agitação social, tão distante da capital provinciana do fim do século.

A construção quase caricatural dessas notas sugere que não existia uma credulidade simplória e absurda de letrados e do público, mas, uma reelaboração e circulação pensada sob um duplo objetivo: reafirmar, sempre que possível, o desdém racional do discurso jornalístico que, muitas vezes, via naquelas tramas apenas fatos dignos de pouco crédito. Todavia, por meio delas também esperava capturar o gosto persistente de parte dos leitores por aquelas marcas de ruralidade, ou de uma natureza pródiga, que contribuíam para a manutenção e o sucesso daqueles relatos nas colunas de variedades.

Desse modo, aqueles letrados junto aos jornais, na medida do possível, tentaram moldar a maneira como seus leitores construía interpretações sobre as narrativas publicadas. Julgavam eles, provavelmente, que se tratava de acontecimentos que não cabiam mais na modernidade ansiada ardentemente pelas elites locais e nacionais daquele contexto. Os jornais construía, por meio de suas colunas, um dispositivo¹⁴⁹(Foucault, 2015a) que tentava modelar a compreensão de que, aqueles eram fatos anedóticos ou coisas exóticas, deslocadas do mundo moderno, operando aquelas notas como uma derradeira vitrine oficial para as mesmas.

Fortalecendo relações com seus leitores, desde a criação de colunas de

¹⁴⁸ Interessa destacar, que embora o progresso material fosse almejado por grupos liberais ou conservadores, a expressão “febre do progresso” já se constituía em alguns jornais enquanto uso pejorativo acerca de mudanças tidas como forçadas ou inadequadas, sobretudo acerca de transformações nos hábitos, costumes e na moralidade.

¹⁴⁹ Retomando esse conceito a partir dos estudos em Foucault, pensamos que, nesse período se tornou fundamental para a sociedade cearense a construção de uma imagem de si mesma enquanto civilizada e em crescente e contínuo progresso material. Desse modo, afastar-se das marcas de primitividade, barbárie e mesmo ruralidade se tornou uma busca constante e os periódicos operaram como esse suporte discursivo para a construção e legitimação desse desejo de progresso e civilização. Assim, aquelas narrativas se coadunavam com o discurso político e econômico das elites letradas, sobretudo na capital. Na ânsia por se distanciar do passado colonial e do atraso econômico e social associado aquele, a estratégia foi concentrar também nessa produção narrativa a crítica daqueles signos tidos como impróprios a uma modernidade idealizada. Demonstrando, portanto, como as disputas sociais se estabeleciam, naquele momento, também dentro dos espaços simbólicos de poder, relegando os grupos populares e as suas práticas à pecha do atraso e da ignorância.

“correspondências” e publicações “a pedido” (Martins; Luca, 2018), os letrados responsáveis pelas colunas nos jornais, tentaram fabricar com essas narrativas, um espaço domesticado para aqueles textos. Pois, assim como editoriais e artigos de opinião, aquelas colunas de noticiário e variedade também tentavam condicionar modelos de subjetividade aceitos e fabricavam uma contenção às anormalidades/monstruosidades já não toleradas. Tornando-as mórbidas curiosidades, relíquias relegadas ao descrédito, ainda mais quando relativas a grupos ou povos tidos como ignorantes, atrasados e inferiores ao modelo branco europeu oitocentista:

Canibaes. – Em todos os paizes civilizados vai-se desterrando o canibalismo, porém na África central ainda ha tribus imminantemente canibais.

Os Niam-niam pertencem a um povo que cultiva as suas terras, apesar de deixarem esse cuidado ás mulheres, as quaes são muito apreciadas e respeitadas pelos homens ; vangloriam-se porém da sua paixão pela carne humana, usando de collares feitos dos dentes das suas victimas e adornam com esqueletes(sic) as estatuas colocadas defronte das suas habitações.

Os Montbuttos, mais poderosos e ricos e mais civilizados que os Niam-niam, são pelo contrário mais antropófagos.

E’ a carne humana o seu prato favorito, e sobre tudo(sic) as gorduras que misturam á maneira de azeite em todos os alimentos. Os cadáveres dos seus inimigos são destruidos e repartidos em campo de batalha, e em seguida dessecados para poderem conservar os seus restos. Os prisioneiros são tratados como gado e reservam-se para os outros dias.

ANTROPOPHAGOS

Falla se de um povo de antropophagos que disem ter sido descoberto por uns viajantes franceses, que ultimamente percorrerão os países limítrofes da Argelia, no interior da Africa. Parece que são homens de estatura(sic) alta, côr parda, imberbes, de cabellos compridos, nariz achatado, e de extraordinaria ferocidade. Não usão outro vestuario senão umas curtíssimas saias que só os cobrem desde a cintura até ás côxas. As mulheres trajaõ de mesmo modo. pore(m)sic) saõ de estatura muito mais baixa, e não se nota n’ellas menos feresa do que nos homens. A sua unica arma saõ uns chuços em cuja extremidade se vê uma pedra que acaba em ponta muita aguda, e cuja ferida é merta(sic) por aquella estar envenenada. Os referidos via jantes(sic), que por milagre se viraõ livre de taõ boas almas, contaõ entre outros lances, o de terem sido accomettidos por uma porção de hyenas, de que se livraraõ sustentando contra ellas um vivo tiroteio. N’esta refrega só perderãõ um pequeno embrulho de velas de sebo que atiraraõ a um d’aquellas feras, para a entreterem e ganhar tempo de tomarem as de Villa Diogo, como com effeito succedeu , ficando a hyena satisfeita com o comer todas as vellas n’um momento.

De curiosa pratica judaica dá conta a *Gazeta de Noticias*, referindo o seguinte facto: « Na rua do Passo da Patria, em S. Domingos, Nictheroy, faleceu um judeu de febre amarella.

Os parentes e amigos, logo após o passamento, levaram o cadaver para a sala de visitas, e alli o puzeram completamente nú, por algum tempo.

Em seguida, lavaram-no todo por meio de irrigações feitas com um regador. Feito isto, adiantou-se um dos judeus, de navalha em punho, e passou a rapar quanto cabello tinha o defunto no corpo.

Pellado o cadaver, parecia que estava acabada a judiaria. Mas não, porque depois perfumaram-n’o todo e envolveram em uma peça de morim, ficando o defunto completamente atado, embrulhado e occulto dos pés á cabeça. Parecia uma múmia.

Levaram-no depois para o cemitério, onde foi enterrado.» (Pedro II, 1874c, p. 2; O Cearense, 1850e, p. 3; *Gazeta do Norte*, 1889, p. 1, grifos do autor).

Os jornais compuseram um interessante dispositivo¹⁵⁰ (Agamben, 2009) discursivo que operava na construção de subjetividades, por meio da fabricação e circulação de notícias insólitas. Nelas, além da constante reafirmação dos modelos tradicionais, elaborava-se a percepção do outro, como não apenas o diverso, mas como estranho, ininteligível, atrasado, desprezível ou perigoso. A curiosidade se casava com o preconceito, geralmente reformulada para capturar aqueles que não se alinhavam às expectativas ou à cultura modelar à europeia.

O natural e o animal eram reproduzidos como domínio do estranho e do ameaçador, sinônimo de uma força incontrollável que levava à fabricação do medo do selvagem, do indomável pela racionalidade. Daí a ojeriza ao espaço dominado pela natureza e, mesmo, o desprezo com povos ou populações associados a esses lugares. A própria construção dessa dualidade cultura/natureza se completava com aquela da normalidade contra a anormalidade (Foucault, [1975] 2010), sendo pauta frequente de relatos sobre animais, mas também acerca de pessoas anormais/monstruosas publicados nesse período.

Muitas dessas notas privilegiaram a divulgação de nascimento de crianças ou animais com deformidades, características físicas desproporcionais, ou narrativas sobre seres supostamente híbridos. A construção do grotesco foi além do já estabelecido nos relatos sobre assassinatos, evidenciando aspectos desprezíveis ao imaginário da época, capaz de movimentar sensações conflituosas de medo, repulsa e curiosidade. Um espaço constituidor da fissura entre as frágeis barreiras que separavam o humano do animal, a natureza da cultura, uma transgressão de formas, como também de um imaginário (Sodré; Paiva, 2014). Enfim, exemplares de uma fauna monstruosa que frequentavam constantemente as folhas locais:

Mulher com cara de fuinha. – Lê-se no *Correio Paulistano*:

Uma japoneza que fez parte da companhia de japonezas que há tempos estiveram nesta côrte, deu á luz, em Caracol, um monstro dos [danificado] ais extraordinários. Pertence ao sexo feminino: em lugar de cara tem uma especie de focinho de fuinha, um só olho no meio da testa, o corpo velado com o de um macaco, mãos e pés perfeitos. Viveu apenas alguns minutos. Quem será o pai da criança?

Phenomeno. – Para o *Argos* de Manãos escreviam de Wampes em 21 de abril :

« No rio *Merie* afluente do Rio Negro, uma índia gentia¹⁵¹, de nome Isabel, deu a luz

¹⁵⁰ Operando a partir do suporte jornalístico enquanto um espaço de poder e manifestação dos interesses das elites letradas locais, pôde-se constituir uma fórmula mais plástica e efetiva de fazer circular modelos e padrões de civilidade, bem como a crítica a tudo aquilo que era visto como empecilho ao desenvolvimento da sociedade cearense. Aqueles textos, portanto, operavam não apenas no combate à criminalidade, pela adequação à moral vigente, mas também na ratificação dos signos de desenvolvimento e refinamento cultural, copiados nos moldes europeus ocidentais oitocentistas.

¹⁵¹ Importa salientar como os jornais cearenses publicavam notas sobre os indígenas e mestiços desses, geralmente sob o estigma do atraso, da estranheza ou da barbárie. As estatísticas sobre a população local

no dia 21 de fevereiro ultimo uma menina que tinha quatro braços e duas cabeças em um só pescoço, tendo o final da espinha dorsal tão crescida (4 ½ polegadas) que parecia uma perfeita cauda; o resto dos outros membros eram regulares. Devo notar que as duas cabeças tinham boca, olhos, nariz, etc., etc.

« Essa criança morreu 5 horas depois de nascida, a mãe também morreu no fim de 4 dias.

« Persuado-me que os *pagès* a mataram, pois attribuíram esse phenomeno ás *relações* que a infeliz teve com o *jurupary* (diabo) na ocasião do menstruo no banho; porém eu, meu caro, attribuo ser obra de um frade jesuíta que por esse rio foi dar comsigo em *Nova-Granada*.

«Ainda eu a vi e o filho de que fallo, era de um typo bonito. O frade demorou-se dous dias na maloca povoada dos *Dessanas*, tribu a que ella pertencia.»

Monstrengo. – De Cascavel foi remettido ao Dr. Ribeiro uma dessas variedades de que a caprichosa natureza apresenta tantos e tão fecundos exemplos: o cadaver de uma criança recém nascida de 8 para 9 mezes com a seguinte deformidade:

No centro do rosto, onde devia necessariamente encontrar-se o nariz, é este substituído por um olho mas(sic) ou menos perfeito com a órbita um tanto dilatada. Deslocado esse membro do seu verdadeiro lugar, como que por uma aberração achasse um pouco á cima do olho imperfeitamente representado por uma excrescencia de uma polegada mais ou menos de comprimento, redonda e aberta no meio em forma de venta. No mais a menina é inteiramente perfeita.

Hoje consta-nos que estará exposto a concurrencia publica ás horas do costume.

E' mais um importante phenomeno, que vai enriquecer o já curioso muzeo do incansável Dr. Ribeiro (Pedro II, 1878c, p. 2; Pedro II, 1872b, p. 3; A Constituição, 1867b, p. 2, grifos do autor).

É particularmente interessante perceber como as folhas de uma província remota como o Ceará, nesse período, fez narrativas circularem, estas que destacavam a figura do monstro ou características consideradas marcas de monstruosidade. Embora, tivessem menor alcance que os periódicos da Corte ou de outros grandes centros, elas compartilhavam habilmente notas de forma recorrente e, muitas vezes, minuciosamente detalhadas.

Se considerarmos que, como enfatizou Michel Foucault (2010), a partir do século XVIII e, sobretudo, no século XIX, para o Ocidente foram produzidos elementos constitutivos no domínio da anomalia, então, entende-se como a figura do monstro passou a ser reformulada e porque ganhou tanto destaque nos discursos, saberes e práticas naquela época.

Os periódicos já envolvidos diretamente na produção e circulação de diferentes discursos, expuseram sistematicamente parte dessas figuras, não apenas pela comoção, curiosidade ou alcance que dispunham, mas por serem, principalmente, um meio de afirmar novas referências sobre elas. Se a ideia de monstruosidade poderia ser apreendida, para além

raramente discriminavam a sua presença, mas pontualmente notícias, correspondências cearenses ou *faits divers* de outras províncias os destacavam em maior quantidade. Fosse em narrativas sobre indivíduos tidos como selvagens à semelhança dos nativos, ou noticiando sobre crimes ocorridos localmente e em outros centros pelo império, cometidos por *índios*, a imagem construída sobre aqueles povos era quase sempre desfavorável. Embora, não oficialmente escravizados, eram tutelados, as terras nas quais habitavam e tiravam seu sustento eram cotidianamente disputadas e, construiu-se, nos noticiários durante todo esse período, uma associação de debilidade intelectual, fraqueza física e irascibilidade na maioria das notícias que os destacavam dentro dos periódicos.

da mera estupefação causada por uma curiosidade mórbida, de fato ela foi também um artefato para a construção de uma fórmula de neutralizar, pela reafirmação das normas, práticas que deveriam ser desencorajadas ou censuradas.

O monstro permaneceu o “outro” daquela sociedade, um arquétipo para aquilo com o qual ela não conseguia lidar, nem definir um lugar, ainda que para excluí-lo definitivamente, já que não podia efetivamente se ocupar dele. O próprio ser monstruoso surgia a um só tempo enquanto uma existência no limiar, burlando não apenas as leis e normas da sociedade, contudo violando as leis da própria natureza, sendo uma perigosa conjugação do impossível com o proibido (Foucault, 2010).

Diante disso, entende-se que o discurso jornalístico e o texto periódico oitocentista, para levar ao conhecimento dos leitores, não tinha como escolher outra fórmula narrativa que não fosse o *fait divers*, ele próprio dínamo narrativo sobre a contravenção normativa. Os monstros eram símbolo da exceção que feria mortalmente os paradigmas jurídicos biológicos da época, aos quais só podiam ser parcialmente absorvidos pelos saberes racionalistas das ciências naturais, ou pelos enredos dos jornais na época, se domesticados pela narrativa.

As monstruosidades exprimiam uma outra possibilidade de lidar com o que era diferente e confuso naquele momento, uma vez que, o que poderia ser considerado realmente mais horrível e monstruoso, do que o desconforto diante daquilo que não se poderia nomear e classificar? Sem dúvida, o que caracterizava esse discurso jornalístico era a capacidade e a intenção de fabricar, por meio de palavras, um modelo narrativo que desse conta de produzir nos leitores sensações que tinham de ser o mais próximo possível do imagético, do gráfico ou pictórico. E, certamente, representar surpresa, estupefação, medo ou o desnorteamento não eram tarefas fáceis, mas os *faits divers* tentariam traduzir esse amálgama de sensações.

Os monstros não precisavam ser pensados enquanto individualidade. Havia um processo de assujeitamento na fabricação desses seres insólitos usados pelo discurso jornalístico. Quando se olha para essas notas, elas ainda reafirmam a preferência por destacar aqueles que mais perturbavam a sociedade oitocentista: o animal monstruoso, como provocação ao pensamento racional que apensara leis à própria natureza, o acidente ou desastre natural que reafirmava o caráter de imprevisibilidade da existência humana, ainda tão incômodo e, finalmente ao monstro humano, que revelava uma associação direta entre corpo monstruoso e caráter monstruoso (Darmon, 1991; Lombroso, [1893] 2004).

A desordem da natureza abalaria, por contiguidade, as estruturas da sociedade e o ordenamento humano. Afinal, só deveria haver monstruosidade onde se instalasse a desordem

da lei, fosse essa, natural, civil ou religiosa (Foucault, 2010). Nesse sentido, as notas nos jornais apesar de pontuar, como exemplificamos no início desse capítulo, seres curiosos pelo seu tamanho ou forma, destacaram, de forma muito mais entusiasmada, aqueles que eram contrários ao que se julgava normal ou comum na época. Essas criaturas configuravam um estratagemma para definir tudo aquilo que violava os limites e as fronteiras culturais (Jeha, 2007):

Phenomeno. – Notícia o *Echo do Serião*, de Uberaba, província de S. Paulo:

« Sr Manoel Jeronymo de Carvalho, da villa do Sacramento, veiu á esta cidade alugar uma casa afim de expor á curiosidade publica um gêmeo bovino, que comprara ao Sr. José Carlos, cujo o havia trazido dos sertões de Santa Luzia (Goyaz) onde nasceu.

« É um novillo de 4 para 5 annos, que se acha preso a outro, que tem apenas o tamanho de uma bezerra de oito mezes; reconhecem-se os pés, o ventre e o pescoço; porém o alimento se faz pelo novillo principal, unico possuidor de uma bocca.».

NOVO REPTIL. – Dizem do Auma ao *Independente*, de Constantina :

« Acaba de ocorrer nas portas da nossa cidade um facto dos mais curiosos, que talvez possa lançar alguma nova luz sobre um dos maiores problemas da sciencia moderna. Um canteiro ao dividir em dous pedaços uma pedra roxa, que teria 15 centimetros de largura por um metro e 25 centimetros de comprido, ficou admirado ao ver abrir-se o penhasco debaixo de suas pancadas e sahir um animal de uma configuração desconhecida.

« Este reptil que temos à vista, o qual viveu de 30 a 40 segundos, segundo diz o canteiro, mede 96 centimetros desde o rabo até á extremidade da cabeça, que é muito desenvolvida.

« Tem quatro patas parecidas a barbatanas, destinadas a sustentar-se sobre a agua ; a cabeça alguma cousa prolongada e a bocca muito rasgada, fazem que pareça horrivel esta especie de lagarto grande, cujo pescoço é quase tão longo como o resto do corpo. Duas ordens de dentes uns, fazem suppôr que este reptil foi surpreendido pouco depois de nascido por algum accidente athmospherico nas matérias calcáreas. Não vimos ainda a pedra, em que foi achado, e isto nos impede de assentar uma hypothese sobre a época a que póde remontar-se este acontecimento. Não é esta porém a primeira vez que se apresenta um phenomeno igual.

« Com frequencia se encontrão reptis de todas as classes em circumstancias analogas. A figura do encontrado agora faz suppôr que pertence a uma especie perdida.

Maranhão. – [...]

– De S. Bento Communição ao *Paiz* o seguinte

No dia 23 do corrente mandarão-me uma excellente curiosidade, que deixei de aproveitar por não ter preparos. Era um monstro, nascido de uma cabra. Não se podia conhecer que era cabra senão por cauza do pello e das unhas, únicas couzas que davão leves signaes da geração de tal monstro. Tinha elle cara chata, nariz pequeno, olhos e boca em lugares proporcionaes, assemelhando-se por isso, em tudo, a cara de gente: orelhas sem pello, compridas e direitas como as do coelho: pello basto, comprido e macio como de gato; pernas curtas e chatas como as do kágado, e o corpo fino para cima e largo para baixo, arredondado e todo fechado, afigurando-se a uma bexiga de boi, cheia. Não tinha quasi pescoço. As pernas dianteiras erão nos lugares próprios, porém as trazeiras erão no meio da costa, onde também estava a cauda, não tinha o menor signal de partes sexuais; as pernas parecião não ter juntas, e terminavão por uma pequena aberta, onde estavão as unhas ; a boce(sic) estava bem guarnecida de dentes agudos, e a lingua pendente de fóra da boca ate abaixo do queixo [...] (Cearense, 1875h, p. 2; Pedro II, 1861a, p. 2; Cearense, 1877b, p. 1, grifos do autor).

Essa associação dos seres monstruosos com o fantástico ou o grotesco retomava sugestivamente a proximidade dos jornais com a literatura. Entretanto, por meio desses textos, não se perpetuava apenas o gosto pelo curioso ou anedótico, mas o próprio saber racional oitocentista que, como vimos nas informações anteriores, buscava se apropriar desses relatos como forma de dar lastro ao saber científico da época, pretensamente para desmistificá-los.

O noticiamento de animais com características peculiares, más-formações ou tidos como quiméricos era uma forma de pontuar uma mescla de formas diversas e perceber a natureza em sua perturbadora criatividade. Já não era uma visão do monstro enquanto a união de reinos diversos, típicas do pensamento medieval cristão europeu, agora era a percepção do monstro enquanto anomalia natural, uma contravenção das leis naturais (Foucault, 2010; Jeha, 2007). O que também gerava tanta curiosidade e inquietação entre os letrados, quanto os monstros míticos o faziam em relação às populações tidas como selvagens¹⁵².

O grotesco nesses casos específicos estava atrelado a tentativa de construir narrativamente as características que causavam inquietação, choque e assombro. Como se percebia, igualmente, nas notas sobre acidentes ou desastres naturais onde havia vítimas. O percurso narrativo estava em elaborar textualmente um quadro de percepções sensoriais sobre ferimentos, mutilações, torturas, mas também acerca das dores, agonias e aflições sofridas pelas pessoas nesses acontecimentos.

A narratividade sobre os padecimentos humanos diante das desgraças causadas pelo acaso, ou pelas forças da natureza, empreendiam um percurso tortuoso dentro dos oitocentos, porém falavam a um público cativo daquelas histórias extraordinárias:

Bahi. (sic) – [...]

No engenho S. Pedro da Condessa de Barral deu-se a explosão de uma caldeira, que causou a morte a 2 infelizes e feriu a 14 pessoas.

Diz uma testemunha ocular:

« Tive hoje ocasião de admirar a força expansiva do vapor! Tirou a caldeira, deixando somente o fundo, levou ao ar de encontro a um frechal de Itapicurú, que ficou reduzido, no lugar do choque, a um paliteiro, e foi deital-a distancia de cinquenta metros. Ainda fez mais: a machina velha que estava a pouca distancia da caldeira, ficou desaprurada, com muitas peças partidas e inutilizadas; o cupiá do engenho, sob o qual estava a machina, foi-se pelos ares, e ficarão por terra oito pilares. Não se conhece onde existia a caldeira; aquelle sitio é um montão de ruínas, e pode exclamar quem vira o engenho em seus dias de gala: *campus ubi troja*

¹⁵² As populações nativas remanescentes nos países americanos, os povos autóctones africanos ou aqueles tradicionais asiáticos, eram rotineiramente associados a traços culturais tidos como atrasados, inferiores ou suspeitos. Assim, foi comum a relação entre suas crenças à mera superstição ou idolatria, seus costumes, modos de agir e comportamentos eram tidos como motivo de gracejo ou sinônimos de exotismo e finalmente, quando eram pontualmente noticiados casos de crimes cometidos por indivíduos ou grupos desses povos, eram enfatizados como algo naturalizado e próprio de uma cultura atrasada ou ainda em estado de barbárie.

fruit.¹⁵³.

As duas victimas, Antonio e Procopio, ficarão informes: a primeira foi impellida, descrevendo um arco de círculo, que principiou do paredão e quem estava a bocca da fornalha da caldeira, e finalisou no chão da casa de purgar, percorrendo um espaço maior de quarenta metros quebrando o nível de uma tesoura, e cinco balaustres, para poder alli chegar com o craneo e os mais ossos fracturados comminutivamente; a segunda, que principiava a tocar a bomba que fornecia agua para a caldeira, soffreu uma impulsão tão intensa, que ficou reduzida a um grande e horrível complexo de musculos lacerados, ossos fracturados, etc. E assim deveria ser, porque estava a um metro da caldeira que fez a explosão.»

Tempestade. – Lê-se no *Diario de Pernambuco*: – Houve na Allemanha uma espantosa tempestade. São immensos os desastres: ficaram arrasadas casas inteiras. Morreu muita gente. Diz a este respeito o *Industrial Alsaciano*:

Em Grosbun (Siebenbougen) as aguas da chuva foram tão rapidas e abundantes que algumas casas com seus habitantes foram levados pela corrente.

Depois do desastre, centenas de membros de animaes, misturados com cadaveres humanos e as ruinas das casas, foram encontrados por todas as bandas; até agora tem-se colhido mais de quarenta cadáveres; a comuna compunha-se de sessenta familias, e destas mal restam dez entre os vivos.

Em Nay-Kun, outenta(sic) casas foram levadas pelas aguas de outra tempestade; sessenta cadaveres foram o resultado desta nova catastrophe, não fallando na perda material, que é incalculável.

Em Exfart cahiram muitos raios, especialmente na torre da egreja de Todos os Santos, cuja flecha derrubou.

Ao pé de Putt, destruiu um incendio vinte e tres casas com todas as suas dependencias; mais de tres quartas partes das construcções da villa foram reduzidas as cinzas.

Terrivel incendio. – Dá-nos um jornal estrangeiro alguns pormenores de um medonho incendio, que ultimamente se manifestou na fabrica de phosphoros Tidaholm na Suecia, o qual destruiu o immenso edificio e seus annexos, fazendo grande numero de victimas.

Na manhã do dia fatal, 60 mulheres e crianças estavam enpregadas(sic) na fabricação dos phosphoros, quando o incendio se denunciou de repente. Em um instante seis salas estavam em chammas; durante alguns instantes em que o fogo affrouxou, algumas daquelas pobres creaturas conseguiram escapar, mas umas 43, crianças pela maior parte, ficaram queimadas vivas.

Das 18 raparigas que na semana precedente trabalhavam em Tidaholm, morreram nas chammas nada menos de 12, cujos restos carbonizados esperam no meio dos entulhos que os reclamem. O barão Essen, dono de todos os terrenos e de todas as povoações em volta de Tidaholm, reuniu os habitantes depois do incendio e collocou-se á frente do cortejo funebre, que se dirigiu á igreja invadida pela multidão. A scena era tristissima.

Em um montão jaziam os cadaveres; de todos os lados se ouviam suspiros e gemidos dos parentes das victimas.

A fabricação de phosphoros(sic) é perigosa, especialmente na Suecia, onde as casas são construidas de madeira. Quando o fogo rebenta em alguma parte, os habitantes não teem mais tempo do que de salvar as suas pessoas e alguns moveis (Cearense, 1875i, p. 2; A Constituição, 1870e, p. 3; A Constituição, 1875f, p. 2, grifos do autor).

Esses relatos construíam um modelo de trama grotesca baseada em desastres naturais ou acidentes. Embora não pontuasse uma monstruosidade animal, pode-se inferir a

¹⁵³ Presume-se que seja alusão ao verso do clássico “Eneida” de Virgílio: “e os campos onde existiu Tróia” (Faria, c2024).

fabricação de uma monstruosidade vinda agora da própria natureza, através das intempéries ou da técnica, quando os acidentes eram responsáveis por inúmeras mortes. Elas devem ser percebidas como *faits divers* muito próprios, pois misturavam a curiosidade dos relatos singulares com as mortes violentas ou insólitas dos relatos criminais.

Essa construção do grotesco se exprimia de forma chocante, a partir da sua representação em um suporte escrito, porque permitia performar o cotidiano dos grupos populares, procurando representar uma realidade crua, mas sem de fato se aprofundar ou se delongar na sua reconstrução (Sodré; Paiva, 2014). A busca era pela fabricação de um choque diante do sinistro e de suas consequências sobre àqueles que tinham sido suas vítimas. De igual modo, eram buscadas reações aos incidentes, esperando-se alcançar sensações de medo, repulsa e mórbida curiosidade.

A construção narrativa do desastre natural ou acidental percorria as fronteiras entre os *faits divers*, transformando-se em curiosidade sanguinolenta. Como visto nos exemplos citados, havia geralmente a tentativa de marcar essas histórias com detalhes macabros, onde o corpo deformado pelo acidente, ou pela intempérie era detalhadamente mostrado na narrativa, de forma a causar sensações no leitor. A exposição de partes do corpo humano era uma constante, mas, de igual modo, havia versões desses relatos focados em gerar sentimentos de espanto, surpresa e consternação:

– Lê-se no *Correio Mercantil* de 7 do corrente :

« De Paracatu nos escrevem em data de 26 de setembro, referindo o seguinte facto:

«Teve lugar hoje um acontecimento lamentavel nesta cidade, que a todos consternou. Tendo seccado um poço de cerca de 5 palmos de largura e 70 de fundo, de uma casa pertencente a Maria da Paixão, hontem José Ramos nelle entrou para limpar o fundo, afim de juntar agua; encontrando porém, duas cobras no fundo, sahio, e para matal-as deitou fogo em um feixe de capim secco e lançou dentro do poço.

« Hoje querendo dar principio áquelle serviço, entrou no poço, que ainda conservava bastante fumaça no fundo, e faltando-lhe a respiração cahiu. João Pinto de Moraes, que estava presente, não obstante nunca ter entrado em poço algum, tentou descer por uma corda para socorrer Ramos, porém, chegando ao meio, gritou que estava-lhe faltando o folego, e, querendo tornar a subir, já não pôde conseguir, e tambem cahiu!

«Depois de alguma hesitação, as pessôas presentes resolverão empregar um gancho de ferro (com fórmula de âncora, de quatro unhas) atado em uma corda, para tirar os dous infelizes. João Pinto como estava, todo vestido, não custou muito tirar-se, pois o gancho segurou no paletó por baixo do braço; mas quando sahio já estava morto ! ! José Ramos, como estava nú da cintura para cima, o gancho não o segurou bem, e por isso Luiz de França da Abbadia que tem mesmo a profissão de fazer e limpar poços, offereceu-se para o tirar.

«E para que não lhe acontecesse o mesmo que aos outros, desceu atado em uma corda, levando outra para amarrar o cadaver de José Ramos.

Chegando ao fundo do poço, sentindo-se incommodado e de certo perturbado e sem saber o que fazia, em vez de dizer que o fizessem subir logo, desata-se da corda! As pessoas que estavam na boca do poço, vendo que elle não respondia ao que se lhe perguntava, puxaram a corda, que subiu só, deixando mais este infeliz no fundo do

poço !!

« A consternação foi geral, e, como não havia outro meio de o tirar, empregou-se o mesmo gancho de ferro, que felizmente segurou em uma perna perto do tornozelo; e, puxando-se com muito cuidado, conseguiu-se tira-lo ainda com vida; sendo logo socorrido pela habil e caritativo medico Dr. Joaquim Pedro de Mello, que estava presente, recuperou o uso de suas faculdades, e ha esperança que escape, ficando, porém, com uma ferida na perna, no lugar em que o gancho segurou.

« Com muito trabalho, e já quasi a noite, sempre se conseguiu tirar do poço o cadaver de José Ramos. Entre outras pessoas que se esforçavam para salvar aquelles tres infelizes merecem especial menção o já referido medico Dr. Joaquim Pedro de Mello e o negociante Francisco da Affonseca Silva Menho.» (A liberdade, 1864, p. 4).

A monstruosidade aqui fora constituída a partir da adversidade do acidente que o acaso fabricara de forma extraordinária. A morte, ainda que episódica, tornava-se monstruosa, ao colher aqueles que se supunham distantes dela. Apesar disso, a reconstrução desses trágicos percursos embasava uma série de narrativas que margeavam o contato diário dos leitores com lúgubres relatos sobre a finitude alheia.

Jeha e Nascimento (2009) destrincharam muito acertadamente a relação entre monstruosidades dentro do discurso literário e a construção narrativa do mal. Esse autor defende que a escrita teve nos monstros uma metáfora adequada para capturar uma representação possível do mal. Concordamos com ele, sobretudo ao pensar essa associação das metáforas e dos monstros, como um encontro de maravilhas (do discurso, as primeiras e da natureza, os segundos), mas principalmente, por discutir como os monstros ajudariam dentro do discurso a manter coesão social.

O monstro seria de fato esse artifício útil para rotular infrações aos limites sociais, conforme afirma Jeha? No que se refere aos oitocentos e aos periódicos, sim. Sobretudo, na construção acerca do monstro moral que se elaborou nas últimas décadas do século XIX. A associação entre a figura do monstro dentro dos *faits divers* oitocentistas com a transgressão moral, ou com os delitos criminais, era uma fórmula potente do diálogo entre letrados e a população comum por meio dos periódicos. Eles serviam de epítome para as ameaças morais e legais nos oitocentos, isolando-as no discurso e buscando neutralizá-las no cotidiano da sociedade oitocentista.

O monstro costumaria aparecer em períodos de crise, geralmente, enquanto uma forma de problematizar o choque de extremos, algo que questionaria o pensamento binário, introduzindo uma crise (Garber, 1991 *apud* Cohen, 2000). E se os monstros corporificam aquelas inversões, transgressões ou os próprios choques com a regularidade e a normatividade, eles também seriam a advertência materializada contra todos que violassem as regras estabelecidas. O monstro policiaria as fronteiras, interditando, por meio do seu corpo

grotesco, comportamentos e ações tidas como inadequadas, porém valorizando outras (Cohen, 2000, p. 42):

Um monstro. – Certa mulher de Palma de Malhorca (Hespanha) deu ultimamente á luz duas crianças e uma deformidade. Esta carecia de ossos craneaes, braços e pernas, tendo só um olho na parte media da cara, boca com incisivos superiores e inferiores, faltando os caninos e os molares. O seu corpo tem uns tres palmos de comprimento e termina com uma especie de bola óssea.

Monstro humano. – Diz o *Parahytinga*, da província de S. Paulo : « Communicações da Lagoinha : « No dia 17, nos arrebalde desta freguesia, uma mulher deu á luz uma criança ou antes um monstro; a cabeça era pontudíssima, muito em baixo d'esta via-se uma boquinha com um serrote, as mãos e nadegas erão de sapo, os pés erão cascos, finalmente, era uma cousa muito singular. A mãe mandou-o queimar porque disserão que era preciso, para não continuar a ter partos iguaes.»

Aborto da Natureza.

Francisca Ortega, habitante de Piuseque (Saragoça) de idade 14 annos deu á luz uma menina monstro.

A menina, segundo diz *Hespanha Medica*, (periodico) tem as particularidades seguintes : muito desenvolvida desde o pescoço até ás extremidades inferiores ; porém o rosto divide-se em duas caras com duas bocas, dous narizes, tres olhos e duas orelhas.

As duas caras estão collocadas lateralmente e opostas uma á outra : o pescoço era mais alto que o natural, e no sitio que figura normalmente centro da testa, tinha um olho maior que os outros dos lados; observando-se com toda a evidencia que tinha membranosa de cima até baixo, olhando cada uma para diverso ponto.

Na face esquerda notava-se uma eminencia amachocada e do centro uma pequena fenda, sem que perfurasse a parte interna da bocca.

As boccas, eram perfeitas, com as suas correspondentes mandibulas, porem a do lado direito tinha o labio superior leporino.

Na parte superior e media da cabeça observa-se uma elevação fungosa, sanguinea, sem cabello, e debaixo d'ella uma grande porção d'ossos, deixando algum espaço sem união. A menina recebeu a agua do baptismo e morreu 20 minutos depois de nascida. A mãe continua sem novidade. A academia saragoçana está encarregada de estudar esta monstruosidade, para o que já se deram as competentes ordens.

Phenomeno humano

Sob esta epigraphe noticia o «Correio Mercantil,» de Porto Alegre de 12 de março : « Na pharmacia e drogaria da viúva Kaastrup & Filha foi hontem exposto um verdadeiro phenomeno humano, que despertou a geral admiração.

« E' um corpo de criança recém-nascida, com duas cabeças separadas e perfeitas, duas pernas e tres braços, estando dous deste no seu lugar e o outro collocado entre as duas cabeças, e terminando na extremidade por duas mãos juntas, palma com palma. As duas cabeças, os tres braços, o corpo e pernas estão perfeitamente conformados.

«Pertence este phenomeno ao sexo masculino, e foi gerado por uma perda(sic), cujo nome ignoramos.

«O commendador Dr. Miguel Barcellos foi quem assistio ao nascimento deste phenomeno, que pôs em perigo de vida sua infeliz progenitora. Esta aberração da natureza vai ser conservada pelo processo conveniente, afim de ser mais tarde remettida ao musèu nacional.»

Monstruosidade. – O grande medico. Dr. Bert examinou ultimamente em Genebra um duplo monstro humano vivo, pertencente ao genero xiphodino de Geoffrey de Saint Hillaire.¹⁵⁴

¹⁵⁴ Isidore Geoffroy Saint-Hilaire (nascido em 16/12/1805, Paris , França - falecido em 10/11/1861, Paris) foi um

Tem duas cabeças, quatro braços, dois thorax, um abdômen, uma pélvis e duas pernas; é portanto, duplo do umbigo para cima e singelo do umbigo para baixo. A fusão dos dous corpos principia na sexta costela. Os órgãos internos são duplos até a região onde se insere no feto a vesícula umbilical; tem, portanto, quatro pulmões, dous corações, dous estômagos ect(sic).

A perna direita obedece somente ao individuo da direita, e a sensibilidade de cada metade do corpo está em relação exclusiva com a cabeça do mesmo lado. Cada um dos meninos sente independentemente a fome, a sede, o somno, etc; mas é-lhes comum a necessidade de evacuar ou urinar. Parecem-se muito na intelligencia e no rosto. Nunca estiveram doentes.

E' realmente um exemplar mais curioso do que os dois irmãos siameses (Pedro II, 1878d, p. 3; A Constituição, 1875g, p. 3; Pedro II, 1860c, p. 3; Gazeta do Norte, 1881b, p. 3; Cearense, 1883b, p. 2, grifos do autor)

Percebemos que a fabricação da figura do monstro humano nessas notícias esteve grandemente associada, a princípio, a recém-nascidos com más formações, características peculiares, ou mesmo, casos de gêmeos conjugados. Essas “monstruosidades” eram por certo motivo de grande curiosidade, tal a frequência com que se nota a presença dessas notas nos jornais locais.

Tal como lembra Michel Foucault (2010), esses monstros representavam a desordem e a infração das leis, daí porque, muitas vezes, estavam associados a relações entre humanos e animais ou ao comportamento inadequado dos pais ou mães, verificado em algumas das notas anteriores¹⁵⁵(A Constituição, 1867b; Cearense, 1875h). Já os irmãos siameses, segundo o autor, apesar de terem sido particularmente explorados na literatura renascentista, conforme se percebe, mesmo ao final do XIX, ainda eram consideravelmente destacados na escrita periódica.

Tão perceptível quanto as características extravagantes desses seres monstruosos, era a presença constante de autoridades, médico/cientistas como referência nessas narrativas. Haja vista que, essas pessoas monstruosas já eram consideradas material de pesquisa do saber médico, sendo suas imperfeições ou má formações, ocasionalmente lidos como deslizes ou caprichos da própria natureza. Essas, as quais só poderiam ser corretamente interpretados pelos homens das ciências modernas.

A conformação física irregular ou indevida era percebida, pontualmente, como uma monstruosidade ocasional ou aleatória da natureza. Todavia, o caráter moralista dos textos locais, não deixa dúvida, a monstruosidade ainda era associada principalmente a

zoólogo francês conhecido por seu trabalho sobre anormalidades anatômicas em humanos e animais inferiores. Em 1824, Geoffroy se juntou ao pai no Museu Nacional de História Natural como naturalista assistente e, depois de obter seu MD em 1829, lecionou zoologia de 1830 a 1833. Foi eleito membro da Academia de Ciências de Paris no último ano. Em seu “História geral e particular das anomalias da organização no homem e nos animais”, 4º vol. (1832–37; “História Geral e Particular das Monstruosidades Estruturais no Homem e nos Animais”), ele introduziu o termo teratologia para o estudo de anormalidades congênicas (Britannica, c2024b, tradução nossa).

¹⁵⁵ Cf. nota explicativa nº 154.

questões morais, naquele contexto. Assim, um monstro bastante presente em algumas dessas notas, seria aquele que embotaria a percepção dos gêneros e dos corpos generificados, “o hermaphrodita”¹⁵⁶:

Minas Geraes. – [...]

– Pelo resceneamento da provincia verificou-se que na cidade de Arassuahy existe um individuo, de 17 annos de idade, de nome Maria José do Nascimento, que é hermaphrodita.

Da lista de familia em que figura, consta textualmente o seguinte, na columna das observações:

«E’ um aborto da natureza; hermaphrodita, sendo de homem o corpo da cintura para cima. Sua altura é de um metro, tem as mamas nas pernas, que são arqueadas. Não sabe falar, e a muito custo se faz entender; mas entende o que se lhe falla.

«Enfim é digna de um grande commentario, pois é toda extraordinaria, havendo mesmo muito mais cousas a notar-se; o que sente-se não se poder fazer aqui attento o pequeno espaço reservado para observações, e mesmo porque a pessoa não facilita as observações que deviam ser feitas por pessoas hábeis, visto terem de descrever cousas espantosas.»

O documento declara por ultimo que os órgãos genitales, quer de um, quer de outro sexo, são muito pronunciados.

Lê-se no *Dous de Dezembro*:

«Communicam-nos o seguinte:

«Nasceu no Assunguy de Cima uma criança, da qual não se podia distinguir o sexo, pois parecia hermaphrodita; não tinha olhos, a lingua era pequena e sahia do cêo da bocca, e tinha 24 dedos, sendo 12 nas mãos e 12 nos pés. Foi baptisada, morrendo a horas depois.»

Hermaphrodita. – Tem preocupado a curiosidade publica um hermaphrodita que acaba de apparecer nesta capital.

O nosso amigo Dr. Meton da Franca Alencar, tendo procedido um minucioso exame nesse monstro, enviou-nos a seguinte discripção delle.

« Manoel, preto, de 21 a 22 annos de idade, natural de Pajehú de Flores (Pernambuco) que foi escravo do Sr. Juvenal Pereira, nos offerece á observação scientifica um exemplo de hermaphroditismo.

O rosto, as mãos e os seios bem desenvolvidos e flácidos são de formas femininas.

O desenvolvimento do corpo é perfeito ; a falla cheia, mas os gestos femininos. Anda em traje de homem. E’ imberbe, porem tem pello nas axillas e no púbis.

A primeira vista as partes genitales externas apresentam o aspecto do monte de Venus e da vulva, com differença porém que o grande lábio esquerdo é volumoso e arredondado, pois é formado pelo testículo esquerdo bem desenvolvido, que ocupa a direcção do canal inguinal externo correspondente, e o direito, formado do mesmo modo pelo testiculo direito atrofiado, é um pouco mais descido.

Os pequenos lábios ou nymphas são formados pelo prepucio que cobre duas fossas aos lados da glaude que, bem conformada cobre por sua vez uma fossa mucosa, em cuja extremidade anterior se mostra o meato urinario.

A glaude apresenta o seu collo e [danificado] -pressão onde deveria ser o meato, se [danificado] -levado pela anomalia para a inserção [danificado] do freio.

O penis pode ter 4 centimetros de ex [danificado] em estado de flacidez : todavia o

¹⁵⁶ Como lembra Thomas Laqueur (2001), a preocupação no início da modernidade (séc. XVI-XVII) havia sido muito mais com o gênero, do que apenas com o sexo. Naquela época, esses indivíduos já inquietavam a religião e o direito acerca de quais marcas, status e posturas poderiam ou não assumir pública e legitimamente. No século XIX, no entanto, isso começava a oscilar conforme as exigências do momento. O corpo, o comportamento ou a moralidade podiam assumir, ocasionalmente, a primazia dentro dos discursos médicos jurídicos do período (Laqueur, 2001). O que preocupava as autoridades constituídas era a manutenção das normas e o combate àquelas práticas que ameaçassem à ordenação da sociedade e as fronteiras que se reafirmavam naquele momento, inclusive na compreensão dos corpos e do gênero.

monstr [danificado] -ve-se delle nas relações sexuais que d[danificado] tido.
 A micção deveria fazer-se no intervall[danificado] meleolos internos, se o individuo não le[danificado] o penis para mudar-lhe a direcção.
 Não tem época catamenial nem secreçõ[danificado] lácteas.
 Não accusa moléstia alguma a não ser uma hemoptise que teve tempos [danificado] excessos de força, carregando pezo.
 Não quer por forma alguma [danificado] mulher [danificado] realmente não o é: no entre[danificado] se andar vestido á Benoiton¹⁵⁷, bem [danificado] aos dandys africanos.
 Caprichos da natureza.»
 Esse escravo foi comprado aqui pelo Sr. Barão de Ibiapaba, que, nos dizem, vae envial-o para o Rio de Janeiro (Cearense, 1875j, p. 2; Gazeta do Norte, 1881c, p. 3; Cearense, 1879d, p. 3, grifos do autor).

Observe-se que, mesmo construído de forma a privilegiar os saberes, o discurso e o poder médico científico desse período, essas estórias foram edificadas também sob a ação das inquietações morais daquela época. Embora, o pano de fundo fosse a curiosidade aguçada por essa figura extraordinária, incômoda e transgressora, em seu próprio corpo. Nota-se sutilmente na segunda, mas diretamente na primeira e terceira nota, mostras diretas do desconforto que a “monstruosidade” gerava nas normas sociais e em uma moralidade edificada, para funcionar dentro de um sistema binário de gêneros muito bem diferenciados e hierarquizados.

O desconforto da existência que essa criatura limiar deveria causar não seria pouco, pois ela mesma desafiava a classificação científica, ao mesmo tempo em que borrava as margens existentes e defendidas entre os espaços que deveriam ocupar os sujeitos generificados. M. Foucault defende que, no século XIX, a monstruosidade encontrada nas pessoas hermafroditas já não estaria ligada a uma mistura de sexos enquanto transgressão biológica de gênero, mas enquanto imperfeição da natureza, ainda assim preocupante para a sociedade.

No caso, não seria mais o corpo a origem da verdadeira monstruosidade, mas o comportamento e os modos daquelas pessoas é o que seriam considerados monstruosos e, portanto, criminosos. A atribuição não seria mais de um monstro jurídico natural e, sim, jurídico moral, ou seja, uma monstruosidade da conduta (Foucault, 2010).

5.2 Feras, bruxas e assombrações ao meio dia

Tal qual pontuado no primeiro capítulo, os medos que assombram em diferentes épocas, costumam ter, eles próprios, uma certa diversidade (Delumeau, 2009). Em vista disso, o discurso letrado tentou, com os artifícios disponíveis em cada conjectura, constituir nas suas

¹⁵⁷ Talvez faça referência à peça do Théâtre du Vaudeville – *La Famille Benoiton* de 1865.

variadas vertentes, fórmulas para reelaborar esses medos e de forma artificiosa, usar não apenas do alarde contra esses temores, mas sobretudo, construir o enfrentamento de práticas tidas como inadequadas, as quais eram a origem daqueles medos.

Na segunda metade dos oitocentos, pode ser percebida nessas notas monstruosas, um período de constante reafirmação de um moralismo tradicionalmente alicerçado na religiosidade oficial católica, vista como único freio capaz de evitar a destruição da ordem política e social (Menozzi, 1989 *apud* Dias, 1996). Período em que, mesmo os códigos normativos e legais testemunham uma busca pelo controle dos modos e dos costumes, além do controle jurídico já estabelecido pelas regras laicas. O combate ao que era visto como signos de uma modernidade questionadora e revolucionária (Dias, 1996), serviria para a sociedade europeia, contudo para a sociedade brasileira e cearense, era o caso de lidar com a procura pelo controle de uma população ainda considerada pelas suas elites, “semibárbara”.

Dessa forma, os já propalados discursos moralistas e conservadores eram utilizados para refrear práticas, costumes e modos de um povo que precisava ser civilizado. Portanto, o monstruoso, o feroz, o mágico e o assombroso se tornaram exorcismos ao delito e à transgressão dentro do discurso jornalístico. Uma construção narrativa que, conforme se viu até agora, podia dizer bastante, desde que legitimada pela autoridade religiosa, jurídica ou médico científica, mas que não o podia dizer de qualquer forma, ou em qualquer momento (Foucault, [1970] 2014).

Certos terrores ainda seriam sublinhados ou camuflados nas entrelinhas, ainda que a violência física ou simbólica fosse cotidiana e destemidamente realizada naquela sociedade à luz do dia. Contra elas, o discurso jornalístico se dizia maior combatente, porém de fato, pouco podia fazer a respeito, além de se manter convenientemente recriando tramas que não davam conta de capturar aquelas práticas, por eles rerepresentadas aos leitores diuturnamente em suas colunas.

A presença do sobrenatural, daquilo que as autoridades julgavam como crendices e contravenções nas práticas religiosas populares se misturaram aos novos medos surgidos na sociedade urbana da pequena capital. Nela, monstros variados, bruxas e feiticeiros, lobisomens e assombrações seriam presenças incômodas, simbolicamente arautos da desordem e desdita cotidiana. Consequentemente, as folhas construíram por meio dessas narrativas, um subtipo específico de *fait divers*, dando conta de fabricar monstruosidades diversas cuja organização física era incômoda, mas cuja presença era ainda mais temida, pois enquanto metáfora para um mal maior (Jeha, 2009), elas permaneciam aparentemente diáfanas e inacessíveis para além da narrativa.

Continuação das notícias do Sul.

RIO DE JANEIRO

Lê-se no *Correio Mercantil*. –

FACTO EXTRAORDINARIO. – O seguinte facto se passa em uma casa, na rua das Mangabeiras n.49, onde tem sido presenciado por diversas pessoas que estão promptas a attestall-o. Excede elle a comprehensão humana, e peço a quem souber definir de o fazer.

Uma menina de 17 annos de idade, minha sobrinha, soffre desde o dia 4 do proximo passado mez uma perseguição insolita de um ente só a ella visível; essa perseguição porém, se patentêa visivelmente a todas as pessoas que se acham em contacto com ella, e consiste em ser a menina apedrejada, em lançar em qualquer liquido, que ella tente beber, punhados de terra ou arêa, em retirando-lhe os pratos de comida, e quando disso se queixa apresenta um estado de indizível anciedade como se alguém tentasse suffocal-a, e diz ella que essa visão que a segue, o tenta effectivamente fazel-o. Estes factos, como disse não são filhos da imaginação, por quanto foram presenciados por diversas pessoas. Alguns medicos foram consultados, e não podendo ou não sabendo explicar esse phenomeno, classificaram esses soffrimentos como ataques nervosos, e discordam nos meios que devam applicar. Aconselhado por alguém recorri á igreja, e ainda ahi não achei linitivo aos soffrimentos de minha infeliz sobrinha; um sacerdote que occupa elevado lugar em uma das corporações religiosas, foi chamado; e declarou, á vista desses factos, que não se tratava do que do que igreja resa sobre os possessos, e que não se achando elle em condições normaes não a podia benzer. Um outro reverendo foi tambem chamado, e esse procedeu ao exorcizamento da menina; tantas vezes, porém a aspergiu elle com agua benta, quantas lhe lançaram sobre o rosto bochechos d'agua, sem que se visse d'onde vinha esse baptismo de nova especie.

Aterrado, com os cabellos hirtos e cobertos de frio suor esse reverendo ancião saiu precipitadamente dessa casa em que tais factos se deram.

A menina, entretanto, espavorida, não comia, não dormia a sua razão apresentava sensível alteração; foi nestas condições que recorri ao magnetizador o Sr. João Affonso Silva Lima, e pedi-lhe que tomasse conta de seu tratamento: effectivamente elle o fez e, consultando no somno magnetico a sua senhora e sua lucida (sic), ella disse que um espirito seguia a infeliz, que esse espirito era a alma de seu padrao, e que era mister, antes de tratall-a therapeuticamente, que o seu magnetizador evocasse esse espirito e lhe impozesse o preceito de deixar de perseguil-a.

O que se passou Deus o sabe, o que porém é real, é que sem medicação alguma, essa perseguição cessou; aparece agora uma outra especie de perseguição: a menina é mordida á vista de todos, e o signal da mordedura é perfeitamente visível.

O Sr. Silva Lima, tendo de verificar de onde parte esse novo soffrimento, tem de fazer uma sessão um destes dias, para a qual pratende(sic) convidar algumas pessoas scientificas, e eu entendi que devia fazer publico estes facto(sic) que se tem dado, afim de que as pessoas que quizerem assistir a essa sessão peçam ao Sr. Silva Lima permissão para isso (Pedro II, 1862g, p. 3).

Essa longa narrativa centrada em um fenômeno, tido como sobrenatural, exemplifica perfeitamente como os periódicos se tornaram receptivos a esse tipo de assunto. Essas ocorrências singulares, com aquela jovem possessa, revelam bastante do clima propício de fins do século, a toda sorte de experiências, divulgação, debates e questionamentos acerca desses fenômenos tão caros ao século XIX¹⁵⁸.

¹⁵⁸ Pode-se destacar, inclusive, que há certa continuidade desse fenômeno que atinge mesmo o começo do século seguinte. As crônicas de João do Rio [1904] (2015), por exemplo, apontam como no Rio de Janeiro haviam se popularizado certas práticas e determinados estereótipos sobre fenômenos ligados muitas vezes a crenças religiosas ou às superstições populares.

Para a contemporaneidade, no entanto, é impossível não associar diretamente, algumas dessas passagens, ao clássico do cinema de terror do século XX, “O Exorcista”¹⁵⁹. De forma moderada, podemos encontrar nessa trama oitocentista alguns traços de narratividade que foram recorrentes em outros casos e em outras histórias de pessoas tidas como possesas ou endemoniadas.

As ocorrências alegadas de perturbação por seres invisíveis, os fenômenos inexplicáveis que se sucediam com a vítima, a forma como se buscava lidar com esse ente incômodo e maléfico, muito disso já fora em algum momento utilizado e ressurgiria em diversos outros textos. Em Lisboa, por exemplo, no dia 7 de agosto de 1879, o jornal “Commercio de Portugal”, noticiava de forma categórica em sua terceira página, o seguinte título: “As endemoninhadas de Frioul”. Aquele periódico compartilhava que em uma vila pequena dessa região italiana, “estão-se dando actualmente scenas próprias da idade media”:

[...]

Durante esses ataques derramam abundantes lagrimas e prorompem em lamentos e soluços soltam gritos espantosos e palavras obscenas. Não perdem os sentidos, mas insultam de um modo grosseiro e brutal as pessoas que se approximam d’ellas, especialmente os padres. Fallam como se tivessem mudado de sexo, porque ellas pensam que quem falla é o espirito maligno que as possui. Fingem ter asco irresistivel à gente da egreja, cuja vista as irrita, e grande predilecção pela aguardente, que tem virtude de acalmar os espasmos.

No meio da sua exaltação, fallam n’uma linguagem de retalhoss(sic) mixto de latim, italiano e frioulano, cousa que escandalisa sobremodo as senhoras visinhas do sitio, que julgam ser aquella a linguagem dos habitantes do inferno (Commercio de Portugal, 1879, p. 3).

O apreço pelo relato extraordinário era lugar-comum durante os oitocentos¹⁶⁰. Ele permanecia como forma segura de atrair um público que enxergava nessas notas, desde a simples curiosidade, até a manifestação do miraculoso. Mesmo quando questionava ou ridicularizava esses casos, como ocorrido nessa notícia portuguesa, o relato cumpria seu papel: entretinha e admoestava. Ainda quando julgados nos jornais como signos da ignorância das pessoas comuns e de sua credulidade, essas narrativas ocupavam espaço considerável naquelas folhas, certamente porque movimentavam leitores, circulando entre lugares mais

¹⁵⁹ Clássico filme de terror norte americano de 1973. *The exorcist*, no original, o filme foi indicado em dez categorias ao prêmio *Oscar*, vencendo duas: melhor roteiro e melhor som em 1974. “Sinopse: acompanha a história de uma jovem adolescente alegadamente possesada por um espírito maligno/demônio e de sua mãe, uma atriz famosa, que tenta lidar com acontecimentos perturbadores e fenômenos inexplicáveis que tem sua filha como principal alvo. Na busca por auxílio, ela finalmente obtém ajuda de dois sacerdotes católicos que realizam o ritual de exorcismo para libertar mãe e filha do convívio com a suposta entidade” (IMDB, 1973, n. p.).

¹⁶⁰ O jornal “Cearense”, por exemplo, já destacara um artigo chamado “Phenomenos Magneticos e visões espirituas em vogo”, na coluna “Variedade”, ainda em 27 de setembro de 1853. Já o jornal “Pedro II” em 25 de abril de 1860 trazia um anúncio de considerável tamanho destacando uma apresentação de “Magica aparente e Magnetismo animal com a sonambula Lucrecia Ulysses” a ser realizada por Jacome Ulysses no dia 29 de abril de 1860.

distantes.

Essas estórias relatavam experiências diversas, mas que podiam associar questões mundanas ao sobrenatural:

Ao *Correio da Bahia* comunicaram o seguinte :

« Presenciamos hontem um desses factos não frequentes, à que o vulgo dá nome de *alma possessa, alma no corpo*, mas a que a sciencia dá seguramente nome mui diverso.

Seja porém qual fôr o nome ou a causa do phenomeno, o que afiançamos é ter visto uma senhora em estado convulsivo, magra, de feições alteradas, e em contracções permanentes, fallando sempre com energia, voz grave, pausada, imperiosa, e como se fôra o finado coronel M...de M..., cuja alma, diz a enferma, se acha encarcerada no corpo della para expiação de grave peccado contra a mesma.

Ouve-se como que o proprio M...dizer que Deus para puni-lo do seu peccado o mandou para o corpo dessa mulher, que é sua comadre; porque prometeu-lhe beneficial-a e não o fez; e que por isso desse corpo não sahirá emquanto o seu herdeiro e testamenteiro não realizar em sua intenção o beneficio prometido.

Quando se pergunta quem é, e o que pretende responde: «Sou M..., sou um desgraçado, e serei uma alma perdida se não me valerem, restituindo a Anna (a enferma) o que lhe prometti.»

A maneira porque falla, a agitação que se lhe vê, a raiva, o desespero na expressão e nos gestos, tudo é extraordinário nesta senhora, e mais que extraordinario é que esse estado principiasse no terceiro dia depois da morte do coronel M... (ha mais de 3 mezes) e tenha permanecido até hoje.» (Cearense, 1874d, p. 3, grifos do autor).

Compreende-se que essa narrativa acerca da suposta possessão servia, além de entretenimento, de um certo questionamento sobre o comportamento dos personagens na dada estória. Embora fosse uma narrativa ligada ao sobrenatural, por se encontrar em outra sessão, não era a de notícias, supõe-se que pudesse ser um gracejo do periódico original com alguma autoridade da província mencionada. Ainda que o fosse, permanece junto nesse mesmo subtipo de narrativa curiosa, já que usa dos mesmos elementos narrativos, com a finalidade de entreter e criticar as posturas e, sobretudo, a moralidade do dito coronel.

Os usos das narrativas construídas a partir do sobrenatural transitavam do cômico ao grotesco, entretanto assentavam-se constantemente sobre o desdém. Não raras vezes, esses relatos serviam para esgrimir o gosto dos populares por essas estórias de fantasmas, almas e assombrações. Gosto perceptível, justamente pela quantidade de narrativas que se atinham à temática nos jornais, as quais eram consideráveis. Essas experiências ditas sobrenaturais eram cotidianamente mostradas e associadas aos pequenos centros do interior, apontando dessa forma que, as populações de lugares mais recônditos estariam mais suscetíveis a acreditar nesses casos:

Duende.

Um nosso amigo referio-nos o seguinte curioso caso :

Benvenuto Catuamba Nahú, residente na villa do Assaré¹⁶¹, moço de boa sociedade e até relativamente instruído, espirito forte e animo resolutivo vio-se de repente domado da ideia de ser perseguido por uma alma penada.

Ha poucas semanas, em uma 6ª. feira, estando á noute deitado em sua rede e perfeitamente acordado, vio aproximar-se d'elle e como que procurar fallar-lhe, a sombra de uma mulher com quem tinha tido intimas relações e ha pouco tempo fallecida. Ao lado desta um velho de aspecto sombrio e dois meninos de côr preta procuravam interpor se a sombra de sua fallecida amante para evitar que esta se lhe dirigisse.

Aterrado com esse espectaculo chamou seu creado, mas ainda com a presença deste (que nada vio) continuou a ser atormentado com a visão.

Conhecida a occurrencia os vizinhos foram ter com o assombrado e este continuou a ver o seu duende, mas cobrou animo, tornou-se calmo e resolveu travar lucta contra os impertinentes visitantes d'alem tumulo. Armado de um cacete investio contra o velho e os dous *molequinhos* que lhe resistiram bizarramente, desviando-se das cacetadas e retribuindo-as com piparotes.

Pela manhã Benvenuto confessa-se a ver si por esse meio, livre dos pecados, ficava-o também da apparição sobrenatural.

Esta, porem, 7 dias depois, egualmente em uma sexta feira, o dia classico das peregrinações das almas em excursão, voltou e com a mesma tenacidade perseguiu sua victma.

Tem sido o caso objecto de toda sorte de commentarios e toda a gente do Assare preocupa-se com elle.

Os entendidos em assumptos d'almas e lobis homens(sic), em vez de dissuadirem o pobre moço da apprehensão que o domina, contribuem para tornar cada vez mais forte a mania de que se deixou possuir.

Pena é que pessoas sensatas sejam ainda victimas d'essas superstições, que cada vez mais se lhes arraigam no espirito com esses casos de hallucinação, aliás muito communs nos centros d'onde mais difficilmente se podem espancar as trevas do(sic) ignorância (Gazeta do Norte, 1882b, p. 3, grifos do autor).

A presença dessas tramas jogava com a fascinação que a temática tinha sobre o público leitor oitocentista. De igual modo, fabricava oportunidade para o discurso letrado jornalístico atacar, uma vez mais, o espaço dos pequenos centros provincianos enquanto lugares dominados pela superstição e pela irracionalidade. O espaço do campo onde a natureza e as práticas costumeiras tidas como atrasadas ainda dominavam, eram reconstruídas como retratos de uma obsolescência e indicando, supostamente, as condições em que ainda viviam as populações dessas vilas e cidades.

A associação entre os costumes, as práticas e crenças camponesas com a ignorância, credices e a insensatez eram rotineiramente construídas naqueles textos. O *fait divers* sobre assombrações era uma fórmula utilizada pelos letrados para criticar a perpetuação dessas mesmas estórias no cotidiano popular. Enquanto aquelas narrativas permaneciam apenas como um produto da fala do povo, eram tidas como a reprodução de superstições, porém apropriadas pelo discurso jornalístico e ao saltarem dos jornais pelo texto

¹⁶¹ Localiza-se a cerca de 520 km da capital (Fortaleza), na região do Cariri, ao sul do estado do Estado do Ceará. A cidade teria surgido a partir do desmembramento do município de Saboeiro. A vila foi fundada em 1865, embora o povoamento dessa área deva ter ocorrido ainda no começo do século XIX. A cidade historicamente esteve ligada à criação de gado, produção de algodão e à pesca (Wikipedia, 2024, n. p., adaptado).

das colunas de variedades, tornavam-se uma forma de criticar e combater aquelas crenças e práticas.

O medo de que aquelas abusões se preservassem, sendo assim, impeditivos da almejada civilização dos hábitos e controle da ordem social, mantinham-nas constantemente povoando as folhas, reafirmando o perigo e a ameaça da ignorância e da credulidade da população cearense.

Outras daquelas narrativas, reelaboradas pela escrita jornalística com o intuito de comover e entreter, concentraram-se em “causos” que, por mais bizarros que parecessem, seriam noticiados. Os redatores compunham textos marcados pela violência mediada pelo insólito ou pelo pretensamente sobrenatural. Relatos que reuniam crimes ou acontecimentos funestos de origem extraordinária, mas vistos como críveis dentro de uma sociedade ainda imersa em violência e no crime¹⁶². Mesmo que vindos de fora da província, tinham efetivamente um percurso comparativo rastreável e verossímil na experiência cotidiana.

Relatos altamente detalhistas procurando compor uma proximidade com os causos populares presentes na oralidade daquele período. Ademais, visavam, sobretudo, a estratificação de uma tênue aura de suspense, acompanhada pelo choque e pela imobilização diante de um desfecho terrível, já antecipado desde o título, muitas vezes. Uma narrativa potencializada pela brutalidade e pelo grotesco, corporificados bem diante dos leitores (Carrol, 1999).

Sabe-se que, nem toda notícia que trabalhasse o fabuloso, constituía um *fait divers*, mas é notório que muitas delas eram reconstruídas na narrativa escrita sob o molde exagerado e melodramático daquele gênero. As notícias que podiam ser dramatizadas ou que

¹⁶² Considere-se a já incontornável marca das disputas políticas que embasavam o discurso daqueles jornais acerca da violência e do crime. Embora, os relatórios oficiais fossem ocasionalmente publicizados por algumas daquelas folhas e divulgados enquanto dados confiáveis, eles de fato eram, costumeiramente imprecisos e as próprias autoridades políticas, jurídicas e policiais admitiam isso, muitas vezes. Todavia, como pontuado no primeiro capítulo era notório o aumento dos crimes dentro da província do Ceará ao longo da segunda metade dos oitocentos. Na década de 1870, por exemplo, o jornal “Cearense” de 7 de setembro de 1871, divulgava “estatística dos últimos 8 meses onde teriam ocorrido, 45 assassinatos, 158 tentativas de morte, ferimentos e espancamentos, 3 infanticídios, 2 abortos, 3 estupros, 2 incêndios, 9 roubos, 21 fugas de presos e 1 tomada de presos = 244 total”. Para efeito de comparação, em 6 de julho de 1870, o “Pedro II”, folha concorrente e politicamente adversária daquele primeiro, noticiava um “Parte da polícia do dia 28 de junho de 1870”, que no intervalo de um ano teriam sido capturados cerca de 290 criminosos, “sendo 83 de homicídio, 78 de ferimentos e ofensas físicas graves, 33 de ferimentos e ofensas físicas leves, 2 de uso d’arma defeza, 1 adultério, 2 de infanticídio, 4 de rapto, 7 de roubo, um de injurias, 18 de furto, 1 de estelionato, 1 de reduzir á escravidão pessoa livre, 4 de damno, 5 de arrombamento de cadeia, 1 de moeda falsa, 1 de banca rota, 1 de resistencia 18 de fuga de presos e 5 de deserção”. Muito embora, se deva destacar que essas cifras podiam ser infladas num para o ataque político e no outro para dar a impressão de combate ao crime, pode-se anuir que o crime era uma preocupação não apenas dentro dos jornais, elas atingiam a população comum no seu dia a dia. Crimes contra a propriedade, mas sobretudo contra a vida e a segurança dos indivíduos eram uma realidade pra além dos embates político-partidários e deveriam gerar inquietação e temor na população cearense.

aparentavam “extraordinariedade” eram as que chamavam mais atenção.

Uma fórmula ambígua, pois, jogava com a popularidade que as estórias violentas ou macabras alcançavam junto ao público, ao mesmo tempo em que reforçavam a censura aos perfis transgressores, desordeiros e criminosos. O *fait divers* apropriou-se do relato sobrenatural enquanto uma crítica a credulidade popular, porém principalmente, a uma sociedade e um povo ainda vistos pelas elites como atrasados e violentos:

Alagoas

Lê-se no *Diário das Alagoas* de 17 do corrente.

Da Lage do Canhoto nos escreve um distinto e prestimoso amigo a carta que abaixo transcrevemos, para a qual chamamos a atenção de nossos leitores:

« Rvm. Amigo. – E’ mesmo aqui em ^{ca}sa do subdelegado de policia, e ^{so}bre a pressão de um facto summa^{me}nte horroroso, q’ lhe faço estas duas ^{lh}inhas, e peço que lhe dê a publici^dade devida, como um acontecimento ^{ai}nda virgem na história da especie humana !

« Chegava do nosso sitio a esta povoação, quando vi que na porta do subdelegado se agrupava uma multidão de povo (por ser hoje dia de feira) e por espirito de curiosidade aproximei-me tambem, e entretanto na casa vi sobre a meza uma creança morta, tendo a mão direita decepada pela junta e arrancadas á ponta de faca todas as unhas dos pés ! Junto a essa infeliz criatura se achavam o pai e a mãe, que transidos de dôr e afogados em pranto, contavam entre soluços o facto seguinte:

« Dizia a desditosa mãe: Ha quatro ou cinco dias notava eu que no sitio Riacho Secco, onde moramos, aparecia alta noite um vulto, que rondava a pequena casinha em que habitamos sem porta alguma por nossa demasiada pobreza; disso fiz saber a meu marido, dizendo-lhe mais que no sitio se fallava de um lóbis-homem(sic) que pegava creanças: elle me dissuadio dessa illusão, ou bruxaria, mas eu, ainda demasiada desse preconceito, tinha a cautella de dormir no meio de quatro filhinhos que tenho de menor idade, armando por cima da cama a redinha em que dormia essa malfadada creança ainda pagã, e com dez mezes de nascida. Na *noite de quinta feira* para sexta, que foi hontem, dormiamos todo somno, enfadados do trabalho do dia, ficando meu marido em um banco de copiá, e eu na cama entre minhas filhas como era o costume, quando depois de meia noite senti que dentro do ranchinho havião pisadas, e um grande alarido de cães anunciava novidade no sitio; levantei-me espavorida, e no meio da confusão e do terror eu ouvi o vagido de uma creança, que se perdia no espaço e como que comprimida lhe afogavam o choro !! acudiu-me a pavorosa idéa do lóbis-homem e apalpando instinctivamente a cama nella achei todas as minhas filhas, que dormiam o somno da inocência ! Dirigi-me immediatamente a redinha e não achando ali meu querido filhinho, dei um grito de espanto e louca corri ao banco em que dormia meu marido, e accordando-o, corremos ao caso, eu e elle na escuridão da noite sem direção certa: não poupamos diligencia alguma: aqui e ali por entre os primeiros raios da lua que começava a despontar, me parecia vêr a fúria conduzindo a victma, e em meus ouvidos ressoava a cada canto o choro agonisante do innocente !! Assim machinalmente vagamos o resto da noite em pranto acerbo, cruzando veredas, e penetrando bosques sem nada encontrarmos, além do medonho estampido do trovão, e fuzilar do relampago por entre uma nuvem preta que rapidamente cobrio todo o firmamento, até que amanhecendo dia, auxiliados por alguns moradores de mais perta vizinhança, tomamos a direção de umas pizadas, que se dirigiam á uma gruta pouco distante, e ali no fundo della achamos hontem sexta-feira a malfadada creança morta, e nesse estado, sem a mão direita, que a cortaram, sem todas as unhas dos pés e com uma contusão na nuca, que parecia haver-lhe quebrado o craneo ! N’esse estado a enterramos hontem mesmo perto de nossa casa, porém hoje mais bem aconselhados desenterramol-a e trouxemos para ser presente á justiça e á cogitação humana. »

Depois de minuciosa indagação, que lhe fiz para vêr se descobria o enigma e os

mysterios em que estava envolto semelhante acontecimento tão barbaro e deshumano, disse ainda essa pobre mulher: « Tenho algumas suspeitas de um sujeito de nome Antonio José, morador na vizinhança do sitio, que tres vezes foi a minha casa indagar quando pretendia eu baptisar aquella creança, chegando até a perguntar se já estava baptisada de palavras !! e finalmente indo na quinta-feira e me vendo coser uma camisinha do menino, perguntou se eu o ia baptisar do(sic) domingo seguinte, e respondendo-lhe eu que sim, retirou-se elle, tendo na noite desse dia lugar o acontecimento que acabo de referir. »

Toda essa história foi confirmada pelo proprio marido que estava presente, a quem o subdelegado fez o auto de pergunta e procedeu o corpo de delicto directo. Tratava o subdelegado de dar providencia no empenho de mandar prender ao iniciado(sic), quando aqui chega o monstro disfarçado como que espreitando a impressão, que causaria tão inaudito facto, foi immediatamente preso, esta no tronco. Uma conspiração geral se desenvolveu contra elle, que carrancudo e melancolico não dava uma palavra em defesa: meneia a cabeça de vez em quando, e á longos espaços deixa escapar um suspiro, mergulhado em uma meditação profunda: parece que a consciencia lhe está dilacerando as entranhas, e comprimindo-lhe o coração de féra; se é o que tem ! Convém dizer-lhe que o sujeito vive unicamente do jogo, de que faz sua profissão de vida, e por aqui se diz, que quem tem uma mão de menino pagão não parte cartas para perder ! Meu bom amigo ubi gentium rumus ?! Que selvageria inqualificavel ! que desnaturada criatura: fosse quem fosse o barbaro, não tem qualificação possivel ! Que vasto campo abre ao philosopho, ao theologo um facto semelhante. Onde está a culpa desse martyr ? Onde estavam as faculdades desse monstro quando concebeu o plano selvagem que executou em um innocente ? ! ! Dê-me a sua opinião mesmo em hypothese. » (A Constituição, 1866d, p. 2-3, grifos do autor).

A violência cotidiana era capturada nesses relatos na forma de uma dramatização encarregada de gerar sensações e sentimentos diversos no público leitor (El Far, 2004). Essa notícia, por exemplo, já tinha circulado na folha liberal “Cearense” (1866, p. 3), um dia antes, sendo atribuída a uma outra reprodução, feita a partir do “Diário de Pernambuco”. Essa nota ocupou espaço nos dois veículos, devido, não apenas ao esdrúxulo enredo, mas pela narrativa dar conta da exposição de uma violência perturbadora e brutal, metamorfoseada em um conto macabro.

A violência do crime era cerzida narrativamente ao percurso bizarro do acontecimento que, pretensamente, em razão das credices dos populares, era atribuído à presença sobrenatural. No entanto, o resultado apontava justamente para o contrário. A correspondência, a publicação no jornal provinciano e a sua republicação no território cearense, estavam todas eivadas de um forte moralismo.

O choque causado pelo crime brutal e cruel era também encapsulado pelo discurso que construía o criminoso enquanto um monstro, não sobrenatural, mas moral. Os seus vícios, os seus maus costumes, além de seu suposto ato criminoso, eram também elencados como delituosos. Ademais, era a reafirmação dos populares e das cidades interioranas como crédulos, atrasados e supersticiosos habitando territórios desolados pelo crime e pela ignorância, pois, ao mesmo tempo em que o *fait divers* relatava o assassinato de uma criança de tenra idade, era também uma estória pretensamente sobrenatural, encampada pelos

populares e usada como substrato pelo narrador da correspondência publicada na folha alagoana.

A indignação do narrador inicial apontava em ambas as direções, a “selvageria” e desnaturada postura atribuída ao assassino pesavam junto da repulsa à motivação do criminoso. Era a ignorância e a superstição das pessoas mais pobres que levava aquele crime terrível, logo, como tal, esse suposto atraso e barbaridade se manifestavam como entrave ao progresso do povo e da pátria. Aquela morte testemunhava a manutenção, não apenas de práticas criminosas revoltantes, mas que essas mesmas práticas poderiam resultar do apego dos populares a toda sorte de credence, charlatanice e abusões sem sentido e sem propósito no pensamento das elites locais ou nacionais.

Não se deve causar espanto essa forma de agir do periódico cearense. Em muitos deles, existiam discursos similares aos seus congêneres maiores em outras províncias e, mesmo, na Corte. Percebemos que em outras folhas do período, a construção desse combate discursivo à credulidade popular era algo frequente nesse período. Não escondendo, obviamente que, além da superstição, o que incomodava as elites era quando aquela se juntava às astúcias dos populares para engendrar fórmulas de lograr a ordem e as autoridades constituídas:

Historia de um lóbis-homem. – Lê-se no *Jornal do Aracajú* :

«Ha entre nós ainda gente de todo simples ou excessivamente ignorante.

Antonio Manoel do Amparo é um individuo que reside nesta capital e vive de matar bois. E João Antonio de Araújo, visinho do primeiro, é sangrador de porcos.

Naoute de 20 para 21 do mez ultimo (Fevereiro), achavam-se elles em sua casa, quando foram despertados pelo cacarejar das gallinhas de um poleiro, pertencente áquelle ; e suspeitando que algum ladrão estivesse a invadir-lhes a propriedade, levantaram-se a toda pressa e com outras pessoas da vizinhança foram verificar o que effectivamente se dava.

Chegando todos ao ponto indicado, encontraram ahi certo individuo, semi-nú e deitado sobre a relva ; o qual ao aproximarem-se aquellas pessoas, deu um gemido surdo, soltou um grito abafado, mas não se quis mover.

Sendo, porém, immediatamente interrogado, disse que não era ladrão nem malfeitor : e que se alli se achava era cumprimento de seu destino, pois, tendo de virar *lobis-homem*, procurava o matadouro publico, que fica perto dalli, e onde devia *espojar-se* na cama de um boi, como era necessario aos individuos *encantados*.

Apoderado assim do espirito do seu auditório, o sagaz sujeito rougou que lhe tirassem do corpo uma gotta de sangue ao menos, pois só desse modo poderia voltar ao seu primitivo estado.

Antonio Manoel e José Antonio, como mais destemidos ou credulos, foram buscar uma pequena faca de ponta, e com ella furaram logo o *lobis-homem* em um dos braços.

Feito isto, retiraram-se todos deixando o *encantado cumprir sua sina*, por amor e caridade.

Mas, no dia seguinte, alguns expectadores dessa exquisita scena, *deram com a lingua nos dentes* ; e em poucas horas esta cidade inteira sabia do *admirável facto*.

Deu-se entretanto a coincidência de ter desertado nessa mesmaoute o soldado da companhia de linha Francisco José de Góes, em quem por fim reconheceu-se o fallado *lobis-homem*, mesmo porque no logar do seu *encantamento* elle deixara a

blusa e o bonet.

Nada disto, porém, vale muito. O mais é que propalou-se como a rapidez do raio a notícia de que o soldado tinha morrido do golpe recebido ; que seu desaparecimento do quartel bem longe de significar deserção, inspirava a certeza de ter sido ele vítima da faca dos seus *desencantadores*.

Nestas condições, o Sr. Dr. Milton, chefe de policia procedeu a todas as indagações necessárias. Ouviu a diferentes pessoas, effectuou um rigoroso exame no logar do acontecimento, e fez tudo mais quanto o caso exigia.

Nada, porém, se colheu de certo.

Afinal, porém, a policia teve conhecimento e certeza de um estafeta do correio, que encontrou o dito soldado no caminho do Lagarto, donde é filho, e assim parece estar explicado o facto que tanta commoção causou.

Francisco José de Góes desertou e foi em busca dos patrios lares, para onde felizmente já foram expedidas as necessarias ordens, afim de que não se faça engraçado, e recolha-se ao quartel de sua companhia.» (Diario do Rio de Janeiro, 1875, p. 2, grifos do autor).

A notícia de um soldado desertor em uma província diminuta, pura e simples, não teria nenhum apelo maior dentro de uma folha na Corte, mas certamente essa construção rocambolesca de um militar metamorfoseado em criatura sobrenatural tinha destaque certo no período. Porém, assim como a nota alagoana reproduzida pelo jornal cearense, a reelaboração de um delito, através de uma narrativa supostamente sobrenatural, abria caminho para uma crítica moral do indivíduo delinquente. De igual modo, para a esgrima da credulidade popular e por que não dizer da proximidade/colaboração daquela com a criminalidade, ou no mínimo a transigência com a quebra das normas sociais.

Com efeito, a fabricação das notas a partir do *fait divers* sobrenatural elencava possibilidades similares aquelas dos relatos sobre crimes. Entretanto, elas acrescentavam a construção narrativa do combate a ignorância, ao atraso, por conseguinte, à manutenção daquelas táticas que buscavam burlar o controle social. A apreciação dessas tramas que mesclavam o insólito cotidiano com o bizarro alegadamente sobrenatural era uma forma que, apesar de já consolidada na escrita jornalística, devia causar grande repercussão nos jornais oitocentistas, porque mesmo naqueles de menor circulação, como era o caso dos cearenses, tornariam-se recorrentes.

Essa foi uma constante na publicação de notícias que, privilegiando o sobrenatural ou o insólito, repercutiam nas folhas locais, não só os grandes crimes, mas os acontecimentos que margeavam o cotidiano de uma população ainda em permanente disputa pelos espaços na cidade, inclusive os simbólicos. Foi vã, a tentativa dos periódicos de encampar aquelas narrativas e pretensamente utilizá-las como crítica ao charlatanismo popular, aos golpes aplicados por espertalhões, ou aos truques criados pelos despossuídos para sobreviver em uma sociedade extremamente exploradora e excludente.

Afinal, esses recursos utilizados pelos jornais como crítica aos comportamentos e

aos costumes, adequavam-se ao grupo leitor preferencial: as elites letradas. Todavia, a manutenção dessas tramas e da contínua reclamação desses jornais a respeito, só reforça que outros grupos sociais tinham gosto por esses causos e apreciavam sua presença nos meios veiculados:

Um camponez de Honay, Belgica, a quem tinha morrido um filho e uma vacca suppoz que era victima de algum feitiço e foi consultar uma bruxa. A bruxa, depois de o ouvir, concordou em que o camponez estava enfeitizado por alguém que lhe queria mal, e aconselhou-lhe, para conjurar os espíritos maus, que no dia seguinte queimasse a primeira mulher que lhe apparecesse em casa.

O camponez regressou ao seu lar e tratou logo de preparar a fogueira no meio de um quarto.

A primeira mulher que entrou em casa do camponez foi uma vizinha, que lhe ia fazer encommenda. O camponez e a mulher, apenas a visinha entrou trataram de fechar as portas e janellas.

Em seguida o homem accendeu a fogueira, pegou a vizinha ao collo e começou a assal-a, apezar da resistência que ella fazia e dos grittos que dava. A visinha, convencendo-se, afinal, de que não podia deixar de morrer queimada, pediu que a deixassem ao menos confessar a um padre.

O que não fizera a piedade fel-o a superstição. A mulher do camponez julgando que a visinha queria o padre para lhe tirar o espirito mau do corpo, foi chamar o prior que, apenas chegou, tomou conta da infeliz mulher e foi dar parte do caso à autoridade. Os dous camponezes foram presos. A infeliz victima foi salva a tempo; já tinha as pernas, o pescoço e os cabellos queimados.

– As folhas do Rio de Janeiro dão conta do seguinte:

«Uma senhora, casada, com tres filhos, foi illudida por alguns individuos, os quaes conseguindo leval-a a uma sessão espirita, convenceram na de que tinha o espirito mau na cabeça.

Completamente desvairada, abandonou o lar conjugal ha muito(sic) dias e vãos têm sido os esforços empregados por seu marido para encontra-la.

O subdelegado da freguezia da Gloria abriu inquerito e prendeu dous individuos, José Guell e Joaquim Teixeira Pinto, os quaes eram indigitados como cúmplices do facto. Foram, porém, pouco depois soltos por ordem da mesma autoridade, por ter um advogado reclamado contra a ilegalidade da prisão.» (Gazeta do Norte, 1881d, p. 2; Pedro II, 1888, p. 2).

Estava patente que os jornais, utilizando-se do discurso racional oitocentista, pretendiam se legitimar diante da ciência em ascensão no ocidente. Desse modo, o lugar do sobrenatural deveria permanecer preso à ficcionalidade literária, quando muito habitava as crenças, o imaginário dos grupos populares. O esforço era na urgência de fazer os saberes realmente “positivos” chegarem ao maior número de pessoas. Os meios jornalísticos — enquanto autoproclamados arautos da civilização — usavam o fantástico, o mágico, o sobrenatural, no esforço de convencimento de que o desenvolvimento e o progresso da pátria, da sociedade também passavam pela depuração dos seus modos e crenças cotidianas.

Uma vez mais, interessa perceber, como os jornais usaram, ainda que reaproveitando narrativas atribuídas ao estrangeiro, sobretudo, aqueles relatos ligados a cidades, vilas ou regiões rurais, distantes não apenas dos grandes centros, mas distantes dos

signos de civilização. A ênfase no combate ao obscurantismo e à charlatanice, tão comuns naquele contexto, complementava o esforço de retificação moral e ordenação do todo social. A vontade de constranger o que se julgava atrasado, impedimento ao correto ‘pensar’, tornava-se uma mania para grande parte das elites locais.

Provavelmente, já havia se consolidado certo gosto, mesmo de parte da elite cultural, no consumo de literatura de horror, ou no uso cotidiano das histórias e *causos* contados por populares. Todavia, o espaço gráfico dos periódicos usou os elementos do fantástico e do horror, geralmente enquanto uma metáfora para o mal comum, oriundo da criminalidade e dos “maus costumes”. Os *faits divers* foram transformados no espelho que refletia uma incômoda realidade, onde o horror cotidiano era reconstruído enquanto um artifício na reafirmação normativa. Da mesma maneira, eles serviriam de base para o gosto renegado pela leitura de tragédias cotidianas, transformadas em extraordinárias narrativas que, mais do que assustar, geravam incômodo e circulavam mediados pelo gosto e pela popularização dos relatos macabros.

O esforço em denunciar e combater essas crenças populares levava à estigmatização das populações menos abastadas, vistas sempre como suscetíveis ao crime e à desordem. Embora estivesse inclusa em uma sociedade extremamente distante dos padrões que tentavam construir, a elite letrada — responsável pelos jornais locais — construiu uma forte ojeriza pelo comportamento dos setores populares. Se durante aquela época, os discursos oficiais por meio das autoridades jurídico-policiais, religiosas e intelectual-científicas, tentaram estabelecer um lugar para cada grupo na sociedade, por mais transtorno que causasse, lidar com a cultura, o imaginário e as práticas populares rurais, foi o lugar onde se falhou em construir um verdadeiro espaço de contenção.

Os jornais foram a tentativa mais próxima de estabelecer uma rede discursiva capaz de neutralizar hábitos, costumes, modos e relações vistas como inadequadas, a uma nova lógica social que se quis erigir naquela época. Eles moldaram o meio pelo qual as regras que se tentavam impor podiam chegar mais longe na malha social. Até mesmo notas, aparentemente inofensivas, foram elaboradas para dar uma chave de leitura acerca do que se deveria considerar como inadequado ou impróprio à “boa sociedade”. A construção da cidade ordeira, moralizada e pacífica que se almejava alcançar passava por desfazer mesmo o “populacho” das suas crendices e de seus “maus modos”. Então, por isso, tantas vezes as superstições seriam associadas à loucura, à indecência e ao crime:

S. Paulo. – [...] O *Ipanema* de Sorocaba refere o seguinte:

«A grande seita dos envenenadores, com o pretendido nome de feiticeiros, vai

tomando folego nesta cidade.

Em 1872, O Dr. Braga como promotor publico, empregou de combinação com o subdelegado de então, os maiores esforços para colhel-os em pura perda. Hoje apparece o preto Custódio, chefe da seita, que segundo nos consta tem praticado horrores.

No dia 18 foi elle preso pelo seguinte motivo: Queixa-se uma pobre velha de terem sido suas duas filhas victmas dos sortilegios e instinctos de besta de Custodio, pelo que se procedeu a corpo de delicto.

Distribuiu elle uns bentinhos, externamente de couro, presos por um aro de arame, e contendo uma particula de cêra amarella e duas pedrinhas que supomos ser verdete; ministra á victma um cachimbo para aspirar, pretextando demonstrar que possui no estomago grande quantidade de aranhas, a victima aspira o narcotico, e soprando no tubo do cachimbo que já contem muitos desses insectos, sahem elles com grande pasmo da infeliz que já sob a influencia do narcotico, vae cevar os appetites sensuais do malvado.»¹⁶³.

[...] – Tambem em Piracicaba appareceu uma prophetisa competidora do celebre Cruz. A respeito referem os jornaes o seguinte:

«Consta-nos, de pessoa fidedigna, existir no bairro do Ribeirão, neste termo uma velha conhecida por Anninha Pequena, que é o terror da visinhança.

Diz-se feiticeira, protegida pelo espirito das trevas, e, mediante alviçaras, dá mostras do seu valor. Com terror conta o povo do bairro, entre outros factos, um que se deu ultimamente :

Existia na visinhança dessa bruxa uma infeliz moça a quem a mesma odiava.

Um certo dia dirigiu-se Anninha Pequena ao terreiro da casa dessa infeliz, e collocando no chão tres saquinhos de diversas cores, começou a rodeal-os, proferindo palavras cabalísticas; de repente, como que em delírio, dirige-se para sua casa, em prantos. A moça, que até então vivia alegre e satisfeita, foi pouco a pouco definhando, e triste, melancolica, morreu tres dias depois do facto! ...

[...]As outras mortes, que mencionei, tiverão lugar em fins do mez p.p. perto da povoação do Saboeiro, e arriscando-me a magoar cada vez mais o coração dos interessados, faço-o mais de proposito, para que ao menos se colha a proveitosa lição de que a estúpida crença de feitiços, e a mais estúpida pratica de cural-os não provoca sómente o riso, muitas vezes arranca lagrimas de sangue. O infeliz Umbelino, sobrinho do Barão de Icó, encasquetado, (ou cedendo á rogos da familia) de feitiço de uma escrava sua, condusio, a força, uma parda visinha, que era apontada como grande curandeira de taes molestias, para tractar de dita escrava. Irritando o pardo, marido da parda, quando chegou em casa, de que estava auzente, com a conducção da mulher, abalou immediatamente para a caza do infeliz Umbelino, acompanhado de 2 filhos, onde, e chegando, sem mais nem mais(sic), ou sem proferir palavra, bateu-lhe a pedra duas vezes com uma espingarda, que levava, do que resultou pegar-se com elle o infeliz Umbelino, travar-se uma luta desesperada, morrer o pardo, sahirem feridos mais algumas pessoas, que não tiverão

¹⁶³ Muito embora, pudessem ser destacadas notícias sobre supostas fraudes, charlatanice ou estelionato associados a práticas cristãs, a maioria dessas esteve atrelada aos cultos protestantes e, muito raramente, ao culto católico, majoritário na sociedade cearense à época. Aquelas que destacavam histórias envolvendo práticas ligadas ao catolicismo, geralmente, apontavam para centros interioranos ou territórios pouco conhecidos e, geralmente, ligadas a questões de fanatismo religioso. Tal foi, por exemplo, o caso noticiado em 8 de setembro de 1889 pela folha “A Constituição”. Nele reproduziu-se um fato noticiado por um jornal de Viena, acerca de uma aldeia (S. Pedro Czrestec) na Croácia, que se tornara um lugar de peregrinação. Ter-se-ia espalhado entre o povo, no mês anterior à publicação, a crença de que ocorreria o fim do mundo no dia 20, do mês seguinte. O que ocasionara a ida de uma multidão diante de uma “nova imagem da Virgem”. Ocorrendo uma tempestade, a qual amedrontara as pessoas agrupadas, julgaram aquelas estarem próximas ao fim. Diante disso, testemunharam o voo de uma pomba vinda de uma árvore próxima, o que foi interpretado como milagre. Depois, soube-se que a ave havia sido levada por um camponês “de espirito”. Um outro homem teria se mostrado incrédulo diante do pretenso milagre e fora morto brutalmente pela mesma multidão. A notícia fechava com um tumulto, a ação das autoridades e a intervenção de um sacerdote doutra aldeia. Por fim, a nota era concluída destacando a chegada de “batalhões de reforço” e na prisão de alguns dos “mais furiosos fanáticos”.

risco, ser apunhalado na garganta o infeliz Umbelino, que na flôr da idade de 25 annos, no cabo de 8 dias, em tormentos horrorosos, com dôr indisivel da familia, acabou a vida, deixando viúva uma interessante mulher, que desposara naõ há muito tempo, e de que já tinha fructo. Possa taõ triste acontecimento, desterrar ao menos, pelo terror dos desastrosos effeitos, que podem annexar-se-lhes, a cura dos feitiços, sendo certo que a medicina he o unico recurso sensato, para combater taes feitiços, que ordinariamente naõ passaõ de delirios d'imaginações enfermas. [...] (Pedro II, 1888, p. 2; Cearense, 1874e, p. 2; Pedro II, 1874d, p. 2, grifos do autor).

A presença de notas que destacavam as práticas de suposta feitiçaria foi recorrente nas folhas oitocentistas. Tal qual se nota acima, elas dividiram até o espaço das colunas de variedades com os *faits divers* de crimes, quando aquelas práticas eram colateralmente associadas a assassinatos, ferimentos e outros delitos. Contudo, eram naquelas relativas ao combate ao charlatanismo, ao estelionato e aos desordeiros que essas notas foram mais profícuas e prolixas

Isso ocorria, não por acaso, vinculando essas práticas a pessoas tidas como mais propensas à desordem e à criminalidade. As superstições atribuídas aqueles indivíduos, demonstram que havia uma constante na exposição daquelas notas. Muitos dos personagens destacados nessas estórias eram pessoas negras ou mestiças. Escravas, forras ou livres eram associadas rotineiramente não apenas à ignorância e à credulidade, mas ao delito e ao crime. Em suma, havia um aspecto racializado de fabricação narrativa nessas notas. Até porque, a civilização, a ordem e a ciência tão louvadas — naqueles periódicos — eram signos de uma cultura branca que se queria enaltecer naquela sociedade oitocentista.

No intento de estabelecer uma legitimidade, para além do simples combate aos golpes e explorações da fé e credulidade alheia, os jornais assentaram seu discurso e suas notas, na construção do charlatanismo religioso como prática comum aos outros cultos (Cearense, 1874f): aqueles que não eram associados a alguma denominação cristã tradicional. Desse modo, indivíduos iguais a Anninha e Custódio, encarnavam a figura duplamente perigosa, como se nota nas narrativas anteriores, não eram só vigaristas, mas também propensos a crimes mais graves.

Naquela sociedade demasiadamente moralista, a figura insólita de um homem negro supostamente curandeiro utilizando substâncias narcóticas para seduzir e atacar jovens incautas, servia no ambiente local, a fim de estabelecer paralelo com a população pobre cearense e suas credices e superstições. A busca por denunciar aquele tipo de experiência popular e práticas religiosas menos ortodoxas dava margem a narrativa jornalística para condenar o conjunto das práticas, resumindo-os como “seita”. Lugar, portanto, do descrédito, do delito e da imoralidade.

Esses parecem ter sido textos que fascinaram, tanto quanto os supostos poderes

desses indivíduos, pois tiveram considerável circulação nos jornais oitocentistas:

Rio Grande do Sul. – [...]

– Foi presa no Livramento Marcolina Maria da Conceição, que ali vivia de *fazer feitiços* para escravos não serem castigados e conseguirem a liberdade.

«Para essas duas e tão proveitosas cousas não era mister mais que contribuir com uma pequena quantia, duas gallinhas gordas, sendo uma preta, que era offerecida em sacrificio ao *tinioso*, e outra branca ao deos protector dos feiticieiros.

« O salão profano era no que reuniam-se as irmãs para os differentes trabalhos da sociedade ; no dos mysterios era, porém, a cousa mais seria; alli não se admitia o menor ruido, principalmente quando a *feiticeira mãe*, junta ao throno, regularmente paramentado, em que estavam colocados uma caveira com touca negra e grinalda rôxa, um copo com mil e tantas agulhas de coser, que era o symbolo da sociedade, e um santo antonio; prestavam os juramentos as irmãs que pelo amor de Deus pediam submissamente a *mãe feiticeira* para fazer parte da santa sociedade, ajoelhando-se e collocando a mão direita sobre a caveira e a esquerda sobre o Santo Antonio ou sobre o estandarte da grande sociedade.

«Depois do juramento do estylo, protestando que, embora com os maiores tormentos, nunca descobriria os mysterios da casa, a noviça ajoelha-se, a *mãe feiticeira* collocava-lhe o grande breve que a isentaria de todos os trabalhos do mundo, de ser castigada pelo seu senhor e de alcançar logo sua liberdade.»¹⁶⁴ (Cearense, 18751, grifos do autor).

A associação entre certas figuras anedóticas com a feitiçaria e esta às populações negras ou mestiças foram corriqueiras. Isso posto, uma vez que as crenças populares — em maior monta, as práticas religiosas tradicionais de origem nativa ou africana — eram vistas com desprezo, como sinônimo de paganismo e bruxaria. A perseguição simbólica dessas crenças nos jornais dava prosseguimento à tradição de censura e controle do próprio catolicismo brasileiro, em relação aos costumes e religiosidades de matriz africana ou indígena no território do Império. Não à toa, a construção de notas que associavam superstição, charlatanismo e crime, geralmente implicavam pessoas de cor.

¹⁶⁴ A Constituição brasileira de 1824 (Brasil, 1824) deixara expresso no seu Art.5º., que o catolicismo era a religião oficial do Império. Sendo as demais religiões permitidas, embora se exigisse que permanecessem como culto particular e realizados em edifícios sem aparência de templo. Por sua vez, o Código Criminal de 1830, trazia como parte das “Offensas da religião, da moral e bons costumes”, o Art.276., que previa a punição para quem “celebrar em casa ou edifício que tenha forma de Templo, ou publicamente em qualquer lugar, o culto de outra religião que não seja a do Estado”. Penalizado com dispersão das pessoas reunidas, demolição da forma exterior e multa de 12 mil reis cada um. O Art. 277., “Abusar ou zombar de qualquer culto estabelecido no Imperio, por meio de papeis impressos, lithographados ou gravados, que se distribuem por mais de quinze pessoas ou discursos proferidos em reuniões publicas, ou na occasião e lugar em que o culto se prestar. Penalizado com prisão de um a seis mezes, ou de multa correspondente á metade do tempo”. O Art. 278., “Propagar por meio de papeis impressos, lithographados ou gravados, que se distribuem por mais de quinze pessoas ou proferidos em publicas reuniões, doutrinas que diretamente destruam as verdades fundamentais da existência de Deus e da immortalidade da alma”. Penalizado com prisão de quatro meses a um anno, e de multa correspondente à metade do tempo. Não parece haver, de forma expressa, o combate aos cultos não cristãos nesses artigos. Contudo, sem dúvida, ficava bastante subtendido que estava ao cargo de autoridades policiais e jurídicas a interpretação desses artigos no controle sobre os cultos não oficiais. Os quais, no caso daqueles ligados a população negra ou indígena, eram tratados como ameaça à moralidade e aos costumes, bem como uma afronta ao catolicismo.

– Lê-se no *Diario de P.*

[...]

– Barbaridade inaudita. – João Tenorio de Albuquerque, conhecido como Tantão padecia de uma paralyssia, acompanhada de alienação mental; seu pai José Fernandes Tenorio Caihu morador na fazenda – Santa Rosa – da freguesia de Auguas(sic) Bellas, persuadindo-se que elle estava enfeitizado, mandou chamar um negro curandeiro de nome Severino, escravo de Felix dos Santos, morador em Papaeça, com quem ajustou o curativo por 120\$, recebendo logo o senhor do escravo 80\$.

Conduziram Tantão para um lugar ermo e exquisito junto a uma grande serra; onde existia refugido(sic) o seu irmão. O celebre faccinora Jeronimo Tenorio (fugido da cadeia de Garanhuns) com sua amasia Thereza, com elles se reuniram o negro curandeiro Felix de Albuquerque Cavalcanti e Barbara, escrava de Caihu.

Alli chegados, principiou o curativo por açoitarem cruelmente o infeliz demente por espaço de um mez, findo o que, depois de tomarem muita bebida de jurema, e de feitas varias momices e praticas suspresticiosas(sic) e absurdas, disse o intitulado feiticeiro – « que os seus mestres do outro mundo ordenavam, que o infeliz Tantão só ficaria livre da *carga do feitiço*, sujeitando-se a que lhe arrancassem um olho, as unhas dos pés, e lhe cortassem uma orelha.

Applaudiram todos o curativo, esquivando-se o preto de ser operador, porque, dizia elle, seus mestres lh'o prohibiam: mas Thereza loga(sic) offereceu-se para fazer a operação, e armando-se de uma faca extirpou um olho, e arrancou depois uma por uma unhas dos pés, cortando Jeronimo uma orelha do martyr que estava amarrado e seguro por Felix de Albuquerque, que servia de ajudante a operadora.

Nesse lamentavel estado foi Tantão levado para casa de seu pai, onde falleceu dous dias depois, coberto de vermes que se apoderaram das feridas.

Não sabemos o que mais deva admirarse a atrocidade do delicto, se a impassibilidade do subdelegado de Aguas Bellas, que nenhuma providencia deu, deixando que o cadaver da victima fosse sepultado sem se fazer corpo de delicto.

Consta que presentemente as autoridades civis e policiaes do termo de Garanhuns, estão tomando conhecimento deste facto, e já se acha preso o negro feiticeiro (Pedro II, 1850d, p. 4, grifos do autor).

Esse tipo de notícia que, como notamos, foi perene nas folhas cearenses, embasava o combate não apenas ao crime, ao charlatanismo religioso ou à superstição, mas associava essas práticas aos populares, especialmente, pobres e pessoas negras e mestiças. A ênfase na etnia dessas pessoas, quando partícipes desses enredos, independente da linha política editorial, faz crer que aquelas diferentes folhas, estavam atrelando criminalidade, ignorância, fraude e trapaça aquelas pessoas. Procuravam desacreditar, não apenas em seus rituais ou crenças, mas desencorajar as suas práticas, sobretudo, quando essas pudessem resultar em alguma solidariedade comum ou ameaça aos interesses dos grupos abastados.

Dessa maneira, essas narrativas funcionaram também com um instrumento reafirmador das fronteiras normativas entre classes diversas, mas, principalmente da hierarquia entre grupos étnicos diferentes. A religiosidade popular, em especial, as práticas diversas das tradições europeias, eram combatidas e, sempre que possível, associadas à ignorância e ao delito. Entende-se que, nas notas anteriores a essa última, não se tratava do combate ao crime *per si*, mas a constatação de que qualquer prática marginal seria considerada suspeita.

Assim, sempre que os jornais dedicaram o seu espaço gráfico a destrinchar

alguma manifestação do sobrenatural atrelada a crenças não cristãs, essas eram tratadas com desdém e de forma a reforçar a sua incompreensibilidade, o seu confinamento na ideia de fanatismo. A construção narrativa dessas notícias sobre bruxas, feiticeiros ou curandeiros, podia margear a busca no próprio texto, por desacreditar aquelas pessoas, associando os seus supostos poderes, objetos de culto, a crença (de populares) naqueles indivíduos com o irracional e, portanto, motivo de deboche:

Tomamos no *Commercio* de Portugal a seguinte notícia:

Está no hospital de S. José Jesuina do Coração de Jesus, moradora na calçadinha de S. Lourenço, em casa de quem fallecera uma mulher depois de tomar um *remédio* ministrado pela mesma Jesuina, curandeira mulher de virtude ou bruxa.

A mulher foi acompanhada pelo seu proprio marido á casa da bruxa a morreu logo em seguida á tisana.

Sabendo a policia d'este caso prendeu a bruxa, a qual deu parte de doente, sendo recolhida ao hospital de S. José, como acima dissemos.

A bruxa não é tão feia como a pintam, comquanto seja antipathica. E' mulher de 60 annos.

Está effectivamente com febre e o medico assistente declarou que não podia ir ao tribunal, como elle queria.

Quando a policia deu busca a casa da bruxa encontrou os seguintes objectos:

Quatro Frascos(sic) com varios liquidos, que ella intitulava óleo humano, um mono de trapo preto com dois chavelhos e rabo embrulhado em algodão em rama, quatro panos quadrados com duas agulhas em crux, um sacco com terra e ossos, um pé de meia com ossos humanos e maçãs de cypreste, uma pelle de sapo com cabello por dentro e uma agulha atravessada (diz a bruxa que este cabello é de uma mulher que ella tratou), quatro baralhos de cartas sebentas, um bocado de pedra de ara¹⁶⁵, papeis com sementes, um manipanso preto que a curandeira diz ser O DEUS DOS FRUCTOS, e uma liga com muitos nós.

Quando a bruxa foi apalpada encontraram-lhe o seguinte:

Tinha no peito um Santo Christo, na perna direita duas grandes facas de cozinha por baixo da meia, e na outra uma faca e uma tesoura. Uma das facas tinha no cabo duas cruses bizantinas de metal. apenas(sic) lhes tiraram as facas começou a queixar-se de grandes dóres, como se estas facas *fossem ossos* que lhe tivessem tirado do corpo.

A proposito vem aqui dizer que no bêco da Bemposta mora uma outra bruxa, conhecida pelo nome de *Maria das Bréas*. É mulher ladina, tem sido presa varias vezes e já esteve em Rilhafolles. Fizera-se beata, anda descalça, insulta, nos proprios templos, as senhoras que ali entram de chapéo. E' raro o dia em que não vae gente consultal-a, e qualquer dia dará que falar pelas suas applicações aos papalvos¹⁶⁶ que a procuram (Cearense, 1875l, p.2; grifos do autor)¹⁶⁷.

A trajetória dessas estórias leva a crer que, apesar de não haver uma estratégia única de lidar com práticas e crenças populares incômodas, o *fait divers* sobrenatural configurou um instrumento de adequação à racionalidade no discurso das elites econômicas e culturais de sua época. Embora, existissem diferenças profundas entre a sociedade cearense e aquelas da maioria dos países da Europa ocidental, as folhas provincianas investiram na

¹⁶⁵ “Tisana: todo liquido que serve de bebida ao doente” (Silva; Bluteau, 1789, n. p.).

¹⁶⁶ “Ara: altar” (Pinto, 1832, n. p.).

¹⁶⁷ “Papalvo: tolo” (Pinto, 1832, n. p.).

republicação de narrativas estrangeiras que fossem mais adequadas ao processo local. Relacionando, sempre que possível, a população mais pobre a comportamentos crédulos e ignorantes.

Elas serviram de substrato a um mecanismo de controle comportamental e normativo de classe, raça e gênero, visto que pobres, mulheres e pessoas de cor foram mais pesadamente atingidos por esse engenho discursivo. A fabricação do monstro sobrenatural não deixava de ser uma continuidade do processo de elaboração acerca do monstro moral moldado a partir de uma alteridade não assimilada e não aceita. As assombrações, os lobisomens e os feiticeiros de outrora foram estabelecidos como os signos da contravenção das leis, normas e das regras sociais.

Os *faits divers* de crimes contra a vida cristalizaram na narrativa um conjunto de normas que deviam ser reforçadas para manutenção da ordem e da paz social. Aqueles relatos sobre monstruosidades sobrenaturais construíram o reforço de demarcações de fronteiras e limites a práticas não hegemônicas de religiosidade e manifestações culturais heterodoxas. As notas sobre o fantástico e o sobrenatural foram utilizadas justamente para legitimar a superioridade do discurso letrado racional e elitista sobre costumes, usanças e crenças diversas conservadas pela população mais pobre na oralidade.

5.3 Da fábula ao caso

Ao explorar a diversidade narrativa dos *faits divers* oitocentistas cearenses, descobriu-se mais que a elaboração de relatos sobre violência, criminalidade e morte. Muitas daquelas tramas traziam discursos que se entrecruzavam, conflitavam ou complementavam dentro do suporte jornalístico do período. Pôde-se, por meio delas, perceber e analisar, inclusive, algumas peculiaridades da sociedade local.

Compreender a província ou mesmo a Fortaleza oitocentista, passa por entendê-las enquanto lugares que lidavam de forma diferenciada com a violência, a criminalidade, mas também com um modo muito particular de reproduzir narrativas fabulosas. Aquela sociedade construía e se consolidava, mesmo nos seus espaços letrados, sob os signos da violência, do arbítrio e do insólito, o que, portanto, abria espaço para que histórias sobre seres monstruosos ou fatos anedóticos fossem percebidos como parte sua, ainda que oficialmente desprezada.

Entende-se que, certa parcela da sociedade local não tivesse apreço estético, moral ou emocional por aquelas narrativas por tratarem de fatos bizarros ou acontecimentos profundamente violentos. Contudo, aqueles relatos, provavelmente, tornaram-se efetivos e

bem-sucedidos junto a grupos sociais que já vivenciavam formas menos contidas de expressão da violência no seu cotidiano, ou daqueles que a experienciavam somente por meio das letras e da oralidade, em que se tornavam teoricamente controlada.

Seja como for, antes de trama escrita nas folhas dos hebdomadários, a violência e o insólito foram fabricados enquanto discurso. Assim sendo, serviriam para organizar, separar e instituir normas, regras, entretanto, elas também desnudariam sensibilidades e prazeres nos relatos carregados de sensações (El Far, 2004). Importa apreender que as narrativas dos *faits divers* não permaneceram presas e isoladas nas colunas dos periódicos, mas que elas mesmas foram fabricadas em um regime discursivo próprio do contexto, operando sobre determinados grupos, instituindo práticas e estabelecendo domínios.

Parece fundamental entender que aqueles diferentes discursos constituíram um substrato considerável, seja para o fazer jornalístico, seja para a construção narrativa literária. O diálogo entre as diferentes fontes discursivas pôde construir pontes significativas entre esses campos diversos do saber. Ele ajudou a estabelecer uma reconstrução textual sobre a criminalidade, o uso da violência, a importância das leis e das normas, mas sobretudo, possibilitou que, através da escrita dentro de um suporte jornalístico, essa reconstrução tivesse um alcance ainda maior dentro da sociedade local oitocentista.

Os relatos presentes nos *faits divers* constituíram algo novo, entretanto, nada inédito. Eles embasaram uma abertura para que nós pudéssemos entender o funcionamento daquela sociedade por meio de outros signos. Aquelas narrativas tão frequentemente apontadas como sensacionalistas, eram, na verdade, constituídas muito similarmente a tantas outras construções textuais daquela época.

No entanto, enquanto trama jornalística, o diferencial esteve nos usos da linguagem e na forma como foi organizada para dar conta de uma proximidade que se desejava manter com o público. Afinal, ao aproximar o objeto do sujeito, o *fait divers*, como trama narrativa que sabia explorar o fabuloso e o sensacional, não admitia nunca o distanciamento ou a neutralidade, pois sempre reivindicava intimidade, explorando profundamente a esfera do emocional (Angrimani, 1995).

Dessa forma, ela construiu um espaço para outras fórmulas de lidar com aqueles acontecimentos, sem ser o relato criminal. Estratificando um lugar também para o anedótico, o extravagante e o risível em uma escrita que devia muito à própria oralidade do período, onde “causos” e estórias do cotidiano seriam reconstruídos nas colunas de variedades. Essa não era uma tarefa isolada e insensata, uma vez que desde as contendas políticas, tramas fabulosas eram construídas, alimentadas pela curiosidade e pelo gosto narrativo dos leitores,

formando um grupo considerável de relatos nos jornais locais:

Terrível aventura. – Deu-se ultimamente nas montanhas Catskill, nos Estados-Unidos, uma aventura terrível.

Maggie Currau, uma menina de 5 annos de idade, foi colher fructas nos bosques que cercam a casa de seu pae; de volta para a casa encontrou-se com um grande urso, que avançava para ella. Possuida de uma coragem verdadeira, extraordinaria para sua idade, a creança quebrou um galho de arvore e caminhou contra o animal furioso.

Este atirou-se sobre a menina, agarrando-a pelo vestido e levou-a para o interior dos bosques, Maggie gritou por socorro muitas vezes. Os seus gritos foram ouvidos pelo cão de seu pae, que não tardou a encontrar o urso e a creança. O corajoso animal atacou o urso e mordeu-o com tanta raiva, que o urso foi obrigado a deixar a creança, que fugiu para a casa e deu rebate a todos os habitantes.

Estes ultimos, formados em bandos e guiados pela intrepida Maggie, encontraram o cão ensanguentado. O urso tinha desaparecido.

Tentativa extravagante de suicidio. – Conta um jornal francez de medicina que em 8 de agosto ultimo um homem perdendo a paciencia n'uma alteração(sic) com a mulher, resolveu matar-se. Para esse fim armou-se de um punhal de um decimetro de comprimento, collocou-o verticalmente sobre o alto da cabeça e, batendo-o com um martello, cravou-o até o cabo. Chegou ao fim da operação com vida, e sem sentir encommodo algum.

Desapontado por se sair mal da tentativa, teve que chamar um medico, que tentou arrancar-lhe o punhal, mas que já não o conseguiu, apesar dos grandes esforços para isso sempre empregados. Foi depois chamado outro, e ambos juntos tambem não foram capazes de extrahir a arma. Conçaram(sic) o homem, a puxar pelo cabo do punhal mas este, solidamente fixado nas paredes do craneo não se movia.

Resolveram levar o paciente a uma officina próxima, aonde podiam empregar meios de tracção sufficientemente energicos. Colocado elle entre dois postes, no intervallo dos quaes havia uma forte pinça de ferro, movida por uma machina; sentando no chão bem seguro, foi o punhal agarrado pela pinça, puxado sem abalo e arrancado, levantando um pouco o homem, que tornou a cair no chão. Levantou-se, porém este logo, começou a andar e a conversar, e acompanhou os médicos até á carroagem agradecendo-lhe o serviço prestado

A lamina do ferro tinha curvado um pouco a ponta; reconheceu-se que tinha encontrado um corpo duro, que foi a fossa occipital. Com receio de que sobreviessem accidentes cerebrais, foi o paciente levado para o hospital de S. Luiz onde esteve em observação durante oito dias. No fim delles sahio, sem que tivesse manifestado encommodo algum (O Cearense, 1859, p. 2; Gazeta do Norte, 1881e, p. 2).

A cidade letrada (Rama, 2015) construiu, como se nota, um modo específico de lidar com o estranho e o insólito. A exemplo de outros centros, as folhas cearenses se utilizaram do relato escrito acerca de acontecimentos banais que, por detalhes bizarros, podiam ser transformados em inusitados “causos”, cuja excentricidade os alocava nas colunas de entretenimento.

Observar essas narrativas perenes em um período como a década de 1880, onde os maiores jornais já tinham considerável circulação, públicos fiéis e linhas editoriais consolidadas, leva-nos a crer que já não era o caso de preencher espaço gráfico com qualquer narrativa estapafúrdia, mas estar em conformidade com o que aquele público local demandava. Se, conforme adverte Pedro (1995), o articulista do jornal escrevia e selecionava

textos, agindo mediante a sua própria subjetividade, certamente, ele também era conduzido pela existência dos leitores e as suas escolhas falavam, também, dos interesses e das visões de mundo que se mantinham circulando na província, naquele momento.

O gosto dos cearenses por textos que beiravam o fabuloso ou o burlesco, tal como se acompanha nas passagens anteriores, parece ter se consolidado ao final do século XIX. A presença dos folhetins, a profusão de textos literários, publicações demandadas por leitores ocasionais ou assinantes, tudo isso não tirou o lugar cativo desses relatos dentro dos periódicos. Essas notas ganharam, não raras vezes, a primeira página desses hebdomadários, ocupando espaço muito disputado pelas notícias da política e da economia.

Em uma cidade ainda integrada pela oralidade no seu cotidiano, os boatos, fofocas e mesmo a maledicência circulavam rapidamente. Essa presença marcante da oralidade, evidenciou-se até mesmo em obras literárias e memorialísticas do período (Oliveira, 2000), enquanto referência, ora incômoda, ora jocosa. Não se admira, portanto, que as informações e os assuntos curiosos presentes nos jornais também circulassem. Na elite, os homens o faziam no espaço das tavernas, cafés e armazéns; para mulheres as salas e cozinhas das vizinhas ou dentro dos salões dos clubes durante as festas. Para a população pobre, de ambos os gêneros, as ruas, os chafarizes, o mercado, as praças e as rodas de conversa, aquelas narrativas se espraiavam pela repetição oral e deviam chegar aos mais recônditos lugares da sociedade.

Assim, não surpreende que estivessem emoldurando muitas daquelas histórias fabulosas, tantas outras pequenas notas extraordinárias e insólitas que moviam a curiosidade do público leitor, bem como aquelas primeiras sobre maravilhas da natureza (Cearense, 1887). Essas maravilhas da sociedade eram geralmente pessoas com grande longevidade, com personalidade ou caráter excêntrico, que passavam por experiências bizarras, ou mesmo, eram momentaneamente famosas por seus feitos.

S. Paulo. – [...]

– Na cidade de Caldas existe um preto que conta 135 anos de idade¹⁶⁸.

– O *Mosaico* de Guaratinguetá, dá a seguinte notícia:

Existe em S. José do Paraíso, provincia da Bahia, uma mulher, vulgo Isabel do Morro, que conta actualmente 111 anos, mais ou menos, ainda viaja a pé distancia de uma legua, goza ainda faculdades mentaes, ouve missas todos os dias, de joelhos, cose muito bem e lê livro perfeitamente. Conserva-se ainda no estado de solteira, e nunca conheceu varão.

Realmente a Sra. Isabel do Morro é uma preciosidade. Virgens de 111 anos não são couzas que andem por ahi a granel neste seculo das luzes.

MACROBIO. – Lê-se no « Comercio do Paraná »:

– No dia 8 do corrente falleceu na freguezia de Guaraksaba(sic), Joaquim de Farias

¹⁶⁸ Cf. Item 5.1 deste capítulo.

com 115 annos !

Dizem-nos que ainda n'essa idade occupava-se no seu officio de carpinteiro, e fazia violas como nenhum outro. Admira como se pode viver tanto n'esta época.

Lê-se o *Espirito Santense*:

«Do Riacho nos enviaram a seguinte noticia :

«Morreu no dia 26 de Setembro na barra do Riacho, freguezia de S. Benedicto o crioulo livre de nome Silvestre de tal, na idade de 145 annos, 3 mezes e 11 dias. Gozava de todas as facultades intellectuais e uma prodigiosa memoria. Servia 60 annos, mais ou menos, como pedestre nesta provincia. Nasceu nos arrebaldes da Victoria. Lembra-se do tempo em que Victoria era uma villa e Governadores Robim e Pontes Leme. Deixa numerosa familia: 12 filhos, 80 netos, 100 bisnetos e 40 tataranetos.

« Este macróbio botou a barra adiante de quantos se tem mencionado ultimamente.» (Pedro II, 1881, p. 1; Cearense, 1877a, p. 2; Pedro II, 1861b, p. 3, grifos do autor).

O gosto pelas notas exóticas, pode ser entendido não apenas pelas limitadas formas de entretenimento escritas, disponíveis aos leitores, contudo, porque essas estórias curtas podiam jogar com a ludicidade e curiosidade dentro de um suporte material que ansiava, cada vez mais, atrair leitores/consumidores. Essas narrativas esquisitas e curiosas, geralmente mais curtas, encampavam uma leitura menos demorada e, portanto, cabiam dentro dos hábitos de leitura que começavam a se intensificar e diversificar no contexto cearense de fins dos oitocentos (Pinheiro Filho, 2014):

Caso celebre. – Pessoa fidedigna communicou-nos o seguinte:

« Na Alagoa do Espirito Santo, termo do Ouricury, provincia de Pernambuco, morão dous individuos q'ha poucos(sic) praticarão o acto mais imoral de que tenho noticia. Ricardo casado com Antonia engraçã-se de Eugenia mulher de Joaquim Gomes, cuja mulher era moça e bonita, pede volta: Ricardo não se fez esperar, entrega-lhe Antonia, um cavallo, uma carga de farinha e cinco mil réis e recebe Eugenia mulher de Joaquim Gomes.

Vivem como casados, e se visitão e são amigos; se amisade pôde existir em tais almas.

Factos de tal ordem não se commentão.»

S. Paulo [...]

O *Parahyba*, de Guaratinguetá, refere em data de Outubro o seguinte facto:

« Em dias da semana passada apresentou-se ao delegado de policia desta cidade, Anna Maria de Jesus, queixando-se de que seu marido Benedicto de tal vulgo *Guatambú*, todas as noites obrigava-a a amamenta-lo, deixando-a em tal estado de prostração e debilidade, que por diversas vezes, ao levantar-se do leito, cahira por terra.

«Ella e seu filho, criança tenra e rachelica, morreriam de fraqueza e de fome, e não serem os socorros prestados pela Sra. D. Anna Jacintha Guimarães, em cuja fazenda depararam os recursos precisos para o restabelecimento.».

Rio de Janeiro [...]

– A «Estrella do Oeste», da cidade de Brotas, refere o seguinte :

« Aqui apresentou-se Pedro José do Prado queixando-se ao Dr. delegado de policia que, tendo dado hospedagem a João Barbosa e a José Benedicto de Sant'anna, ambos casados, estes, abusando da confiança, raptaram suas filhas menores de nomes Maria e Gertrudes, fugindo com as mesmas.

O infeliz pai tem engulido lagrimas acerbadas diante de tão grande desgraça. Consta-nos hoje que os raptadores foram se asyalar no termo da Constituição, onde estão

gosando a lua de mel.

Enquanto aqui dão-se raptos de mulher, lá na villa de Jahú deu-se ao contrário o rapto de um homem!

E, com circumstancia aggravante de que o homem era mentecapto ! ...

A cousa explica-se: – o sandeu tinha dinheiro ! e por isso surgiu a idéa do casório, acompanhada dos mais tristes e burlescos episódios.

A principio dava para rir, pois que esse mentecapto até andou vestido de mulher; depois ... abriu-se lhe uma cova, e ... «resquiescat(sic) in pace» !

Eis o resultado! Em vez de nupcias festivaes o funebre aparato da mortalha. Deus foi o juiz supremo da causa; não consentiu em tal hymeneu !

Garanto-lhe que ha muito tempo não encontro um episodio tão extraordinario na minha vida » (A Constituição, 1866e, p. 2; Gazeta do Norte, 1882c, p. 3; Cearense, 1871d, p. 2, grifos do autor).

O extraordinário, o trágico e o burlesco adentravam o cotidiano citadino em notas aparentemente desimportantes e avulsas. No entanto, elas davam conta de uma predileção do público por esses eventos, fatos ou acontecimentos tidos como anedóticos e/ou surpreendentes. A sua perpetuação nos maiores jornais locais, leva-nos a concluir que o gosto cearense por aqueles textos consolidava um hábito estabelecido ainda em meados do século. Naquele momento, os jornais cearenses haviam começado a se utilizar de uma escrita performática e dramatizada para angariar simpatia, apoio político, como também para impulsionar-se enquanto suporte literário:

CALIFORNIA. – Na sahida da corveta *Lamproie*, a cidade de S. Francisco estava em grande agitação. Eis aqui o motivo:

«Ha tres annos, um jovem brasileiro chamado Pedro Sanchez, estava empregado como primeiro flautista no theatro imperial do Rio de Janeiro. Pedro, de genio ardente como o sol da sua terra, supportava com impaciencia febril as abservações(sic) de seu chefe de d'orchestra. Uma noite, no meio da execução da opera Don João, o chefe da Orchestra se dirige a Pedro, e lhe grita: – Vós tocais sem compasso. – Esta observação pertuba nosso jovem flautista; uma nuvem lhe turva a vista, o sangue lhe zumbe nos ouvidos; não ouve senão o som do seu instrumento...N'uma palavra(sic) elle toca de tal sorte em desharmonia com o resto da orchestra, que attrahe a attenção do publico, que começa a cochichar ... No fim do acto, uma altercação terrivel entre o infeliz flautista e o chefe d'orchestra se segue; e os epithetos mais injuriosos chovem sobre o pobre moço. N'um acesso de furor. Pedro agarra a sua flauta, e se arremessa ao seu adversário. A ponta do instrumento encontra o olho esquerdo do chefe d'orchestra, e o vasa. Pedro, consternado se precipita fóra do theatro, os empregados o perseguem. Emfim o flautista lhes escapa, e se abriga em casa d'um amigo, capitão d'um navio, prompto para seguir a California.

«Chegado ás *placcres*, depois de 18 mezes trabalhos cotinuos. Pedro tinha ajuntado em ouro, o valor de cerca de 70.000 francos (mais ou menos 24 contos de réis).

Volta para S. Francisco, e logo no primeiro dia de sua chegada n'esta cidade, encontra um patrício, amigo velho do Rio de Janeiro, que o convida para uma casa de jogo. Duas horas depois não tem senão 12.500 francos. O artista mineiro se dirige cambaleando a porta da sahida; uma resolução desesperada se mostra no seu semblante. No momento de passar a soleira da porta, Pedro hesita, volta arrebatadamente para a mesa, e lança os 12, 500 francos sobre o tapete. Depois de 8 horas de jogo, Pedro é possuidor de um milhão quinhentos mil francos (525 contos de réis) e tão prudente que abandona o jogo.

Esta fortuna tão rapidamente adquerida, tornou-se logo objecto das conversações em S. Francisco. Entre as senhoras da cidade que cobiçavão os thesouros de Pedro, uma antiga actriz do theatro de S. Francisco alcançou de captivar o amor do Brasileiro,

que um mez depois lhe offereceu seu coração, sua mão e 1.500,000 francos. Ella aceitou os 1.500,000 francos, e os laços de hymeneu unirão os dous artistas. Mas, ó perfídia do coração humano ! Pedro não foi o unico objecto de amor da sua companheira. Um jovem actor do theatro roubou-lhe a ternura de sua esposa, e projectos sinistros erão o único pensamento(sic) de Sanchez.

«Emfim, ha quatro mezes, Pedro surpreendeu os dous culpados em uma conversação criminosa. Fóra de si, o marido ultrajado tira de sua algibeira uma pistola de dous canos que sempre trasia consigo, e a dispara sobre o jovem actor e sua esposa. O povo se ajunta, agarrão a Pedro, que com olhos ferozes e riso satânico, indicava com a mão as duas victimas, estendidas sobre o soalho, uma morta, outra ferida.

«A antiga actriz não succumbio à ferida, a bala tinha sò levemente tocado o peito esquerdo; com tudo um processo criminal se seguio, no qual Pedro provavelmente será absolvido. Mas, casando-se, fez judicialmente doação dos 1.500,000 á sua mulher, e como na California a justiça não resiste a dous olhos bonitos, é provavel que os juizes deixarã(sic) partir a actriz para a França com o beneficio d'esse drama sanguinolento, isto é, com 75,000 francos de renda.

(*Currier de l'Europe.*) (A Constituição, 1870f, p. 2, grifos do autor).

Dentro de um quadro sócio-histórico, em que essas narrativas ainda não eram construídas com a pretensão de se distanciar da literatura ficcional, era notória e recorrente a presença e o uso dos *faits divers* enquanto um constructo narrativo para além da seara do crime. Dito isso, elaborado para dar conta de um entretenimento entrecortado por uma construção de sentido diverso daquele da contemporaneidade.

Aquelas notas expunham relatos que foram erigidos no limiar entre as formas mais arcaicas de narratividade e aquelas estruturas típicas da literatura oitocentista. O caráter fabuloso que as compunham era sustentado pela curiosidade acerca do diferente, do inaudito e do exótico, mas viesados na moralidade oitocentista que alinhavava a constituição da exemplaridade, através do relato presente naquelas tramas (Ramos, 2012; Dezotti, 2018).

O que se verificou na segunda metade dos oitocentos foi uma intensa tentativa de construção de uma modernidade tardia na sociedade brasileira (Scharz, 2014) e de forma bastante sôfrega no território cearense. O processo esperava civilizar, não apenas a capital, então em franco crescimento populacional e estrutural, porém uma província inteira, a partir dos eixos simbólicos da civilização e do progresso. Estes, os quais deveriam ser mediados pelo discurso jornalístico, porta-voz direto das forças políticas de outrora.

Embora organizadas, primeiramente, como forma de dar conta de uma narratividade ainda atravessada pelas experiências da oralidade e das tradições, a escrita dessas estórias esteve desde cedo, a serviço de uma retórica moralizante. Ocorreu por meio delas, a tentativa de fabricação de sociabilidades, subjetividades e adequação normativa. Comprometidos em construir modelos e gerar sentido a fatos, ações ou experiências marcadas pela violência, pelo grotesco, pelo estranho, esses relatos muitas vezes funcionavam como fábulas excêntricas.

Elas repercutiam modelos e padrões que deviam ser reproduzidos ou evitados, ao

mesmo tempo, em que reconstituíam narrativamente os acontecimentos noticiados. Os eventos, embora duvidosos, eram conectados por sentidos e, nesses casos, era o que mais importava. Mesmo porque, diante de uma veracidade presumida, era a amarração construída pelo relato, não os fatos, que contava. As relações entre ficção e poder nessas narrativas oitocentistas, assim como nas fábulas clássicas, estabeleciam-se com lições de moral, engendrando subjetividades (Ramos, 2019) domesticadas, ainda que de forma indireta.

Aquelas estórias eram apropriadas pelo discurso jornalístico, não para serem meras notas curiosas, narrativas anedóticas ou informações aleatórias. Elas eram tratadas como *causos* a serem recontados, porque tinham um objetivo para além do prazer da leitura. Havia por detrás daquelas colunas dentro dos periódicos, homens das classes abastadas que identificaram o potencial da narrativa de sensações, enquanto um recurso versátil dentro do discurso jornalístico. E o principal propósito na mente das elites oitocentistas era a modernização da terra e a civilização do povo.

Desse modo, os *faits divers* contribuiriam não apenas na reafirmação das normas, no combate à contravenção, mas também serviram de molde para estórias que buscavam neutralizar perfis desviantes daquela meta modernizadora. Assim, compreende-se como ao longo desse período, foram escritos tantos textos que utilizaram o riso, o deboche e a pilhéria como forma de combater aqueles mesmos desvios.

Edificou-se um derradeiro meio de capturar os contraventores, desviantes e limiares de comportamento, moralidade ou legalidade: o humor. Enquanto continuidade daquele discurso oficial racionalista, fabricou-se de igual maneira, um outro fortemente baseado no uso do escárnio e da vexação com o intuito de modelar condutas e burilar sociabilidades aceitáveis:

Fazer gala¹⁶⁹ na miséria – Lê-se no *Diário de Notícias*:

«Esta gazetilha é séria – séria a devo eu declarar, – *fazer gala na miséria*, – ella vai pois explicar.

Fazer gala na miséria. – (isto tem sua pilheria), – é qualquer velha horrorosa, – julgando ser uma rosa, – pôr-se a burnir ao espelho, – e julgando-se donzella – ir colocar-se á janella – á espera de um fedelho.

E’ uma dama *trintona*, – e lá por que é frescalhona, e nem bonita, nem feia(sic), – reputar-se uma sereia, – fazer boquinha e careta, – e julgar-se muito querida.

Fazer gala na miséria, – é por exemplo, qualquer velha, menina ou mulher, – censurar na vizinhança – os namoros que lá vão, – que é fraqueza de criança, – pois também seu coração, – entre muita coisa e loisa... *faz a mesmíssima coisa*.

Fazer gala na miséria, – é notar o que se faz, – dar em tudo zás ! traz ! pás ! – ter linguazinha afiada, –isto quando quem censura – que deve ser censurada.

Homem que é nescio, alfarrabio, – toleirão, parvo, materia, – quando quer passar por sábio – só faz gala na miséria.

Deputado que faz d’urso, – que jamais um só discurso, – pronunciou dando féria –

¹⁶⁹ “Gala: graça, garbo, bizzaria” (Silva; Bluteau, 1789, p. 9).

á linguasinha o ratão... – si se julga sabichão, – só faz gala na miseria !
 Taful que vai ao passeio, – de luvasinha calçada, de impostura todo cheio – e no
porte monnaie...nada !
 que falla, diz e arrotta, – muita labia, muita léria... – Ai ! Jesus ! porce já, nota, – só
 faz gala na miseria !
 Se hoje fosse a enumerar, – minha pobre debil falla, – tudo quanto é fazer gala, –
fazer gala na miseria...
 Oh ! Tinha imensa materia ! – e esta aqui pois seja dita, – e com verdade eu a digo, –
 muita menina bonita, – ficaria mal commigo. – *L de A.* (Cearense, 1874g, p. 3,
 grifos do autor).

Esse foi um processo contínuo ao longo do século XIX, onde, como afirma Silva (2009), os setores letrados locais procuraram por meio da provocação cômica, desqualificar outras formas de experiência, distantes daquelas almeçadas pelas elites cearenses. Muito antes dos pasquins (O Cearense, 1853c) invadirem as ruas da Fortaleza de fins do século, com seu humor escrachado, na crítica não apenas política, mas dos hábitos e dos costumes da população comum, os jornais tradicionais já faziam uso da linguagem jocosa para enquadrar aquilo que era visto como uma sobra, uma permanência, um testemunho de um agir inadequado:

DUAS VICTIMAS

– E, se te fosse infiel ?
 – Mataria a ambos : a ti e ao teu amante.
 – Fero coração ! Quanto ao pressuposto amante compreendo que ser-te-ia impossível poupal-o ; e ferindo-o, de certo, procederias correctamente...
 Mas terias a barbara coragem de apunhalar aquella a quem tanto adoras, a mim, tão carinhosa, a quem só tem risos para ti, quer nos olhos, quer nos lábios ?
 – E como não? Não seria excessivo o duplo homicidio para vingar-me de injuria tão cruel.
 – Santo Deus ! Duas victimas ! Duas victimas ensanguentadas, asquerosas, o craneo estilhado pelo projectil ou o peito lacerado pelo punhal – é quanto reclama para vingarte ?
 – Sim ! Dous cadaveres !
 – Ufa ! exclamou ella. E leve arrepio estremeceu lhe todo o corpo, fazendo tremular os sedosos cabelinhos da nuca.
 Depois, tendo reflectido : – Bem ! No caso de ser-te infiel, será prudente tomar em vez de um, dois amantes.
Elle olhava-a surpreso.
 – Sim ! – prosseguiu a joven dando uma gargalhada – d’esta maneira preencherás a cifra desforradora, sem que eu soffra cousa alguma !
 Catulé Mendés (A Constituição, 1872b, p. 2)¹⁷⁰.

São indignos do nome. – Lê-se no *Correio Mercantil* :

De uma carta datada da Parabibuna em 13 do corrente extrahimos o seguinte :

¹⁷⁰ Os pasquins, no século XIX, foram jornais de existência geralmente efêmera cuja principal característica era a publicação de textos de caráter satírico, muitas vezes caricato, onde se criticavam não só as autoridades constituídas, os poderosos daquela sociedade, mas também os costumes arraigados, as novas modas e as práticas populares vistas como inadequadas ou obsoletas. Com longa tradição na cultura ibérica esses suportes foram bastante populares na derradeira década do século XIX, em Fortaleza. “Pasquim: sátira por escrito pregada nas ruas, ou portas” (Silva; Bluteau, 1789, p. 164); “Pasquinada: Satyra exposta ao publico por escripto afixado” (Pinto, 1832, p. 787).

«No dia 10 do corrente, estando Miguel Tatú a jogar com Chico Sapo, e mais um outro individuo no bairro do Caracol, altercaram-se por causa de quatro vintens, e o resultado da altercação foi Sapo faquear(sic) a Tatú. São realmente indignos da alcunha qualquer d'elles, porque não nos consta que o *tatú* muito menos o *sapo* sejam animaes ferozes.¹⁷¹

Mofina¹⁷².

O abaixo assignado roga incarecidamente ao Sr. Manoel Nunes de Mello, inspector da thesouraria provincial, o favor de lhe mandar entregar oito lanternas, que S.S. pedio emprestadas ao capitão Antonio Rodrigues Cordeiro; pois algo que S.S. não ignora que essas lanternas são do estabelecimento que outr'ora pertencia ao referido capitão Cordeiro, e hoje ao abaixo assignado; tanto mais que o abaixo assignado já o fez sciente a S.S.

E' tempo de sobra. Quem quer moça bonita, bole com o pé e com a bolça; assim também quem quer ornar igreja, compra lanternas; pois no mercado ha baratas.

João Lopes de Abreu Lage (A Constituição, 1889b, p. 1).

Consideramos que a narratividade de sensações também elaborava a crítica jocosa sobre costumes e hábitos. Fosse a traição conjugal, a violência pontual ou a esperteza dos mais fortes, havia espaço para o uso da crítica mordaz, ainda que em outro formato. O molde do *fait divers* era versátil o bastante para usos diversos dentro dos jornais. Ele conseguia aproximar, inclusive, a narrativa modelar daquela que estava junto ao espírito cômico e novidadeiro imputado aos populares.

Por isso, essas notas foram relativamente longevas. Elas já não davam conta somente de um espaço vago nos jornais, eram entretenimento para os letrados que as elaboravam e eram divertimento fácil para os leitores que as consumiam. Aquelas estórias reforçavam um gosto popular pelo pitoresco e pelo caricato que tinha larga tradição dentro da sociedade brasileira. Assim como, as notas criminais prendiam os seus leitores devido à atração por enredos macabros, essas últimas, concentravam-se no caráter jocoso e picaresco que essas narrativas arquitetavam:

Dizem de Chicago (Estados-Unidos) em 16 de julho:

« O Dr. Hall, audacioso charlatão, que se inculcava inventor de um novo e maravilhoso systema de medicina, conseguiu, pela sua habilidade e seus annuncios pomposos, crear em Chicago uma clientela numerosa. Homem de palavras adocicadas, de bôa figura e maneiras agradaveis, gozava de popularidade entre o bello sexo.

« Uma joven e bella donzella, pertencente a uma familia das mais consideradas, enamorou-se apaixonadamente d'elle.

« O Dr. Hal(sic) fazia todo o possivel para tornar mais ardente a paixão da sua linda

¹⁷¹Catulle Mendès (nascido em 22/05/1841, Bordeaux, França - falecido em 9/02/1909, Paris) foi um prolífico poeta, dramaturgo e romancista francês, mais conhecido por sua associação com os Parnasianos, um grupo de poetas franceses que defendiam uma arte controlada e formal, em reação à falta de forma do Romantismo. Suas principais obras foram *Poésies* (1892) e *Poésies nouvelles* (1893). Suas peças *Les Mères ennemies* (1882; “As Mães Inimigas”) e *La Femme de Tabarin* (1887; “A Mulher de Tabarin”) foram mais bem-sucedidas. Ele também escreveu vários romances e contos licenciosos, como *Pour lire au bain* (“Leituras para o banho”) (Britannica, c2024c, tradução nossa).

¹⁷²“Mofina: miseria, desgraça, mesquinhez” (Pinto, 1832, n. p.).

admiradora, manifestando-lhe os seus sentimentos em termos vehementes e fallando-lhe continuamente na felicidade de ser seu esposo.

« A joven donzella consentiu em afrontar a cólera de seu pai e unir-se em casamento com o doutor.

« Este, que não era bastante romanesco e sentimental para se metter em aventuras sem cautela tomou perfeitamente todas as informações e soube que a sua bella desposada tinha uma fortuna propria de 100,000 dollars, que lhe deixara uma tia.

« Era uma bôa somma, e elle esperava ter sufficiente destreza para lhe pôr a mão.

« Convencionou-se que o casamento se faria secretamente.

« Para que publicar um negocio, dizia o doutor, que só a nós interessa ? Brevemente chegareis á maioridade, e então, quando tomardes posse da vossa fortuna, será tempo de fazer conhecer a nossa união á vossa familia... Evitemos os desgostos e difficuldades da opposição de vossos pais.

« A joven não tinha que dizer a isto. O doutor conhecia a algumas milhas do(sic) Chicago um ministro methodista, que tinha sido tratado por elle em uma molestia grave e com o qual se entendeu para o dia e hora da cerimonia. Tudo parecia ir á medida dos desejos do galante doutor. A donzella estava impaciente.

« Os dous noivos partirão em uma carruagem particular para o domicilio do ministro methodista.

« O Dr. Hall conduzia elle mesmo o carrinho.

« Chegando ao lugar da reunião, começou a cerimonia.

« Ia o ministro pronunciar as palavras sacramentaes, quando uma mulher com uns meninos, se precipitou na sala, e indo direto no doutor exclamou:

« – Miseravel ! encontro-te afinal e a tempo de impedir um crime ! Senhor, disse ella, dirigindo-se ao ministro, é a Providência que me conduz aqui, e me permitiu descobrir o meu infame marido, que perdi de vista ha muitos annos. Menina o vosso noivo não é Hall, o seu verdadeiro nome é Cooper, que é aquelle que também tenho por desgraça.

« – Responde, miseravel, não é verdade tudo que digo ?

« O Dr. perturbado balbuciou explicações confusas, mostrando desejos de fugir...

« Um grito de raiva ouviu-se, e a jovem donzella precipitou-se sobre o doutor, dando-lhe muitos golpes com uma faca que estava sobre a meza do ministro; os ferimentos, porém, não forão graves.

« Depois de satisfeito este movimento de furor, a donzella fugiu como uma douda, e desapareceu pelos campos.

« Tres dias depois foi encontrada morrendo de fome e de fadiga.

« A desgraçada tinha completamente perdido a razão, e repetia continuamente estas palavras:

« Miseravel ! Era casado !

« O suposto Dr. Hall, esse deixou Chicago no maior segredo. Fez bem, por que se voltasse seria cynchado(sic), segundo toda a probabilidade.» (Cearense, 1866, p. 1).

Estavam presentes nessa estória elementos próprios do *fait divers* extraordinário: o insólito e a surpresa. Ele a um só tempo pautava uma crítica dos costumes ou modos e de igual forma elaborava um enredo espirituoso, cerzindo um misto de farsa com crônica do cotidiano, mas que de certo modo, realocava a presença de uma exemplaridade e de uma moral definida e que se deveria incorporar. O texto reafirmava o casamento como grande compromisso social, no entanto ele não poderia acontecer de qualquer jeito, somente seguindo os ditames das tradições, das normas e das leis, ele estaria sendo feito corretamente. O que se justifica na estória são justamente os empecilhos ao matrimônio e em quais circunstâncias ele seria um problema.

A questão não era apenas reafirmar padrões, porém construir espaços que

pudessem esclarecer, prevenir, admoestar quais os tipos de situações que podiam ocorrer quando se tentava burlar as regras e as autoridades. Não deixava de ser um relato sobre o perigo da autonomia e da ignorância dos jovens diante do maior compromisso social. Por isso mesmo, criava-se em torno daquele texto, tanto destaque, pois ele falava muito sobre a realidade local, embora de forma indireta.

A sociedade cearense que se desejava remodelar, adaptando-a à modernidade, não podia assentir em quebras das normas ou desafio às leis, visto que, os letrados responsáveis pela configuração dos periódicos cearenses, naquela época, tinham verdadeira convicção da importância e da sua capacidade em contribuir para a modificação das condições de superação do suposto atraso da população cearense (Dias, 2004). Assim, redatores e configuristas, identificados com os desígnios da elite local seriam responsáveis pela cooptação do suporte jornalístico na defesa desses ideais de desenvolvimento material e civilidade, embasados pela ordenação e moralização daquela sociedade (Silva, 2009).

Não seria um simples apoio ou anuência com as determinações políticas ou com os instrumentos jurídicos elaborados no período. A participação ativa do discurso letrado jornalístico cearense foi determinante para que a tentativa de controle estatal, realizada pelas autoridades constituídas, tivesse encaminhamento. O poder de controle e organização normativa que os jornais representavam naquele momento, não era apenas simbólico, efetivava-se na sua ligação basilar com as elites.

Embora algumas dessas folhas fossem oposicionistas ao governo de ocasião, eram partícipes e concordantes em muito do que se referia a necessidade da coerção social e da crença na possibilidade de remodelamento dos hábitos e costumes da população, principalmente na capital. Elas estavam defendendo os seus próprios interesses e os projetos ligados aos grupos políticos majoritários e detentores do controle sobre aqueles jornais, geralmente pessoas dos grupos mais abastados (Fernandes, 2004).

Moralizar o povo parecia ser o grande desafio do século XIX. Assim, controlar ou modificar as formas populares de entretenimento, os costumes, as utilizações das formas menos civilizadas de convívio social dentro da urbe, importava e era algo a ser incentivado. Nesse intento, percebe-se, a adequação das notas que destacamos anteriormente, elas serviam também a esse propósito de cobrar, criticar e escarnecer daquelas atitudes tidas como inapropriadas ou inconvenientes.

Os populares, aí sobretudo os mais pobres e as mulheres que mantivessem marcadamente usos e práticas vistos como atrasados, agora, tornavam-se um empecilho no espaço citadino (Silva Filho, 2002). Os seus costumes e modos eram questionados e

enxergados como perturbadores da ordem e da moral da sociedade, a qual naquela conjuntura, desejava-se dar a ver por meio de novos logradouros, mas também por novos hábitos e modelos de conduta e sociabilidade. Modelos esses, que seriam defendidos dentro das colunas dos jornais de forma intransigente pelos letrados cearenses, dos diversos espectros políticos.

Desse jeito, aquelas tramas se associavam, a todo um empreendimento das elites e letrados na busca por transformar e fazer progredir a sociedade cearense. Aquelas tramas serviram indiretamente na baliza e na censura sobre a conduta social da população. Embora constituído como um discurso modelar voltado para os leitores preferenciais, na sua maioria homens abastados, entendia-se que era parâmetro a ser utilizado para toda a população. As camadas populares apesar de rotineiramente serem vistas com descrédito pelos textos da *sciencia* e da *philosophia* da época, foram certamente mais permeáveis àquelas narrativas, mais pelo atrativo dos enredos nelas desenvolvidos. Certamente por isso, essas histórias se perpetuaram.

Eram narrativas que acumulavam camadas oriundas de gêneros mais antigos, como o conto, a fábula e a lenda, talvez justamente por essa simplicidade de forma, fossem realmente populares. Um gosto que, mesmo os letrados pareciam apreciar, já que a escolha dessas notas em outros periódicos, faz-nos crer que os homens responsáveis por aquelas colunas, tinham, eles mesmos, certo prazer na leitura e reprodução daqueles textos fabulosos.

Incorporando características de outros modelos narrativos, o *fait divers* pôde se reconfigurar e dar conta das demandas dos letrados oitocentistas. Eles, bem como as fábulas tradicionais, conseguiram também se reconfigurar em outras moralidades que, não apenas eram diversas e historicamente situadas, contudo, procuraram dar conta de subjetividades agora afetadas por outros desejos de ordem no espaço e no tempo (Ramos, 2019).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Loucura ou malvadeza? – No domingo proximo passado (26 de Fevereiro) na travessa da Conceição, no Outeiro da Prainha, ás duas horas da tarde, F. José Carlos, conhecido pelo apellido de Xico Canario, armado de um canivete grande começou a cortar-se pelo ventre e a dizer em altas vozes:

– Eu hoje faço desgraça : ninguém se atravesse(sic) que a morte é feia.

A estes gritos compareceram alguns vizinhos no intuito de obstar o acto, mas recuavam ante as ameaças ferozes de Xico Canario.

N'este interim a viuva Joanna Braga aproxima-se e tenta tomar o canivete com que elle feria-se.

Canario recuando das mãos que o seguravam, conseguiu escapar e voltar-se contra Joanna Braga, ferindo-a mortalmente na região iliaca do lado esquerdo.

Cahindo á vehemencia do golpe recebido, a paciente soffreu ainda onze facadas em diversas partes do corpo.

Vendo a victima extendida no chão, e banhada no sangue que corria em jorros, o scelerado voltou-se contra si mesmo.

Continua então a ferir-se com o canivete e sem perturbar-se contemplava as feridas que fazia.

Apparecido então um soldado e dando-lhe voz de prisão, Canario exasperou-se e feriu-se com mais força no ventre, resultando d'este ferimento a queda do abdômen.

Preso, foi conduzido ao hospital da Santa Casa de Misericordia, onde, embora o tratamento que tem recebido, se acha em estado gravíssimo.

O facto praticado por Canario, ao passo que se agrava por circunstancias especiaes, não encontra explicação alguma.

A idade do delinquente excede de 40 annos : não podia conter mais a imprudencia propria dos inexperientes,

Canario estava para casar-se com a infeliz que assassinou no mesmo dia em que se publicou o 3º. proclama do seu contractado consorcio.

Demais fazião poucos dias que sahira da cadeia onde estivera cumprindo a pena de 14 annos de prisão por crime de homicidio.

A penalidade soffrida não o corrigio e o proximo enlace que ia contrahir, não lhe moderou ao menos a impetuosidade do braço assassino (Cearense, 1882d, p. 1).

Quando o periódico “Cearense” publicou a narrativa acima, na sua primeira página e dentro da coluna “noticiário” do dia 1º de março de 1882, a província buscava consolidar uma série de transformações. Mudanças essas, perceptíveis sobretudo na capital, onde não apenas ocorriam modificações estruturais, mas também o reforço sobre os códigos de postura, comportamento e mesmo o sufocamento de velhos hábitos que se vinham tentando combater ou substituir ao longo daquelas três últimas décadas. Essa nota era significativa pois, a um só tempo, ela relembra a busca fremente pelo controle e pela ordenação social e, de igual modo, intensificava o debate sobre a necessária implantação de uma instituição¹⁷³ capaz de conter e isolar aquele tipo insólito de pessoa.

A vila antiga nunca acolheu o delito, a desordem ou o desvio, todavia, aquela urbe da primeira metade do século, não teve condições materiais ou instrumentos simbólicos para

¹⁷³ Embora as discussões acerca da necessidade da construção e funcionamento de um asilo para alienados na capital fosse algo antigo e recorrente, foi apenas na década de 1880 que ele, de fato, começou a operar. Em 1º de março de 1886 foi inaugurado o Asilo de Alienados São Vicente de Paulo em Arronches (atual bairro Parangaba) área periférica da capital, na época consideravelmente distante do centro da cidade (Ponte, 1993).

cercear efetivamente, aquelas práticas. Na segunda metade dos oitocentos, a cidade experimentou significativo crescimento, urbanizou-se minimamente e diante de uma população cada vez mais instável e avolumada, devido às frequentes secas, buscou criar mecanismos e fortalecer instituições de controle, às quais se juntaram os jornais, no reforço aos discursos de ordenação e civilidade, apregoados para toda a sociedade provinciana.

Essa tese demonstrou como naquele momento, a fabricação discursiva sobre o crime, serviu a objetivos diversos e nem sempre coesos. Com efeito, os periódicos oitocentistas produziram um espaço versátil dentro de suas seções informativas, destacando cada vez mais o noticiamento do cotidiano cearense. Entretanto, por meio disso, eles municiam o confronto político provinciano, elaboraram tramas semiliterárias sedutoras que apelavam às emoções dos leitores, ao mesmo tempo em que compuseram uma rede discursiva reafirmadora da moralidade tradicional, da ordem social e da manutenção das diferenças e hierarquias de gênero.

Embora fosse, mais um recurso editorial à disposição da “cidade letrada”, aqueles “dramas sangrentos” foram primeiramente construídos, enquanto arma diferenciada no campo de batalha entre os adversários políticos de outrora. A crítica mordaz aos rivais de outro partido ou facção levaram à elaboração discursiva e a fabricação de narrativas comprometidas, sobretudo, com o ataque aos oponentes, às suas práticas e realizações no espaço da capital ou do interior. A função daqueles textos foi muito mais um reforço do poder e das relações de dependência e compromisso com as lideranças interioranas partidárias que, efetivamente, a expressão de um noticiamento acurado sobre o dia a dia provinciano.

A proximidade de redatores e demais letrados, responsáveis por aqueles textos com autoridades e partidos políticos, era notória e reforçava a desconfiança mútua existente entre os principais jornais cearenses. Todavia, não excluía uma veracidade mínima, ainda que essa nem sempre fosse facilmente verificável. A intensidade, o alcance e as consequências da presença do crime, na sociedade local, nos oitocentos, desse modo, permaneceram mediados pelo discurso da disputa política daquele momento.

Os próprios letrados responsáveis pela confecção daquelas folhas nunca perceberam com bons olhos uma parte significativa da população provinciana que, lhes parecia ainda consideravelmente suspeita, violenta e indomável. Símbolo do atraso e da ignorância, os atos criminosos, mas também as atitudes desviantes daquelas pessoas, ao manterem hábitos, costumes e uma moralidade muito diversa daquela arquitetada pelas autoridades oitocentistas, seriam alvo preferencial do controle e da vigilância letrada.

As elites da cidade, mesmo havendo crescido e prosperado na tradição do embate

direto e no ritual do conflito, negaram-se a perceber na violência e no desvio daquelas camadas menos abastadas, algo além da ameaça e da trava, ao seu desejo de progresso e civilização dos modos. Negando-lhes a pertença de fato, os letrados, exercendo essa mediação entre os poderes constituídos e as diferentes camadas da população, usaram os signos da narratividade sobre o crime para fortalecer a coerção normativa.

Assim, mais que a construção de um artefato discursivo para o controle da desordem, da violência ou do embate, aquelas narrativas evidenciaram uma busca por colocá-los em outros termos e em outras tipologias textuais. Os jornais formataram um espaço peculiar para os relatos sobre o crime e novas fórmulas de elaborá-lo e enquadrar o sujeito criminoso. Nesse novo lugar, as histórias de crime, desordem ou meras bizarrices se tornariam um artifício fabuloso para a reafirmação de modelos e valores, mas também a legitimação de novos hábitos e fazeres.

A constituição daquelas notas, enquanto estratégias de coerção e até mesmo de distinção, não seria capaz de barrar aquelas práticas, mas dar-lhes outros usos e significados. Daí porque, viu-se, também, naquele momento, trocas reiteradas entre tramas literárias e os textos jornalísticos. Embora, fosse praxe o trânsito dos letrados entre as folhas dos jornais e a busca por distinção literária nos folhetins ou mesmo nos romances, o periódico representava, no caso cearense, o único suporte disponível à produção narrativa da maior parte daqueles homens.

É fato que o progresso das técnicas e o incremento dos suportes permitiria lentamente uma produção gráfica maior em solo cearense. Todavia, ela seria muito tímida frente aquela da Corte ou ainda de outros centros provinciais maiores. Isso, no entanto, não diminuiu a verve dos letrados cearenses em procurar adaptar, às folhas locais, estratégias que apareciam em franca ascensão nos jornais estrangeiros e nacionais.

O entrecruzamento narrativo com a literatura de folhetim e a gradual fabricação de uma crônica do cotidiano citadino foram significativos nesse momento. Cooptando elementos ficcionais da produção literária e temperando-as com as cores particulares dos relatos sobre crime, os *faits divers* operaram uma continuidade da tradição dos relatos macabros acerca da violência e do crime, agora no suporte escrito dos jornais.

Na verdade, aquelas tramas coroaram um esforço conjunto, não apenas das autoridades locais, elas cerziram esforços coligidos, fórmulas lançadas e a força despendida no esforço de coerção, para ir além da taxonomia do desvio ou do aprisionamento compulsório dos criminosos. Aquelas tramas publicizavam uma necessidade de contenção e isolamento daqueles perfis tidos, como inadequados às novas formas de sociabilidade que se

tentavam aplicar à sociedade cearense oitocentista, principalmente na capital. Dessa forma, elas contribuíram para robustecer os códigos normativos entre as camadas privilegiadas, porém, por conseguinte, garantiram que, por meio de uma linguagem mais fluída e simples, para época, aqueles modelos chegassem às demais camadas sociais.

Procurando separar espaços e símbolos distintivos na cidade, operou-se, na verdade, a consagração de um discurso cínico e ambíguo. Afinal, as práticas renitentes de contraposição não apenas às leis, mas às normas, persistiam aparecendo obstinadamente nas notas dos jornais. Deixava-se patente que aqueles perfis continuavam escapando das teias discursivas e, mesmo, das estratégias de encarceramento disponíveis a época. Disso se percebe que, ao final da penúltima década dos oitocentos, mais que denunciar o crime, a violência e o arbítrio, as folhas tinham voltado os seus esforços para redefinir as fronteiras sobre o espaço da capital e da província, a partir de modelos de sociabilidade menos violentos, mas também afeitos a modos exigentes de discrição, moralidade e disciplina no uso dos gestos.

A percepção dos limites para a mudança dos hábitos da população e das práticas de convivência e resolução de conflitos nos setores mais pobres, os quais eram o cerne da preocupação e do controle tentado pelas elites, não residia no fato simples daqueles não desejarem mudar, contudo nas formas como, muitas vezes, implementavam-se essas tentativas de mudança. A busca pela supressão, mesmo de antigas usanças e costumes, na realidade, criou, de diversos modos, um fortalecimento daquelas, visto que muitas pessoas permaneceram aguerridas aos seus hábitos dentro da cidade.

A forma como muitas mulheres, principalmente as mais pobres, permaneceram constantemente aparecendo naquelas notas sangrentas, testemunhava, não a intensificação do crime e da desordem femininas. Aquilo apontava como elas haviam se tornado o alvo preferencial dos discursos letrados, por serem um dos grupos que permaneciam mais arraigados nos seus hábitos. O que nos permite perceber como o projeto moralizador fabricado, através dos discursos religiosos e jurídicos, localmente, esbarrava em uma destemida recusa.

Elas permaneceriam insubmissas à coerção estatal, aos apelos religiosos e aos modelos defendidos nos jornais e expostos pelas classes mais altas. Daí porque a figura da “imoral” e da “assassina” sempre apareciam como consequência de perfis, como da “esposa infiel”, ou da “mãe desnaturada”. O discurso jornalístico fabricava e potencializava as divisões e hierarquias de gênero do período, reforçando características diferenciadas para mulheres e destacando a importância da vigilância sobre a moralidade delas, mais do que

sobre a ordenação e o trabalho masculino, nas notas que destacavam homens criminosos.

Perceber a existência daquelas pessoas, apenas como a mera contraposição irracional à ordem ou a moral vigente, é negar que, no universo da província oitocentista, aquelas tramas expunham uma face não apenas controversa das relações sociais, entretanto construía novos usos sobre o relato do crime. Junto das narrativas sobre acontecimentos insólitos, soube-se costurar uma fórmula bem-sucedida de construção narrativa, onde os perfis desviantes e a alteridade mais perigosa eram personificados na figura do “monstro”.

Tanto o crime, quanto o extraordinário, configuraram o perfil monstruoso, mas cada um deles operou em um regime diferenciado de construção textual e, obviamente, respondia a demandas diversas. Enquanto o assassino era considerado monstruoso pelo ato criminoso que cometia, os perfis desviantes e limiares reafirmavam a lógica do perigo e da perturbação que a figura monstruosa operava sobre a sociedade. Tanto uma, quanto a outra afirmavam as resistências aos modelos postos, bem como a deslegitimidade do uso da violência, como modo de lidar com o conflito.

Era perceptível que a senda inaugurada em meados do século, através daquelas fábulas macabras, vinha não apenas se cristalizando, mas que avançavam significativamente, junto a um público que aumentaria, exponencialmente, no fim dos oitocentos em toda a nação. Os jornais cearenses haviam elaborado usos diversos daqueles relatos e os desdobramentos do processo histórico local apontam abundantemente para a consolidação dos jornais, enquanto forma primeira de acesso e trocas, dentro do discurso público.

Não deixa de ser tentador imaginar como seria feita, em uma temporalidade posterior, a adaptação dessas tramas para outros suportes, como os primeiros romances policiais, de mistério ou, mesmo, a sua chegada ao rádio. Todavia, essas seriam outras histórias e são necessárias outras pessoas capazes de as atravessarem.

FONTES

- **Periódicos**

A Constituição

1865, 1866, 1867, 1868, 1870, 1871, 1872, 1874, 1875, 1876, 1878, 1882, 1887, 1888.

A Liberdade

1864

Cearense

1848, 1850, 1853, 1854, 1856, 1859, 1865, 1866, 1867, 1868, 1869, 1871, 1873, 1874, 1875, 1877, 1879, 1880, 1881, 1882, 1883, 1888, 1891

Gazeta do Norte

1880, 1881, 1882, 1885, 1888, 1889.

Gazeta Official do Ceará

1864

Libertador

1889, 1890.

Jornal da Fortaleza

1870

O Nortista

1850

Pedro II

1850, 1852, 1853, 1855, 1858, 1867, 1870, 1874, 1878, 1881, 1882, 1883, 1884, 1887, 1888.

Republica

1892

Tribuna catholica

1867, 1868, 1869, 1878.

- **Legislação**

BRASIL. **Código Philippino**. Ordenações e leis do Reino de Portugal: recopiladas por mandado d'El – Rey D. Philippe I. 14. ed. Rio de Janeiro: Typographia do Instituto Philomathico, 1824. Livro V. Versão digitalizada.

BRASIL. **Código criminal do império do Brazil**. Annotado com leis, decretos, jurisprudência dos tribunais do país e avisos do governo até o fim de 1876. Rio de Janeiro: Livraria Popular, 1877. Versão digitalizada.

BRASIL. **Código do processo criminal de primeira instância do Brazil**. Lei de 3 de dezembro de 1841, nº 261 e Regulamento nº 120 de 31 de janeiro de 1842, disposição provisória e decreto de 15 de março de 1842. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos (livreiro-editor), 1899. Versão digitalizada.

BRASIL. **Collecção das decisões do governo do império do Brazil de 1832**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1875. Lei Imperial N. 44, de 28 de janeiro de 1832. Aprova interinamente as Posturas organizadas pela Câmara Municipal da Corte em 4 de outubro de 1830. Posturas da Câmara Municipal do Rio de Janeiro [...] Secção II - Polícia. Título IV. Sobre vozerias nas ruas, injúrias e obscenidades contra a moral pública. §1º ao 5º. Versão digitalizada.

BRASIL. Constituição (1824). Constituição Política do Imperio do Brazil. **Coleção de Leis do Império do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 1, 1824. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em: 10 ago. 2023.

BRASIL. **Leis e Resoluções da Assembleia Legislativa Provincial** (1835-1840); Livro 03 (1855).

- **Livros, catálogos ou obras fac-símile**

OLIVEIRA, Almir Leal de; BARBOSA, Ivone Cordeiro (Orgs.). Leis provinciais: estado e cidadania (1835-1861). Ed. Fac. Similada. Fortaleza: INESP, 2009.

OLIVEIRA, Almir Leal de; BARBOSA, Ivone Cordeiro (Orgs.). Compilação das leis provinciais do Ceará- compreendendo os annos de 1835 a 1861 pelo Dr José Liberato Barroso. Ed. Fac. Similada. Fortaleza: INESP, 2009.

OLIVEIRA, Almir Leal de; BARBOSA, Ivone Cordeiro (Orgs.). Ed. Fac. Similada. Fortaleza: INESP, 2009.

- **Documentos judiciais**

CEARÁ. APEC, CP. RE, ENC.03 (Antigo 17A) - (1832-1844): Termos de responsabilidade, de fiança, de bem viver, de comparecimento e de segurança de vida. Ceará: Apec, 1844.

CEARÁ. APEC, CP. RE, ENC.06 (Antigo 364) - (1842-1866): Ceará: Termos de bem viver, de juramento e de fiança. Apec, 1866.

CEARÁ. APEC, CP. RE, ENC.26 (Antigo 17) - (1881-1894): Ceará: Termos de bem viver e de segurança. Apec, 1894.

CEARÁ. APEC, CP. RE, ENC.28 (Antigo 365) - (1884-1892): Ceará: Termos de responsabilidade, de fiança, de bem viver, de comparecimento e de juramento. Ceará: Apec, 1892.

- **Série de documentação expedida (1840-1890) (ofícios expedidos)**

CEARÁ. APEC. **CP. CO. EXP. ENC, 02** (1842-1843). Ceará: Apec, 1843.

CEARÁ. APEC. **CP. CO. EXP. ENC.03** (1845-1848). Ceará: Apec, 1848.

CEARÁ. APEC. **CP. CO. EXP.** (1850-1851). Ceará: Apec, 1851.

CEARÁ. APEC. **CP. CO. EXP. CX.58** (1862-1863). Ceará: Apec, 1863.

CEARÁ. APEC. **CP. CO. EXP. CX. 59A** (1864). Ceará: Apec, 1864.

CEARÁ. APEC. **CP. CO. EXP. CX. 65** (1871). Ceará: Apec, 1871.

REFERÊNCIAS

- A CONSTITUIÇÃO. A derrota [...]. **A Constituição**, Fortaleza, 23 dez. 1871b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- A CONSTITUIÇÃO. A pedido: supplica a policia. **A Constituição**, Fortaleza, 06 maio 1866c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- A CONSTITUIÇÃO. Correspondencias. **A Constituição**, Fortaleza, 29 jul. 1865b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- A CONSTITUIÇÃO. Extracto diário da Parte da Policia. **A Constituição**, Fortaleza, 11 fev. 1875b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- A CONSTITUIÇÃO. Factos diversos. **A Constituição**, Fortaleza, 28 set. 1865e. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- A CONSTITUIÇÃO. Folhetim: Iracema. **A Constituição**, Fortaleza, 17 mar. 1866b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- A CONSTITUIÇÃO. Folhetim: Iracema. **A Constituição**, Fortaleza, 3 mar. 1866a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- A CONSTITUIÇÃO. Interior: California. **A Constituição**, Fortaleza, 29 nov. 1870f. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- A CONSTITUIÇÃO. Litteratura: Iracema. **A Constituição**, Fortaleza, 28 nov. 1865c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- A CONSTITUIÇÃO. Litteratura: mulher ou monstro. **A Constituição**, Fortaleza, 16 jul. 1865d. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- A CONSTITUIÇÃO. Noticiario: alagoas. **A Constituição**, Fortaleza, 21 abr. 1866d. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- A CONSTITUIÇÃO. Noticiario: assassinato. **A Constituição**, Fortaleza, 16 dez. 1870d. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- A CONSTITUIÇÃO. Noticiario: assassinato. **A Constituição**, Fortaleza, 23 abr. 1878. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- A CONSTITUIÇÃO. Noticiario: assassinatos. **A Constituição**, Fortaleza, 27 set. 1870c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- A CONSTITUIÇÃO. Noticiario: caso celebre. **A Constituição**, Fortaleza, 25 fev. 1866e. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- A CONSTITUIÇÃO. Noticiario: criança abandonado. **A Constituição**, Fortaleza, 26 out. 1871a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: crime horrível. **A Constituição**, Fortaleza, 30 abr. 1875c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: crime horroroso. **A Constituição**, Fortaleza, 22 maio 1874a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: duas vítimas. **A Constituição**, Fortaleza, 06 mar. 1872b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: facto monstruoso. **A Constituição**, Fortaleza, 9 mar. 1889a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: ferimento. **A Constituição**, Fortaleza, 29 jan. 1882. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: horroroso! **A Constituição**, Fortaleza, 31 mar. 1867a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: hospital de sangue [...]. **A Constituição**, Fortaleza, 29 ago. 1875e. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: impunidade dos sicários. **A Constituição**, Fortaleza, 03 ago. 1875a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: infantecídios. **A Constituição**, Fortaleza, 5 ago. 1871c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: mofina. **A Constituição**, Fortaleza, 07 ago. 1889b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: monstrengo. **A Constituição**, Fortaleza, 1 dez. 1867b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: monstro humano. **A Constituição**, Fortaleza, 21 abr. 1875g. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: perigo das flôres. **A Constituição**, Fortaleza, 04 jul. 1872a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: reforma da Instrução Publica. **A Constituição**, Fortaleza, 26 nov. 1870b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: Rio de Janeiro. **A Constituição**, Fortaleza, 29 nov. 1871d. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: suicídio singular. **A Constituição**, Fortaleza, 30 abr. 1875d. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: tempestade. **A Constituição**, Fortaleza, 26 jul. 1870e.

Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: terrível incendio. **A Constituição**, Fortaleza, 05 maio 1875f. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Noticiário: um acto de desespero. **A Constituição**, Fortaleza, 15 jul 1874b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Notícias: seria serpente? **A Constituição**, Fortaleza, 27 ago. 1882b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Parte oficial: segurança individual e de propriedade. **A Constituição**, Fortaleza, 17 ago. 1876. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Transcrição: de como é castigado o crime. **A Constituição**, Fortaleza, 30 set. 1865a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A CONSTITUIÇÃO. Transcrição: Lisboa. **A Constituição**, Fortaleza, 13 jun. 1870a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A LIBERDADE. Mosaico. **A liberdade**, [S. l.], 2 jan. 1864. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A LUZ. Publicação semanal. **A luz**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 49, 1872. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

A REPUBLICA. Nota avulsa. **A Republica**, Fortaleza, 19 out. 1892. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

ABBOTT, H. Porter. **The Cambridge Introduction to Narrative**. 2. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2008. 20 jun. 2022.

ABREU, Márcia (org.). **Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? *In: O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009. p.25-51.

ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas**. Mulheres na colônia: condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993.

ANGRIMANI S., Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Os crimes da rua do arvoredo**. 2. ed. Porto Alegre: EST Edições, 2023.

ATAYDE, Marla Albuquerque. **Mulheres infanticidas**: o crime de infanticídio na cidade de Fortaleza na primeira metade do século XX. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-graduação História Social, Fortaleza-CE, 2007.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II**: As formas do tempo e do cronotopo. São Paulo: Editora 34, 2018.

BANDEIRA, José de Sousa. Dicionário de verdades verdadeiras. **Correio do Povo** [site], 1836. Disponível em: <https://www.correiodoportop.pt/do-porto/dicionario-de-verdades-verdadeiras-jose-de-sousa-bandeira>. Acesso em: 14 fev. 2022.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARTHES, Roland. Estrutura do caso do dia. *In*: **Ensaio crítico**. Lisboa: Edições 70, LD, 2009.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BEM PÚBLICO. Uma catastrophe criminosa. **Bem Público**, Portugal, 14 maio 1870. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BERNARDI, Célia de. **O Lendário Meneghetti**. Imprensa, memória e poder. São Paulo: Annablume, 2000.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário portuguez & latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/>. Acesso em: 2 jun. 2022.

BRAGA JÚNIOR, Walter de Carvalho. **Mulheres criminosas**: transgressão, violência e repressão na fortaleza do século XIX. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2018.

BRASILIENSE, Danielle. **A mídia, o perverso e o gosto da violência**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX** – o espetáculo da pobreza. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRITANNICA. Catulle Mendès. **Encyclopedia Britannica** [site], 2 fev. c2024c. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Emile-Gaboriau>. Acesso em: 2 abr. 2024.

BRITANNICA. Émile Gaboriau. **Encyclopedia Britannica** [site], 2 fev. c2024a. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Emile-Gaboriau>. Acesso em: 2 abr. 2024.

BRITANNICA. Isidore Geoffroy Saint-Hilaire. **Encyclopedia Britannica** [site], 2 fev. c2024b. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Emile-Gaboriau>. Acesso em:

2 abr. 2024.

BRONTË, Charlotte *et al.* **Vitorianas macabras**. Organização e tradução Marcia Heloisa. São Paulo: Darkside Books, 2020.

BUTLER, Judith P. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. *In: Cadernos Pagu*, v. 11, p. 11-42, 1998.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANARIO, Xico. Folhetim. **Cearense**, Fortaleza, 01 mar. 1882. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 maio 2022.

CANCELLI, Elizabeth. **A cultura do crime e da lei**: 1889-1930. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

CARDOSO, Gleudson Passos. **As Repúblicas das Letras Cearenses**: literatura, imprensa e política (1873-1904). Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2000.

CARROL, Noël. **A filosofia do horror** ou paradoxos do coração. Campinas: Papyrus, 1999.

CARROLL, Emily. **Floresta dos medos**. Tradução de Bruna Miranda. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2019.

CASTAN, Nicole. Criminosa. *In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlette (dir).* **História das mulheres no Ocidente**, v. 3: do Renascimento à Idade Moderna. Tradução de Alda Maria Durães *et al.* Porto: Edições Afrontamento, 1991.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

CEARÁ. Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. Juvenal Galeno – biografia. **Secult Ceará** [site], 03 jan. 2013. Disponível em: <https://www.secult.ce.gov.br/2013/01/03/biografia-juvenal-galeno/>. Acesso em: 15 maio 2022.

CEARÁ. Secretaria de Cultura. Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC). Ofício. **Apec** [site], 20 fev. 1864. Disponível em: https://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/arquivo-publico-do-estado-do-ceara?sf_culture=fr. Acesso em: 22 fev. 2024.

CEARÁ. Secretaria de Cultura. Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC). Fundo Governo da Província- Seção Chefatura de Polícia: Correspondências Expedidas. **Apec** [site], 10 maio 1872. Disponível em: <https://dibrarq.arquivonacional.gov.br/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

CEARÁ. Secretaria de Cultura. Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC). Termo de Bem

Viver de 21 de fevereiro de [184?]. **Apec** [site], 21 fev. [187?]. Disponível em: <https://dibrarq.arquivonacional.gov.br/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

CEARENSE. Diversas: assassinatos. **O Cearense**, Fortaleza, 28 out. 1853b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CEARENSE. Litteratura: os ruadores. **O Cearense**, Fortaleza, 08 maio 1868. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CEARENSE. Mosaico. **Cearense**, Fortaleza, 26 abr. 1874d. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiario. **Cearense**, Fortaleza, 19 out. 1887. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiario. **Cearense**, Fortaleza, 20 abr. 1866. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiario. **Cearense**, Fortaleza, 21 mar. 1875a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiario. **Cearense**, Fortaleza, 8 nov. 1888b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiario: a bem da moralidade publica. **Cearense**, Fortaleza, 27 set. 1871c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiario: animal desconhecido. **Cearense**, Fortaleza, 27 mar. 1888c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiario: assassinato. **Cearense**, Fortaleza, 15 ago. 1875d. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiario: chefes de policia. **Cearense**, Fortaleza, 22 ago. 1871a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiario: cholera e cobre. **Cearense**, Fortaleza, 08 nov. 1883a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiario: crime espantoso. **Cearense**, Fortaleza, 4 abr, 1879a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiario: crime horroroso! **Cearense**, Fortaleza, 10 abr. 1873c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiario: crime horroroso. **Cearense**, Fortaleza, 15 out. 1874c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiario: é horroroso! **Cearense**, Fortaleza, 4 maio 1873a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: ferimentos. **Cearense**, Fortaleza, 7 fev. 1875b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: fratricídio. **Cearense**, Fortaleza, 15 mar. 1874a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: hermaphrodita. **Cearense**, Fortaleza, 02 fev. 1879d. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: horroroso crime. **Cearense**, Fortaleza, 25 ago. 1882b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: horroroso suicídio. **Cearense**, Fortaleza, 4 nov. 1888a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: horroroso!!! **Cearense**, Fortaleza, 5 jan. 1873b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: infanticídio. **Cearense**, Fortaleza, 15 mar. 1882c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: loucura ou malvadeza. **Cearense**, Fortaleza, 01 mar. 1882d. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: malvado e bem malvado. **Cearense**, Fortaleza, 30 nov. 1880. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: monstruosidade. **Cearense**, Fortaleza, 08 nov. 1883b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: mulheres doutoras e mulheres duelistas. **Cearense**, Fortaleza, 10 mar. 1882a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: perversidade. **Cearense**, Fortaleza, 10 jun. 1870. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: phenomeno. **Cearense**, Fortaleza, 18 abr. 1875h. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: piauihy. **Cearense**, Fortaleza, 04 fev. 1871b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: preciosidades. **Cearense**, Fortaleza, 17 dez. 1869b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: quadros vivos. **Cearense**, Fortaleza, 29 nov. 1874b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: rapases que prometem. **Cearense**, Fortaleza, 19 out. 1879b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: revoltante. **Cearense**, Fortaleza, 1891. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: segurança pública. **Cearense**, Fortaleza, 21 mar. 1875c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Noticiário: vingança de um esposo. **Cearense**, Fortaleza, 07 nov. 1879c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Notícias e factos diversos: caso horrível. **Cearense**, Fortaleza, 04 fev. 1853a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Revista das Províncias. **Cearense**, Fortaleza, 14 ago. 1867. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Revista das Províncias. **Cearense**, Fortaleza, 27 set. 1877a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Revista das Províncias: Rio Grande do Sul. **Cearense**, Fortaleza, 03 jun. 1875l. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Revista das Províncias. Suplemento ao n.º 74. **Cearense**, Fortaleza, 13 set. 1874e. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Revista das Províncias. Suplemento ao n.º 84. **Cearense**, Fortaleza, 11 out. 1874e. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Revista das Províncias: Bahi. **Cearense**, Fortaleza, 18 abr. 1875i. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CEARENSE. Revista das Províncias: fazer gala na miséria. **Cearense**, Fortaleza, 15 jan. 1874g. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.

CEARENSE. Revista das Províncias: Maranhão. **Cearense**, Fortaleza, 12 set. 1877b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.

CEARENSE. Revista das Províncias: Minas Geraes. **Cearense**, Fortaleza, 16 maio 1875j. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.

CEARENSE. Revista das Províncias: Pernambuco. **Cearense**, Fortaleza, 02 maio 1875e. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.

CEARENSE. Revista das Províncias: Rio Grande do Norte. **Cearense**, Fortaleza, 25 mar. 1875g. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.

CEARENSE. Segurança Pública. **Cearense**, Fortaleza, 08 ago. 1875f. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.

- CEARENSE. Transcrição. **Cearense**, Fortaleza, 03 nov. 1869a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- CEARENSE. Vapor do Sul. **Cearense**, Fortaleza, 13 maio 1881. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- CEARENSE. Variedade: alagoas. **Cearense**, Fortaleza, 20 abr. 1866. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre história e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- CHARTIER, Roger. A verdade entre a ficção e a história. In: SALOMON (Org.) **História, verdade e tempo**. Chapecó, SC: Argos, 2011.
- CHAUVIN, Jean Pierre. Prefácio. In: HUGO, Victor. **Os Miseráveis: texto integral**. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- CLARKE, Kate *et al.* **Crimes vitorianos macabros**. Tradução de Stefano Volp. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2021.
- COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- COMMERCIO DE PORTUGAL. Secção noticiosa. **Commercio de Portugal**, Portugal, 14 out. 1892. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- COMMERCIO DE PORTUGAL. Secção noticiosa. **Commercio de Portugal**, Portugal, 07 ago. 1879. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- CORRÊA, Mariza. **Os crimes da paixão**. São Paulo: Braziliense, 1981.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- DARMON, Pierre. **Médicos e assassinos na Belle Époque: a medicalização do crime**. Tradução de Regina Grisse de Agostino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- DARNTON, Robert. História, eventos e narrativa: incidentes e cultura do cotidiano. In: **Varia História**, Belo horizonte, v. 21, n.34, p.290-304, jul. 2005.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DARNTON, Robert. **O grande Massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa**. 4.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DEJAVITE, Fábila Angélica. O poder do fait divers no jornalismo: humor, espetáculo e emoção. *In: Anais do INTERCOM/XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Campo Grande, 1997.*

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente** (1300-1800): uma cidade sitiada. Tradução de Maria Lúcia Machado; tradução de notas Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (org.). **A tradição da fábula**: de Esopo a La Fontaine. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DIARIO DE PERNAMBUCO. Variedade. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 11 jun. 1872. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.

DIARIO DO RIO DE JANEIRO. Assassinato da infeliz D. Claudina Adelaide Guimarães. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 04 jun. 1870. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.

DIARIO DO RIO DE JANEIRO. Historia de um lóbis-homem. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 20 abr. 1875. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. Prefácio de Ecléa Bosi. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DIAS, Romualdo. **Imagens de ordem**: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista UNESP, 1996.

DIAS, Tânia. Os primeiros jornais brasileiros e o público leitor. *In: DIAS, Tânia; SÜSSEKIND, Flora. (org.). A historiografia literária e as técnicas de escrita*: do manuscrito ao hipertexto. Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa/Vieira e Lent, 2004.

DICIO. Dicionário online de português. **Dicio** [site], c2024. Disponível em: www.dicio.com.br. Acesso em: 25 abr. 2024.

DION, Sylvie. O “fait divers” como gênero narrativo. *In: Revista Letras*, v.34., Programa de Pós-graduação em Letras PPGL/UFSM. Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2007.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de Sensação** - Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ENGEL, Magali Gouveia. **Meretrizes e doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 2004.

ENGEL, Magali Gouveia. Paixão, crime e relações de gênero (Rio de Janeiro, 1890-1930). *In: Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 153-177, jan-dez, 2000.

ESOPO. **Esopo** – fábulas completas. Tradução de Maria Celeste C. Dezotti. Ilustrações:

Eduardo Berliner. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

ESSLIN, Martin. **Uma anatomia do drama**. Tradução de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ÉVRARD, Franck. **Fait divers et littérature**. Paris: Éditions Nathan, 1997.

FALCONERY, Lucas. Conheça Marica Lessa, que virou livro ao ‘matar’ marido e foi presa em Fortaleza há 170 anos. **Diário do Nordeste** [site], 08 nov. 2023. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/conheca-marica-lessa-que-virou-livro-ao-matar-marido-e-foi-presa-em-fortaleza-ha-170-anos-1.3440244>. Acesso em: 24 abr. 2024.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. Tradução de Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FARIA, Ernesto. Dicionário latino-português. **Dicionário Latino** [site], c2024. Disponível em: <https://dicionariolatino.com/mostra.php?a=15048&lang=em>. Acesso em: 24 abr. 2024.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará**. 6. ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

FAUSTO, Boris. **Crime e cotidiano: A criminalidade em São Paulo (1880-1924)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

FERNANDES, Ana Carla Sabino. **A imprensa em pauta: Entre as contendas e paixões partidárias dos jornais *Cearense*, *Pedro II* e *Constituição* na segunda metade do século XIX**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará (UFCE). Fortaleza, 2004.

FERREIRA, Gleidiane de Sousa. **Disputas discursivas em torno da violência: crimes sexuais na Fortaleza de inícios do século XX**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2014.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo Dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1913.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. *In*: Del Priore, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FONTELES NETO, Francisco Linhares. **Crimes impressos: Uma história Social dos noticiários criminais em Fortaleza nos anos vinte**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames *In*: **Ditos e Escritos**, volume IV: Estratégia, Poder-Saber. Organização, seleção de textos e revisão técnica de Manoel Barros da Motta. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015b.

FOUCAULT, Michel. **Eu Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e tradução de Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015a.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GARCIA, Débora Cristina; FERREIRA, Luzmara Curcino. Leitores de folhetim do século XIX no Brasil: uma análise de representações discursivas desses *novos leitores* de folhetim do Correio Paulistano. In: **Revista da Anpoll**, n.36, p.105-131, Florianópolis, jan./jun.2014.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Singular crime! **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 30 set. 1892. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 12 jul. 2022.

GAZETA DO NORTE. Notícias. **Gazeta do Norte**, Fortaleza, 01 dez. 1882a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GAZETA DO NORTE. Notícias. **Gazeta do Norte**, Fortaleza, 03 ago. 1881c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GAZETA DO NORTE. Notícias. **Gazeta do Norte**, Fortaleza, 08 mar. 1882b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GAZETA DO NORTE. Notícias. **Gazeta do Norte**, Fortaleza, 10 jul. 1881d. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GAZETA DO NORTE. Notícias. **Gazeta do Norte**, Fortaleza, 15 mar. 1889. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GAZETA DO NORTE. Notícias. **Gazeta do Norte**, Fortaleza, 25 nov. 1882c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GAZETA DO NORTE. Notícias. **Gazeta do Norte**, Fortaleza, 26 set. 1885. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GAZETA DO NORTE. Notícias. **Gazeta do Norte**, Fortaleza, 31 out. 1888. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GAZETA DO NORTE. Notícias: phenomeno humano. **Gazeta do Norte**, Fortaleza, 02 abr. 1881b. . Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GAZETA DO NORTE. Notícias: selvicola. **Gazeta do Norte**, Fortaleza, 14 ago. 1881a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 ago. 2023.

GAZETA DO NORTE. Notícias: tentativa extravagante de suicidio. **Gazeta do Norte**, Fortaleza, 18 mar. 1881e. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 ago. 2023.

GAZETA OFFICIAL DO CEARÁ. Notícias diversas. **Gazeta Oficial do Ceará**, Fortaleza, F02 mar. 1864. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 ago. 2023.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIORGIO, Michela de. O modelo católico. In: FRAISE, Geneviève; PERROT, Michelle (dir.) **História das mulheres no Ocidente**, v. 4: o século XIX. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a crônica histórica**. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1997.

GOMES, Ângela de Castro, HANSEN, Patrícia Santos. (Orgs.) Apresentação. In: **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GRANJA, Lúcia, ANDRIES, Lise (Orgs.). **Literaturas e escritas da imprensa**: Brasil/França: século XIX. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

GRANJA, Lúcia, ANDRIES, Lise (Orgs.). Machado de Assis: antes do livro, o jornal (a literatura do século XIX). In: LUSTOSA, OLIVIERI-GODET (Orgs.) **Imprensa, história e literatura**: o jornalista-escritor. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa: 7 letras, 2021.

GRANJA, Lúcia, De LUCA, Tania Regina. (Orgs.). **Suportes e mediadores**: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.

GUIMARÃES, Valéria. Agentes da circulação de jornais franceses no Brasil (passagem do século XIX ao XX). In: GRANJA, Lúcia, De LUCA, Tania Regina. (Orgs.). **Suportes e mediadores**: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.

GUIMARÃES, Valéria. **Notícias diversas**: suicídios por amor, leituras contagiantes e cultura popular em São Paulo dos anos dez. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

GUIMARÃES, Valéria. Sensacionalismo e modernidade na imprensa brasileira no início do século XX. In: **Art Cultura**, Uberlândia, v. 11, n.18, p. 227-240, jan. / jun. 2009.

HARVEY, David. A experiência do espaço e do tempo. In: **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HOBSBAWN, Eric. As regras da violência. In: HOBSBAWN, Eric. **Pessoas extraordinárias**: resistência, rebelião e jazz. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

IMDB. O Exorcista – sinopse. **IMDB** [site], 1973. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0070047/>. Acesso em: 2 fev. 2023.

IMPrensa E LEI. Folhetim. **Imprensa e Lei**, Lisboa, 16 mar. 1854. Disponível em:

<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 ago. 2023.

JEHA, Julio (org). **Monstros e monstruosidades na literatura**. Belo horizonte: Editora UFMG, 2007.

JEHA, Júlio; NASCIMENTO, Lyslie (org). **Da fabricação de monstros**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

JORNAL DA TARDE. Gazetilha. **Jornal da Tarde**, Rio de Janeiro, 2 jun. 1870. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 ago. 2023.

JORNAL DO COMMERCIO. Gazetilha. **Jornal do Commercio**, Lisboa, 21 set. 1892b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 ago. 2023.

JORNAL DO COMMERCIO. Gazetilha. **Jornal do Commercio**, Lisboa, 22 set. 1892a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 ago. 2023.

JORNAL DO COMMERCIO. Gazetilha. **Jornal do Commercio**, Lisboa, 23 set. 1892c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 ago. 2023.

KALIFA, Dominique. KALIFA, Dominique. **A tinta e o sangue**: narrativas sobre crimes e a sociedade na Belle Époque. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

KARINY, Ismia. Gestante é assassinada e teve bebê retirado do útero com estilete. **O Povo** [site], 29 ago. 2020. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2020/08/29/gestante-e-assassinada-e-teve-bebe-retirado-do-utero-com-estilete.html>. Acesso em: 23 fev. 2022.

KARINY, Ismia. Os lugares do crime: topografia criminal e imaginário social em Paris no século XIX. *In: Topoi*, Rio de Janeiro, v.15, n.28, p.287-307, jan-jun. 2014.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. *In: Tendências e impasses*: o feminismo como crítica da cultura. Organização de Heloisa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. **As razões de uma cidade**: conflito de hegemonias. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

LIBERTADOR. Nota avulsa: que mãe desnaturada! **Libertador**, Fortaleza, 18 jul. 1890. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 ago. 2023.

LOMBROSO, Cesare; FERRERO, Guglielmo. **Criminal Woman, the prostitute and the Normal Woman**. Translated and with a new introduction by Nicole Hahn Rafter and Mary Gibson. Duke University Press. Durham: London, 2004.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In: PISNKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

- LUSTOSA, OLIVIERI-GODET (Orgs.) **Imprensa, história e literatura**: o jornalista-escritor. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa: 7 letras, 2021.
- MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade (entrevista). *In*: **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v.1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.
- MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina de (orgs). **História da Imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina de (orgs). **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- MASCARENHAS, Rosana Gisela Florença de. **O fait-divers na imprensa escrita**: os casos do Jornal de Notícias e do Jornal do Fundão. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade da Beira Interior (Artes e Letras). Covilhã, 2013.
- MATHEUS, Leticia Cantarela. **Narrativas do medo**: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.
- MENDES, Maria Lúcia Dias. Romances-folhetins sem fronteiras: o caso de Alexandre Dumas. *In*: ABREU, Márcia (org.). **Romances em movimento**: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.
- MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MONTENEGRO, Abelardo. **Os partidos políticos do Ceará**. Fortaleza: Edições: UFC, 1980.
- MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. *In*: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs). **História da Imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- MOREL, Marco; DE BARROS, Mariana Monteiro. **Palavra, imagem e poder**: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MUCHEMBLED, Robert. **História da violência**: do fim da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- NESBIT, Edith. Mortos em mármore. 1887. *In*: BRONTË, Charlotte *et al.* **Vitorianas macabras**. Organização e tradução Marcia Heloisa. São Paulo: Darkside Books, 2020.
- NEVES, António Amaro das. O azemel vimaranense. **Memórias de Araduca** [site], 07 jul. 2006. Disponível em: <https://araduca.blogspot.com/2006/07/o-azemel-vimaranense.html>. Acesso em: 18 mar. 2024.
- NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- NOBRE, Geraldo. **Introdução à história do jornalismo cearense**. Fortaleza: Gráfica

Editorial Cearense, [1974], 2006.

NOGUEIRA, João. **Fortaleza velha**. Organização Raymundo Netto. 1. ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013.

O CEARENSE. A pedido. **O Cearense**, Fortaleza, 21 mar. 1856. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 ago. 2023.

O CEARENSE. Anuncios. **O Cearense**, Fortaleza, 7 set. 1852. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 ago. 2023.

O CEARENSE. Correspondencia do “Cearense” - Pariz. **O Cearense**, Fortaleza, 14 fev. 1865. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 ago. 2023.

O CEARENSE. Folhetim: a feiticeira. **O Cearense**, Fortaleza, 17 jun. 1850a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 ago. 2023.

O CEARENSE. Folhetim: a feiticeira. **O Cearense**, Fortaleza, 19 jul. 1850d. . Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 ago. 2023.

O CEARENSE. Folhetim: a feiticeira. **O Cearense**, Fortaleza, 24 jun. 1850b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 ago. 2023.

O CEARENSE. Folhetim: a feiticeira. **O Cearense**, Fortaleza, 27 jun. 1850c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 25 out. 2023.

O CEARENSE. Interior: Sergipe. **O Cearense**, Fortaleza, 20 abr. 1848. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 25 out. 2023.

O CEARENSE. Mais um assassinato horrível. **O Cearense**, Fortaleza, 27 set. 1853a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 25 out. 2023.

O CEARENSE. Miscellanea: captura de uma serpente no mar. **O Cearense**, Fortaleza, 08 mar. 1853b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 25 out. 2023.

O CEARENSE. Noticiario: terrível aventura. **O Cearense**, Fortaleza, 06 set. 1859. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 25 out. 2023.

O CEARENSE. Noticias do Vapor do Sul. **O Cearense**, Fortaleza, 10 fev. 1854b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 25 out. 2023.

O CEARENSE. Publicação avulsa. **O Cearense**, Fortaleza, 13 mar. 1848a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 25 out. 2023.

O CEARENSE. Variedade. **O Cearense**, Fortaleza, 28 jan. 1853c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 25 out. 2023.

O CEARENSE. Variedade: antropofagos. **O Cearense**, Fortaleza, 17 jun. 1850e. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 25 out. 2023.

O CEARENSE. Variedade: horrendo assassinato. **O Cearense**, Fortaleza, 31 mar. 1854a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 25 out. 2023.

O LIBERAL PERNAMBUCANO. Variedade. **O liberal pernambucano**, Pernambuco, 19 jan. 1854. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 25 out. 2023.

O NORTISTA. Variedade. **O Nortista**, 29 nov. 1850. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 25 out. 2023.

OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. **Fortaleza**: seis romances, seis visões. Fortaleza: EUFC, 2000.

PAIVA, Oliveira. **A afilhada** (1889). [E-book]. Rio de Janeiro: Graphia, 1993.

PEDRO II. A pedido. **Pedro II**, Fortaleza, 09 jul 1874b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 25 out. 2023.

PEDRO II. A pedido. **Pedro II**, Fortaleza, 09 out. 1868. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 25 out. 2023.

PEDRO II. A pedido. **Pedro II**, Fortaleza, 13 jan. 1878a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 25 out. 2023.

PEDRO II. Anuncios: a abaixo assinada [...]. **Pedro II**, Fortaleza, 7 ago. 1852. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Anuncios: os miseráveis. **Pedro II**, Fortaleza, 5 fev. 1863. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Anuncios: romances novos. **Pedro II**, Fortaleza, 29 dez. 1862f. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Assassinato horroroso. **Pedro II**, Fortaleza, 08 jun. 1850b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Ceará: Jury em Villa Viçosa. **Pedro II**, Fortaleza, 01 maio 1858b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Comunicado: Attentado horrivel. **Pedro II**, Fortaleza, 18 dez. 1841. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Continuação das noticias do Sul. **Pedro II**, Fortaleza, 23 jan. 1861b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Correspondencia do “Pedro II”. **Pedro II**, Fortaleza, 06 out. 1853. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Correspondencia do “Pedro II”. **Pedro II**, Fortaleza, 16 jul. 1855. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Correspondencia do “Pedro II”. **Pedro II**, Fortaleza, 7 jul. 1860a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Correspondencias do centro da província. **Pedro II**, Fortaleza, 11 dez. 1850d. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Factos diversos. **Pedro II**, Fortaleza, 07 nov. 1888. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Factos diversos. **Pedro II**, Fortaleza, 10 nov. 1878b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Factos diversos. **Pedro II**, Fortaleza, 27 out. 1881. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Factos diversos: arronches. **Pedro II**, Fortaleza, 31 ago. 1887. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Factos diversos: arvores gigantes. **Pedro II**, Fortaleza, 1 jan. 1889. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Factos diversos: canibaes. **Pedro II**, Fortaleza, 10 set. 1874c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Factos diversos: desordeiros. **Pedro II**, Fortaleza, 6 dez. 1874a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Factos diversos: mulher com cara de fuinha. **Pedro II**, Fortaleza, 6 jan. 1878c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Factos diversos: phenomeno. **Pedro II**, Fortaleza, 17 jul. 1872b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Factos diversos: um monstro. **Pedro II**, Fortaleza, 12 dez. 1878d. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Folhetim. **Pedro II**, Fortaleza, 29 dez. 1862e. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Horroroso assassinato. **Pedro II**, Fortaleza, 07 dez. 1850a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Interior – continuação das noticias do norte: novo reptil. **Pedro II**, Fortaleza, 18 nov. 1861a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Interior. **Pedro II**, Fortaleza, 17 set. 1874d. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Juri de S. Bernardo. **Pedro II**, Fortaleza, 20 jun. 1860b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. No lugar [...]. **Pedro II**, Fortaleza, 22 fev. 1872a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Nota avulsa: horroroso infanticídio. **Pedro II**, Fortaleza, 13 abr. 1850. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Noticiário. **Pedro II**, Fortaleza, 06 maio 1862c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Noticiário: continuação das notícias do Sul: Minas Geraes. **Pedro II**, Fortaleza, 06 maio 1862b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Noticiário: continuação das notícias do Sul: Rio de Janeiro. **Pedro II**, Fortaleza, 03 abr. 1862g. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Noticiário: diz [...]. **Pedro II**, Fortaleza, 26 maio 1858a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Noticiário: os homens [...]. **Pedro II**, Fortaleza, 14 out. 1840. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Parte da policia. **Pedro II**, Fortaleza, 14 jul. 1870. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Parte da policia. **Pedro II**, Fortaleza, 27 mar. 1862a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Relação de criminosos capturados no anno de 1857 com declaração de seus crimes. **Pedro II**, Fortaleza, 22 maio 1858c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Relação de criminosos capturados no anno de 1857 com declaração de seus crimes. **Pedro II**, Fortaleza, 26 maio 1858d. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Transcrição. **Pedro II**, Fortaleza, 06 maio 1862d. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO II. Variedades: aborto da natureza. **Pedro II**, Fortaleza, 02 jun. 1860c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

PEDRO, Joana Maria. **Nas tramas entre o público e o privado**: a imprensa de Desterro no

século XIX. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Violências e tecnologia de gênero: tempo e espaço nos jornais. *In: Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 344, maio-ago./2009.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

PIEIDADE, L.F.R.; CANEPA, L.L. O horror como performance da morte: José Mojica Marins e a tradição do Grand Guignol. **Galaxia**, São Paulo, n. 28, p. 95-107, dez. 2014.

PIMENTEL FILHO, José Ernesto. **Urbanidade e cultura política**: a cidade de Fortaleza e o liberalismo cearense no século XIX. Fortaleza: UFC – Casa José de Alencar programa editorial, 1998.

PINHEIRO FILHO, José Humberto Carneiro. **Um lugar para o tempo dos letrados**: leituras, leitores e a biblioteca provincial do Ceará na segunda metade do século XIX. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará (UFCE). Fortaleza, 2014.

PINTO, Luís Maria da Silva. **Dicionário da língua brasileira**. Ouro Preto: Typografia de Silva, 1832. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5414>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque**: reforma urbana e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1993.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. São Paulo: Paz e Terra. 2. ed. 2008.

RAMA, Ángel. **A cidade das letras**. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2015.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. História Magistra vitae. Sobre a persistência da fábula nos usos do tempo. *In: CARVALHO, Daniel Alencar de. (org.). RAMOS, Francisco Régis Lopes et all. (coord.). Em torno da Narrativa*. Fortaleza: Expressão Gráfica e /editora, 2019.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. **O Fato e a fábula**: o Ceará na escrita da história. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **As margens da ficção**. Tradução de Fernando Scheibe - São Paulo: Editora 34, 2021.

RANCIÈRE, Jacques. O efeito de realidade e a política da ficção. **Novos Estudos**, CEBRAP n.86, p.75-90, mar. 2010.

RÉMOND, René. **O século XIX** (1815-1914). Tradução Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Cultrix, 1989.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**, tradução Claudia Berliner, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

RIO, João do. **As religiões no Rio**. Apresentação: João Carlos Rodrigues. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

RIOT-SARCEY, Michèle. Michel Foucault para pensar o gênero: sujeito e poder. *In: O gênero nas ciências sócias: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour*. Organização Danielle Chabaud-Rychter *et al.* Tradução Lineimar Pereira Martins. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2014.

ROCHA, Raquel Caminha. **"Aparta que é briga"**: discurso, violência e gênero em Fortaleza (1919-1948). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, 2011.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

SAMINADAYAR-PERRIN, Corinne. Usos e práticas dos gêneros na escrita jornalística do século XIX. *In: GRANJA; ANDRIES (org.). Literaturas e escritas da imprensa: Brasil/França: século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

SANTOS, Martha S. **Cleaving honor with blood**: masculinity, violence, and power in backlands of Northeast Brazil, 1845-1889. Standford, CA : Standford University Press, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHWARZ, Roberto. **As ideias fora do lugar**: ensaios selecionados. São Paulo: Penguin Classics/ Companhia das Letras, 2014.

SCOTT, Joan Wallach. Os usos e abusos do gênero. *In: Projeto História*, São Paulo, n.45, dez. 2012, p. 327-351.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na Metrópole** – São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. Prefácio *In: VIANA JÚNIOR, Mário Martins; BARBOSA, Carlos Henrique Moura; ALVES, Raquel da Silva (org.). Fortaleza sob outros olhares: Gênero*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2010.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. Um espaço em disputa: norma e desvio nas calçadas de Fortaleza. *In: Comportamento*. SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Org.). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

SILVA, Antonio de Moraes; BLUTEAU, Rafael. **Diccionario da lingua portugueza**. 1. ed. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1789.

SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. **Humor, vergonha e decoro na cidade de Fortaleza (1850-1980)**. Fortaleza: Museu do Ceará, SECULT, 2009.

SILVA, Marconi Oliveira da. **O mundo dos fatos e a estrutura da linguagem**: a notícia jornalística na perspectiva de Wittgenstein. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SILVA, Nicodemos Zacarias Oliveira da. **As aranhas e as vespas**: a construção discursiva sobre moral, comportamento e gênero em Fortaleza (1840-1890). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, 2017.

SODRÉ, Muniz. **A Narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. 2. ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002; 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SOIHET, Rachel. Relações de gênero e formas de violência. *In*: Bustamante, Regina Maria da Cunha. E MOURA, José Francisco de. (Orgs). **Violência na História**. Rio de Janeiro: Maud X: FAPERJ, 2009.

STUDART, Guilherme. **Para a História do Jornalismo Cearense, 1824-1924**. Fortaleza: Typographia Moderna, 1924.

TEÓFILO, Rodolfo. **A fome** – Scenas da sêcca do Ceará. [E-book]. Porto: Cancellia Velha, 1890.

TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetins no Brasil (1830 à atualidade)**. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo Jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TRIBUNA CATHOLICA. Factos diversos: suicidio singular. **Tribuna Catholica**, Fortaleza, 27 out. 1878. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 maio 2023.

TRIBUNA CATHOLICA. Folhetim: a justiça de deos. **Tribuna Catholica**, Fortaleza, 01 ago. 1869. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 maio 2023.

TRIBUNA CATHOLICA. Noticiario: assassinato por feitiçaria. **Tribuna Catholica**, Fortaleza, 24 maio 1868e. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 maio 2023.

TRIBUNA CATHOLICA. Noticiario: horrivel assassinio. **Tribuna Catholica**, Fortaleza, 06

set. 1868c. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 maio 2023.

TRIBUNA CATHOLICA. Noticiário: horrível atentado. **Tribuna Catholica**, Fortaleza, 27 set. 1868b. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 maio 2023.

TRIBUNA CATHOLICA. Noticiário: horroridade. **Tribuna Catholica**, Fortaleza, 5 jul. 1868a. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 maio 2023.

TRIBUNA CATHOLICA. Um pouco de tudo - aos pais e mães de família. **Tribuna Catholica**, Fortaleza, 16 ago. 1868d. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 maio 2023.

VIEIRA JUNIOR, Antonio Otaviano. **A família na seara dos sentidos**: domicílio e violência no Ceará (1790-1850). Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo - USP, 2002.

VIEIRA, Rosa Maria. **O juiz de paz, do Império a nossos dias**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

WEBER, José Fernandes. A teoria Nietzscheana da tragédia. *In*: **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 205-223, 2007.

WIKIPEDIA. Assaré. **Wikipedia** [site], 21 jan. 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Assar%C3%A9>. Acesso em: 15 maio 2024.

WIKIPEDIA. Grand Guignol. **Wikipedia** [site], 9 jul. 2023a. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Grand_Guignol. Acesso em: 15 maio 2024.

WIKIPEDIA. Irmãos Grimm. **Wikipedia** [site], 30 nov. 2023c. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Irm%C3%A3os_Grimm. Acesso em: 15 maio 2024.

WIKIPEDIA. Teatro de Vaudeville. **Wikipedia** [site], 1 fev. 2023b. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vaudeville>. Acesso em: 15 maio 2023.

WILHELM, Busch. **Juca e Chico**. Tradução de Olavo Bilac. Jandira: Ciranda Cultural, 2021.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Tradução de Paulo Henrique Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2006.

ANEXO A - EDIÇÕES DO JORNAL CEARENSE PEDRO II – DÉCADA DE 1840 X
DÉCADA DE 1860

1840. QUARTA FEIRA 14 DE OUTUBRO. N.º 4

PEDRO II.

Ceará. — Typographia Constitucional de Albuquerque. Rua dos Mercadores N.º 10

Publica-se nas quartas e sábados. O preço da assignatura he de 300 reis mensaes; e para os assignantes do forá, incluindo com o porto pago, de 600 reis: os numeros avulsos a 80 rs.

Os mais experientados, levantados, Se com a experiencia tem bondade, Para vos o conselho, pois que sabem, O mais experientados, levantados, Se com a experiencia tem bondade, Para vos o conselho, pois que sabem, O mais experientados, levantados, Se com a experiencia tem bondade, Para vos o conselho, pois que sabem,

Os homens, que aspirão a peoza, e difficil tarefa de governar, devem esforçar-se por se mostrarem dignos das atenções, e respeito publicos, já por hũa equidade insubalavel, prohibida a toda prova, e já finalmente por hũa integridade, e conhecimento profundo da Legislação; se pelo contrario não renne nenhuma destas indispensaveis qualidades, faltando a justiça, seguindo o que lhe dão seus caprixos, e vinganças & cuidando tão somente dos seus privados interesses, longe de atrahirem as coações, estima, e sympathias dos governados em geral, e com especialidade dos Cidadãos probos amantes do melhoramento real de seu paiz; pelo inverso tornão-se credores de hũa energica e forte opposição, e dignos da indignação publica. Neste ultimo caso acha-se o actual Vice Presidente da Provincia o Sr. João Facundo de Castro Meaeses, que necessita de equidade, probidade, integridade, e conhecimentos absolutamente falando; e em fim de tudo quanto he de mister para se ser bom governante; portanto, Cearenses, a seus actos desvairados, e subversivos da tranquillidade publica, e garantia de nossas propriedades, devemos oppôr a mais decidida, e forte barreira, não consentindo dest'arte que preoccupite a Provincia, que só o espirito faccioso, o requintado desejo de vinganças do Sr. Antonio Carlos, lhe podia confiar. A liberdade individual, o direito de propriedade mesmo tem sido atacados pelo Sr. Facundo. O primeiro, porque, tendo elle o seo legitimo prizo, amigo, e parti-

dario cego no lugar de Juiz de Paz desta Cidade (note se porem que não he Juiz legitimamente constituído, e sim unicamente por vontade do Sr. Facundo) manda pelo mesmo processar a todos os que lhe hao feito hũa opposição coadunada, e decente, fundada na legislação, como acaba de acontecer com os Srs. Bachareis Joaquim de Saldanha Maranhão, Pedro Pereira da Silva Guimarães, e Felippe Raulino de Sousa Uchoa, Tenente Coronel Jozé Pio Machado, e Major Simão Barbosa Cordeiro &c, achando-se os tres primeiros já condemnados a trinta e tres dias de prisão pelo Sr. Padre Castro, e o 4.º a desseis dias pelo Sr. Brasil por dois processos, faltando ainda outro, onde vem envolvidos muitos crimes, e até o de injuria denunciado por hum Promotor int'no, e estúpido, e muito breve serão todos obrigados a cumprir sentença sem o menor fundamento juridico; somente para fortar-se de vingança, se he possivel, o coração de quem só respira maldades, e oppressões!! Tudo agora he licito, consentir, e deve fazer-se, e estas são as ordens do Sr. Alencar, que antes de ser Presidente já governa a Provincia por intermedio do seo instrumento o Sr. Facundo. Dissemos, que o direito de propriedade tem tãhem sido atacado, e o facto que vamos referir prova bem esta nossa asserção. Pela falta de moeda na Thesouraria Provincial forão pagos diversos empegados, de que era Procurador o Sr. M. J. F. Barros, com hũa letra de responsabilidade de João de Castro Silva

*Promotoria
a 7 de 7600*

Procurador

ANEXO B - LISBOA - DOLOROSA TRAGEDIA

que pediu do lugar de ajudante do corrector da caixa de amortisação.

Por decretos de 25 do citado mes foram nomeados:

Ajudante do corrector da caixa de amortisação, Custodio da Rocha Lobo.

Inspector em commissão da thesauraria de fazenda do Ceará, o 2.º escripturario da da Bahia Antonio dos Santos Castro, ficando sem effeito o decreto pelo qual fizeo nomeado para aquella commissão o 1.º escripturario José Luiz da Costa.

Chefe de sesso da thesouraria do Rio-Grande do Norte, o 1.º escripturario Cirillo Lobo Saraiva.

1.º escripturario da mesma thesouraria, o official da respectiva secretaria Alonzo Moreira de Almeida.

Chefe de sesso da thesouraria do Mato-Grosso, o 1.º escripturario Antonio Augusto Ramiro de Carvalho.

1.º escripturario da dita thesouraria, o official da respectiva secretaria Francisco Manoel de Araujo.

Official da referida thesouraria, o 2.º escripturario Benedicto Manoel Nunes.

Por despacho de 28 do passado foi concedida a José Leopoldino de Moura a demissão que pediu do lugar de collecter das rendas geraes da Barra de S. João, provincia do Rio de Janeiro.

Ministerio da Guerra. — Por portaria de 17 de maio de 1870 foi nomeado comandante do corpo do estado-maior de 1.ª classe o brigadeiro João de Souza da Fonseca Costa.

TRANSCRIPÇÃO

Lisboa.

Leemos no *Diario de Noticias* de 12 do corrente:

«A dolorosa tragedia que hontem narramos aos leitores, e que tão profundamente agitou o sentimento publico, continúa a ser o objecto de todas as conversações e de direttiſsimos commentarios. Ninguem sobre ella aventia juizo seguro e definitivo, porque não são sufficientemente conhecidas todas as circumstancias intimas do acontecimento, e as verdes variam no ponto mais delicado d'elle. A todos horrorisa a idea da morte, e da suffocação de uma mulher jovem, fermosa, bem educada, cheia da vida e esperanza; a todos espanta que fosse autor d'essa morte o marido, que parecia adoral-a, e que esse marido fosse Vieira de Castro, um homem de

condoem-se da situação extraordinaria d'esse homem, e buscam transportar-se em espirito ao lugar da scena, explorar as tempestades intimas que se passaram n'aquelle animo até fazerem do tal homem um matador, o especular o estado psychologico d'aquella organização excepcional; e a muitos tambem, porque o sentimento moral não está de todo extinto na nossa sociedade, sobleva de indignação a idea do adultério, e como que buscam attenção ao crime de morte na desaffronta da deshonra. Muitos, porém, entem leu que as leis da sociedade tem meios sufficientes de desaffronta e que matar não é menos deshonra e vilipendio. Se podesse haver uma jurisprudencia universal, reconhecida por todas as sociedades, que previnisse todas as situações e satisfizesse ás mais delicadas exigencias da moral e da philosophia, o á qual todos os espiritos submettessem sem resistencia, os tribunares não teriam de certo agora de julgar este novo crime, que tem tanta de espantoso como do extraordinario.

«Auto-hontem, ás tres horas da tarde, sahia da frente da igreja de Bucarcção uma sege preta, com um escripturario de camaras, e um caixão coberto de panno preto. Ia ali o corpo da moza seuhora. A autopsia abriu-lhe a cabeça e o peito para examinar o effeito do chloroformio e da estrangulação. O corpo fizeo embrulhado n'um lençol, pregado a alfinetes. Chegou ao cemiterio fizeo depositado na casa respectiva. Ás 8 horas da manhã de hontem foi o corpo conduzido, depois das orações na capella do cemiterio e de mettido a um caixão de chumbo, ao jazgo de Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro, filho do preso. Assistio a esse acto religioso e fustelge o Sr. conselheiro A. R. Sampaio, uma seuhora de sua familia, amiga particular da sua, e outro cavalheiro. A Sr.ª D. Claudina Adelaide Guimarães Vieira de Castro tinha, como dissemos, 21 annos. Seu pai, o Sr. Antonio Gonçalves Guimarães, era um abastado negociante portuguez de livros, estabelecido no Rio de Janeiro, e ha pouco tempo fallecido. Deixou, cramos, que nove filhos de ambos os sexos e vivas. D. Claudina era seuhora de educação e muito estimada dos seus. Como foi traste e cruel o seu fim! Que ausencia de affectos na sua despedida da vida! Que morte despidada!

Oito dias antes da descoberta da carta que rev'era ao preso a infidelidade da sua mulher e que elle surpreendeu casualmente, honrara um

de amigos de Vieira de Castro que evitaram a realisacão da fuga, providenciada a policia e dando outras providencias, mas elle nada soubera. Assegura-se que depois da carta e de algumas confidencias da pobre seuhora, o som que Vieira soubera ainda de título, resolveu ir entregal-a a sua familia no paquete do dia 13, e isso combinou, mas que sabendo depois o resto, e conhecendo domingo de tarde que não havia arrependimento, resolveu então matar a esposa, e que executou, como é sabido. É triste, mas necessaria, a leitura do

AUTO DE OCTUBRIA

Auto-hontem ás tres horas da tarde, o Sr. João Rodrigues da Cunha Aragão Mascarenhas, juiz de direito do 2.º districto criminal de Lisboa, acompanhado do escripto Sr. Bernardo José Fragozo, passou á casa do preso Vieira de Castro, para levantar auto de autopsia ao cadaver da assassinada sua esposa que ali se achava. Os peritos que procederam a ella foram os Drs. Bourquin e Mesquita, e o resultado da autopsia foi o seguinte:

Disposicão do cadaver. — O cadaver achou-se ao meio de uma cama de duas pessoas, todo coberto os autos enrolado apertadamente; na roupa da mesma cama notava-se grande desordem em que estava a roupa da dita cama, misturada revoltosamente uma com a outra. Descoberto o cadaver e examinado attenta e minuciosamente, não se perceberam signaes de feridas, de estrangulamento ou de luxação das primeiras vertebrais cervicais que devessem a explicação clara e prompta da morte. A alcova em que estava a cama com o cadaver cheirava fortissimamente a chloroformio. Havia no lençol de baixo uma larga mancha de sangue já secco, proximo á cabeça do cadaver. Sendo por ordem do juiz removido o cadaver para sobre uma grande mesa a uma casa muito clara, procederam os peritos á autopsia e declararam o seguinte:

Habito exterior. — Cadaver de mulher que mostra vinte annos de idade, estatura regular, constituição fraca, magra sem o ser excessivamente. Ceebre um liquido sanguinolento e espumoso das ventas e da bocca. Notam-se-lhe no rosto estas echymoses: uma muito negra com as bordas roxas, situadas na região malar direita, com dois centimetros de estresso e um e meio de largura; outra muito larga occupando as duas palpebras sendo mais anegada na inferior, e alargandose pela face abaixo; outra no lado

vasos dilatados; outra sobre os oses proprios do nariz, estando as arxas d'este orgão fortemente echymosadas; outra nos labios, mais no inferior que no superior, havendo nas echymoses pequenas feridas; outra na região temporal direita e regularmente circular, de grandeza aproximadamente d'uma moeda de meio tostão; a ultima no lado esquerdo proximo ao rebordo do maxillar inferior, é a menor de todas. Lingua arida, branca, amarelada; parecendo que esta coloração lhe fizeo disposta ás manchas, situada entre os dentes, e ferida por elles em dois pontos, tendo estas feridas alguma perda de substancia. Unhas de um azul anegado, largas manchas de hypermia cadaverica na cara, ceelhas, pescoço, hombros, parte anterior e superior do peito, e quasi toda a parte posterior do corpo.

Abertura do cráneo. — Derramamento sanguineo sobre o cerebro que coereu abundante ao primeiro golpe da duramater: grande injeccão d'esta membrana e mais da arachnoidea e da pia mater. Grande injeccão igualmente na parte superior do cerebro, menor na inferior. Golpeado profundamente este orgão em variadas direcções, observam-se signaes de injeccão mais ou menos pronunciados em toda a sua substancia. Pequeno derramamento de serosidade nas fossas occipitales.

Abertura do thorax. — Abundante derramamento de sangue na cavidade do thorax. Fortissima congestão nos dois pulmões em quasi todo o seu parenchyme. Coração no estado normal.

Abertura do abdomeo. — Extrahio-se o estomago, depois de se ter atado o esophago e o duodeno. Encontrou-se no interior do estomago uma pequena quantidade de liquido sanguinolento, trado em si pequenas porções de alimento e os fragmentos de uma substancia branca amarelada e muito molle que não poderam conhecer o que fosse. Vasado o estomago d'este liquido que foi cautelosamente recolhido n'um vidro, e lavado e enxuto convenientemente, viram na sua membrana mucosa tres largas manchas de um vermelho vivo situadas uma no pyloro, e duas na grande curvatura; estas manchas não parecem ser produzidas pela hypermia cadaverica e differenciam-se notavelmente de uma outra, resultado evidente d'essa hypermia, que se observa em quasi todo o comprimento do esophago; as mais vicinas abdominaes, no estado normal; não ha-

ANEXO C – HORROROSO!!!

CEARENSE.

Condição das assignaturas.

CAPITAL E PONTALES PROXIMOS.

Um anno	12000
Sixte meses	10500
Seis meses	7000
Tres meses	4000

O CEARENSE é destinado a sustentar as idéas do partido liberal; se toma a responsabilidade dos artigos da redacção, deixando todas as mais para serem publicadas, vir compostamente legalizadas. Publica-se diariamente com excepção dos dias immediatos aos santificadas.—As publicações particulares pagam 80 réis por linha, ou o que se convencionar.—Os assignatarios pagam o mezado.—Número annuo 100 réis. Todas as pagas serão adiantadas.

Typographia Brasileira—33—RUA FOUROZA—33

Condição das assignaturas.

INTERIOR E PROVINCIAS.

Um anno	14000
Sixte meses	11000
Seis meses	8000
Tres meses	5000

ANNO XXVII.

DOMINGO 5 DE JANEIRO DE 1873.

N. 2.

CEARENSE

VONTADELA, 5 DE JANEIRO DE 1873.

Parece que se pretende levar esta patria para ao desamparo.

Não helemos os impostos sempre crescentes (veja que se cobra todos os annos, sem o aumento com tudo e sem motivo da volubridade, perseguindo e circumvenção, sem o serviço publico de deslucamento como guarda nacional).

Em poucos dias.

Invenção-se agora as revisões para que todos os nossos cidadãos, prompto como soldados de rei e se moverem ao simples acaso do estado. E ainda se conta dizer que o povo é feliz, e que ali vive a felicidade, paz, e serviço publico de deslucamento como guarda nacional.

Um domingo não é mais um dia consagrado ao descanso, não se pode ir ao trabalho, não se pode fazer negocio, não se pode ir ao trabalho, não se pode fazer negocio, não se pode ir ao trabalho, não se pode fazer negocio.

Tudo se trata de se guardar nacional tal como se acha separada acidentalmente tem se tornado a mais poderosa alavanca de despotismo, e que se deseja operar uma reforma para restituir ao povo a liberdade, que perdeu com sua independência.

Mas não basta, ainda a guerra, que trata de apertar cada vez mais a sua espoliação para fazer de cada cidadão um escravo de estado.

O que significa, não são leis e governo, e um movimento na guarda nacional, que tende a fazer de cada cidadão um escravo de estado.

Tudo se trata de se guardar nacional tal como se acha separada acidentalmente tem se tornado a mais poderosa alavanca de despotismo, e que se deseja operar uma reforma para restituir ao povo a liberdade, que perdeu com sua independência.

Mas não basta, ainda a guerra, que trata de apertar cada vez mais a sua espoliação para fazer de cada cidadão um escravo de estado.

O que significa, não são leis e governo, e um movimento na guarda nacional, que tende a fazer de cada cidadão um escravo de estado.

Tudo se trata de se guardar nacional tal como se acha separada acidentalmente tem se tornado a mais poderosa alavanca de despotismo, e que se deseja operar uma reforma para restituir ao povo a liberdade, que perdeu com sua independência.

Mas não basta, ainda a guerra, que trata de apertar cada vez mais a sua espoliação para fazer de cada cidadão um escravo de estado.

O que significa, não são leis e governo, e um movimento na guarda nacional, que tende a fazer de cada cidadão um escravo de estado.

Tudo se trata de se guardar nacional tal como se acha separada acidentalmente tem se tornado a mais poderosa alavanca de despotismo, e que se deseja operar uma reforma para restituir ao povo a liberdade, que perdeu com sua independência.

Mas não basta, ainda a guerra, que trata de apertar cada vez mais a sua espoliação para fazer de cada cidadão um escravo de estado.

O que significa, não são leis e governo, e um movimento na guarda nacional, que tende a fazer de cada cidadão um escravo de estado.

Tudo se trata de se guardar nacional tal como se acha separada acidentalmente tem se tornado a mais poderosa alavanca de despotismo, e que se deseja operar uma reforma para restituir ao povo a liberdade, que perdeu com sua independência.

Mas não basta, ainda a guerra, que trata de apertar cada vez mais a sua espoliação para fazer de cada cidadão um escravo de estado.

O que significa, não são leis e governo, e um movimento na guarda nacional, que tende a fazer de cada cidadão um escravo de estado.

Tudo se trata de se guardar nacional tal como se acha separada acidentalmente tem se tornado a mais poderosa alavanca de despotismo, e que se deseja operar uma reforma para restituir ao povo a liberdade, que perdeu com sua independência.

na presidente a verdadeira acta da eleição, e mais documentos que provam a validade da diploma Praxades.

Revisado tudo foi entregue na secretaria do governo ao respectivo chefe de Alvarado, e parate telefonadas para ser presente a administração: as documentações acompanhavam representações e petições do corpo eleitoral, de todos os municípios parciais e de perto em massa, que havia apresentado a eleição procedida na maioria e presidida pelo primeiro juiz de paz.

Hoje o governo parece ser o seguinte, que alguma coisa exceto os secretarios, ao tempo que se trata de apresentar a eleição clandestina do Crato.

A consequencia por tanto é que tiveram a ideia de apertar cada vez mais a sua espoliação para fazer de cada cidadão um escravo de estado.

O que significa, não são leis e governo, e um movimento na guarda nacional, que tende a fazer de cada cidadão um escravo de estado.

Tudo se trata de se guardar nacional tal como se acha separada acidentalmente tem se tornado a mais poderosa alavanca de despotismo, e que se deseja operar uma reforma para restituir ao povo a liberdade, que perdeu com sua independência.

Mas não basta, ainda a guerra, que trata de apertar cada vez mais a sua espoliação para fazer de cada cidadão um escravo de estado.

O que significa, não são leis e governo, e um movimento na guarda nacional, que tende a fazer de cada cidadão um escravo de estado.

Tudo se trata de se guardar nacional tal como se acha separada acidentalmente tem se tornado a mais poderosa alavanca de despotismo, e que se deseja operar uma reforma para restituir ao povo a liberdade, que perdeu com sua independência.

Mas não basta, ainda a guerra, que trata de apertar cada vez mais a sua espoliação para fazer de cada cidadão um escravo de estado.

O que significa, não são leis e governo, e um movimento na guarda nacional, que tende a fazer de cada cidadão um escravo de estado.

Tudo se trata de se guardar nacional tal como se acha separada acidentalmente tem se tornado a mais poderosa alavanca de despotismo, e que se deseja operar uma reforma para restituir ao povo a liberdade, que perdeu com sua independência.

Mas não basta, ainda a guerra, que trata de apertar cada vez mais a sua espoliação para fazer de cada cidadão um escravo de estado.

O que significa, não são leis e governo, e um movimento na guarda nacional, que tende a fazer de cada cidadão um escravo de estado.

Tudo se trata de se guardar nacional tal como se acha separada acidentalmente tem se tornado a mais poderosa alavanca de despotismo, e que se deseja operar uma reforma para restituir ao povo a liberdade, que perdeu com sua independência.

Mas não basta, ainda a guerra, que trata de apertar cada vez mais a sua espoliação para fazer de cada cidadão um escravo de estado.

O que significa, não são leis e governo, e um movimento na guarda nacional, que tende a fazer de cada cidadão um escravo de estado.

Tudo se trata de se guardar nacional tal como se acha separada acidentalmente tem se tornado a mais poderosa alavanca de despotismo, e que se deseja operar uma reforma para restituir ao povo a liberdade, que perdeu com sua independência.

Mas não basta, ainda a guerra, que trata de apertar cada vez mais a sua espoliação para fazer de cada cidadão um escravo de estado.

O que significa, não são leis e governo, e um movimento na guarda nacional, que tende a fazer de cada cidadão um escravo de estado.

De igual tempo ao professor da Voz Brava José Manoel da Assumpção.

De dois meses ao conductor intencional das obras publicas Antonio Nagara de Balauda Lima.

Adjuncto da promotoria.—Foi nomeado a este posto, do lugar de adjuncto do promotor publico da Imperatoria o Dr. João Francisco Jorge de Sousa.

Phoreleiro.—Foi despedido da lugar de phoreleiro de Mocim Francisco Antonio da Sêntia e em seu lugar nomeado Octaviano Terra de Mello.

Inspector local.—Foi nomeado de inspector das obras da povoação de S. Pedro, Pedro Francisco da Paula, e nomeado para substituí-lo Miguel Soares e Silva.

Commissões.—A presidencia ao sentido de reformar algumas repartições publicas, de conformidade com as leis ultimamente promulgadas, nomeou as seguintes commissões para redigirem os regulamentos das respectivas repartições:

SECRETARIA DO GOVERNO.
Dr. Joaquim Mendes da Cruz Guimarães Junior.

Dr. Francisco Gonçalves da Mata.
Major João Severino Ribeiro.

DRACENA POLICIAL.
Dr. Manoel Soares da Silva Bezerra.
Dr. Felix José de Souza.

DR. JOAQUIM DA ALMEIDA COSTA.
Dr. Luiz Manoel de Albuquerque Galvão.

DR. JOÃO LOPES D'ALMEIDA BARROSA.
Adolpho Heister.

DR. MANOEL FRANCISCO P. DA FIGUEIREDO CARVALHO.
Conselheiro João Neves de Mello.

DR. JOAQUIM DA ALMEIDA COSTA.
Vice-conde João Theodoro Faria de Mello.

Eleição municipal.—O Sr. Euzerario Gomes Parente por portaria de 20 de novembro approvou as listas municipais para esta capital e da cidade do Crato.

Camara municipal.—No dia 7 do corrente terão começo as sessões ordinarias da camara municipal desta cidade.

Emancipação.—Por carta do provincia foram emancipadas as cidades de Sobral, no dia 7 do pasado, e Caruaru de 20 a 22 annos de idade.

Secretaria do governo.—A prosecretaria designou o chefe da 1ª secção da secretaria do governo Francisco Gonçalves da Mata para exercer interinamente o lugar de official maior, durante o impedimento do official maior que se acha exercendo as funcções de secretario.

Fallecimento.—Falleceu na noite do 1.º do corrente o Sr. Trajano Rufino Barro, secretario da camara municipal desta cidade.

Por longo tempo exercio a profissão de advogado nesta capital e diversas partes da provincia com muita intelligencia e que era dotado.

Com a idade de 60 annos de idade, foram he feitas as honras fúnebres e sepultas na companhia do Sr. de Mello.

A sua familia dirigiu todas as honras fúnebres.

Secção de advocacia.—Foi abal transada para que do departamento de advocacia em que hontem a camara provincial, a secção de advocacia.

Foi transada a promessa dos contrahentes, como motivo para que se abrisse a secção de advocacia, para dar inicio ao funcionamento da secção de advocacia.

O seu trabalho e o de Sr. Theodoro Faria de Mello, que se acha exercendo a profissão de advogado.

Quando todos os empregados da camara tiveram um salveiro segundo em seu ordenado, de mais de 100000 annos annuaes, apesar de terem a responsabilidade que sobre a pena, sendo obrigado a dar um saque de 100 réis de taxa.

E' esta medida que se recompenso em caso pelo seu bom servico.

Nota nova.—O movimento das camaras de esta cidade tem se tornado mais e mais activo.

Em 13 de outubro de 1872, o Sr. Theodoro Faria de Mello, secretario da camara municipal desta cidade, foi nomeado para exercer a função de secretario da camara municipal desta cidade.

Repar expozitor.—Hoje terá lugar a abertura do lazareto expozitor, conforme foi anunciado.

Annuncio.—Falleceu na Santa Ceia a infante Manoel Rodrigues, que em dia de sua partida para o norte com a sua familia, e seu trabalho e o de Sr. Theodoro Faria de Mello.

Horroroso!!!—Em Sobral acaba de dar-se um facto horroroso de que não ha noticia em nenhum dos jornais da cidade. E foi praticado por um soldado da corporação de policia, que sempre em qual todo se impedia que se disse a provincia.

O Sr. Theodoro Faria de Mello, secretario da camara municipal desta cidade, foi nomeado para exercer a função de secretario da camara municipal desta cidade.

Em 13 de outubro de 1872, o Sr. Theodoro Faria de Mello, secretario da camara municipal desta cidade, foi nomeado para exercer a função de secretario da camara municipal desta cidade.

Em 13 de outubro de 1872, o Sr. Theodoro Faria de Mello, secretario da camara municipal desta cidade, foi nomeado para exercer a função de secretario da camara municipal desta cidade.

Em 13 de outubro de 1872, o Sr. Theodoro Faria de Mello, secretario da camara municipal desta cidade, foi nomeado para exercer a função de secretario da camara municipal desta cidade.

Em 13 de outubro de 1872, o Sr. Theodoro Faria de Mello, secretario da camara municipal desta cidade, foi nomeado para exercer a função de secretario da camara municipal desta cidade.

ANEXO D - SINGULAR CRIME!

Anno XVIII

Rio de Janeiro - Sexta-feira 30 de Setembro de 1892

N. 273

ASSIGNATURAS PARA O CAPITAL... PAGAMENTO ADIANTADO... ESCRITORIO... 70 RUA DO OUVIDOR 70

GAZETA DE NOTICIAS

ASSIGNATURAS PARA OS ESTADOS... PAGAMENTO ADIANTADO... TYPGRAPHIA... 70 RUA SETE DE SETEMBRO 70

NUMERO AVULSO 60 RS.

Stereotypada e impressa nas machinas rotativas de Marinoni, na typographia da sociedade anonyma «Gazeta de Noticias»

NUMERO AVULSO 60 RS.

Os artigos assinados e as redações não se responsabilizam

As assignaturas recebem em qualquer dia e terminam em fim de julho de cada anno

Tiragem 40.000 exemplares

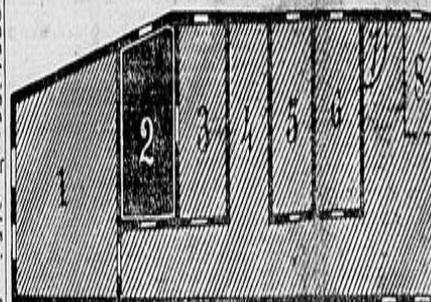
Boletim Parlamentar

Depois de lida e approvada a acta do... Boletim Parlamentar... Depois de lida e approvada a acta do... Boletim Parlamentar...

em 1846 a 27 de... A divida publica... Para examinar as... O capital garantido... Não applique a... Para sobre a reforma... O Sr. Berraco reclama... Observa que a comissao... O Sr. Berraco reclama... Observa que a comissao...

Singular crime!

PLANTA DA CASA



1-Sala de visitas. 2-Quarto de visitas. 3-Sala de jantar. 4-Alm. 5-Cuadra. 6-Camara. 7-Torre.

Acham-se em presenca nas duas... O Sr. Berraco reclama... Observa que a comissao... O Sr. Berraco reclama... Observa que a comissao...

reapoz a inspecção e exame da... Da cozinha passa-se para uma... A direita uma gabinet com... pelo terreno caibido, tubos e... Emitte a seguinte... Estreando as provas...

pois. Ella tpo-lio algumas... O Sr. Dr. Vaz Pinto, delegado... O escandalo tomou enormes... O Sr. Berraco reclama... Observa que a comissao...

ESTADO DE S. PAULO

8. Paulo, 20... Ha muito tempo que existiam... O Sr. Berraco reclama... Observa que a comissao... O Sr. Berraco reclama... Observa que a comissao...

Extravagancias americanas

Em meio de extratipografias... O Sr. Berraco reclama... Observa que a comissao... O Sr. Berraco reclama... Observa que a comissao...

CHOLERA

Budá-Pest, 20... O cholera asiatico acaba de... O Sr. Berraco reclama... Observa que a comissao... O Sr. Berraco reclama... Observa que a comissao...

Fonte: Gazeta de Noticias (1892, p. 1).